
AMOR
e
LIBERDADE
BIANCA RIBEIRO

Amor e Liberdade

Capítulo 1

A nevasca chegou forte naquela madrugada. Meu pai me pediu que ficasse em casa o dia todo, o que não foi nem um pouco divertido. Todas as minhas amigas haviam comparecido ao festival da neve enquanto eu lia junto à lareira, bebericando o chá que madame Daisy fez para mim. Agora, estava sem sono, olhando os flocos de neve chocarem-se furiosamente contra o vidro da janela de meu quarto, usando uma fina camisola branca de linho que roçava o piso da madeira quando eu andava.

Papai disse que amanhã será um dia especial, pois um visitante importante vai chegar para tratar de negócios sérios com ele. Meu pai é o prefeito da vila onde vivemos, o que quer dizer que é ele quem tem que zelar pela segurança e bem estar das pessoas que aqui vivem. Por essa razão, vários comerciantes e mercadores chegam para fazer negócios com ele. Esse visitante que está chegando provavelmente é um desses homens de negócio, mas não entendo por que papai me quer em casa quando ele chegar. É frustrante ser a única garota da vila - e a filha do prefeito - a não ir ao festival mais tradicional de Liriel.

Minha gata, Lana, espreguiça-se aos meus pés e mia, pedindo por comida. Deixo meu lugar na janela e a pego no colo.

- Está tarde para me aborrecer, não acha, lady Lana? - sussurro para ela, rindo.

Ela ronrona.

- Um dia serei uma lady, sabia? Nós duas seremos. Vamos à cidade grande, aos bailes e chás de lá, e todos os rapazes vão implorar por nossa atenção, Lana - olho para ela e beijo seu nariz molhado. - Bem, no seu caso os gatos é que vão cortejá-la.

Eu sempre quis deixar a vila, nem que fosse por um dia. Queria conhecer a vida na metrópole, ir a eventos sociais importantes e flertar com lordes bonitos. Mas papai diz que meu papel aqui em Liriel é importante, e que nossa vila precisa de mim. Bobagem.

Vou à cozinha com Lana nos braços e encho sua tigela de leite fresco. Ela agradece com um miado entrecortado e mata sua sede avidamente. É uma linda gata branca de olhos azuis e, quando a ganhei e ela era só um filhote, pensei que havia nascido da neve e que no inverno era ela quem fazia a neve chegar.

Ouço de repente sussurros na sala de estar e vou até lá nas pontas dos pés.

Aparentemente papai e madame Daisy, minha governanta, ainda estão acordados, discutindo diante da lareira. Permaneço escutando escondida atrás das escadas de madeira, pois quero saber o que eles conversam tão tarde da noite.

- Ele é um ótimo rapaz, senhor - diz madame Daisy, gesticulando com as mãos enluvadas. - Posso garantir que não há melhor parceiro para nossa menina, não se preocupe.

- Não é com o filho dos Bjorgman que me preocupo, Daisy. É com Anna - rebate papai, irritado. - Você sabe como ela é teimosa e impulsiva. Uma gafe dela e tudo vai pelos ares.

Franzo a testa, tentando compreender aquelas palavras. Bjorgman? Seria a família do comerciante que estava chegando? Por que meu pai estava preocupado com meu comportamento?

- O senhor a criou bem, senhor Agdar. Anna é uma boa moça e compreenderá que esse casamento é para o melhor.

Casamento?

- Vou contar a ela logo pela manhã - ouço papai levantar-se de sua poltrona favorita. - Você deve deixá-la absolutamente deslumbrante, Daisy. Os Bjorgman são exigentes quanto à aparência.

- Oh, claro - madame Daisy bate palmas. - Anna será a jovem noiva mais fascinante que Liriel já viu!

- Sim, de fato. Tenha uma boa noite, Daisy.

- O mesmo para o senhor.

Cubro a boca com as duas mãos para não gritar. Mal consigo respirar. Assim que vejo meu pai se aproximar das escadas, corro de volta para meu quarto sem fazer barulho e me enfio debaixo das cobertas. Meu coração está inquieto.

Quando a palavra casamento foi citada pela primeira vez, achei que papai é que estava pensando em se casar - ele parecia tão ansioso! Agora tudo parece de pernas para o ar, completamente sem nexo e sem sentido. Eu completei dezoito anos há apenas um mês e meu pai já quer que me case? Com um Bjorgman, um estranho forasteiro? E a minha opinião a respeito disso? O que sinto não é levado em conta?

Não consigo impedir que as lágrimas cheguem. Não quero me casar. Não ainda. Não com alguém que não conheço.

Lana salta em minha cama e eu a abraço, chorando baixinho.

- Não podem fazer isso comigo, lady Lana - soluço, sentindo as lágrimas quentes escorrerem. - Não vou permitir.

Capítulo 2

Acordo com gosto de sal nos lábios e o rosto marcado com rastros de lágrimas. Lana não está em canto algum do quarto e a porta está entreaberta. Saio de debaixo das cobertas e esfrego os olhos. Permaneço encarando a porta, à espera de meu pai, que a qualquer momento vai entrar e me dar a notícia de que quer me casar com um completo estranho. Só de pensar nessa ideia, meus olhos ardem - mas as lágrimas parecem ter acabado.

Ele não demora muito. Ouço três batidas na porta de madeira branca e papai entra, sorridente. Fito e janela, a neve que continua a cair, e desejo ser um floco de neve agora e ir para longe daqui.

- Bom dia, princesa adormecida - papai ri. - Dormiu bem?

- Não - respondo categoricamente -, a nevasca estava forte demais. Acho que vou ficar na cama até mais tarde.

- Nada disso - madame Daisy chega ao quarto com um embrulho de papel de seda nos braços. - Hoje a senhorita tem muito que comemorar.

Olho para os dois, crispando os olhos.

- Por acaso dormi por um ano e já é meu aniversário outra vez?

Madame Daisy sacode a cabeça enquanto deposita o embrulho sobre minha poltrona de leitura. Ela para e olha para mim, cordialmente.

- Você e seu pai têm muito o que conversar. Vou deixá-los à vontade.

E ela nos deixa.

Papai puxa o banquinho da minha penteadeira e senta-se perto da cama, onde ainda estou, abraçada a um travesseiro. Não quero encarar meu pai. Ele parece tão feliz, tão cheio de expectativas... não quero decepcioná-lo.

Tampouco quero me casar com quem ele quer que eu case.

- Anna, querida - ele começa a falar, meio nervoso. Seus cabelos grisalhos quase cintilam à luz precária do sol que entra pela janela fechada. - Hoje receberemos a família Bjorgman para um jantar muito especial em nossa casa. Um jantar importante principalmente para você.

Esforço-me para me fingir de desentendida.

- Para mim? Por quê?

Papai fica sem jeito, corado.

- Você já atingiu a maioridade, querida, e precisa de um marido. O filho mais velho do casal Bjorgman é um pretendente mais que adequado para você.

Agora me permito desabar.

- Como... como pode me dizer algo assim, papai? - minha voz sai entrecortada, chorosa. - Um casamento arranjado? Como o seu e o da mamãe? Achei que não quisesse isso para mim! E eu... eu nem conheço esse

pretendente. Como quer que me case com ele? Eu não quero!

· Ouça, minha filha... Eu esperava que reagisse desse modo, mas...

Num salto, levanto-me da cama.

· Não vou me casar. Não importa o que diga.

· Anna, escute...

· Achei que quisesse que eu fosse feliz!

- E eu quero! - ele também se levanta. - É exatamente por isso que escolhi esse rapaz para ser seu marido. Confie em mim, minha filha, você precisa confiar em seu pai.

- Não!

Um olhar sombrio cruza o semblante dele e papai me puxa pelo braço antes que eu saia do quarto.

- Escute-me, Anna - ele diz, com firmeza. - Escute com atenção. Você se casará com o rapaz Bjorgman querendo ou não porque é para o bem de toda Liriel. Você é minha filha e essa cidade é sua responsabilidade também. Precisamos cuidar do povo e o povo precisa que você se case.

- Por quê? - a pergunta sai engasgada.

Papai me solta. Baixa os olhos e volta a se sentar no banquinho.

- Tive uma reunião com os banqueiros e o tesoureiro da cidade há uns três meses, querida. Os cofres da cidade não darão conta de sustentar a todos. A economia por aqui está em crise, as pessoas estão fazendo negócios com o pessoal da metrópole ao invés de comprar de seus próprios vizinhos e amigos de bairro. Se as coisas continuarem desse jeito, a cidade entrará em completa miséria.

Cubro os lábios com os dedos. As famílias de Liriel são tão trabalhadoras e honestas, as pessoas são tão gentis e prestativas! Ninguém aqui merece viver na pobreza. Mas para que isso não aconteça eu tenho que me casar?

- Por... por que você acha que meu casamento resolveria isso tudo? - pergunto, hesitante.

Meu pai suspira e esfrega os olhos, parecendo cansado.

- Os Bjorgman são riquíssimos. Concordaram em construir um ponto comercial para atrair cidadãos da metrópole a investir dinheiro em Liriel, se seu filho encontrar uma razão forte o suficiente para se estabelecer aqui.

Mordi o lábio.

- E não há outra maneira?

Papai nega.

- Eles querem casar o filho com uma moça de boa família. Querem herdeiros para ficar com suas terras. Essa é a condição imposta.

Sinto meu rosto arder quando papai diz aquilo.

Herdeiros?

Pela primeira vez na vida, não sei o que dizer. Abro a boca, mas as palavras

não saem.

Meu pai governa Liriel com bons princípios, com bondade e colocando as necessidades da população antes das suas. Um bom governante deve colocar seu povo antes de qualquer coisa. Eles dependem dele, papai sempre diz. E eu o acho bom e nobre exatamente por causa desses princípios. Quero ser como ele, quero que as pessoas confiem em mim. Mas terei que sacrificar minha liberdade por isso?

- Pai... - suspiro. - Posso pensar um pouco sobre isso?

Ele me olha com tristeza e por um minuto acho que ele vai chorar.

- Não, Anna. A data do casamento já está marcada - ele engole em seco e funga. - Eu me odeio por forçá-la a isso. Sinto como se estivesse vendendo-a a esses... esses... ricos.

Não consigo ficar zangada com ele. Não mesmo. Sinto-me uma garotinha mimada por fazer um escândalo desses enquanto meu pai, que cuidou de mim sozinho e sacrificou tanto por mim, está em conflito com o amor e o dever. Sinto meu coração doer, mas tomo finalmente minha decisão.

- Certo, pai - apoio as mãos em seus ombros e ele olha para mim. Não consigo sorrir. - Eu entendo o motivo de tudo isso. Entendo de verdade. E se preciso me casar com o filho dos Bjorgman para salvar Liriel, que assim seja. Tudo pelo bem do povo, não é? É um sacrifício que estou disposta a fazer.

O rosto dele se ilumina e ele se levanta e me abraça apertado.

- Querida, querida, querida... Obrigado - ele segura meu rosto em suas mão e beija minha testa. - Você não faz ideia de como estou feliz em ouvir isso. Obrigado, meu anjo.

Ao menos um de nós dois está contente.

Capítulo 3

O vestido em que madame Daisy me coloca é de tirar o fôlego: azul marinho, de pregas na saia rodada e alças trançadas. Eu o adoro logo que me olho no espelho e, por um segundo, esqueço o motivo de estar usando-o. Meu coração não desacelera desde que as arrumações para a chegada dos Bjorgman começaram, à tarde. Recebi visitas de minhas amigas Reidi e Vega, que me trouxeram perfumes, joias e fofocas sobre meu futuro noivo.

Aparentemente, o herdeiro Bjorgman é estonteantemente lindo a ponto das mulheres de sua cidade fazerem filas imensas para ter sua atenção, atlético a ponto de ganhar todos os jogos esportivos de sua região e rico a ponto de poder comprar um país. Vega estava extasiada e não parava de repetir o quanto eu tinha sorte. Reidi teve comigo o que ela chamou de a conversa, o que me deixou suando frio e inquieta demais. É claro que eu sabia o que meu noivo e eu faríamos depois de casados, mas ter alguém me lembrando disso me deixava a ponto de explodir.

- Suas bochechas estão quase roxas, Anna - comenta madame Daisy, tirando-me de meus devaneios. - Em que está pensando?

Toco meu rosto por reflexo e olho para ela.

- Eu... só estou nervosa. Papai disse que os Bjorgman levam muito a aparência em consideração - minto.

Madame Daisy sorri e começa a escovar meus cabelos avermelhados. Tenho o costume de trançá-los, deixando tranças penderem sobre meus ombros, uma de cada lado. Mas hoje, não. Hoje, definitivamente não serei eu mesma, serei quem Liriel precisa que eu seja.

- Você é belíssima, menina - elogia Daisy, trançando minhas madeixas num coque alto e firme. - Tenho certeza de que o rapaz cairá aos seus pés assim que colocar os olhos nesse rostinho.

Eu não tenho toda essa certeza. Ainda espero que meu futuro noivo me ache feia, magra ou pequena demais e desista dessa bagunça toda. É um desejo egoísta, eu sei, mas ainda assim...

- Aí está - madame diz, cheia de emoção assim que termina de me arrumar. - A noiva mais encantadora que esse mundo já viu.

Encaro-me no espelho. Eu não me pareço comigo mesma.

- Você fala, madame, como se meu casamento fosse hoje.

- Imagine então quando o grande dia chegar! - ela bate palmas e eu sorrio torto.

A noite cai devagar e a neve parou de cair há uma hora, mais ou menos. Olho pela janela de meu quarto e suspiro. Posso ver as luzes da vila

acenderem-se aos poucos e imagino todas as minhas amigas passeando pelas ruas enquanto carregam cestas de flores silvestres para vender ou dar de presente a quem passa por elas. Amanhã é dia de música na praça principal. Espero poder escapar de todo o caos que minha casa se tornou e dançar pelo menos uma canção com um desconhecido ou com Reidi e Vega.

Rio de mim mesma. É claro que não poderei escapar. Estarei noiva e completamente comprometida. Às vezes sou tão patética.

Ouço três batidas na porta e uma criada coloca metade do corpo para dentro do quarto anunciando:

- Eles chegaram. O senhor seu pai solicita sua presença, senhorita Anna.

Fico apavorada e me sento na beirada de minha cama, tremendo. Madame Daisy nota.

- Não se preocupe, minha flor. Tudo dará certo.

- Você estará lá comigo, madame? - pergunto, chorosa.

Ela estende a mão para mim, sorrindo como a mãe que nunca conheci.

- O tempo todo. Vamos?

Seguro a mão de madame Daisy com força enquanto passamos pelo corredor dos quartos e descemos as escadas, que dão diretamente para o hall de entrada. Ouço as vozes antes de ver os rostos das pessoas. Parecem muitas e meu coração parece prestes a sair pela boca. Aperto ainda mais a mão de Daisy e ela afaga meus dedos, compadecida.

Quando finalmente chegamos ao hall, meus olhos buscam com avidez a figura de meu noivo, mas vejo primeiramente o senhor e a senhora Bjorgman. São ambos altos e louros. Olhos cor de avelã e sorrisos brilhantes. O senhor Bjorgman usa um uniforme militar, decorado com medalhas e ombreiras douradas; a senhora Bjorgman exibe sua boa forma num vestido roxo de seda com mangas compridas e joias belíssimas.

E então eu o vejo.

Ele é louro, forte e alto. Tem um rosto gentil, olhos castanho-claros e um nariz um pouquinho torto. Seus ombros são largos como daqueles personagens heroicos de romances épicos e o meio sorriso que ele exibe quando seus olhos encontram os meus dá a seu rosto uma beleza sobre-humana.

Pisco três vezes, sem reação. Meu coração dá um salto triplo.

Quase não ouço meu pai quando ele diz:

- Esta é minha jovem Anna, minha preciosidade.

O casal Bjorgman sorri alegremente para mim e eu retribuo assentindo em saudação. O filho dá um passo em minha direção e toma minha mão nua entre as suas. Eu estremeço, mas tento não transparecer o quanto estou uma pilha enorme de nervos.

- É um imenso prazer conhecê-la, senhorita - ele sussurra contra as costas de minha mão e dá o mais suave dos beijos.

Sorrio, sentindo as bochechas arderem.

- Igualmente, senhor...

- Kieran - diz ele, assentindo uma vez com a cabeça. Por um segundo, parece tão envergonhado quanto eu. - Creio que posso chamá-la de Anna, já que somos... bem...

Rio como uma boboca.

- É claro.

- Venham, senhores - papai interrompe, todo risonho. - Jantemos agora.

Madame Daisy sai de meu lado e aproxima-se de papai.

- Devíamos deixar o senhor Kieran e Anna a sós por um momento, não? - indaga ela, cheia de segundas intenções. Então olha para o casal Bjorgman. - Acompanhem-me, senhores, até a sala de jantar.

A senhora Bjorgman acena com a mão para mim enquanto todos deixam o hall de entrada. Estou tão nervosa que nem me dou conta de que devia ter acenado de volta.

Olho para Kieran e flagro-o olhando para mim. Ele é tão grande e forte que me sinto minúscula ao seu lado. Seus cabelos dourados estão penteados para trás e quase chegam aos ombros, brilhantes. Ele é muito bonito. Seu queixo é um pouco rígido, menos quando ele sorri. Pergunto-me se ele também está me avaliando e se gosta do que vê tanto... bem, tanto quanto eu gosto do que vejo. Poderia ficar admirando-o por horas.

- Isso é tão constrangedor - ele diz, e suas bochechas ficam coradas.

- Desculpe - sussurro rapidamente. Onde estou com a cabeça? Ficar encarando rapaz como uma maluca? Ora, teremos a vida toda para olhar um para o outro.

A vida toda.

Estremeço.

- Não se desculpe. Não fez nada de errado, Anna. É toda... essa cerimônia que deixa tudo estranho.

- Terei que concordar - sorrio. - Meu pai me contou hoje pela manhã.

As sobrancelhas grossas dele arqueiam-se.

- Hoje?

- Sim. Mas não vamos falar sobre isso, tudo bem?

Kieran sorri.

- Por mim tudo bem. Temos apenas uma semana e não quero desperdiçar nem um segundo. Quero saber tudo sobre você.

Franzo a testa.

- Uma semana?

O sorriso de desculpas de Kieran quase parte meu coração.

- É, uma semana. Meu pai e eu temos negócios importantes no reino vizinho ao meu, Coronya, e receio ter que deixá-la esperando por mim. Sinto muito.

Ele soa tão honesto que não ouso contestar.

- Eu... eu entendo. Bem - rio - vamos fazer bom uso de nosso tempo então.

- Já tem algo em mente?

- Talvez.

Ele se aproxima de mim a ponto de eu poder sentir sua respiração em meu rosto e toma minhas mãos nas suas.

- Querida Anna de Liriel, sei que acabo de conhecê-la e para você não passo de um estranho que veio virar sua vida de cabeça para baixo. Mas lhe prometo, como seu noivo daqui para frente, que farei o possível e impossível para fazê-la feliz. Não sou perfeito, mas farei meu melhor para que isso - ele aperta minhas mãos suavemente e olha fundo nos meus olhos - dê certo. Você tem minha palavra.

Capítulo 4

Tenho uma dificuldade imensa de me concentrar no prato de guisado de cordeiro diante de mim. Minhas mãos tremem e meu coração está tão acelerado que todos na sala com certeza podem ouvir.

Após aquela declaração calorosa de fidelidade, Kieran me conduziu sem palavras para junto de nossos pais e de madame Daisy. Até agora sinto borboletas dançarem em meu estômago e minhas risadas vêm com facilidade exagerada. Sinceramente não sei o que pensar desse noivado, e essa insegurança me deixa preocupada. Kieran parece bom demais para ser verdade e temo que a qualquer momento papai ria alto e grite Pegamos você! Seu noivo não é esse!

- É maravilhoso finalmente conhecê-la, Anna - diz a Sra. Bjorgman. Seus gestos são todos nobres e delicados e ela brilha tanto em suas roupas e acessórios que parece ser feita de ouro. - O senhor seu pai nos falou tanto sobre você.

Sorrio com sinceridade. É bom saber que ela gosta de mim.

- Igualmente, senhora - assinto.

Ela agita o dedo indicador, rindo.

- Nada disso. Quero que me chame de Amélia daqui em diante. Logo seremos família, não é mesmo?

Meu sorriso congela. Família.

- Como quiser, Amélia.

- Todas essas formalidades me cansam às vezes, sabia? - Ela toma um gole de vinho. - E Kieran também não é muito formal. Nós o criamos à maneira moderna.

Eu não sei o que é essa maneira moderna, mas arqueio as sobrancelhas como se compreendesse.

- Já esteve em Trollstone, minha jovem? - pergunta o Sr. Bjorgman, enquanto corta seu pedaço de carne. Creio que Trollstone é o lar da família de Kieran.

- Não tive o prazer, senhor.

Eles me perguntam tanta coisa que mal toquei em meu jantar. Qual meu passatempo favorito? Gosto da neve? Viajar está em meus planos para o futuro? Estou animada para o casamento? Quando nota meu desconforto, papai toma a atenção do Sr. Bjorgman e sua esposa para discutir assuntos comercias. Então fico livre para respirar um pouco e trocar olhares tímidos com meu noivo à minha esquerda.

Kieran parece quase tão constrangido quanto eu e isso me conforta um

pouco. Aos menos somos um tanto parecidos.

- Gostaria de mais vinho? - ele me oferece, aproveitando-se da distração dos pais.

Levo minha taça até ele.

- Sim, por favor.

- É a primeira vez que bebe? - ele despeja o conteúdo do jarro.

Olho para ele.

- Como sabe?

- Suas bochechas - Kieran ri e seu riso é rouco e agradável - estão tão coradas.

- Ah, mas não é por causa do vinho. Estou tão nervosa que poderia explodir a qualquer momento e...

Cubro os lábios antes que mais alguma bobeira saia deles, provocando mais risadas de Kieran.

- Eu não devia falar tanto - digo, envergonhada. - Madame Daisy diz que uma boa moça consegue se expressar apenas com gestos e olhares adequados.

- Mas eu gosto de ouvir você falar - ele dá de ombros. - Quando estiver comigo não precisa seguir essas regras.

Sorrio.

- Não diga isso. Você não sabe o quanto eu falo. Às vezes madame Daisy tem que me repreender, porque quero discutir sobre tudo.

- Isso é bom. Quer dizer... Quero ter alguém com quem conversar, não alguém que só escuta o que digo - ele baixa os olhos por um segundo, mas volta a fixá-los nos meus. - Minha voz é irritante às vezes.

- Gosto da sua voz - eu digo, antes de perder a coragem.

- Hora da sobremesa! - anuncia Daisy. - Para hoje temos o prato favorito de Anna: suflê de chocolate com frutas vermelhas!

- Adorável - diz Amélia.

É nesse instante que me sinto radiante. Todo mundo sabe que não há nada nesse mundo que um pouco de chocolate não possa revolver. Mesmo que meu pai de repente resolva me casar com um completo estranho e a vergonha tenha me tomado até o último fio de cabelo. Mesmo que eu esteja tão confusa a respeito do homem ao meu lado a ponto de querer beijá-lo e me esconder dele ao mesmo tempo. O cheiro do chocolate me deixa relaxada instantaneamente.

Enquanto comemos alegremente a sobremesa, Kieran não tira os olhos de mim. Eu porém, decido não olhar para ele até ter certeza de que não cabe mais nenhuma fatia do suflê dentro de mim. Madame Daisy sempre diz que uma boa moça come igual a um passarinho quando está em público, mas nesse momento as regras dela não me importam. Porque hoje, eu querendo ou não, é uma noite especial e eu quero aproveitar tudo o que posso dela.

- Pai? Mãe? Senhor prefeito? - chama Kieran, assim que os pratos são

retirados da mesa e todos estamos mais que satisfeitos.

Embora ele não esteja se dirigindo a mim, olho para Kieran, como os outros três presentes.

- Quero levar Anna a um passeio pelo jardim da propriedade, se me permitirem. Ainda temos algum tempo antes de voltarmos à nossa pousada.

Os pais de Kieran entreolham-se e buscam uma resposta de meu pai.

- Bem... - gagueja ele. - Acho que não haverá problema, visto que não está mais nevando. - Então ele olha para mim. - Gosta da ideia, querida?

Contenho um sorriso de satisfação. Kieran quer ficar a sós comigo.

- Sim, papai.

- Vista algo mais quente então, querida - meu pai assente e volta-se aos Bjorgman: - Acompanhem-me até a sala de estar, senhores.

Nossos pais deixam a mesa com expressões de dever cumprido. Uma das criadas traz meu casaco, minha capa de inverno e minhas luvas e Kieran veste seu pulôver grosso e negro de mangas compridas. Acho curioso que ele precise de qualquer tecido para se aquecer; é tão forte e másculo que simplesmente não consigo imaginá-lo tremendo de frio nem que estivesse nu na neve.

- Senhorita? - ele me dá o braço, cavalheiro, e saímos pela porta dos fundos para o jardim coberto de neve.

A brisa fria arranha meu rosto e eu me encolho um pouco. O jardim fica ainda mais belo à noite e coberto por todo esse branco. No verão e na primavera, temos as melhores e mais bonitas flores silvestres e pequenos animais nos visitam constantemente. Lembro-me de meu pai contando sobre como minha mãe em pessoa cuidava desse jardim, mesmo doente, e fico triste ao pensar nela justo agora.

- É fantástico - sussurra Kieran.

Eu estremeço ao ouvir sua voz.

- Desculpe-me por tirá-la do calor de sua casa, Anna - ele toca minha mão em seu braço. - Era a única maneira de ficarmos sozinhos por um momento sem que alguém estivesse escutando.

- Est-tá tudo bem - meus dentes batem, traindo-me.

- Vamos voltar, você está morrendo de frio - determina ele.

Mas não quero voltar lá para dentro.

- Não, eu... - uma ideia ilumina meus pensamentos. - Podemos ir ao estábulo.

- Certo - ele sorri torto e me conduz até o estábulo de minha casa.

Os cavalos estão quietos e uma lareira aquece a construção. Já não estou com tanto frio.

- Melhor - diz Kieran, olhando diretamente para os meus olhos. - Seus cavalos são lindos. Espera, cavalos? O que eu disse? Caramba, quis dizer olhos. Seus olhos são lindos, Anna.

Dou uma risada alta demais e cubro a boca rapidamente. Kieran também ri e aproxima-se de mim devagar, como se tivesse medo que eu me afastasse.

- Conte-me algo sobre você. Além de seu gosto descontrolado por chocolate - ele sacode a cabeça loura.

Finjo-me de ofendida.

- Como assim, descontrolado? Eu sou uma pessoa perfeitamente equilibrada.

Ele revira os olhos.

- Por que será que eu não consigo acreditar nisso?

- Porque você não me conhece - dou de ombros.

- É, teremos que dar um jeito nisso.

Capítulo 5

Kieran não pode ser real.
A cada segundo que passo com ele, penso que vou ouvir uma voz vinda de longe, me chamando, me dizendo para acordar do sonho, me julgando por ser tão tola. Afinal, quais são as chances de eu realmente gostar de meu noivo arranjado?
- No que está pensando, Anna? - ele pergunta baixo.
Estamos sentados em caixotes de madeira, um de frente para o outro. Nossos joelhos quase se tocam. Perto da lareira, aquecida e olhando para Kieran, não há nada que eu preferisse estar fazendo agora.
- Estou pensando no quanto isso parece certo - digo.
- Isso o quê?
Atrevo-me a tomar sua mão na minha.
- Isso, nós - sussurro. - Hoje pela manhã eu estava tão assustada e preocupada com essa história de noivado! Fiquei tão nervosa, tão... brava. Com tanto medo.
Kieran franze a testa e aperta meus dedos.
- É mesmo?
Assinto.
Ele toma minha outra mão e segura nas dele, como fez no hall de entrada. Só que, agora, há mais intimidade em seu toque quente.
- E como se sente em relação a mim agora? - ele indaga e me atinge com seu olhar intenso.
Fico tentada a puxar de volta minhas mãos e usá-las para cobrir meu rosto. Mas as mãos quentes e grandes de Kieran parecem o lugar certo para elas agora.
- Eu... eu acho... que não estou mais com medo. Não de você.
Kieran faz minhas veias pulsarem mais forte quando toca meu rosto com as pontas dos dedos. Ele acaricia minha bochecha como se eu fosse quebrável ou fosse me dissolver se ele pressionasse demais. As borboletas voltam a dançar dentro de mim, agitadas. Nunca fui tocada por ninguém assim.
- Não precisará ter medo enquanto eu estiver com você, Anna - sua voz soa aveludada e baixa, como se ele estivesse contando-me um segredo. - Caso tenha motivos para ter medo de mim algum dia, quero que me avise. E eu me afastarei.
Seguro a mão dele que está em meu rosto. Não quero que ele se afaste.
- Você... - a palavra escapa por meus lábios. - O que você pensou quando me viu pela primeira vez, hoje mais cedo?
Ele sorri torto e sua mão deixa minha face. Sinto frio.
- Você é linda - Kieran sorri. - Mas não foi em sua beleza que reparei

primeiramente. Foram seus olhos. Anna, eles são tão bonitos, tão vivos... Dizem que os olhos são a janela da alma. Os seus são iluminados e alegres, brilhantes. Tudo o que consegui pensar quando coloquei os olhos em você foi que esse brilho precisa ser mantido. Preciso fazê-la feliz, porque então... serei feliz também.

Sinto vontade de chorar. Isso não pode ser real. Isso não está acontecendo de verdade.

- Puxa, isso soou... tão arcaico - ele ri de si mesmo.

- Não, não diga isso - sacudo a cabeça, sentindo lágrimas nos olhos. - Você é muito mais do que eu mereço, Kieran. Quando vi você, tudo o que pensei foi em como você é bonito, em como você é forte e em como eu... como eu não precisava ter medo. É meio egoísta comparado a tudo o que você acabou de dizer.

Kieran sacode a cabeça, rindo.

- Gosto de ser admirado, Anna. Principalmente pela mulher que será minha esposa.

Arquejo. Ele é a primeira pessoa a me chamar disso.

Mulher.

Para papai, madame Daisy, minhas amigas e toda a vila, eu sou a garota adorável e atrevida que sorri para todo mundo e não se comporta de modo adequado. Sou alguém que não é digna de muita confiança e que não consegue lidar com grandes responsabilidades. Mas para Kieran, eu sou uma mulher. Sua futura mulher.

- Definitivamente, é impossível não gostar de você - resmungo. Eu queria achar um defeito nele (além do pequeno desvio da linha de seu nariz) para usar como desculpa e convencer papai a não me casar.

- Não diga isso, vai me deixar convencido.

- Você já parece convencido - arqueio uma sobrancelha.

A mão de Kieran volta a tocar meu rosto. Ele afasta minha franja e inclina-se para mais perto, beijando minha testa demoradamente. Seu perfume é agradável, tem cheiro de menta e... chocolate.

- Acho melhor voltarmos - diz Kieran. - Está tarde.

- Você vem me ver amanhã?

Não quero parecer desesperada, mas... bem, eu estou desesperada. Kieran obviamente vê o quanto perguntar isso a ele é uma facada em meu orgulho. Por isso, ele simplesmente assente e me oferece o braço outra vez.

Retornamos então aos olhos vigilantes de nossos pais e ouvidos fofoqueiros das criadas. Kieran não se afasta de mim até que chega sua hora de partir com os Bjorgman. Nós nos despedimos com um olhar intenso e íntimo que só nós dois compreenderíamos.

Papai está mais que radiante. Ele brilha. Assim que nossos convidados se vão,

sou tomada num abraço apertado que tira o restante de fôlego que me sobrou.
- Você, minha doce filha - ri papai -, estava igualzinha a sua mãe em nosso jantar de noivado.
- Eu estava tão nervosa - reclamo.
- Ah, mas não deixou transparecer nada - madame Daisy bate palmas. - Você se saiu muito melhor que eu poderia sequer imaginar, querida. Achei que começaria a tagarelar coisas sem sentido como sempre faz!
Sinto-me estranhamente ofendida com o comentário dela, mas decido não me preocupar com o que madame Daisy pensa de meu comportamento. Ainda estou inquieta, com o rosto quente e o coração acelerado. Será que estou assim por causa de todo esse constrangimento ou por causa do efeito que Kieran tão de repente tem sobre mim?
- Você deve estar exausta, querida - diz papai, corado de satisfação.
Deixo meus ombros caírem. Estou mesmo esgotada.
- Sim, estou.
- Vou preparar sua cama, Anna - diz madame Daisy, já tomando a direção das escadas.
Papai olha para mim com um misto de orgulho e emoção. Não consigo evitar ficar constrangida.
- Lembro-me de quando vi Gerda pela primeira vez - sussurra ele, citando o nome de minha mãe como não fazia há muito tempo. - Foi numa noite como esta, fria, mas encantadora. Ela era simplesmente a personificação da calma e da graça.
Eu li certa vez a respeito de algo chamado amor à primeira vista. Comentei com as criadas e com madame Daisy, mas todas me disseram que era algo que acontecia apenas nos livros e contos infantis e que eu não devia esperar que funcionasse comigo. Mas para meus pais parece ter funcionado.
Talvez para meu noivado com Kieran também.
- Se ela pudesse ver você agora, querida - papai toma minhas mãos nas dele. - Não tenho dúvidas de que estaria cintilante de orgulho, como bem estou. Kieran parece simpatizar muito com você.
É mais que isso, quero dizer. Mas não digo. Chega de constrangimento por hoje.
- Ele é realmente um cavalheiro, papai - sorrio.
- É um alívio que vocês estejam se dando bem - ele ri, sacudindo a cabeça. - Quando sua mãe e eu trocamos as primeiras palavras, não suportávamos ficar ao lado um do outro - outra risada. - Ela era geniosa, assim como você, e não aceitava de bom grado quando eu tentava cortejá-la como exige a etiqueta. Gerda sempre queria quebrar as regras... e queria que eu as quebrasse com ela. Nós brigávamos muito no início. Ela sempre vencia.
Arqueio as sobrancelhas, pega de surpresa. O que meu pai diz não soa nem um

pouco com amor à primeira vista dos livros e isso me preocupa. Se o casamento dos meus pais foi bem sucedido porque eles começaram um relacionamento com certa tensão, como seria o meu e de Kieran, que começamos tão bem?
- Anna! - chama madame Daisy, a voz estridente. - Sua cama está pronta! Você precisa descansar!
Despeço-me de papai e me arrasto cabisbaixa para meu quarto. Lady Lana está à porta e ronrona ao me ver. Madame Daisy me ajuda a trocar meu vestido rodado por minha camisola comprida e desfaz o coque em minha cabeça. Assim que me deito, começo a relaxar, e o rosto de Kieran não sai de meus pensamentos até que durmo.
Tenho um pesadelo terrível essa noite.

Capítulo 6

Estou correndo por um labirinto de árvores frondosas e altas. Está frio, mas mesmo assim o suor escorre pela minha testa. Não visto nada além de minha fina camisola, que por algum motivo está rasgada na bainha. Corro desesperada, à procura de uma saída, de um caminho de volta para casa. Ouço, de repente, um som estrondoso de explosão e olho por cima do ombro a tempo de ver as árvores atrás de mim pegarem fogo. Esse fogo furioso se espalha numa velocidade incrível e, se eu não continuar a correr, me alcançará. Minhas pernas doem, mas não param. Subitamente, quando dobro uma esquina do labirinto, trombo com ninguém menos que Kieran.
"Oh! Kieran! Você me encontrou!"
A presença dele estranhamente aumenta meu medo, como se ele fosse mais perigoso que o fogo que se aproxima. Sua mão segura meu pulso com força demais e ele rosna para mim, zangado.
"Eu mandei você ficar em casa. Você deve obedecer."
Antes que eu consiga protestar, Kieran me agarra contra a minha vontade e me joga sobre os ombros, como se eu fosse um saco de batatas. Grito, dizendo que ele está me machucando, mas ele não responde. Começa a caminhar em direção a um casebre negro que surge do nada. O fogo desaparece atrás de nós. Kieran entra na construção precária e me lança no chão de madeira. Ódio brilha em seus olhos.
"Terei que corrigi-la. Você não pode me desafiar."

E então eu acordo. Aos gritos. Suando frio. Madame Daisy irrompe no quarto, segurando um candelabro com duas velas acesas. Está de camisola e touca de dormir cobrindo os cabelos grisalhos. Quer dizer que ainda é madrugada.
- Anna! - ela deposita o candelabro sobre minha cômoda. - Minha querida, o que está acontecendo?
Papai chega ao quarto, ainda usando as roupas do jantar.
- Você está bem, minha filha?
Salto da cama e corro para os braços de meu pai. Choro. Não consigo tirar aquelas imagens de Kieran de meus pensamentos. É mais do que posso suportar.
- Eu... e-eu tive u-um... - soluço, sem fôlego.
- Teve um pesadelo? - meu pai pergunta, afastando-me para me encarar.
- Fo-foi mais do-do que um pesadelo - choramingo. - E-estou com me-medo de me casar, papai. Estou com medo dele.

Papai olha para madame Daisy.
- Deixe-nos, madame.
Ela assente e sai do quarto, fechando a porta atrás de si. Papai me ajuda a sentar na beira da cama e segura minhas mãos.
- Não precisa ter medo, querida. Eu sempre estarei aqui para você, não importa o que aconteça. Mesmo que eu tenha que cruzar meio mundo para achá-la, eu o farei, porque você é minha menina - ele me abraça. - Você não precisa temer Kieran. Ele é um bom rapaz, vejo nos olhos dele.
- Mas... - mio. - E se ele acabar se tornando outra pessoa quando casar comigo? Como posso ter certeza de que ele será bom e gentil sempre?
- Você não terá, querida. Ninguém é bom e gentil o tempo todo. Mas precisamos acreditar no melhor das pessoas e buscar isso nelas. - Ele me abraça outra vez e coloca-se de pé. - Sempre estarei aqui para você, não se esqueça. Mas está na hora de você mesma enfrentar seu destino, Anna. Você é forte e corajosa. Você consegue.
Enxugo as lágrimas e assinto. Tento me acalmar. O que há de errado comigo, afinal? Foi apenas um pesadelo. Kieran não me deu motivo algum para pensar coisas ruins dele. Não posso deixar que meus medos me assustem.
- Está se sentindo melhor? - papai pergunta.
- Sim - confirmo com a cabeça.
- Ótimo - ele sorri. - Boa noite, Anna.
- Boa noite, pai.
Assim que papai deixa o quarto, salto outra vez da cama e corro a abrir meu guarda-roupa, onde escondo pertences de minha mãe de quando ela era jovem em um fundo falso. Desde que ela se foi há quase dezoito anos, sempre que estou assustada, com medo das tempestades ou acordo aflita após um pesadelo, pego suas coisas e fico admirando, tentando fazer alguma conexão com quem ela era. Isso me dá a breve sensação de que um pouquinho dela ainda está aqui comigo. E meu medo se vai.
Acabo adormecendo abraçada ao primeiro cobertor de tricô que minha mãe costurou. Os bordados são tortos e espaçados demais, mas é um trabalho das próprias mãos dela e isso vale mais do que o mais caro dos enxovais.
Acordo com madame Daisy me chamando à porta de meu quarto da mesma maneira irritante de sempre. Hoje, porém, há uma estranha empolgação em sua voz. Curiosa, levanto-me, esfrego os olhos e abro a porta para ela, que entra igual a um furacão. Há um buquê de rosas do inverno e uma caixa enorme de chocolates em seus braços.
- Olhe só o que o mensageiro acaba de trazer, Anna! - Daisy deposita os presentes em meus braços. - O senhor Kieran mandou isso para você. Ele não é um rapaz adorável?
Afundo meu rosto no buquê, cheirando as rosas de inverno - flores raras

encontradas apenas em Liriel - e suspiro. Flores e chocolates, como nos livros. Mal consigo pensar no pesadelo que tive.

- Envie um cartão a ele, madame - peço, sentindo-me flutuar. - Diga que sou muito grata pelos presentes.

Madame Daisy abre um sorriso capaz de derreter toda a neve da vila.

- A senhorita pode agradecer pessoalmente! - ela bate palmas. - Ele está nesse momento lá embaixo, falando com o senhor seu pai!

- O quê?

Tropeço no pé da cama e caio de joelhos não chão. Kieran aqui? Sem que eu esteja devidamente apresentável? Essa não.

Levanto-me cambaleante e jogo os presentes sobre minha cama. Começo a andar de um lado para o outro, procurando um bom vestido, fitas de cabelo, sapatos bonitos e...

- Oh, acalme-se, Anna - repreende madame Daisy. - Uma boa moça não age dessa maneira destrambelhada. Venha lavar-se. Já preparei suas roupas. O senhor Kieran não vai a lugar algum até que veja a senhorita.

Franzo os olhos para ela.

- Sou quase uma senhora, madame.

Ela revira os olhos.

- Mas ainda não é, menina tola. Ande depressa. Só porque seu noivo está disposto a esperá-la, não quer dizer que deve deixá-lo esperando.

- Isso não faz sentido - rio, sacudindo a cabeça.

- Ande, ande, ande!

Capítulo 7

Kieran está tão bonito quanto me lembro. Ao me ver, ele sorri de forma cautelosa e verdadeira, e o Kieran cruel de meu sonho desaparece como névoa dissipada. Não consigo pensar em nada quando paro e olho para ele de cima das escadas, e não é apenas por causa de sua aparência. Sinto como se uma força maior me empurrasse em sua direção e minhas pernas obedecem.

De repente, indo alegremente ao seu encontro no hall de entrada, tropeço no último degrau da escadaria e caio desajeitada, trombando com força em Kieran. Ele fica vermelho. Eu fico vermelha. Suas mãos seguram as minhas e ele me ergue do chão rapidamente e com facilidade. Seria um momento romântico se não fosse tão constrangedor.

- Essa não - arquejo, afastando-me dele e tentando recobrar minha dignidade. - Desculpe, eu...

- Sem problemas - ele me interrompe suavemente, bagunçando o próprio cabelo e sem me olhar nos olhos.

Então noto a presença de meu pai, madame Daisy e uma criada e desejo que um buraco se abra no chão e me engula.

- Não vai dizer bom dia ao seu noivo, Anna? - indaga papai, com um sorriso contido.

Olho para Kieran.

- Oh, sim. Perdão - pigarreio. - Bom dia, Kieran. Eu adorei seus presentes. Ahn... especialmente as rosas do inverno, apesar de chocolate ser sempre meu presente favorito. Vai tomar café da manhã conosco?

Madame Daisy faz uma carranca de desaprovação. Posso até ouvi-la dizer: Uma boa moça não cai em cima das pessoas. Uma boa moça não se esquece de saudar os convidados. Uma boa moça não tagarela como uma maluca.

Mas Kieran não age como se eu fosse uma desajeitada. Ele sorri, simplesmente. E vê-lo sorrir não tem preço.

- Sim, ficarei para o café da manhã - ele ri. - Que bom que você gostou das rosas e dos chocolates. Gostaria de levá-la até o lugar onde os comprei.

Arqueio as sobrancelhas, curiosa.

- É mesmo? Aonde?

- À metrópole.

Não consigo conter meu arquejo de surpresa e o sorriso de Kieran aumenta. Olho para papai e madame Daisy e os vejo exibir expressões um tanto preocupadas. Mas, bem, eles não querem que eu cresça? Que me torne uma senhora? Certamente a metrópole é o lugar adequado para aprender a ser uma verdadeira dama - principalmente se meu noivo estiver comigo.

- É uma ótima ideia - digo, sentindo a euforia tomar conta de mim.
- Talvez esse não seja o momento adequado para discutirmos esse assunto - meu pai sorri amarelo. - Vamos, venham tomar café da manhã. Aposto que Trudy acabou de tirar do forno uma travessa de pães fresquinhos.
- Vamos deixar os noivos a sós por um momento, senhor? - sugere madame. Simplesmente a adoro quando ela diz isso.
Papai cruza as mãos atrás do corpo e assente, concordando com Daisy. Os dois deixam o hall e eu olho para Kieran.
- Conversarei com eles - ele diz e me pergunto se minha decepção ficou tão evidente. - É normal que se preocupem, Anna.
Sinto um biquinho se formar em meus lábios, mas logo que noto, eu o desfaço rapidamente. Não há mais tempo para criancices. Preciso provar que sou madura o suficiente para ir à metrópole.
- Como passou de ontem para hoje? - Kieran pergunta, mudando de assunto. - Dormiu bem?
Sinto um frio arrepiante na barriga. Não posso contar a ele sobre o sonho. Kieran vai achar que tenho medo dele e vai se afastar.
- Hum... sim... claro, maravilhosamente bem - respondo, remexendo as mãos. - Nunca dormi tão bem. Se tem algo que eu fiz muito bem foi dormir.
A risada de Kieran me surpreende.
- Mal a conheço, Anna, e já sei que não está dizendo a verdade. - Ele se aproxima de mim e eu prendo a respiração. - Há algo errado?
- Eu... Hum...
- Você pode me contar.
Ergo uma sobrancelha e inclino a cabeça para olhar diretamente para ele. Minhas mãos estão remexendo-se, nervosas. Kieran as toma nas dele, quentes e macias, e eu suspiro. Tocá-lo é reconfortante.
- Qualquer coisa?
- Qualquer coisa - ele repete.
Não posso contar, mas quero. Quero que Kieran me diga que foi apenas um pesadelo e me prometa que será sempre cavalheiro e gentil comigo, mesmo que futuramente não concordemos em algumas coisas. Porque é disso que eu preciso.
Não consigo encará-lo quando digo:
- Sonhei com você noite passada.
- Comigo? - não vejo a expressão em seu rosto e nem quero. Preciso apenas que ele saiba. - Nunca sonharam comigo antes. Conte-me, Anna, como foi?
Assinto, olhando para meus sapatos.
Kieran ergue meu queixo com o dedo, fazendo-me olhar para ele. Não há violência nenhuma em seu gesto, ele quer apenas olhar para mim.
- Conte-me - sussurra, o rosto a poucos centímetros do meu.

Suspiro. Seu dedo deixa meu rosto, mas eu permaneço olhando para ele.
- Eu... ti-tive um pesadelo.
Ele espera que eu continue, mas crispo os lábios.
- Sim?
- Nesse pesadelo, você... eu...
- Anna...
Cerro meus punhos. Preciso dizer.
- Eu estava fugindo de algo... alguém... não sei. Havia um labirinto de árvores enormes - gesticulo, sentindo as mãos tremerem -, e, de repente elas pegaram fogo. E esse fogo começou a me perseguir e... bem... Você estava lá. Você me encontrou e... Oh! Não consigo dizer - cubro os lábios.Vamos, Anna, coragem.
- Kieran, você estava diferente... um diferente mau. Você disse que eu deveria obedecê-lo e que você iria me corrigir e me ensinar a não desafiá-lo e eu gritava e você estava me machucando e...
Interrompo-me e respiro fundo. Estou tagarelando como uma maluca. De novo. Armo-me de toda a coragem que me sobra e olho para Kieran. Ele está encarando a escadaria, pensativo. Engulo em seco.
- Estou muito encrencada? - sibilo, tentando fazer com que ele olhe para mim.
- O quê? - ele sussurra. - Anna, não. Por que você estaria encrencada?
Dou de ombros.
- Não sei, talvez...
Kieran segura minha mão.
- Por acaso eu dei a você algum motivo para pensar que sou violento? - pergunta baixinho.
Sacudo a cabeça.
- Muito pelo contrário, Kieran. Você tem se mostrado gentil, cavalheiro e nobre. Por favor, não pense que eu tenho uma ideia errada de quem você é.
- Não quero que tenha medo de mim, Anna - ele quase choraminga. - Nunca. O que eu disse a você no estábulo...
Aperto sua mão.
- Sim, eu me lembro. Por isso não quis contar a você. - Suspiro. - Não quero que você se afaste.
- E eu não quero que você esconda coisas de mim. Por favor. Vamos começar as coisas entre nós dois da maneira certa.
Kieran segura meu rosto com suas mãos e sinto minhas bochechas arderem.
- Está com medo agora? - sussurra, olhando bem fundo em meus olhos.
Arrisco um sorriso.
- Nem um pouco.
Ele esboça um sorriso meio triste e beija minha testa. Minhas mãos ainda estão tremendo.

Capítulo 8

Hoje é dia de música na praça principal da vila, com muita dança, risadas e, é claro, canções tocadas pelos músicos da metrópole, que vêm a Liriel uma vez por mês. Estou disposta a convencer Kieran a ir comigo e tenho certeza de que ele vai adorar. É impossível não gostar de música.

Assim que terminamos o café da manhã e madame Daisy se retira da mesa para dar ordens às criadas na cozinha, apoio meus cotovelos sobre a mesa e encaro meu pai e meu noivo. Ambos conversaram o tempo todo sobre o negócio de artigos de inverno que família de Kieran pretende abrir na cidade, mas agora estão calmos e calados. Aproveito a oportunidade.

- Papai, lembra-se de que dia é hoje? - indago, arqueando as sobrancelhas.

Ele junta as mãos sobre a mesa.

- Não tenho ideia - revira os olhos e ri. - Refresque minha memória, por favor, querida.

Suspiro dramaticamente.

- Hoje é dia de música na praça, esqueceu?

- Como poderia? - Ele cutuca Kieran com o cotovelo. - Você não para de falar a respeito disso desde seu mais recente aniversário.

Sorrio e encaro Kieran, que parece desconcertado. Alcanço sua mão por cima da mesa e toco seus dedos quentes com os meus. Ele me olha com doçura.

- Eu gostaria que você fosse comigo - digo, piscando os olhos três vezes. - Será adorável. Haverá música e dança e todos os meus amigos estarão lá. Reidi e Vega com certeza estão loucas para te conhecer.

- Parece mesmo adorável, Anna...

- E podemos passear pela vila e ver as estrelas da colina do leste!

- Eu gostaria muito de acompanhar você a todos os lugares - ele junta as sobrancelhas, chateado. - Mas... há assuntos urgentes que requerem minha presença hoje. Preciso cuidar dos últimos detalhes do novo negócio dos meus

pais e resolver assuntos importantes de Trollstone.

Tiro minha mão de cima da dele e a pouso no colo. Sinto-me estranhamente pequena. É compreensível que Kieran esteja ocupado - até mesmo esperado -, mas tinha que ser hoje?

- Ah.

É tudo o que consigo dizer.

- Sinto muito - ele também tira sua mão de cima da mesa. - Realmente sinto.

- Surgirão outras ocasiões para passeios ao pôr do sol, querida - diz papai, tocando meu ombro levemente. - Deve ser compreensiva.

Mordo o lábio e então me esforço para sorrir. Nada de ser mimada. Papai está certo.

- Eu compreendo - olho para Kieran.

Ele me dá um sorriso de desculpas e dá uma rápida olhada em seu relógio dourado de bolso no casaco. Então suspira.

- Talvez possamos dar uma volta pelo jardim, Anna - propõe. - Hoje não nevou tanto quanto ontem.

Concordo e ambos deixamos papai à mesa. Estou usando um vestido pérola de veludo e mangas compridas, presente de aniversário de madame Daisy, por isso não preciso de casacos e luvas hoje. Kieran também está bem protegido em seu caso marrom e suas botas de inverno, e quando ele me dá o braço e eu me aproximo de seu corpo, sinto-me ainda mais aquecida.

- Você foi sincera comigo hoje mais cedo - ele diz de repente, assim que pisamos na neve sobre a grama. - Contou-me sobre seu pesadelo.

- Sim.

Seus olhos buscam os meus.

- Então eu também devo ser sincero com você.

Paramos de andar e eu sorrio para ele.

- Mais do que tem sido? Kieran, você é a pessoa mais sincera que conheço. - Franzo a testa. - Bem, talvez madame Daisy seja.

Ele ri.

- Gosto da sua risada - digo, puxando-o para continuarmos a andar.

Ele para novamente e me vira de frente para ele.

- Eu também sonhei com você, Anna. Mais de uma vez.

Arregalo meus olhos e depois os crispo.

- Co-comigo? Mais de uma...? - gaguejo. - Mas nós nos conhecemos ontem.

- Você me conheceu ontem - ele ri, convencido. - Já eu sabia coisas a seu respeito há algum tempo.

Fico confusa. Abro a boca, fecho, abro outra vez e fecho novamente. Kieran dá risada.

- Como? - pergunto, finalmente.

Ele respira fundo e expira, como se se preparasse para uma longa história.

- Seu pai enviou alguns retratos seus à minha mãe quando as especulações sobre nosso casamento começaram. Ela estava morrendo de curiosidade em saber como você era e guardava os retratos consigo. Não deixava nem mesmo meu pai vê-los. Uma das criadas descobriu onde minha mãe os escondia e eu implorei para que ela me dissesse...

- E ela disse?

Ele assente.

- Sim, disse. Eu os encontrei junto com uma carta de seu pai descrevendo a sua personalidade em algumas poucas linhas. - Kieran suspira e me olha, envergonhado. - Eu... peguei um dos retratos e a carta e os mantive comigo por um tempo. Eu a relia todas as noites, esperando que de repente algo novo a seu

respeito aparecesse, algo que não li nas primeiras vezes. Logo a carta e o retrato tornaram-se insuficientes. Fiquei ainda mais curioso para conhecer você.

Arqueio as sobrancelhas.

- O que dizia na carta?

Kieran sorri torto.

- Anna é minha filha única. É uma jovem bela, inteligente e, para alguns, muito atrevida. Ela é extraordinariamente parecida com a mãe, o que me faz amá-la ainda mais. É generosa, compreensiva e corajosa, embora seja também impaciente e um tanto impulsiva. Posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que ela fará seu filho o homem mais feliz do mundo.

Cubro a boca com uma das mãos. Não sei se rio ou se choro.

- Vo-você... - sibilo. - Kieran, você memorizou a carta?

- Eu não disse que li inúmeras vezes?

- Ma-mas... - gaguejo. - Não sei nem o que dizer...

Ele ri.

- Não precisa dizer nada. Achei que era o momento adequado para contar a você, já que você foi verdadeira comigo - ele dá de ombros, despreocupado. Há um leve rubor em seu rosto, o que me faz imaginar o quanto deve ter sido vergonhoso para ele admitir que decorou a carta de papai e minhas feições no retrato. Eu ficaria envergonhada.

Crispo os lábios. As palavras não vêm. Mas sei o que quero dizer.

- Kieran, como... como foi o sonho que teve comigo? - indago baixinho.

Agora suas bochechas realmente ficam vermelhas.

- E-eu... Hum... - ele pigarreia. - Bem, não foi nada... assustador. Não foi como o seu.

Sorrio, contente. Ele não me acha uma maluca.

- Então foi um sonho bom?

- Sim, sim - Kieran responde rapidamente, todo sem jeito. - Quer dizer, eu... nós...

Rio alto. Não preciso que ele me conte seu sonho. Só de saber que Kieran sonha coisas boas comigo já vale meu dia.

- Tudo bem - digo. - Não precisa contar.

Ele mexe no cabelo, acanhado.

- Contarei um dia desses. Assim que recobrar minha dignidade - ele ri, sacudindo a cabeça. Depois olha para mim. - Prometo.

Quando Kieran vai embora, sinto um estranho vazio, como se alguém estivesse faltando em casa. E logo fico realmente só: papai decide ir à prefeitura para uma reunião e madame Daisy vai ao mercado central com uma das criadas. Reidi e Vega sem dúvida estão ocupadas com os preparativos para a noite de música. Não me resta nada a fazer a não ser pedir à uma criada que prepare um bom chocolate quente e passar o restante do dia diante da lareira com lady Lana.

Capítulo 9

Quando Trudy, uma das criadas, sacode meu ombro, assustando-me, percebo que dormi no sofá da sala de estar durante duas horas. Olha para ela, confusa, e esfrego os olhos. A lareira ainda está acesa e minha caneca de chocolate quente está vazia, caída no tapete.

- Trudy... - bocejo. - Você me assustou. Que horas são?

Ela recolhe a caneca do chão.

- É quase hora do almoço, senhorita. Achei que ia querer estar acordada.

Esfrego os olhos mais uma vez. Meu vestido está amassado.

- Obrigada - digo. - Meu pai já está em casa?

- Não retornou ainda, senhorita. Ele mandou um mensageiro avisar que só volta mais tarde.

Franzo a testa. A reunião devia ser bastante importante para tirar papai de casa em pleno sábado.

- Há uma visita esperando pela senhorita lá fora - Trudy diz, um tanto tímida. Ela é jovem demais para servir e me pergunto se papai me deixaria ensiná-la a ler e escrever algum dia. Toda garota deve saber ler e escrever.

- Desculpe, quem?

Ela dá de ombros.

- É um rapaz, senhorita.

Coloco-me de pé, ajeitando a saia do vestido.

- Kieran?

Trudy franze a testa e enrola os dedos no avental.

- Não, senhorita. Eu nunca o vi por aqui antes. Ele insiste em falar com o responsável pela casa e como o senhor seu pai está ausente, chamei a senhorita.

Respiro fundo. Este é um dos momentos em que preciso agir com maturidade suficiente para provar a papai e a mim mesma que sou perfeitamente capaz de ir à metrópole.

- Muito bem. Diga a ele que vou recebê-lo.

Trudy morde o lábio.

- Não deveria pedir a Kai que converse com o jovem senhor primeiro, senhorita? Por segurança?

Kai é o braço direito de papai aqui em casa. Ele cuida de tudo enquanto papai está fora resolvendo os assuntos de Liriel. Eu sempre o considerei um mordomo.

- Kai está aqui? - arqueio as sobrancelhas. - Ele disse que iria a Dunbraus essa semana.

- Ele chegou há pouco tempo, senhorita.

- Certo, certo. Chame Kai e peça que ele me acompanhe até o portão.

Trudy faz o que pedi. Cumprimento Kai com alegria e digo a ele que há alguém esperando para ser recebido. Vamos ao portão alto de ferro e nos deparamos com um rapaz alto, esguio e de cabelos avermelhados num tom mais escuro que os meus. Ele está elegantemente vestido e assim que nos vê, tira o chapéu e o coloca debaixo do braço.

- Bom dia, senhor - diz Kai, cruzando as mãos sobre sua barriga protuberante. - Como podemos ajudá-lo?

- Olá, senhor - ele olha para mim e parece desnorteado por um ou dois segundos - e senhorita. Meu nome é Klaus Jaeger e venho do Sul a pedido de meu tio para tratar de assuntos com o duque de Liriel.

Kai resmunga.

- Duque de Liriel?

- Exato. Desejo ver o duque Agdar - o rapaz sorri, simpático.

- Meu pai não é um duque, senhor - eu digo. - Aqui ele governa como prefeito.

O jovem senhor Klaus olha para mim e arqueia as sobrancelhas.

- Prefeito? Bem... De qualquer maneira, é importante que eu fale com ele. Meu tio deveria estar aqui, mas houve um acidente que o impediu de viajar. Acabo de chegar a Liriel e gostaria de voltar para casa o quanto antes possível.

- Lamento, senhor Klaus, mas no momento o prefeito Agdar está em uma reunião importantíssima na prefeitura - diz Kai, um tanto ríspido. - Queira ter a bondade de retornar numa outra ocasião.

- Eu... entendo - responde o jovem senhor, baixando os olhos para as pedras da calçada.

Olho para Kai, de testa franzida. O assunto sobre qual o senhor Klaus tem a tratar parece importante demais para adiar. Como uma filha responsável, devo cuidar do assunto em nome do meu pai até que ele esteja presente para resolver por ele mesmo.

- Na verdade - digo -, o senhor não gostaria de aguardar aqui conosco até que meu pai chegue? Deve estar exausto da viagem...

O semblante do senhor Klaus se ilumina, mas ele parece hesitante. Sinto os olhos de Kai pesando sobre mim, mas eu o ignoro.

- Adoraria, senhorita. Mas não devo incomodá-la quando meu único objetivo é discutir negócios com seu pai.

Dou um passo em sua direção.

- Oh, mas não será incômodo algum.

- Entenda, senhorita, o senhor Klaus deve ter muitos assuntos a tratar - intervém Kai, forçando um sorriso.

- Ele pode tratar de seus assuntos mais tarde - dou de ombros.

- Sinto-me honrado - senhor Klaus faz uma reverência com a cabeça, sorrindo.

Gosto de olhar para ele. É bonito de uma maneira até comum, mas sua postura e seus trejeitos o fazem parecer nobre. E eu jamais deixaria alguém sair de minha casa decepcionado. Madame Daisy sempre diz que devemos atender os visitantes como se fossem membros da própria família real.

O senhor Klaus, Kai e eu entramos e somos recebidos por Layla no hall. Ela recolhe o casaco e o chapéu de senhor Klaus, e eu o convido a se sentar na sala de estar. Kai permanece o tempo todo ao meu lado, como um cão de guarda pronto a dar o bote a qualquer momento. Não sei por que motivo ele está se comportando desse jeito.

- Diga-me, senhor Klaus, como é o lugar de onde o senhor vem? - pergunto, ignorando propositalmente a presença de Kai. Sento-me numa poltrona ao lado da lareira.

- Por favor, cara senhorita, chame-me apenas de Klaus - diz ele, sentando-se no sofá que fica de frente para mim.

- Oh, como quiser - rio. - Meu nome é Anna.

- É um prazer conhecê-la.

- Igualmente.

Klaus dá uma rápida olhadela para Kai, que está parado feito um pilar ao meu lado, e tenta sorrir.

- O Sul - diz Klaus, ansioso por preencher o silêncio com algum assunto. - É um lugar maravilhoso, senhorita Anna. Um conjunto de cinco ilhas paradisíacas das quais meu próprio pai é herdeiro.

- É mesmo? - arregalo os olhos.

- Sim, tudo lá é fascinante.

Imagino-me visitando o Sul com Kieran daqui a uns anos.

Trudy de repente irrompe na sala de estar, sorrindo.

- O almoço está na mesa.

- Oh, maravilha - digo.

Seguro minha saia quando me coloco de pé e quase tropeço. Kai me apoia pelo cotovelo e me lança um olhar zangado. Não entendo o que há de errado com ele hoje. Kai sempre está sorridente e é uma das pessoas mais gentis e simpáticas que conheço. Teremos que conversar sobre isso depois.

Klaus também se coloca de pé e eu peço que ele me siga em direção à sala de jantar. Kai não deixa meu lado por nem um segundo.

- Permita-me dizer que tem uma casa adorável, senhorita Anna - diz Klaus, observando o teto e os batentes das portas cheios de detalhes. Mamãe sempre cuidou para que nossa casa fosse a mais bonita da cidade e quem ficou encarregada de manter tudo assim depois que ela se foi, foi madame Daisy. Minha casa é mesmo muito bonita.

- É bondade sua dizer isso - respondo e logo chegamos à sala.

O almoço corre muito calmamente e Klaus conta a mim e a Kai sobre sua viagem até aqui, sobre alguns costumes do Sul e sobre sua família grande e conflituosa. Ele tem dois irmãos mais velhos que vivem brigando pela herança do pai.

- Não gosto de ver como os membros da minha família tratam uns aos outros - diz ele, como se fosse um desabafo, uma confissão. - Às vezes desejo que toda a herança seja, de alguma forma, revertida a outra família.

Arregalo os olhos.

- Verdade? Mas... mas isso o privaria de todos os privilégios que tem.

Ele foca os olhos esverdeados em mim e suspira.

- Sim, eu sei. Mas tudo o que quero é ter uma família, senhorita. Uma família da qual eu possa me orgulhar. - Ele me fita com intensidade. - E eu faria qualquer coisa para conseguir isso.

Baixo os olhos para meu prato já vazio. Não sei o que dizer. Após o falecimento de mamãe, minha família resume-se em papai, madame Daisy, Kai e as criadas. Não sei o que é ter irmãos ou ter tios próximos. No entanto, a maneira com que Klaus fala sobre a família dele me faz valorizar muito mais as

pessoas que tenho aqui.

- Desculpe-me se a aborreci - Klaus estica a mão para tocar a minha.

Estremeço. Tiro minha mão de debaixo da dele suavemente, para não ofendê-lo. Não quero ser tocada por outro rapaz que não seja Kieran. Eu sou praticamente dele agora. É errado desviar-me disso.

- Está tudo bem, senhor - sorrio.

Kai suspira, sentado ao meu lado, e olha para o relógio de parede.

- Vejam só, como a hora voa, não é mesmo? - ele se levanta. - A senhorita não deveria preparar-se para o evento desta noite, senhorita Anna?

Cubro a boca com a mão. Como pude me esquecer? É noite de música na praça!

- Oh, bem lembrado, Kai - levanto-me, trôpega. Então olho para Klaus, que parece constrangido. - Lamento a pressa, senhor Klaus, mas tenho um compromisso muito importante esta noite e preciso me preparar.

Ele sorri.

- Por acaso é a noite de música e dança da qual todos na vila estão falando?

Sorrio de volta, empolgada.

- Exatamente!

- Mas essa é uma feliz coincidência, senhorita Anna - Klaus afasta a cadeira e coloca-se de pé.

- Coincidência?

- Sim. Pois eu estava mesmo pensando em convidá-la para me acompanhar - ele ri e seu riso é musical.

- Oh.

Olho para Kai, que parece prestes a explodir de raiva.

- Mas - diz Klaus, fazendo-me voltar a encará-lo -, talvez a senhorita já tenha um acompanhante.

- Não - digo impulsivamente. - Eu... não tenho.

Klaus sorri calorosamente e aproxima-se de mim, pegando minha mão e levando-a suavemente aos seus lábios.

- Agora já tem. Venho apanhá-la às seis com minha carruagem.

Capítulo 10

Não consigo escapar do educado convite do senhor Klaus. Ele parece tão cortês e simpático que simplesmente não posso dizer não. Além do mais, eu realmente não tenho um par e não quero ir à noite de música sozinha. E talvez Reidi e Vega gostem de ser apresentadas a meu novo amigo.

- Bem... - meus lábios estão secos -, não posso recusar tal convite, senhor.

Klaus abre um sorriso radiante e seus olhos faíscam.

- Fico feliz por aceitar. Vejo a senhorita mais tarde, então?

- Certamente.

Ele beija minha mão e eu o deixo na companhia de Kai. Quando já não posso ser vista nem ouvida, ergo minha saia e corro escadaria acima, tropeçando uma ou duas vezes. Preciso encontrar o vestido perfeito para esta noite e isso levará algum tempo, pois madame Daisy não está aqui para me ajudar.

Assim que entro em meu quarto, encontro lady Lana em minha cesta de costura, toda embolada em novelos, linhas e retalhos.

- Ora, vejam só - rio, pegando-a em meus braços. - Não posso deixar você sozinha nem por um momento sem que vire minhas coisas ao avesso?

Ela ronrona e salta para o chão, correndo a deitar-se em minha cama. Gata preguiçosa.

- Muito bem, milady, já que não vai me ajudar a encontrar um vestido, terei que fazer tudo sozinha.

Abro meu imenso guarda-roupa abarrotado de vestidos de passeios e de festas e vestidos comuns. Madame Daisy sempre diz que uma boa moça mantém suas vestes sempre muito bem organizadas e aqui está tudo em seu devido lugar, mas mesmo assim parece uma bagunça. Mal sei por onde começar.

Ouço três batidas na porta e viro-me para ver quem é.

- Parece ocupada, Anna.

Devolvo o vestido que havia acabado de tirar do guarda-roupa e olho para ele.

- Procuro um vestido bonito - digo.

- Está certa disso tudo?

- Disso tudo o quê?

Kai suspira.

- Seu pai chegou agora mesmo. Está conversando com o senhor Klaus no escritório e não parece nada contente em vê-lo.

Franzo a testa.

- Por que não?

- Tentei fazer com que entendesse, Anna. A família de Klaus é do Sul e não tem um histórico muito bom. São todos trapaceiros e oportunistas, sempre

preparando-se para conquistar o que não lhes pertence.
- Mas o senhor Klaus é tão gentil, Kai... Tenho certeza disso. Você ouviu o que ele disse...
Ele revira os olhos.
- É apenas uma fachada, Anna. Deve ser mais esperta daqui em diante quando fizer parte da sociedade de verdade.
Estou confusa.
- O que isso quer dizer?
- Quer dizer que nem todos que sorriem, dizem palavras agradáveis e lhe dão presentes são boas pessoas. Deve ser cautelosa o tempo todo.
Crispo os lábios. Kai está usando aquele tom condescendente comigo, como se eu fosse uma criança recebendo um sermão.
- Deixe-me sozinha - peço e meu pedido soa como uma ordem fria. - Preciso me arrumar.
- Anna... - ele dá um passo em minha direção, a mão estendida.
- Não, Kai.
Não vou permitir que ele me trate como uma menina ingênua que não sabe nada da vida. Tomarei minhas próprias decisões, seguindo minha intuição. E, agora, ela diz que Klaus não é mau como sua família. Ele mesmo disse que queria uma chance de mudá-los para melhor. Acredito nele.
Kai crispa os lábios e sai, fechando a porta atrás de si. Suspiro e olho para lady Lana.
- Quando todos nessa casa irão parar de me tratar como criança?
Desabo ao lado de minha gata na cama e fito e teto branco. De repente, estou pensando em Kieran. O que ele diria se soubesse que vou à noite de música acompanhada do senhor Klaus? Aprovaria? Diria o mesmo que Kai? Sentiria ciúmes?
Tento imaginar o rosto de Kieran enciumado. Não consigo. Mamãe sempre dizia que ciúmes não é uma coisa muito boa e só consigo ver o bem em Kieran. Queria que ele estivesse aqui agora, nem que ficássemos em silêncio olhando um para o outro.
***
Ajeito minha franja pela quarta vez. São quase seis horas e meus dedos tremem. Optei por um vestido de mangas fofas, verde e branco, bem rodado.
Prendi o cabelo em um coque trançado com fitas brancas e vesti luvas de renda.
- Está exuberante, Anna - diz madame Daisy, contente com minha escolha de roupa.
- O-obrigada.
Estamos na sala de estar, esperando que meu acompanhante venha me buscar. Papai não gostou nada quando eu contei com quem iria à praça, mas não me proibiu. Madame Daisy não se importou, desde que eu estivesse apresentável.

- Algum último conselho? - pergunto a ela, olhando para minha mãos entrelaçadas.
Daisy afaga meu ombro. Ela sabe ser amável às vezes.
- A senhorita não deve ficar nervosa. Está estragando tudo - madame ri.
- Não estou nervosa - rebato.
Trudy chega correndo na sala de estar. Seu sorriso é animador.
- O senhor Klaus acaba de chegar, senhorita.
Levanto-me do sofá e ajeito a franja outra vez.
- Oh, certo. Certo. Meu casaco, por favor.
Despeço-me de papai, madame Daisy e sou acompanhada por Kai até a carruagem do senhor Hans. Ele salta do veículo, altivo e bonito e estende a mão para mim, ajudando-me a subir.
- Está deslumbrante, senhorita Anna.
- Obrigada - digo. - O senhor está bastante elegante.
Ele sorri e eu adentro a carruagem. Aqui dentro tudo cheira a hortelã e licor e o interior é forrado em veludo vermelho. A neve não tomou toda a estrada, então não demoraremos a chegar. Klaus diz algumas palavras para Kai e entra na carruagem também, sentando-se de frente para mim. Está usando meio-fraque e os cabelos avermelhados estão penteados para trás.
- É meu primeiro evento em Liriel - ele diz, quando a carruagem começa a andar. - É empolgante.
- O senhor vai adorar a noite de música. É uma tradição antiga e muito divertida.
Klaus dá um meio sorriso.
- Tenho certeza que sim.
A neve deixa toda a vila encantadora nesse pôr do sol e eu mal posso esperar para ouvir o som de violinos, gaitas e liras e pés dançantes. Mesmo no inverno, o povo de Liriel não dispensa uma boa festa.
- Mal posso acreditar em minha sorte - diz Klaus, de repente. - Ter a senhorita como acompanhante é definitivamente uma dádiva.
Dou risada, sem graça.
E então resolvo contar-lhe a verdade.
- Na verdade, eu teria um acompanhante... se meu noivo não estivesse ocupado esta noite.
O sorriso de Klaus desaparece e suas sobrancelhas arqueiam-se.
- A senhorita... está noiva?
Mordo o lábio.
- Pensei que o senhor soubesse.
Ele dá um sorriso sem graça e olha pela janela. Parece desconcertado. E a culpa é toda minha. Agora que estou aqui, não sei se tudo isso parece uma boa ideia.
- Que é o felizardo? - Klaus ri, sem realmente me encarar.

- Kieran Bjorgman - digo, orgulhosa.
A cor some do rosto de Klaus e ele fica boquiaberto por um ou dois segundos.
Remexo minhas mãos, nervosa.
- Bjorgman? - ele sibila, parecendo falar consigo mesmo.
Olho de relance pela janela e vejo que já estamos chegando.
- Anna.
Olho para Klaus, surpresa com o tom íntimo como ele diz meu nome.
- Sim?
- Os Bjorgman... você não sabe, não é?
Franzo a testa.
- O que eu não sei?
- Sobre a fama que essa família carrega consigo - Klaus crispa os olhos, como se o que diz o estivesse causando dor. - O senhor Bjorgman já casou-se cinco vezes, todas elas por dinheiro e interesses. Todas as suas esposas faleceram de causas misteriosas. A esposa atual, Amélia, foi a única a dar-lhe um herdeiro e por isso ele a mantém consigo. Agora, ambos querem usar o próprio filho para enriquecer ainda mais a família. E ele, o seu noivo, seguirá o mesmo caminho que o pai...
- Não - dou um sorriso desconcertado. - Kieran não é assim. Os Bjorgman não são assim.
Klaus suspira.
- É o que dizem os rumores. Mas, bem, a senhorita os conhece muito melhor do que eu, não é mesmo?
Engulo em seco e assinto devagar. É claro que esses rumores não condizem com a verdade. Klaus está muito mal informado. Kieran é um bom homem e seus pais são ótimas pessoas.
Certo?

Capítulo 11

A música me atinge antes mesmo que eu desça da carruagem. Klaus me oferece o braço e eu o aceito mais por educação do que por vontade própria. Ainda estou desconfortável com o que ele disse a respeito de Kieran e dos Bjorgman, o suficiente para cogitar dar meia volta e retornar à minha casa. Mas então avisto Vega dançando alegremente com um rapaz de cabelos escuros e ela acena para mim, aproximando-se.

- Anna! Você veio! - ela lança os braços ao meu redor, gargalhando.

- Não perderia por nada - digo quando ela se afasta para me olhar. - Este é o senhor Klaus, do Sul. Ele está me acompanhando esta noite. Senhor Klaus, esta é minha amiga, Vega.

Os olhos azuis de Vega saltam de mim para Klaus e suas bochechas ficam vermelhas quando ele a cumprimenta com um beijo nas costas da mão. Outra música começa a tocar e Vega bate palmas.

- Oh, minha música favorita! - exclama ela. - Vou dançar com o senhor Condor e depois nos falamos, tudo bem?

Sorrio.

- Claro, vá em frente.

Ela agarra a saia e perambula pela praça à procura de seu parceiro de dança. Klaus suspira ao meu lado e eu olho para ele. A expressão em seu rosto é maravilhada e ele parece bem mais bonito à luz das lanternas da praça. Quando me pega encarando-o, não consigo evitar ficar constrangida.

- Gostaria de dançar, senhorita Anna? - Klaus pergunta baixinho, inclinando-se o suficiente para que eu sinta sua respiração em meu pescoço.

Uma boa moça nunca recusa o convite educado de um cavalheiro para uma dança, diria madame Daisy, se estivesse aqui.

- Eu adoraria - sorrio.

Klaus me conduz ao centro da praça, onde outros casais deslizam ao ritmo dos violinos, trompetes e tubas. Nós nos posicionamos um bem perto do outro e começamos a dançar suavemente. Após conhecer Kieran, tive certeza de que nossa primeira valsa seria hoje, na noite de música e que tomaríamos conta do lugar, dançando apaixonadamente até os primeiros raios do sol surgirem no horizonte. Infelizmente, ele teve assuntos mais importantes a tratar do que estar aqui comigo e, mesmo que eu compreenda perfeitamente seus motivos, ainda me sinto chateada.

- No que está pensando? - pergunta Klaus, o rosto a pouca distância do meu. Solto um suspiro ansioso. Ele provavelmente sente meu coração batendo descontroladamente. Preciso me acalmar, preciso me acalmar...

- Estou... estou pensando em como estou me divertindo - digo, sorrindo amarelo.
Klaus me gira no ritmo da música e volta a me envolver em seus braços.
- Isso me deixa feliz - diz ele. - A senhorita é uma dama adorável.
Dou risada um pouco alto demais.
- Acha engraçado meu elogio? - Klaus pergunta, sorrindo.
- O senhor é a primeira pessoa e me chamar de dama.
Ele arqueia as sobrancelhas.
- Jura?
Assinto.
- Papai, madame Daisy e minhas amigas não acham que sou madura o suficiente para ser chamada de dama - reviro os olhos. - Principalmente madame Daisy. Ela diz que me comporto como uma garota comum, que não respeito as regras da etiqueta e que fico tagarelando sobre coisas fúteis, o que eu acho completamente injusto. Por falar nisso, por que as jovens não podem tomar as próprias decisões sobre o que acham certo e errado? Por que sempre têm que seguir regras enquanto os rapazes fazem o que querem sem consequências e sem...
Congelo, arregalando os olhos. Estou falando demais. Tagarelando demais.
Olho para Klaus, esperando ver a desaprovação estampada em seu rosto, mas ele parece apenas intrigado, curioso sobre o que tenho a dizer.
- Oh - ele diz -, continue. Estou ouvindo.
Estou ouvindo. Ele está me ouvindo. Sem críticas, sem revirar de olhos, sem julgamentos. Não consigo conter um sorriso largo.
- Já falei demais - dou risada, sacudindo a cabeça. - Acho que devemos nos concentrar em dançar agora.
Ele ri e me gira novamente. Dessa vez, quando retorno aos seus braços, Klaus me aperta contra seu peito e eu prendo a respiração, encontrando seus olhos.
Errado, errado, errado.
A música termina e nós nos afastamos. Minhas mãos estão trêmulas.
- Algo errado? - Klaus pergunta.
Tudo.
- Não, não... - murmuro. - Eu só...
- Anna! - ouço uma voz feminina chamar. Viro-me e vejo Reidi caminhando em nossa direção. A surpresa toma seu semblante assim que ela vê Klaus. - Anna, minha amiga.
Eu a abraço. Meu coração parece prestes a sair pela boca.
- Como você está? - pergunto.
- Acabo de chegar - ela sorri e então olha de soslaio para Klaus. - Humm...
Posso falar com você a sós por um momento, Anna?
- Eu... - olho para Klaus.

- Oh, vá - ele incentiva. - Vou dar uma palavra com o banqueiro, ele é amigo de meu pai. Vejo a senhorita logo mais.
- Certo - digo.
Reidi me arrasta para um canto afastado do centro da praça, onde casais recomeçam a dançar. Os olhos castanhos de minha amiga brilham, severos.
- Quem é esse senhor, Anna? - ela indaga, soando acusadora. - Por que está aqui com ele?
- Não é nada demais, certo? Ele veio tratar de negócios com meu pai e se ofereceu para me acompanhar à noite de música. Qual o problema nisso? - ergo o queixo, irritada.
Ela fica furiosa.
- Qual o problema nisso? Anna, onde está seu noivo? As pessoas estão comentando!
Baixo os olhos. Não quero dizer em voz alta que fui trocada pelos negócios da família dele. É vergonhoso.
- Kieran... está ocupado - respondo. - Eu não queria ficar sozinha e aceitei o convite do senhor Klaus. Ele é só um amigo!
Reidi me segura pelos ombros.
- Ele pode até ser só isso mesmo para você, mas não para o restante da vila. Estão achando que você é uma oferecida, Anna. Fica noiva de um homem num dia e acompanha outro à uma festa pública! Admita que isso não soa bem.
Franzo a testa e desvencilho-me de Reidi.
- Pois deixem que digam o que quiserem. Eu não me importo.
- Você não, mas e quanto a Kieran? - ela arqueia as sobrancelhas. - Já pensou em como ele vai se sentir quando essa história chegar aos ouvidos dele? Que a noiva dele estava nos braços de outro homem na frente de toda Liriel?
- Já chega! - Dou as costas a ela e volto ao centro da praça.
Reidi está sendo ridícula, soando igualzinha a madame Daisy. Klaus e eu não estamos fazendo nada de errado. Estamos?
Não consigo encontrá-lo em lugar algum, por mais que eu procure entre os banqueiros e comerciantes que reúnem-se para conversar. Klaus deve estar procurando por mim também, por isso paro de perambular e sento-me num dos bancos da praça mais afastados da agitação da festa.
Será que eu estou fazendo algo errado? Será que devia ter ficado em casa, esperando que Kieran viesse me visitar após terminar de resolver seus assuntos? Será que Reidi está certa?
Não. Klaus é apenas um amigo e...
Uma mão me puxa pelos ombros, conduzindo-me até as árvores pouco iluminadas da praça. A festa de repente parece distante, insignificante. Apesar de assustada, não grito. É tudo muito repentino para que eu possa sequer pensar em emitir qualquer som. Então, a pessoa que me puxou vira-me para olhar-me

e eu prendo a respiração, sentindo meu coração acelerar e reconhecendo aquele rosto em meio as sombras.
Kieran.

Capítulo 12

- Kieran? - arquejo, encarando-o. Seus cabelos louros parecem cinzentos à penumbra. - O que faz aqui?

Ele segura minha mão e uma onda de calor atravessa todo o meu corpo, fazendo-me perceber o quanto estive com frio desde que saí de casa. Aperto seus dedos levemente.

- Fui até sua casa agora a pouco - diz ele, quase sussurrando. Sua voz parece rouca, trêmula. - O senhor seu pai me disse que você estaria aqui, então eu vim buscá-la.

- Buscar-me?

Kieran ri e algo em meu peito se derrete. Quero que ele ria outra vez e que corra seus dedos por meu rosto. Quero-o mais perto.

- Tenho uma surpresa, Anna.

Arqueio as sobrancelhas.

- Uma surpresa? Para mim?

- Basicamente - ele confirma. - Vem comigo?

Estou prestes a desaparecer pelas árvores com Kieran, mas algo me detém. Klaus deve estar na praça, à minha procura, imaginando onde raios eu me meti. Não é certo deixá-lo me esperando feito um bobo.

- Eu... preciso fazer uma coisinha antes - digo a Kieran, apoiando uma mão em seu ombro. - Por favor, espere aqui. Estarei de volta em dois tempos.

Ele confirma com a cabeça, sem sorrir e sem dizer nada. Agarro minha saia e saio a longas passadas em direção a praça, procurando pela cabeça ruiva de Klaus. Ele, porém, não está em lugar algum. Estou prestes a voltar para as árvores e para Kieran, quando uma carruagem belíssima para e todos - inclusive eu - a encaram, admirados.

Cubro os lábios, completamente chocada, quando é Kieran quem desce dela. Seus olhos percorrem toda a praça, ávidos por encontrar algo. Quando pousam

em mim, finalmente, sua testa enche-se de vincos e ele caminha até mim com ar decidido.

Mas o que Kieran está fazendo naquela carruagem se eu o deixei ali atrás há menos de dois minutos?

As pessoas abrem passagem para ele e, quando finalmente está a dois passos de mim, vejo algo que deixa seu semblante sombrio: preocupação.

- Kieran? - sibilo, totalmente confusa. - Como... como você...?

Ele fecha os olhos e respira fundo, como se tentasse ficar calmo.

- Onde ele está? - Kieran pergunta, de modo que só eu posso ouvir.

- Quem? - minha voz estremece.

- Príncipe Klaus, do Sul. O homem que a trouxe para cá.

Quero cobrir meu rosto e me esconder em minha saia. Reidi estava certa, eu não devia ter vindo, não devia ter saído de casa acompanhada de um homem que não é meu noivo. Kieran parece furioso. E Klaus é um príncipe?

- Eu... Kieran, e-eu... - gaguejo.

Ele segura minha mão e me trás para mais perto dele. Pega de surpresa, não posso evitar corar.

- Pensei que estivesse machucada - Kieran sussurra, os olhos vidrados nos meus. Minha testa roça seu queixo e eu fecho os olhos. - Onde estava com a cabeça, Anna?

Não há acusação ou raiva em sua voz, apesar de sua expressão estar dura e fechada.

- Kieran, me desculpe - sussurro de volta. - Não achei que haveria problema se um dos senhores que negociam com papai me acompanhasse à noite de música... já que você não podia.

Ele suspira.

- Precisamos conversar sobre isso, mas não aqui.

Assinto, totalmente de acordo. Mas então me lembro de algo que ele disse.

- E a surpresa? - pergunto.

A testa de Kieran enche-se de vincos.

- Que surpresa, Anna?

Afasto-me dele para olhá-lo.

- A surpresa que você acabou de dizer que queria me mostrar, ora - sorrio. - Ali atrás, nas árvores.

- Anna, eu acabei de chegar. Não me viu descer da carruagem agora mesmo?

Sinto algo frio agitar-se dentro de mim. Então não era Kieran nas árvores. Definitivamente não era Kieran nas árvores. Mas... era ele. O mesmo rosto, a mesma voz, os mesmos olhos cálidos. Se aquele não era Kieran, quem era, então?

- Venha, Anna, vou levá-la para casa. Você não parece bem.

Kieran passa o braço por meus ombros de maneira protetora e enquanto caminhamos em direção a carruagem, continua percorrendo a praça com os olhos, procurando algo. Ou alguém.

Minha mente está dando voltas e voltas para tentar entender o que realmente está acontecendo. Se Kieran, o meu Kieran, meu noivo, está aqui comigo agora, quem era aquele encoberto pelas sombras? Se eu tivesse ido com ele ver a "surpresa", onde estaria agora? Como... como ele podia ser tão parecido com o verdadeiro Kieran?

- Anna, o que há de errado? - Kieran pergunta, assim que nos acomodamos na carruagem. Ao contrário de Klaus, ele se senta ao meu lado e não tira os olhos do meu rosto. Esse é o verdadeiro Kieran.

- Eu... não sei. Algo muito estranho aconteceu...

- Foi Klaus? Ele a aborreceu?

Encaro Kieran. A carruagem começa a andar.

- Vocês dois já se conhecem, não é mesmo? - pergunto, esfregando as mãos. - Conte-me.

Kieran suspira e olha pela janela. Pequenos flocos de neve começam a cair.

- Minha família e a de Klaus têm uma antiga rixa causada pelo casamento dos meus avós - diz ele.

- Verdade?

Kieran assente.

- Minha avó deveria se casar com o avô de Klaus para unificar as riquezas. No entanto, ela conheceu outro homem, por quem se apaixonou e com quem fugiu uma semana antes do casamento. Toda a família das Ilhas do Sul ficou perplexa e sentiu-se traída por minha família. Foi aí que a rixa começou.

- E quanto a sua avó? - pergunto.

- O que tem ela? - ele franze a testa.

- Ela... ela não tentou apaziguar as coisas? Explicar o motivo pelo qual fugiu com outro homem?

- Sim, ela tentou - Kieran suspira. - Retornou à casa dos Bjorgman em Trollstone e contou tudo aos pais, apresentando o novo marido a eles.

- E os pais dela aceitaram?

- Sim, sim - Kieran assente. - O homem escolhido pela minha avó mostrou-se muito mais íntegro e honesto do que o antigo noivo dela. Só que...

- Só que a família do avô de Klaus ainda guardava rancor, certo? - eu deduzo. Klaus citou o nome dos Bjorgman com uma raiva que não parecia pertencer a ele, realmente.

Kieran confirma. Seguro sua mão, imaginando o que minha saída com Klaus deve ter significado para ele, levando em conta toda essa história do passado

das famílias dos dois. Será que ele pensou que eu o trocaria, como fez sua avó com o noivo dela? Será que ele não vê o quanto eu quero estar com ele e somente com ele?

- Você está bem com tudo isso? - pergunto. - Porque, sabe... eu não vou a lugar algum... se é com isso que está preocupado - baixo os olhos, sem graça. - Não vou deixá-lo.

Os olhos de Kieran encontram os meus. Ele afaga meu ombro com a mão que não estou segurando e seus dedos traçam uma trilha de carícias até chegarem ao meu rosto. Inclinamos-nos um para o outro, nossas testas se tocando.

- Eu confio em você - ele sussurra. - Confio em você de todo o meu coração.

Solto uma risadinha e meu coração dispara.

- Também confio em você, Kieran.

- Queria ter permissão para beijá-la agora - ele sussurra.

Olho para ele e não consigo conter um sorriso. Sinto meu rosto corar e minhas mãos suam.

- Você tem.

Kieran se aproxima de mim bem lentamente. Seus dedos tocam meu rosto de modo suave, como se ainda me pedissem permissão para se aproximar, e ele apoia a testa na minha. Então me dá o mais terno dos beijos, tão doce e gentil que faz meu coração acelerar ainda mais. Fecho meus olhos e me sinto flutuando. Posso sentir o quanto ele gosta de mim. Está no modo como me olha, no toque de seus dedos, no calor de sua pele e em seus lábios. E, nesse instante, eu passo a gostar verdadeiramente de Kieran. Acho que ele é tudo o que eu preciso para ser feliz.

Nosso doce primeiro beijo é interrompido por um solavanco da carruagem que nos faz bater as cabeças no teto ao mesmo tempo. Kieran olha para mim e eu olho para ele.

E nós choramos de tanto gargalhar.

Capítulo 13

Espreguiço-me nos lençóis de minha cama e levanto-me, assustada. Já é de manhã? Afasto as cobertas e olho para o que estou vestindo. Estou de camisola. Mal me lembro de nada da noite anterior até ser atingida pelo flash de memória do beijo de Kieran.

O beijo de Kieran.

- Oh, céus - cubro meus lábios, sorrindo até as bochechas arderem.

Aquilo foi real? Aquele beijo na carruagem realmente aconteceu?

Salto da cama e corro até a janela. Está nevando mais forte do que ontem e anteontem, o que é estranho, pois estamos às vésperas da primavera. Procuro pela carruagem dos Bjorgman no portão, mas não a vejo em canto algum. Queria que Kieran estivesse aqui para me dizer que o que aconteceu ontem não foi apenas fruto de minha imaginação, que nós realmente trocamos um beijo.

E não foi um simples beijo, penso, sentindo o corpo todo esquentar. A mera lembrança dos dedos de Kieran em meu rosto é suficiente para me provocar arrepios e me fazer dar risadinhas bobas.

Visto meu roupão de veludo e corro escada abaixo, à procura de meu pai.

- Anna! - esbraveja madame Daisy no corredor, de modo irritado. - Você não é mais uma garotinha, não corra pela casa!

Encontro papai lendo documentos na sala de estar, junto à lareira.

- Bom dia, papai - abraço-o pelos ombros, cobrindo seu rosto com meus cabelos vermelhos.

Ele ri, mas parece exausto.

- Olá, raio de sol.

- Parece cansado - sento-me no sofá, de frente para sua poltrona.

Papai suspira.

- Ossos do ofício, querida.

Baixo meus olhos para as minhas mãos sobre o colo.

- Receberemos alguma visita hoje?

Papai me encara com um sorriso zombeteiro nos lábios. Ele parece mais jovem quando está brincalhão.

- Oh, Anna, isso soaria melhor se você admitisse que com "alguma visita" quer dizer "Kieran".

Sinto-me corar.

- Bem... - reviro os olhos.

Papai ri.

- Não sei ao certo se ele virá hoje. Mas vocês dois pareciam bem íntimos ontem - ele arqueia as sobrancelhas. - Espero não ter que me preocupar, Anna.

Levanto-me como se tivesse levado um choque.
- Papai! Kieran é um homem honrado.
Meu pai cruza os braços.
- Não é com Kieran que me preocupo.
Antes que eu possa responder, madame Daisy irrompe na sala.
- Anna! Oh, o que farei com você, menina? - ela apoia as mãos nos quadris. - Ande, precisa se preparar.
- Me preparar para quê?
Madame lança as mãos para cima, exasperada.
- Oh! O que seria de você sem mim! - exclama. - Hoje é aniversário da senhorita Reidi, não se lembra?
- Reidi? Como pude esquecer...?
Papai dá risada.
- Precisamos ir à boutique comprar um presente maravilhoso para ela - diz madame. - Por isso, venha. Precisa se aprontar.
***
A vendedora nos atende de modo especial, pois sabe de quem eu sou filha. Todos em Liriel sabem e, por mais que eu tente ser tratada como qualquer aldeão, não adianta. Todos sempre querem agradar o prefeito.
Escolho para Reidi um belo vestido perolado e um lenço de cetim que ela vinha namorando há algumas semanas na vitrine. Peço que embrulhem e entreguem na casa dela juntamente com um cartão no qual escrevi minhas felicitações. Ela vai ficar alegre.
- Não vai acreditar no que a confeiteira me disse hoje, quando fui comprar pães - murmura madame Daisy, enquanto caminhamos pelas ruas de paralelepípedos de Liriel.
Como a curiosa incurável que sou, não posso deixar de perguntar:
- O quê?
- Sabe a filha do cobrador de impostos?
- Mathilde?
- Não, a mais nova. Aquela, a baixinha.
Franzo a testa até lembrar o nome da moça.
- Oh, sim. Martha. O que tem ela?
- Acredita que a sem vergonhazinha saiu para um passeio um senhor durante a noite de música e só voltou agora pela manhã?
Arregalo os olhos. Não posso acreditar. Que escândalo.
- O quê?
- Foi o que eu ouvi. E não é só isso... - madame Daisy olha ao redor, como se temesse que alguém pudesse escutá-la. - Dizem que esse senhor é o mesmo que a levou para passear ontem à noite, aquele senhor Klaus...
- O quê? - indago ainda mais baixo, chocada.

Madame me encara.
- Isso mesmo, Anna.
- Mas... o senhor Klaus... ele é um...
- Um oportunista, sem dúvida! Onde já se viu! Uma dama sair com um rapaz na calada da noite sabe-se lá para onde, para fazer sabe-se lá o que...!
Então foi por isso que não encontrei Klaus ontem à noite. Ele se envolveu com uma das filhas do cobrador e saiu de cena com a moça. Seria ele capaz de desonrá-la da maneira como todos pensamos? O que o pai de Martha diria?
- E podia ter sido você! - madame grita, de repente, atraindo alguns olhares curiosos das pessoas que passavam por nós. Olham para nós duas de cara feia. Não é educado duas damas falarem tão alto no meio da rua. - Oh, Anna! Onde eu estava com a cabeça em permitir que ele a acompanhasse?
- Quer falar mais baixo por favor? - sussurro. - As pessoas estão olhando!
- Graças aos céus o senhor Kieran a encontrou e tirou-a das garras daquele monstro deplorável!
- Madame! - tapo a boca dela. - Está prestes a fazer um escândalo no meio da rua!
Ela arregala os olhos e se acalma, concordando comigo. Um ponto para Anna.
- Por que não vamos à floricultura? - sugiro. - Quero bromélias na sala de jantar.
Madame Daisy se distrai imediatamente. Ela ama flores.
- Bromélias são belíssimas, mas que tal cravos do rio?
Ao chegarmos à loja da floricultura, separo-me de madame Daisy para olhar o carregamento de lírios do vale que chegaram há pouco tempo. Estou quase tentada a levá-los, quando sinto um leve toque no ombro. Ao virar-me, me deparo com ninguém menos que Klaus sorrindo pra mim com uma rosa vermelha em uma das mãos. Príncipe Klaus.
- Para a mais bela das damas de Liriel - ele me entrega a flor.
Fico sem reação.
- Oh, senhor... senhor Klaus?
Ele se inclina e beija as costas da minha mão.
- Poderia, por favor, me dar a honra de um passeio?
- Não sei se devo... eu... - recuo um passo para trás.
Klaus segura minha mão com suavidade.
- Não sei se soube, mas alguns rumores sobre mim espalharam-se esta manhã - diz ele, parecendo triste.
Faço-me de desentendida.
- Ah... é mesmo?
Klaus assente, cabisbaixo.
- Rumores ruins. Mas não passam de fofoca de gente desocupada. É normal que queiram especular sobre o forasteiro que acaba de chegar à sua cidade, eu

até entendo... - ele volta a olhar para mim. - E eu... bem, preciso de alguém sensato para me ouvir. Você é a única pessoa em quem eu confio em Liriel, Anna.

Rio, sem saber para onde olhar.

- Ah, não pode ser... Há muitas pessoas aqui muito mais dignas da sua confiança do que eu, senhor...

- Mas você é minha única amiga - ele aperta meus dedos de leve, olhando-me de modo suplicante. - Vamos?

Estremeço por dentro e, quando me dou conta, já estou concordando.

- Tem que ser um passeio breve - digo, olhando por cima do ombro para ver se madame Daisy não está por perto. - Brevíssimo.

- Não se preocupe - Klaus sorri, parecendo grato. - Prometo que não vai demorar.

Capítulo 14

O príncipe Klaus me conduz até a pequena praça que fica próxima a floricultura. Nós nos sentamos num banco de madeira de frente para uma fonte, onde uma estátua de anjo de asas abertas despeja água de seu jarro. Olho para o anjo, distraída por um momento. Klaus suspira, atraindo minha atenção.

- Sabe, eu... eu simplesmente preciso me desculpar por ontem à noite. Não devia ter deixado você sozinha. Fui um tolo - Klaus me olho fundo nos olhos. - Perdoe-me, Anna.

Dou um meio sorriso. Sei que ele está sendo sincero.

- Está tudo bem. Não se preocupe com isso.

Klaus faz uma careta, como se sentisse dor.

- E... sabe... quanto ao que dizem sobre mim e aquela garota...

Arqueio as sobrancelhas, inclinando-me para ele com curiosidade. Espero por alguma desculpa. Klaus parece aquele tipo de pessoa que tem desculpas e justificativas para tudo.

Ele suspira e curva os ombros, sem me encarar.

- Estou envergonhado.

Engulo em seco.

- Hum - murmuro. - Envergonhado de que exatamente?

Klaus me encara.

- Anna, eu... eu... não fiz nada àquela garota - declara ele, um tanto irritado. - Nem mesmo sei o nome dela. Nós apenas... trocamos algumas palavras entre as árvores na praça. Mas eu não passei a noite com ela como dizem que fiz. Puxa... que tipo... que tipo de pessoa acham que eu sou?

Franzo a testa. Acredito em Klaus, de verdade. As filhas do contador sempre tiveram certa fama de oferecidas e esse não é o primeiro rumor que surge sobre a vida amorosa agitada de alguma das duas. Ele parece envergonhado por ter

sido alcançado por esse tipo de fofoca.

Além disso, Klaus confia em mim. Por que não confiar nele também?

- Acredito no que diz - eu digo, olhando-o com firmeza. - Mas este é um voto de confiança que estou dando a você, Klaus. Você disse que confia em mim...

- E confio.

- Então me dê motivos para confiar em você também. Se não mentir para mim, podemos ser amigos.

Klaus abre um sorriso fraco e lisonjeado e segura minha mão entre as suas.

- Ganhar sua confiança é minha única missão - ele brinca.

Suspiro e sorrio de volta. Puxo minha mão das dele.

- Devo ir agora.

- Sim, deve - ele engole em seco, soando chateado. - Seu noivo a espera, não é?

- Sim.

- Espero que ele atenda às suas expectativas, Anna.

Sorrio levemente.

- Ele atende.

Coloco-me de pé, segurando a rosa que ele me deu.

- Anna... uma última coisa...

Olho para Klaus por cima do ombro.

- Sim?

- Obrigado por me ouvir. Foi importante para mim.

Assinto, sorrindo. Sinto-me mais leve sabendo seu lado da história. Klaus não é

um depravado. Aliás, ele é um príncipe e um cavalheira. Não posso culpá-lo por ser uma das inúmeras vítimas dos rumores que rodeiam as filhas do contador. Foi tudo um mal entendido. Ele é meu amigo.

Volto à floricultura e encontro madame Daisy rindo e conversando com a florista. Provavelmente alguma fofoca. Ainda bem que ela não notou minha breve fuga.

- Pronta para ir para casa? - pergunto, aproximando-me dela.

- Oh, sim. Já encomendei suas bromélias, Anna. Você pagou por essa flor? - madame aponta para a rosa em minha mão.

- Ah, mas essa não é uma de nossas rosas - diz a florista. - Onde a encontrou?

- Um amigo me deu de presente - dou um meio sorriso.

Madame crispa os olhos, desconfiada. Não me importo. Se Klaus for fiel ao voto de nunca mentir para mim, então está tudo bem. E eu sei que ele será. Quero confiar nele.

- Está com um olhar suspeito, Anna - diz madame, enquanto caminhamos de volta ao lar. - Que amigo é esse? O que viu no meio das flores?

- Nada - sacudo a cabeça. - Vamos logo.

Logo que entramos em casa e Trudy vem recolher nossos casacos, sinto um clima diferente no ar - e o tempo frio não tem nada a ver com isso. Papai está de pé diante da lareira, de ombros caídos. Vou até ele.

- Pai? Está tudo bem?

Ele não responde.

- Pai?

- Senhor? - chama madame Daisy, preocupada.

- Uma garota - murmura meu pai, parecendo distante e agourento. - Uma garota foi encontrada na fronteira. Morta.

Cubro a boca ao mesmo tempo em que madame arqueja. Não costuma haver acidentes que envolvam morte em Liriel. No máximo as pessoas vão parar no hospital. Temos o menor índice de mortes da região.

- C-como? - gaguejo. - Como aconteceu?

Papai ainda não me encara.

- Martha morreu perfurada por fractais de gelo - ele cospe a frase, como se tivesse gosto ruim. - Encontraram seu corpo há menos de quinze minutos, segundo o mensageiro.

Sinto um calafrio horrível percorrer meu corpo.

- Martha?

Martha. A filha caçula do contador. A garota que, segundo as fofocas da vila, passou a noite com Klaus. Só pode ser brincadeira.

- Mas... mas como isso aconteceu? - indago, aflita. - Foi... foi um acidente, não foi?

Papai sente o medo em minha voz e olha para mim.

- Parece que ela tropeçou e caiu numa cachoeira congelada.Não me informaram muito mais que isso. Assim que Kai preparar a carruagem, vou à prefeitura para obter mais informações e discutir alguns detalhes com o chefe da guarda.

- Certo - minha voz treme. Meu pai me deixará sozinha. Tenho madame, as criadas e Kai, é claro, mas ainda assim...

Papai me abraça apertado e posso ver que ele está tremendo. O contador é seu amigo. Não será um dia fácil para o prefeito de Liriel.

- Tudo ficará bem - diz meu pai.

- Sim - concordo, hesitante.

Ele beija minha testa ao mesmo tempo em que Kai chega para informar que a carruagem o espera.

Sinto-me aflita quando papai se vai e almoço no quarto, como uma maneira de demonstrar meu luto pela garota morta. Eu não conhecia Martha nada bem, mas ela era parte da comunidade da vila de meu pai. Da minha vila. Ela não merecia ter morrido.

Meu coração se aperta mais quando penso em Kieran e no fato de que ele não me procurou a manhã e a tarde toda. Mesmo depois da maneira como nos beijamos ontem.

Será que não significou nada demais para ele?

Banho-me e visto-me para o jantar com a sensação de que estou entorpecida.

Madame Daisy não sai de seu quarto para o jantar, por isso faço a refeição sozinha à mesa. Papai enviou mais cedo um mensageiro dizendo que só chegaria bem tarde. Quando Trudy retira a louça para lavar, fico tentada a ir à cozinha com ela, apenas para ter com quem conversar. Porém, a velha Noreen, criada que me trouxe ao mundo, diz que devo dormir cedo como uma boa moça e praticamente me arrasta para meu quarto e me ajuda a mudar de roupa.

Não sinto nada. Saudades de Kieran, talvez. Muitas saudades. Mas não quero admitir nem para mim mesma. Talvez a maneira moderna como ele foi criado dite que os noivos não precisam cuidar para que suas noivas sintam-se seguras e amadas. Talvez ele esteja trabalhando com o pai naqueles negócios de família odiosos, cansado demais para mim. Ou talvez Kieran simplesmente tenha se cansado de mim. Talvez a maneira que ele me imaginou fosse melhor do que a verdadeira eu com quem ele se deparou ao me conhecer de verdade.

Talvez, talvez, talvez.

Reviro-me na cama, inquieta. Não vou conseguir dormir.

***

Ouço um som.

Levanto-me, alerta.

Ouço outra vez. Um tec à minha janela. Meu coração dispara. Visto meu robe de veludo e abro a janela cuidadosamente. A figura que vejo ali me surpreende tanto que quase caio debruçada no parapeito da janela.

- Kieran! - arquejo.

- Por favor, não caia! - ele dá um grito sussurrado. - Cuidado, Anna!

- O que faz aqui? - indago, quase explodindo de felicidade. - Quer dizer... você... você veio me ver!

- Acabei de voltar à cidade - ele diz. - Vim arrancá-la de sua cama e levá-la para longe comigo!

Acordo num salto, assustada.

E profundamente decepcionada.

Ele não veio aqui de verdade. Foi um sonho idiota sonhado por uma garota idiota e iludida. Olho para minha janela, constatando que está trancada. Soco os travesseiros em uma frustração infantil.

- Olhe para si mesma, Anna - resmungo, fitando meu reflexo no espelho da penteadeira. - Olhe o que se apaixonar por Kieran fez à você. Surta no primeiro dia sem ele. Isso é que é amor? Ou é outra coisa...?

A palavra carência paira em meus pensamentos, mas me recuso a dizê-la em voz alta. Não sou uma garota carente. Não serei. Se vou mesmo me casar com Kieran, devo ser mais madura e mais segura de mim mesma. Não posso ficar abatida por não vê-lo. Não posso parar de viver porque ele não se interessa por meu bem estar como disse que se interessava. Não posso. Sou muito mais do que isso.

Durante mais um dia inteiro, as coisas ficam muito quietas em casa.

Durante mais um dia inteiro, nada de Kieran.

Capítulo 15

- A senhorita não vai a lugar algum! - a velha Noreen puxa meu xale de minhas mãos, toda rabugenta.

Franzo a testa e tento pegar o xale de volta, em vão - ela é rápida demais para uma senhora de setenta anos.

- Não é certo que uma jovem comprometida saia de casa sem acompanhante - Noreen levanta o indicador para mim, como se estivesse falando com uma criança -, principalmente com o caso sério da garota morta.

Dou de ombros. Todo o medo que senti quando soube da morte de Martha parece ter se esvaído, sem que eu saiba exatamente por quê.

- Então venha comigo - proponho e finalmente consigo pegar meu xale. - Madame Daisy foi ao mercado e ainda não voltou...

Noreen faz uma careta feia e me dá um tapa na testa.

- Você nunca aprende, por mais que tentemos ensiná-la! - ela ralha. - Quantas vezes terei que dizer que viúvas não devem circular por aí, como moças frívolas? É contra o costume, Anna!

- Ai - resmungo, esfregando o local onde ela me bateu. Noreen é viúva há quase vinte anos. Ela e o marido trabalhavam nesta casa desde que meu pai era uma criança de colo. Eu não cheguei a conhecer o velho Thomas, mas papai sempre dizia que ele era um homem genial antes de ser derrubado por um surto de tifo. Desde então, a velha senhora tem se dedicado inteiramente à minha família.

- Vá já tirar esse vestido de passeio e venha terminar de tricotar aquele par de luvas comigo, sim?

Cerro os punhos. Por mais que eu ame Noreen como se fosse minha própria avó de sangue, às vezes ela é simplesmente insuportável. Quase tão chata e implicante quanto madame Daisy e cinco vezes mais teimosa e tradicional. Se eu não a respeitasse tanto, sem dúvida seríamos inimigas.

- Tudo bem - suspiro de maneira longa e exagerada. Eu não tenho condições de ganhar uma discussão contra ela, de qualquer forma. - Mas em troca quero que você me conte o segredo da torta de creme de baunilha que fez outro dia.

Noreen agita uma das mãos finas e enrugadas.

- Será seu presente de casamento. Vá logo mudar essa roupa.

Subo as escadas pensando se seria inteligente escapar pela janela de meu quarto, como fiz várias vezes, mas minha motivação desaparece assim que entro em meu quarto. Fico parada no centro do cômodo, com os sentimentos oscilando. Por causa de todo esse alvoroço sobre a morte de Martha, a festa de aniversário de Reidi foi adiada e meu noivo Kieran simplesmente desapareceu

sem dar satisfações ou me enviar notícias. Eu não posso sair de casa quando bem quero porque sou uma moça comprometida e, de acordo com nossos costumes, não é certo que saia sozinha por aí.

Quanto mais eu penso, mais tenho certeza que tudo isso é completamente ridículo. E Noreen tem razão: por mais que me expliquem e me instruam sobre meus deveres como uma dama para com o restante da sociedade, eu não consigo me adequar a eles. Talvez eu não queira. Estar sempre me anulando por conta das tradições sem sentido que me impõem vai contra algo que tenho dentro de mim, algo que queima sempre que sou obrigada a fazer coisas simplesmente porque alguém diz que devo fazer.

Não é como se eu fosse uma garota rebelde que abomina regras, no entanto. Eu só quero entender o motivo pelo qual essas regras existem. E então quero ter a liberdade de decidir se esse motivo é o suficiente para me fazer obedecer. Será que é pedir demais?

Dois toques na porta de meu quarto me tiram de meus devaneios.

É Trudy.

- Senhorita, temos visita - ela diz, meneando a cabeça.

- Visita? Sem papai estar aqui?

Meu pai devia ter chegado ontem, mas enviou um recado avisando que faria uma ronda com os oficiais para averiguar o que causou o acidente de Martha. Ele não me disse absolutamente nada sobre visitas.

- É o senhor Kieran Bjorgman, senhorita.

Arregalo os olhos. Eu devia me sentir exultante e correr escadaria abaixo para encontrá-lo, mas senti-me, de repente, bem vazia. Quase como se eu não quisesse ver Kieran. Ele veio tarde demais para que eu fique alegre ao recebê-lo.

- Bem... ainda bem que não tirei meu vestido de passeio - dou um sorriso rápido a Trudy. - Diga que estou descendo e sirva-lhe algo.

Trudy assente.

- Sim, senhorita.

Vou até minha penteadeira e aperto minhas bochechas para que parecem mais coradas. Ensaio alguns sorrisos até ficar satisfeita. E então desço para encontrar Kieran.

Ele veste algo semelhante a uma farda de oficial, mas muito mais luxuosa. Seus cabelos estão um tanto bagunçados e há um corte brilhando em vermelho em sua testa. Suas botas estão sujas de lama e neve. A expressão em seu rosto é o que mais me surpreende. Kieran parece completamente desolado, como se tivesse presenciado a maior das tragédias da história da humanidade. Seus doces olhos castanhos agora me transmitem dor e pesar.

Acelero meus passos e me aproximo dele. Sem se importar com nossa pequena plateia composta por Noreen, Trudy e Kai, Kieran segura meu rosto

com as duas mãos delicadamente, num gesto íntimo o suficiente para me causar um frio na barriga. Então encosta a testa na minha e fecha os olhos. Suspira. Eu não estou entendendo absolutamente nada.

- Eu sinto muito - ele sussurra. Suas mãos ainda seguram meu rosto. - Sinto muito de todo o meu coração, Anna.

Afasto-me para olhá-lo diretamente nos olhos.

- Do que você está falando? O que aconteceu? - toco de leve o ferimento em sua testa. - Você está ferido...

Arrisco uma olhadela para os outros na sala e vejo Noreen com o rosto coberto por um lenço. Kai está com a cabeça baixa - coisa que eu nunca vi ele fazer antes. Trudy me olha com os olhos vermelhos.

Minha respiração fica instável ao mesmo tempo em que meu coração dispara e arrepios percorrem meu corpo. Lá no fundo de mim, eu já sei exatamente o que aconteceu.

- Kieran... - minha voz sai mais chorosa do que eu pretendia. Sinto meu rosto ficar quente e minha visão se embaça por conta das lágrimas. - Onde... onde está o meu pai...?

Noreen desaba em lágrimas e gemidos e Trudy a tira da sala.

Eu permaneço encarando Kieran, esperando que ele pronuncie as palavras que sei que irá pronunciar, mais cedo ou mais tarde. Engulo em seco.

- Eu sinto muito, Anna - ele repete, com voz suave.

Cubro minha boca com a mão quando sons nem um pouco humanos começam a sair de minha boca. Meus joelhos vacilam e eu caio no chão de madeira, sentindo todo o meu corpo sacudir. As mãos de Kieran tentam me levantar, mas eu o afasto com tapas e socos e eu grito.

Papai não vai voltar para o jantar hoje. Nem nunca mais.

Capítulo 16

Olho para meu reflexo no espelho, vestido de preto da cabeça aos pés, rosto pálido e olheiras escuras. Pareço estranha, como se de um dia para outro tivesse envelhecido dez anos. Geralmente sou consideravelmente vaidosa, mas em uma situação como essa não consigo nem pensar em ficar bonita. Porque quem eu quero que esteja aqui para me ver, não está.

Madame Daisy entra em meu quarto sem bater e caminha diretamente até as janelas para fechar as cortinas. Eu não me mexo quando ela murmura alguma coisa sobre a lareira e não respondo quando ela chama meu nome. Sinto que um buraco se abriu em meu peito e qualquer movimento que eu faça é doloroso e cansativo demais. Até pensar muito me deixa mal.

Meu pai era tudo o que eu tinha. Era pai, era mãe, era irmão e era amigo. Nunca imaginei uma vida sem ele e agora ele se foi definitivamente. Como posso seguir em frente sem sua presença?

- Querida - madame me envolve com seus braços e me dá um abraço suave. Uma lágrima escapa de meu olho. - Ele está em paz agora - ela sussurra.

Eu suspiro. Queria que ele estivesse em paz aqui comigo.

- A carruagem chegou - ouço alguém dizer à porta aberta.

Madame me solta devagar e segura meu queixo com as pontas dos dedos.

- Pronta? - pergunta.

Engulo em seco e dou de ombros. Não estou nada pronta para ir ao velório de papai, mas também não quero ficar em casa e deixar que outras pessoas se despeçam dele por mim.

- Vamos - sussurro e deixo o quarto.

Assim que chego à sala de estar, vejo Kai e Kieran sentados nas poltronas, conversando baixo. A expressão no rosto de Kieran é a mais miserável possível. Como se seu próprio pai tivesse falecido. Seu olhar encontra o meu e ele fica de pé, seguido por Kai.

- Anna - seus lábios formam meu nome, mas não ouço sua voz.

Olho para Kai.

- Estou pronta.

Ele assente.

- A carruagem está esperando.

- Irei acompanhá-la também - Kieran finalmente fala.

Meu coração esfria sempre que penso que em breve estaremos casados - mesmo que eu tenha dito a mim mesma que já gostava dele. Talvez esses poucos dias em que Kieran esteve fora serviram para me provar que eu estava sendo precipitada ao pensar que ele já tem meu coração e eu o dele. Ou talvez eu esteja assim simplesmente por causa do luto por papai. Seja o que for, não quero pensar muito nisso.

Kieran, Kai e madame Daisy me acompanham na carruagem até a igreja principal, que fica localizada na praça central de Liriel e onde são realizadas as cerimônias mais importantes. Como meu pai era o prefeito, é o costume velá-lo na igreja principal e abrir a cerimônia para todos os cidadãos da vila, então eu logo vejo os arredores cheios de gente. A maioria usa preto e carrega flores consigo, fazendo um contraste interessante com a neve alva que cobre o chão por toda parte.

Olhos curiosos me observam quando desço da carruagem, escoltada por Kai e por dois oficiais que chegam para me ajudar a entrar na igreja. Ouço as pessoas dizerem que sentem muito por minha perda, que aquilo foi uma tragédia e que o prefeito era um bom homem, mas absolutamente nada daquilo me reconforta.

Kai nota meu desconforto e apoia uma das mãos em meu ombro.

- Você sabe que tem todo o direito de reagir a isso como bem quiser, não sabe? - ele pergunta, baixo, de forma que só eu posso ouvir. - Chore se quiser chorar. Ninguém vai repreendê-la por isso.

Crispo os lábios. Ele me conhece bem. A verdade é que não quero chorar na frente de tanta gente que só conhece a mim e a meu pai de vista. Quero chorar sozinha em meu quarto, de forma que só eu e meu pai - onde quer que ele

esteja - saibamos.

Mas não consigo me conter e, assim que vejo o caixão de madeira no altar da igreja, irrompo em soluços. Agarro o braço de Kai e sinto a mão quente de Kieran apoiar minhas costas. Vejo através das minhas lágrimas madame Daisy se aproximar e ela me puxa pelas mãos até o banco da frente. Nós nos sentamos e eu cubro o rosto com as mãos enquanto choro.

Não participo muito da cerimônia, que acaba sendo como qualquer outra. Assim que o sacerdote dá a palavra final, as pessoas se levantam de seus lugares e começam a ir embora. As que trouxeram flores, velas e lembranças, depositam tudo ao redor do caixão de papai, olham de soslaio para mim e vão embora. Uma ou duas se aproximam para me dizer palavras de conforto e eu agradeço, distante.

- É hora de se despedir dele, querida - sussurra madame Daisy.

Assinto e me coloco de pé.

Caminho até o altar e fito o caixão. A tampa está fechada, então não parece que ele está realmente ali - embora eu saiba que está. Pouso uma das mãos sobre a madeira e surpreendo-me ao senti-la tão fria contra minha pele. É um caixão muito bonito. Papai teria apreciado.

Com o fim da cerimônia, inicia-se uma marcha fúnebre até o único e pouco ocupado cemitério da cidade. Eu caminho logo atrás do caixão - que é carregado por oficiais - e Kieran está ao meu lado. Meu manto me mantém quente, mas é reconfortante caminhar sem neve caindo na cabeça.

- Eu... eu deveria falar sobre isso mais tarde, mas... - Kieran diz.

Olho para ele.

- Mais cedo, mais tarde... não faz tanta diferença - presto atenção ao som de minhas botas esmagando terra e neve. - Diga.

Kieran pigarreia.

- Eu retornarei a Trollstone...

Meus olhos voltam ao seu rosto.

- ... e quero levá-la comigo - completa, correspondendo ao meu olhar.

Desvio os olhos para as árvores secas e cobertas de neve do cemitério.

- Por quê? - eu pergunto, após alguns passos.

Kieran nem mesmo hesita.

- Você é minha noiva e não está segura aqui. Meus pais sugeriram que viesse viver conosco em Trollstone por um tempo... para a sua proteção.

- Ainda vamos nos casar? - minha voz soa fraca.

Agora Kieran hesita.

- Se nós vamos? - seus olhos castanhos se arregalam. - Por que não nos casaríamos?

Dou uma sorriso amarga.

- Não sou mais a filha do prefeito, sabe...

Ousado, Kieran entrelaça os dedos de sua mão nos meus e surpreendentemente eu sinto meu rosto esquentar.

- Você será minha esposa. Agora eu é que cuidarei de você.

Capítulo 17

Reviro-me em minha cama, sem conseguir tirar a imagem do caixão de papai sendo coberto por montes de terra misturada com neve e da última flor que joguei antes que cobrissem sua cova. Ele foi enterrado ao lado de minha mãe Gerda e a visão das duas lápides me causou pesadelos a noite toda. Neles, eu corria pelo cemitério enquanto um sentimento sufocante e pesado de solidão tomava conta de mim, sem me permitir respirar ou pensar direito - e eu não conseguia escapar dele.

Estou sozinha.

Não no sentido literal da palavra, mas me sinto sozinha. Sei que tenho madame Daisy, Kai, Noreen e Trudy e sei que eles fariam de tudo para cuidar de mim. Mas não são minha família.

É por isso que decidi ir embora com Kieran para Trollstone amanhã bem cedo. Decidi não adiar o inadiável e mudar-me logo para o lugar onde minha futura nova família vive, mesmo que isso não seja realmente o que eu quero agora. Meu coração deseja permanecer em Liriel, descobrir mais sobre a morte de meu pai e passar pelos dias de luto em paz, mas minha mente sabe que é mais sábio ir embora. Como o próprio Kieran disse, eu posso estar correndo perigo - se é que meu pai foi vítima de um assassinato.

Sinto cócegas nos pés e ouço minha gata ronronar, rolando nos lençóis da cama. Suspiro e espreguiço-me. Mesmo com as cortinas fechadas, sei que já amanheceu e que eu devo me levantar logo e terminar de preparar minhas malas.

- Ficará bem sem mim, lady Lana? - sussurro para a gata sonolenta e ela olha para mim.

Tomo-a nos braços e acaricio seu pelo sedoso. Ela ronrona.

- Sei que você adoraria ver o mundo fora de Liriel, mas pode ser perigoso para uma gata da nobreza. Além disso, não temos certeza se o leite de Trollstone é tão bom quanto o nosso, não é?

Como se me compreendesse, Lana mia e se espreguiça em meus braços. Eu a levaria comigo, se a viagem não fosse tão longa e exaustiva. Aposto que qualquer gato ficaria insuportável viajando durante cinco dias dentro de uma carruagem. Talvez até eu ficasse.

Após o enterro de meu pai ontem, eu observei Kieran por vários minutos, tentando fazer meu coração voltar a esquentar da maneira que esquentava quando o conheci. Funcionou por um momento, quando nossos olhos se encontraram, mas temo que esse momento não tenha sido longo o suficiente para me convencer que gosto mesmo dele. Quer dizer... não é como se eu não

gostasse de Kieran - ele é bonito, gentil e eu me sinto bem ao seu lado. Mas é como se faltasse algo em nós. Algo que eu não sei o que é, mas que me incomoda.

- Bom dia, senhorita - ouço a voz de Trudy do outro lado da porta.

Sento-me na cama, espreguiçando-me.

- Entre, por favor - digo.

Ela abre a porta e entra devagar, trazendo consigo uma bandeja de café da manhã muito cheirosa. Papai fez o mesmo para mim em meu último aniversário.

- Noreen preparou um bolo delicioso para a senhorita - Trudy sorri e deposita a bandeja em meu colo.

Eu forço um sorriso fraco.

- Obrigada.

Trudy cruza as mãos diante do corpo e olha diretamente para mim.

- Soube que a senhorita vai mesmo embora.

Bebo um gole de suco devagar. E assinto.

Trudy baixa os olhos, meio pálida.

- É mesmo uma pena.

- Não se preocupe em ficar desamparada - digo rapidamente. - Madame Daisy já escreveu cartas de recomendação para a casa de minha amiga e eles concordaram em empregá-la. Noreen também vai.

O rosto dela recobra a cor.

- Mesmo? - sorri. - O-obrigada, senhorita. Significa muito para mim.

Aponto um dedo para ela.

- Você precisa me prometer que irá arranjar uma maneira de começar seus estudos. Independentemente da posição social, todas as pessoas precisam aprender a ler e escrever adequadamente - percebo que minhas palavras soam como algo que meu pai diria. Eu contenho um sorriso triste.

Trudy sorri outra vez e concorda. Então deixa meu quarto.

Como pouco do café da manhã e levanto-me para me vestir. Madame Daisy quase sempre me ajuda a escolher meus vestidos - ela na verdade deveria estar aqui agora -, mas desde que eu informei a todos que estou de mudança para a terra de meu noivo, ela tem me ignorado.

A história de madame Daisy é triste e forte. Ela perdeu os pais quando pequena e teve que cuidar sozinha dos três irmãos mais novos. Não era nobre e nem tinha dinheiro. Por causa de uma dívida do pai, foi separada dos irmãos e obrigada a trabalhar num bordel durante treze longos anos. Até que um dia ela decidiu que queria uma vida digna, uma vida melhor, e tentou fugir. Seus credores a feriram e deixaram-na para morrer na floresta. Então meu pai e minha mãe a encontraram e a ajudaram a se reerguer. E o resto é história. Por ser o mais próximo de uma figura materna que tenho, deixá-la também é

difícil para mim.

Como ainda estou de luto, escolho um vestido azul escuro de veludo, mangas compridas e gola alta, que cobre todo o meu pescoço. Ficarei bem aquecida durante a viagem. Tento prender meu cabelo num coque trançado que madame Daisy me ensinou uma vez, mas acabo com os dedos enroscados nos cachos ruivos. Sinto mãos desembaraçarem minha bagunça e olho para o espelho para ver o reflexo da pessoa atrás de mim - embora eu já saiba quem é.

- Não importa quantas vezes nós a ensinemos as coisas, você nunca aprende - resmunga madame Daisy, sem olhar para mim. Ela pega uma escova que eu ainda não guardei na mala e começa a arrumar meu cabelo. - Se não fosse tão bonita, com certeza passaria fome na rua, porque você não consegue aprender nada do que eu ensino. Anos de trabalho jogados fora. Deve... deve haver algum problema com o seu cérebro...

Viro-me e olho para ela. Dou meu primeiro e possivelmente último sorriso sincero do dia.

Madame Daisy tem o costume de murmurar o contrário do que realmente sente quando está zangada ou triste. E nesse momento acho que ela está sentindo as duas coisas. Seus olhos estão marejados, mas ela olha para mim com raiva, como se estivesse irritada por eu estar fazendo-a passar por isso.

Seguro suas mãos e faço força para engolir o nó que se forma em minha garganta.

- Você... você sabia que esse dia chegaria - digo, sem conseguir encará-la.

- Não assim. Não tão de repente.

- Eu não estou indo embora para sempre - minha voz falha na última palavra. Limpo a garganta. - É temporário.

- Seu pai gostava de ser chamado de prefeito, mas todos aqui sabem que ele era o duque responsável por Liriel. E esse tipo de título é passado para filhos, sabia? Sua menina tola...

Suspiro.

- É temporário - repito.

Madame Daisy ergue meu rosto com as pontas dos dedos. Tem uma expressão suplicante no rosto.

- Liriel precisa de você.

Isso faz com que eu me encolha. Tudo o que ela disse é verdade: papai era o duque de Liriel, apesar de gostar de brincar de democracia. Mas eu sou a pessoa menos preparada para assumir o posto de duquesa e nem sei se é isso que eu quero para a minha vida. Só de pensar no tanto de gente que dependeria de mim se eu aceitasse essa responsabilidade enorme, sinto-me sufocada.

Levo a mão à garganta, involuntariamente.

- Eu devo me casar com Kieran - digo, encarando madame Daisy. - É o que meu pai me diria para fazer se ele ainda estivesse aqui. É o que ele queria que

eu fizesse.

- Anna...

Abraço-a para que ela não diga mais nada. Funciona.

Não quero dizer nem mesmo à madame que tenho medo de ser uma duquesa, de liderar Liriel. Eu fui criada para ser uma dama, para ser inteligente e para ser uma boa esposa. Eu quero ser isso. Casando-me com Kieran, terei a chance de viver a vida tranquila que eu quero viver. Talvez seja minha única chance.

Afasto-me de madame Daisy, crispando os lábios.

- Eu preciso terminar de arrumar minhas coisas.

Ela suspira, e a vejo curvar os ombros pela primeira vez na minha vida.

- Está bem.

E deixa meu quarto.

Pego a escova de cima da penteadeira e começo a juntar meus últimos pertences. Trudy aparece para me ajudar e até Noreen chega me trazendo lenços novos que ela acabara de bordar. Logo meu quarto parece vazio - a não ser pela mobília e cortinas - e isso me deixa ainda mais triste do que pensei ser possível. Kai e outros dois homens chegam para levar minhas malas para a carruagem de Kieran, que já deve estar lá embaixo.

Desço as escadas devagar, sentindo meu coração apertar muito e sou seguida por madame Daisy, Trudy e Noreen. Encontro Vega e Reidi no hall de entrada e as duas me abraçam. Vega está com o rosto vermelho de tanto chorar e Reidi parece à beira das lágrimas - mas nenhuma delas me implora para ficar, como madame Daisy fez. Elas me entendem. Elas bem sabem que o desejo de toda garota de Liriel é deixar a vila por um lugar melhor, por uma vida cheia dos luxos que todas nós queremos. Elas sabem que estou indo conquistar tudo isso.

E, quando vejo Kieran entrar pela porta da frente - o porto seguro de que preciso agora -, sei que estou tomando a decisão certa.

Ele saúda a todos e se aproxima de mim devagar.

- Vamos dar privacidade aos dois - sugere Kai.

Todos, até mesmo Vega e Reidi, são conduzidos por Noreen até a sala de estar e cozinha.

Dou um passo para mais perto de Kieran e olho para ele.

- Eu não esperava que ficassem tão agitados - digo, gesticulando com a cabeça na direção do pessoal que acabou de sair.

- Eu esperava - ele devolve meu olhar. - Você é muito amada, Anna. Essas pessoas são sua família.

Suspiro. Não quero falar sobre família.

- Vou gostar de Trollstone? - pergunto, desviando os olhos para a porta da frente aberta.

- É mais acolhedor do que o nome sugere - Kieran dá um passo para perto de mim e logo estamos a um palmo de distância um do outro. - Sei como deve estar se sentindo. Nós deveríamos nos casar aqui e viver aqui para trazer prosperidade para Liriel, como foi combinado entre nossos pais. Espero de coração que saiba que, se não fosse extremamente necessário, eu nunca faria isso. Eu sinto como se... como se estivesse tirando-a de seu lar.

Eu pisco, ainda fitando a porta, apesar da proximidade com Kieran.

- Você será meu marido - falo baixo, usando todas as forças do meu ser para não chorar -, meu lar será onde você estiver.

Então Kieran toma meu rosto nas mãos, obrigando-me a olhar para seu rosto. Ele está triste. É quase doloroso olhar para a expressão em seu rosto. Um de seus dedos enxuga uma lágrima que se atreve a escapar de meu olho e seus braços envolvem meu corpo num abraço quente e surpreendentemente reconfortante. Com o rosto recostado em seu peito, eu suspiro.

Posso aprender a amá-lo. Tenho certeza que posso.

Capítulo 18

Meu estômago se embrulha a cada sacolejo da carruagem e eu tento disfarçar olhando com cara de paisagem pela janela. Há neve, árvores nuas e montanhas onde quer que pouse meus olhos e isso torna a viagem entediante mais rápido do que eu pensei que seria. Sentado no banco estofado da carruagem de frente para mim está um Kieran sonolento e silencioso, que sem dúvidas tem mais experiência em viagens do que eu. Durante os primeiros dez minutos ele conversou comigo sobre como seus pais estavam preparando tudo para nossa chegada e que eu ia adorar o clima mais quente de Trollstone, mas assim que o sono começou a atingi-lo, Kieran não apresentou muita resistência. Além disso, eu não sou a pessoa ideal para uma conversa no momento.

Lá fora, ouço o cocheiro e os oficiais da nossa escolta conversarem sobre sabores de cerveja e apostas. No total há oito homens a cavalo cercando a carruagem e dois servos de Kieran que revezam no papel de cocheiro ocasionalmente. Kieran insistiu que fôssemos acompanhados para nossa própria segurança, levando em conta a longa distância entre Liriel e Trollstone e os perigos que podemos encontrar no caminho. Eu achei um exagero, mas, como já disse, Kieran tem muito mais experiência com viagens do que eu.

- Puxa... já vai anoitecer - Kieran murmura, abrindo os olhos. Ele parece mais jovem quando está sonolento. É meio adorável.

Dou um sorriso contido e mais uma vez olho distraidamente para a paisagem lá fora. A carruagem sacoleja.

- Você deve estar cansada. Por que não tenta dormir um pouco?

- Não conseguiria mesmo que estivesse exausta - faço uma careta.

- Ah, é sua primeira viagem. Entendo.

Assinto, fitando minhas mãos.

Será que Kieran nota essa distância estranha e cada vez mais crescente entre nós? Não nos parecemos em nada com aquele casal que se beijou apaixonadamente dentro dessa mesma carruagem há poucos dias. Não nos parecemos nem sequer com aquele casal que trocou sorrisos e pequenas confissões durante o jantar de noivado. Por algum motivo, a ausência dele e nosso pequeno distanciamento de dois dias criaram esse abismo entre nós que

agora me deixa desconfortável. Eu gostaria muito de descobrir que motivo é esse.

Apoio a cabeça no vidro da janela e suspiro.

- Eu trouxe algo para passar o tempo - Kieran quebra o silêncio, mexendo em sua bolsa de couro aparentemente bem cara. Ele tira um livro de capa azul celeste e oferece a mim. - São contos de fantasia.

Não hesito em pegar o livro, mas meus olhos se fixam nos seus.

- Kieran... - minha voz soa firme dizendo seu nome. Ele olha diretamente para mim. - Acho que precisamos conversar sobre algumas coisas.

Seu rosto assume um semblante mais sério.

Kieran limpa a garganta.

- Sim, precisamos.

- Eu... tenho algumas perguntas - digo e deposito o livro ao meu lado no banco.

- Tenho certeza de que tem - ele suspira e se inclina, apoiando os cotovelos nos joelhos. - Pergunte-me o que quiser - seus olhos parecem sinceros.

Baixo os olhos para as minhas mãos.

- Quero saber o que aconteceu com meu pai e por que ele morreu. E, por favor, não tente amenizar as coisas me poupando dos detalhes.

Olho para Kieran e o vejo assentir. A carruagem sacoleja e eu sinto uma pontada de dor na cabeça.

- Anna, seu pai foi encontrado perto do local onde acharam o corpo daquela moça. Ele e mais dois oficiais foram brutalmente feridos, o que me faz pensar que morreram bem rápido e não sofreram muito. Se é que isso a faz sentir melhor...

Engulo em seco. Não faz, mas não quero discutir isso.

- Você o encontrou? - pergunto.

Kieran assente e seus cabelos louros se agitam.

- Eu estava voltando para Liriel com meus homens quando vimos os oficiais da fronteira vasculhando o local. Eles disseram que o prefeito e seus homens estavam desaparecidos e eu me ofereci para ajudar a procurá-los - ele crispa os lábios e engole em seco. - Então encontramos os... os corpos pouco tempo depois.

Kieran estende a mão e segura a minha. Seus dedos são quentes e macios e neles eu encontro mais conforto do que gostaria de admitir.

- Eu sinto muito mesmo - Kieran olha para mim. - Não posso nem imaginar como deve estar sendo difícil para você. Gostaria de facilitar as coisas de alguma forma, mas...

Aperto sua mão.

- Ter você aqui já é o suficiente - digo e é realmente o que sinto.

Papai nunca errou em suas escolhas, principalmente quando elas me envolviam de alguma maneira. Se ele escolheu Kieran para ser meu marido, confiarei nele. Acho que é uma forma de deixar meu pai cuidar de mim mesmo que não esteja mais aqui.

Kieran encara nossos dedos entrelaçados durante vários minutos e eu faço uso do mesmo tempo para observá-lo. Sou sortuda por ter um homem belo, gentil e sincero como meu noivo. Como minha amiga Vega disse certa vez, outras morreriam para conseguir um casamento digno - que dirá um casamento com chances de ambas as partes encontrarem o amor uma na outra. Por isso, sei que devo ser grata, apesar de tudo. Não estou desamparada e tenho um futuro quase concreto à minha frente. É muito mais do que posso pedir.

A carruagem sacode com força quando a roda passa por cima de uma pedra e eu bato a cabeça contra o vidro da janela. Deixo escapar uma exclamação de dor.

- Você está bem? - Kieran estende a mão para tocar o local.

Cubro sua mão com a minha, fazendo uma careta irritada. Minha primeira

viagem não está sendo tão agradável quanto pensei.

- Estou - resmungo. - Essas estradas são sempre tão cheias de pedras assim?

Ele ri.

- Somente nos arredores de Liriel e da Tassia. São estradas mais antigas e pouco utilizadas, já que essa é uma região mais afastada e fria.

- Não entendo qual o problema das pessoas com o nosso clima. Não é tão frio assim.

Kieran faz uma careta e ri outra vez.

- Você vai entender melhor quando chegarmos.

Esfrego o local da pancada até que a dor suma. Kieran tira um pequeno bloco de notas e uma pena de sua bolsa e começa a rabiscar coisas. O interior da carruagem fica em silêncio novamente e eu não me atrevo a quebrá-lo. Volto a observar a paisagem branca e fria lá fora, tentando conter meu enjoo.

Surpreendentemente, adormeço. E tenho um sonho. Nele, dois Kierans estão de lados opostos numa ponte de madeira vermelha sobre um lago calmo e há árvores de folhas alaranjadas por toda parte. Eu estou no meio da ponte, uso uma capa cinzenta que cobre minha cabeça, apesar do calor que faz ali, e divido olhares entre os dois Kierans. Um me encara inexpressivamente e o outro sorri para mim de uma maneira familiar. Sinto um frio na espinha quando me lembro que ele é o mesmo Kieran que disse ter uma surpresa para mim naquela noite de música na praça. Eu já havia me esquecido dele. Como pude me esquecer de algo tão bizarro?

O Kieran sorridente caminha até estar a um palmo de distância de mim e toca meu rosto com as pontas dos dedos.

- Vamos ser felizes, Anna... - ele balbucia.

Abro a boca para responder, mas sinto um puxão no braço e vejo o Kieran inexpressivo se colocar entre mim e o Kieran sorridente. Ambos se encaram como se fossem inimigos mortais e eu vejo o lago sob nós congelar aos poucos. A ponte estremece e começa a ceder.

- Kieran! - exclamo, sentindo a madeira sob meus pés vacilar e eu caio de joelhos na ponte.

O Kieran inexpressivo olha para mim por cima do ombro, lembrando-me do primeiro pesadelo que tive logo que o conheci. Ele parece rude e algo me diz que é violento.

- Fique fora disso - o Kieran sorridente grita para mim. - Você não entende e nem entenderá.

- Deixa-a em paz de uma vez por todas - Kieran inexpressivo diz a ele, assumindo uma posição defensiva em relação a mim.

Ouço o sorridente rir alto.

- Acha que só porque você ficou com toda a bondade é a melhor pessoa do mundo? Uma maldição duplicada é uma maldição duas vezes mais forte, Kieran.

Num estalo, eu acordo.

Esfrego os olhos e sento-me ereta, buscando Kieran com os olhos. Ele dorme adoravelmente com a cabeça recostada na janela e o bloco de notas aberto no colo. Curiosa, inclino-me para ver o que ele escreveu ali e vejo números e nomes dos meses do ano, como se Kieran os estivesse contando. Não entendo a lógica daquilo e minha cabeça dói demais para que eu aplique algum esforço extra para entender.

Meu sonho parece sumir aos poucos conforme eu tento me lembrar dos detalhes dele, como se estivesse escapando por entre meus dedos.

Mas de uma coisa eu me lembro muito bem e não vou me esquecer: havia um Kieran bom e um Kieran mau.

E algo sobre uma maldição.

Capítulo 19

Paramos para esticar as pernas e descansar na peculiar cidade de Tassia. Logo que desço da carruagem, sinto a diferença no ar - que definitivamente é mais pesado que o de Liriel e faz meus olhos arderem um pouco. É a primeira cidade que visito e parte de mim fica animada por conhecer pessoas e lugares diferentes dos que eu já estou acostumada.

A maioria das casas, estalagens e outros estabelecimentos é feita de rochas escuras e bem grandes. Enquanto caminhamos pelo mercado principal, Kieran me conta que a cidade depende quase inteiramente da mineração e que isso faz com que os corações dos moradores sejam duros como pedras - a menos, é claro, que haja um pouco de ouro envolvido. Conforme caminhamos, vejo os aldeões circularem pelo mercado, visitando as barracas e carregando suas compras. É quase como um formigueio cinzento.

Kieran apoia a mão em meu ombro, conduzindo-me até um estabelecimento rústico, feito de rochas e madeira.

- Faz um ano desde que estive nesse lugar e nada mudou - ele diz, assim que entramos. - Continua reconfortante.

E ele está certo. Assim que piso no hall, sinto a atmosfera cálida e aconchegante do lugar relaxar meus ombros tensos. Só então eu me dou conta do quanto estou exausta.

- Meu senhor, minha senhora - uma jovem faz uma reverência e estende as mãos para recolher nossos mantos.

O hall está movimentado - há hóspedes chegando e saindo, empregados carregando bagagens, lençóis e travesseiros, e pessoas bebendo chá diante da lareira. Sinto o cheiro doce e suave de camomila e chocolate.

- Senhor Bjorgman! - um homem baixo, careca vestido de forma extravagante se aproxima e alegremente cumprimenta Kieran. - Há quanto tempo!

Kieran sorri.

- É bom vê-lo, George. - Ele olha ao redor. - Vejo que as coisas estão muito movimentadas hoje!

- Ah, graças à ajuda de sua família no ano passado, as coisas só melhoram. Consegui até mesmo um dote adequado para minha Tarsila!

- Fico feliz em saber. Ela deve estar animada.

Os olhos escuros de George pousam sobre mim e ele sorri com mais intensidade. Suas bochechas são muito vermelhas.

- E quem seria esse raio de sol?

Sorrio, lisonjeada.

Kieran apoia a mão em meu ombro suavemente.

- Essa é minha noiva, Anna, de Liriel.

Faço uma reverência e George também. Ele me olha impressionado.

- Liriel? Puxa... Nunca conheci alguém do extremo norte. É uma honra, senhorita.

- O prazer é meu - digo.

- Bem - George junta as mãos -, os quartos que o senhor reservou estão prontos. Espero que sua estadia seja muito agradável.

***

Abro os olhos devagar, sem querer acordar de verdade. Os lençóis quentes da cama macia me abraçam como nuvens, quase me fazendo esquecer que tenho que voltar à vida cinza que agora vivo. É quase assustador o quão rápido minha vida mudou de uma hora para outra.

Levanto-me, descansada, e caminho até a bacia de água para lavar o rosto. Troco minha camisola por meu vestido marrom de botões - que antes eu achava sério demais e sem graça, mas que agora combina com meu humor - e ajeito

meus cabelos num coque alto e bem preso. Calço minhas botas e logo ouço três toques na porta de meu quarto.

- Anna? - Kieran chama. - Está acordada?

- Entre, por favor - digo, encarando-me no espelho.

Kieran abre a porta, mas não entra.

- Oh, você já está pronta. Isso é bom.

Olho para ele. Parece com pressa.

- Algo errado?

- Precisamos ir - ele me pede desculpas com o olhar.

Franzo a testa.

- Já? Nem mesmo tomamos o café da manhã...

Kieran adentra o quarto, pega meu manto cinza pendurado no cabideiro e se aproxima para colocá-lo em mim. Encaro seus olhos. Algo está acontecendo. Seus dedos começam a prender a fivela de prata do manto, mas eu os seguro, fazendo Kieran olhar para mim.

- O que foi? - pergunto.

- Eu conto depois.

Kieran segura meu pulso e me puxa com ele para fora do quarto. Trombamos com uma dupla de camareiras carregando lençóis e elas derrubam tudo, mas Kieran não faz questão de parar para ajudá-las a recolhê-los e me arrasta junto com ele. Quando chegamos à escadaria que leva para o primeiro andar, puxo meu pulso de sua mão e paro de andar. Kieran olha para mim, surpreso.

- Se não me disser o que está havendo, não darei nem mais um passo - digo, menos firme do que gostaria de soar.

Kieran sacode a cabeça.

- Não temos tempo, eles já estão na cidade.

- Eles quem?

Kieran dessa vez segura minha mão e olha fundo em meus olhos.

- Por favor, só... só confie em mim. Nós precisamos ir agora.

Suspiro e assinto, permitindo-o voltar a me guiar. Descemos as escadas apressadamente. Kieran de repente para e eu trombo nele. Ele passa o braço ao redor de meus ombros e dá meia volta, tomando a direção de um corredor do qual os camareiros saem. Agora tenho certeza de que estamos mesmo fugindo de alguém. Deles. Seja lá quem forem, parecem perigosos. Kieran disse que era preciso me tirar de Liriel para a minha proteção - será que isso tudo está relacionado?

- Sinto muito, mas não podem entrar aqui, senhores - diz uma camareira rechonchuda com um lenço na cabeça. Ela parece ser a chefe de alguma coisa.

Kieran tira algo do bolso de sua túnica e coloca na mão dela. É uma moeda dourada.

- Por favor, mostre-nos a saída dos fundos.

A mulher olha para a moeda em sua mão e então assente. Ela dá algumas ordens para os camareiros mais próximos, dispensando-os.

- Venham comigo - diz baixo a nós dois.

Kieran aperta minha mão e nós seguimos a camareira chefe por um corredor longo de madeira. Logo nos deparamos com a cozinha, que é maior do que pensei e que parece tão cheia de gente atarefada que duvido que notem nossa passagem por aqui. Sinto o cheiro de bolo sendo preparado e meu estômago ronca. A camareira continua nos conduzindo até chegarmos a uma estreita porta de ferro, que ela abre com facilidade.

Seus olhos sagazes nos encaram.

- Não sei qual a história de vocês, mas tenham cuidado. Nosso lorde Edgard não poupa criminosos.

- Obrigada pela ajuda - acabo dizendo.

Ela franze a testa.

- Não foi uma ajuda, foi uma troca. Você pagaram por um serviço meu e eu o fiz. Vão embora de uma vez.

Kieran assente e nós cruzamos a porta. Então começamos a correr, deixando a aconchegante estalagem de George para trás. Acho que ele ficará desapontado por Kieran ter saído tão subitamente.

Nós corremos e ziguezagueamos entre as pessoas no mercado, até chegarmos a um curral. Um homem vestindo roupas simples segura as rédeas de dois cavalos grandes e fortes, já selados. Assim que vê Kieran, os olhos do homem se arregalam. Ele parece ansioso.

Kieran e eu nos aproximamos dele e Kieran lhe entrega uma pequena bolsa de veludo azul - tenho certeza de que contém mais moedas de ouro. O homem lhe passa as rédeas dos dois cavalos, faz uma reverência e sai correndo. Eles não trocam uma palavra sequer.

- Venha - Kieran me estende a mão.

Ele me ajuda a montar no cavalo designado a mim e depois monta o seu. Meus olhos não saem de seu rosto e, por mais inquieto e preocupado que esteja, Kieran não entra em desespero nem transparece insegurança. Parece que ele tem a situação sob controle, apesar do provável perigo.

Rapidamente cavalgamos para fora da cidade e temos sorte de as pessoas estarem ocupadas demais vendendo e comprando suas coisas para nos notarem. Dou uma última olhada em Tassia por cima do ombro e me dou conta de que não há mesmo muito o que ver aqui. De repente sinto saudades doloridas de Liriel.

Kieran e eu atravessamos a cidadela sem problemas - e sem precisar de subornos - e eu espero até que estejamos definitivamente fora de Tassia antes de dizer:

- Conte-me o que aconteceu.

Kieran agita as rédeas de seu cavalo.

- Estávamos em perigo lá - ele diz, trotando ao meu lado. - Parece que alguém em Liriel contou que você deixou a cidade comigo e eles vieram atrás de nós.

- Quem são eles?

Seus olhos encontram os meus.

- Gente que quer fazer mal a você.

- Sim, mas quem são?

Ele crispa os lábios, olhando para o outro lado. Puxo as rédeas de meu cavalo, virando-o de modo que fique no caminho do cavalo de Kieran, interceptando-o. Eu encaro seus olhos castanhos com determinação.

- Não acha que já passou da hora de você me contar tudo?

Kieran ergue uma sobrancelha.

- Tudo? Eu já contei...

- Não, Kieran, você está escondendo detalhes importantes de mim - interrompo. - Sei que quer me proteger, mas essa não é a melhor maneira. Nunca dá certo nos livros que leio.

- Saber quem eles são não tem relevância alguma agora - ele desconversa e desvia de meu cavalo.

Seguro minhas rédeas com mais força.

- Eles estão envolvidos no assassinato de meu pai? - minha voz soa fria. Dizer essas palavras em voz alta me machuca.

Kieran para seu cavalo e olha para mim por cima do ombro.

- Há uma carruagem esperando por nós a dois quilômetros daqui. Vamos logo.

- Kieran! - grito, frustrada.

Ele gesticula com a cabeça para que eu o siga.

- Vai mesmo me ignorar desse jeito? - rosno.

- Eu sou melhor em contar coisas quando estou de barriga cheia. Ande, você também ainda não comeu nada hoje.

- Não quero.

Meu estômago ronca muito alto. Traidor.

Vejo um sorriso torto nos lábios de Kieran e ele dá meia volta e cavalga até chegar perto de mim outra vez.

- Temos que correr - ri -, acho que ouvi um vulcão entrando em erupção.

- Engraçadinho - reviro os olhos.

- Ou talvez tenha sido o rugido de um monstro da floresta.

Suspiro. Kieran não vai mesmo me dizer nada, mas não consigo ficar zangada com ele. Acho que no tempo certo tudo será esclarecido e, até lá, não quero que nós nos desentendamos.

- Vamos logo - digo, esporeando meu cavalo.

- Anna?

- Hum?

- Prometo que contarei tudo - Kieran me encara com doçura e certo temor. - Mas não ainda.

Capítulo 20

A carruagem que nos espera está muito bem escondida em uma imensa floresta de pinheiros. Kieran e eu cavalgamos em um bom ritmo até avistarmos meia dúzia de homens em seus cavalos, esperando por nós. Eles não usam as cores tradicionais de Liriel em seus uniformes, o que me faz deduzir que vieram da terra de Kieran, Trollstone.

Paro meu cavalo quando Kieran para o dele e desmonto sem muita dificuldade. Papai montava muito bem e, apesar dos incessantes protestos de madame Daisy, me ensinou alguns de seus melhores truques. Pensar nele me faz sentir como se, de alguma forma, ele ainda estivesse cuidando de mim agora.

- Com licença, senhorita - um dos homens se aproxima e me pede as rédeas do meu cavalo. Eu lhe entrego e me concentro em limpar a neve de minha saia.

- Venha, Anna - Kieran se aproxima e segura minha mão -, você precisa comer alguma coisa.

Eu deixo que ele me guie para dentro da carruagem e nós comemos frutas e pão e bebemos leite morno. Meus olhos não deixam o rosto de Kieran nem por um minuto e eu fico tentando adivinhar o que ele está pensando. Desde que nos vimos pela primeira vez, eu gostei dele. Ele sempre foi muito honesto e transparente sobre suas intenções comigo, mas ainda sinto que há uma parte dele que está oculta e distante de mim. Isso me intriga.

- Seu pai estava investigando o incidente daquela jovem que morreu pouco antes dele - Kieran diz, subitamente, entre um gole e outro de leite. Seu olhar não encontra o meu.

- Martha? - sussurro.

Ele confirma.

- Foi um caso que colocou toda a vila em alerta, mas seu pai estava especialmente preocupado. Nos poucos momentos em que o acompanhei, ele me pareceu extremamente aflito e queria encontrar o culpado o mais rápido possível.

- Isso... não é algo normal? - indago. - Afinal, o prefeito deve se preocupar com o bem estar de todos.

Os olhos cálidos de Kieran buscam os meus.

- Era mais do que isso, Anna - sussurra. - Em nossa última conversa, ele pediu que eu cuidasse de você se algo acontecesse com ele. Como... como se ele soubesse que iria morrer...

Arregalo meus olhos.

- O que quer dizer com isso?

Kieran apoia os cotovelos nos joelhos, aproximando seu rosto do meu. Ele parece mais sério do que nunca.

- Anna, eu tenho uma teoria... - ele sussurra, olhando rapidamente de soslaio para a janela da carruagem. Então seus olhos voltam para meu rosto. - Creio que seu pai sabia quem era o culpado pela morte da garota. Acho até que o conhecia. E ele sabia do risco que estava correndo quando...

- Pare - eu interrompo, assustada.

Kieran me encara.

- Você... você está me dizendo que... meu pai sabia que ia morrer? Que ele sabia quem era a pessoa por trás da morte de Martha? E mesmo assim ele... - sacudo a cabeça, rindo de um jeito histérico. - Não é possível. Por... por que está me dizendo essas coisas?

Kieran franze a testa.

- Você me pediu que contasse, não se lembra?

Sacudo a cabeça outra vez.

- Isso não tem nada a ver com as pessoas de quem estávamos fugindo hoje mais cedo - minhas mãos estão tremendo. - Quem são? Por que você disse que estavam atrás de mim?

As mãos quentes de Kieran seguram meus ombros, espalhando uma onda de calor por meu corpo que me acalma um pouco. Só percebo que estou chorando quando ele enxuga meu rosto com o polegar e afaga minha bochecha.

- Nós fugimos das pessoas más que feriram seu pai, Anna - ele diz delicadamente -, mas que nunca chegarão a nem mesmo colocar os olhos sobre você. - Kieran segura meu rosto com as duas mãos, olhando para mim intensamente. - Você me entende?

Assinto.

Então é mesmo como eu suspeitava: quem assassinou meu pai está atrás de mim também, por algum motivo. Isso é muito mais assustador do que eu gostaria de admitir e faz meu coração acelerar. Quero voltar para casa e me esconder dentro de meu guarda-roupa junto com os pertences da minha mãe. Quero ficar segura. Parece que toda a cor da vida que eu conheço começa a desaparecer mais a cada coisa que descubro.

Outra onda de calor se espalha por meu corpo quando Kieran beija minha testa. Acho que se não fosse por ele, eu estaria desesperada e agindo feito louca agora.

- Trollstone é uma fortaleza - ele diz, com a voz firme. - Assim que chegarmos lá, nada nem ninguém nunca mais poderá ameaçar você. Nós vamos nos casar, nós vamos... vamos ser felizes e tudo isso vai parecer apenas um sonho distante e vago.

Ergo minha mão e toco seu rosto devagar, como se ele fosse desaparecer se eu me precipitar.

- Promete? - sussurro.

Kieran sorri suavemente. Então me dá um beijo doce, suave e demorado nos lábios - o suficiente para me deixar quase sem fôlego e febril.

- Eu prometo - ele diz, roçando os lábios nos meus. - Eu prometo, Anna.

Nós nos abraçamos e eu me permito relaxar em seus braços. Kieran é tudo o que eu tenho agora. É a minha fortaleza.

- Fique aqui - ele diz, soltando-me devagar. - Vou apressar os homens para que cheguemos a Trollstone o mais rápido possível.

Concordo e forço um sorriso. Assim que Kieran deixa a carruagem, eu cubro meu rosto com as mãos e choro sem fazer barulho. Quando eu disse que queria ter uma vida agitada fora de Liriel, não era dessa maneira. Por que parece que as coisas só pioram mais a cada segundo? Será que eu fiz algo errado e agora estou pagando o preço por isso? Será que tudo o que está acontecendo é um castigo dos céus por ser tão ambiciosa?

Enxugo o rosto molhado de lágrimas em meu manto cinza e fungo, tentando me recompor. Não quero que Kieran me pegue chorando e fique ainda mais preocupado. Não quero ser um fardo ainda mais pesado para ele.

Mordisco um último pedaço de pão, quando, de repente, um dos homens dá um grito alto lá fora. Ouço rosnados e exclamações e de repente o tinir de espadas. Levanto-me do banco de veludo vermelho da carruagem. Um baque surdo na porta me sobressalta e eu começo a ouvir marteladas, como se alguém estivesse pregando algo ali. Os gritos raivosos e os sons de luta não cessam - o que faz meu coração disparar. Kieran está lá fora. Ele pode estar em perigo. O que eu farei se algo acontecer a ele? Kieran é tudo o que eu tenho!

A carruagem é sacudida com muita força e eu caio de joelhos no chão dela, batendo o queixo contra o banco. O relinchar dos cavalos me alerta de que estamos em movimento e, por um momento, eu fico aliviada. Mas esse momento dura muito pouco.

- Anna! - ouço Kieran bradar desesperadamente, ao longe. - Não! Eu grito.

Puxo a cortina da janela e vejo a paisagem branca passar por meus olhos a uma velocidade vertiginosa, que embrulha meu estômago e me faz querer saltar da carruagem o mais rápido possível. Impulsivamente, coloco a cabeça para fora da janela e busco pelo cocheiro, mas ele não está conduzindo. Ninguém está. Os cavalos correm desgovernados como se não houvesse amanhã e arrastam a carruagem e, consequentemente, a mim com eles. Eu grito novamente e caio para dentro quando, mais uma vez, a carruagem é sacudida com força quando bate em uma pequena árvore. Mas os cavalos não param.

Levanto-me do chão e começo a empurrar e chutar a porta, tentando abri-la, mas é inútil. Coloco a cabeça para fora outra vez e vejo que as marteladas que eu ouvir eram realmente marteladas, pois há dois tapumes de madeira

bloqueando a porta. Começo a entrar em desespero. Preciso sair daqui. Preciso sair daqui. Preciso sair daqui.

Olho para frente e, para meu espanto, vejo que a carruagem se dirige a um abismo. Quem quer que tenha bloqueado a porta e soltado os cavalos dessa maneira, fez isso com a intenção de me matar. São as pessoas que mataram Martha? São as pessoas que mataram meu pai? Se forem, eu me recuso a morrer. Não vou deixar que me derrubem tão facilmente depois de tirarem minha última família de mim.

Tremendo como uma folha seca, coloco metade do meu corpo para fora da carruagem e sinto o vento frio cortante em meu rosto. Faz meus olhos arderem e seca as lágrimas que tentam vir. Passo uma perna para fora da janela e me puxo para o teto, tremendo tanto que mal consigo respirar. Agora estou quase completamente para fora e começo a acreditar que tenho chances de escapar. O abismo está a cada segundo mais perto, mas acho que consigo. Eu consigo. Subitamente, a roda da carruagem simplesmente se estilhaça ao bater em uma pedra cinzenta e o veículo tomba para o lado, capotando comigo parcialmente presa na cabine. Uma, duas, cinco, dez vezes.

Tudo gira muito rápido e faz sons feios e grotescos, mas eu não sinto nada.

Até que para. Então eu sinto o frio. Vejo o céu sobre mim e sinto o chão sob meu corpo, ambos completamente brancos, gélidos e turvos. Eu respiro. Graças aos céus, eu respiro. Mas não me movo. As lágrimas chegam e eu grito e choro como um bebê recém nascido. Eu consegui escapar, eu estou viva.

- Senhoritaaaaaa! - ouço uma voz distante gritar, tão cheia de preocupação que me faz chorar mais ainda.

Uma figura de capuz azul se aproxima e cai de joelhos ao meu lado, mas seu rosto não está nítido para mim. Minha cabeça ainda está girando.

- Oh, céus! - é a voz de um homem.

- Por... fav... me ajud... - eu sibilo, atordoada.

Sinto mãos em meus ombros.

- Nã-não se preocupe - ele diz, a voz quase tão trêmula quanto a minha -, a senhorita ficará bem... princesa Sonya.

Capítulo 21

Não chego a ficar completamente inconsciente, mas estou desnorteada o suficiente para não compreender o que está acontecendo. Sinto meu corpo balançar de um lado para o outro, como se estivesse de volta à carruagem desgovernada - mas o balanço é muito mais suave e lento. Abro os olhos e vejo o rosto de uma mulher de idade avançada me encarando com muita preocupação, assim como o homem de poucos momentos atrás. Não sei muito bem o que aconteceu depois que ele me encontrou caída na neve e me chamou por um nome que não é meu.

- Alteza, a senhorita está bem? - a mulher me pergunta, tocando minha testa com as pontas dos dedos.

Olho para além dela e vejo o céu branco. Por causa das muitas nuvens, não sei dizer se já é meio dia ou se é tarde. Estamos em uma... carroça?

Toco meu próprio rosto e sinto a pele de meu antebraço arder. Provavelmente me feri quando a carruagem capotou.

- O que aconteceu? - pergunto, voltando a olhar para a mulher.

Uma expressão furiosa assume suas feições enrugadas.

- Aqueles marginais ousaram nos atacar na estrada e quase levaram a senhorita! - ela diz, sacudindo a cabeça grisalha. - Eu disse a Kawel que a ideia do Primeiro Ministro era péssima!

- O quê? Eu... Perdão, acho que há algum mal entendido acontecendo aqui...

Ela pisca os olhos e me encara.

- Como?

- Eu estava com meu noivo mais cedo... acho que fomos atacados e a carruagem onde eu estava ficou desgovernada e...

- A senhorita deve ter batido a cabeça com muita força! - a mulher arregala os olhos, pousando uma das mãos sobre o peito. - Ainda não nos encontramos com Vossa Majestade, seu noivo.

- Vossa...? - franzo a testa. Sacudo a cabeça, ficando cada segundo mais confusa, e me apoio em meus cotovelos, numa tentativa de me sentar. - Escute, senhora... eu... meu nome é Anna e eu venho do vilarejo de Liriel...

- Mas isso não é possível... - ela sussurra, olhando para mim como se eu fosse um fantasma. Então vira-se para o cocheiro e grita: - Kawel! É pior do que pensamos! Ela perdeu a memória!

O homem, que conduz a carroça, olha para mim por cima do ombro.

- O que quer dizer com isso?

- Eu não perdi a memória! - protesto, conseguindo me sentar. Vários partes do meu corpo doem e eu até acho que há algo de muito errado com meu

tornozelo.

Os dois olham bem fixamente para mim - e o homem, Kawel, quase perde o controle do cavalo que arrasta a carroça. A mulher estica a mão e segura a manga da túnica dele, olhando para mim com muito mais espanto.

- Não... não pode ser... - sibila. - Pare essa carroça imediatamente, Kawel!

Ele protesta, mas faz o que ela lhe pede e se vira para olhar em nossa direção. A mulher lhe dá um tapa muito bem dado na cabeça e Kawel protesta. É um homem robusto e baixo. Ele não deve ser muito mais novo que ela e eu vejo certa semelhança entre os dois - talvez sejam irmãos.

- Por que me bateu, Ghia? - choraminga Kawel.

- Essa não é a princesa Sonya, seu grande imbecil!

Kawel me encara de testa franzida.

- Cruzes! - ele cobre a boca com as duas mãos. - Os olhos são diferentes...

A mulher, Ghia, lhe dá outro tapa.

- Como você foi capaz de fazer isso, hein?

- Se... se... se essa não é a princesa Sonya, então... aquele corpo que vi mais cedo era...

Kawel começa a tremer e fita o chão coberto de neve abaixo de nós, como se revivesse algo ruim. Ghia vai até ele e segura seus ombros, sacudindo-o.

- Corpo? Que corpo?

- E-eu pa-passei por um lago congelado... perto de onde a carruagem da princesa foi atacada por aqueles malditos... - ele esfrega os olhos. - Havia... um corpo de uma moça mu-muito parecida com a princesa Sonya e eu... eu cheguei bem perto para checar se era mesmo ela, mas... mas eu ouvi gritos de moça vindos da direção oposta. Eram tão, mas tão idênticos aos gritos da princesa que... que eu não pensei duas vezes e...

- Você foi em direção aos gritos? - eu pergunto, aflita. - Acho que eram meus! Você... você viu o que aconteceu quando chegou lá? Havia homens lutando?

Kawel franze a testa, tentando se lembrar.

- Lutando? Não... só havia homens assustadores fazendo coisas assustadoras...

Crispo os olhos, sentindo um frio na barriga.

- Que coisas?

Kawel faz uma careta de dor e vejo suas mãos tremerem muito.

- Acho que eles estavam queimando... corpos.

Arregalo os meus olhos.

- Corpos? - a palavra sai engasgada de minha boca.

Minha mente rapidamente voa longe, pensando nas possibilidades. Se Kieran e seus homens tivessem vencido a pequena luta lá, sem dúvida teriam saído para me procurar. Como ainda estou na floresta de pinheiros, tenho

certeza de que Kieran teria me encontrado a essa hora. Eu sem dúvida ouviria seus gritos a quilômetros.

Então... se ele não me encontrou...

Não.

- Não pode ser - eu me engasgo com as palavras outra vez. Olho para Kawel e estendo a mão para segurar seu braço, num gesto de súplica. - Por favor, me diga que entre os homens vivos havia um... um homem louro e alto... por favor...

Kawel me olha com muita tristeza e seu lábio inferior treme.

- Sinto muito, eu só vi homens vestidos de preto...

Cubro meu rosto com as duas mãos e me dobro para frente, em desespero. As roupas dos homens de Kieran eram todas em tons de verde e dourado - eu me lembro bem. Kieran usava azul. Isso quer dizer que ele está morto?

Levanto o rosto e fito Kawel com ainda mais desespero.

- Tem certeza do que viu? - eu soluço, sem conseguir conter o choro. - Por favor... por favor, diga que havia um homem louro vestido de azul juntos aos sobreviventes... Diga que ele está vivo, por favor...

Os leves tapinhas condescendentes que Ghia dá em minhas costas só pioram tudo; meu choro se intensifica a ponto de eu mal conseguir respirar. Meus dedos agarram minha saia com muita força, como se esse gesto fosse me impedir de me estilhaçar. Mais uma vez, parece que o chão sumiu de debaixo dos meus pés e o abismo em que caio não tem fim. Isso não é real. Eu não posso aceitar que isso está acontecendo comigo. Deve ser um pesadelo. Eu não aceito isso.

- Eu... quero ir até lá - digo, entre um soluço e outro. - Eu tenho que... procurar por ele...

Kawel e Ghia hesitam.

- Senhorita...

- Pode ser perigoso...

Encaro os dois, sem conseguir ver seus rostos com clareza por causa das lágrimas em meus olhos.

- Vocês não entendem - choro, sacudindo os ombros -, ele é tudo o que eu tenho. Sem ele, não me resta absolutamente nada.

- Oh, céus... - Ghia sibila.

- Por favor... vamos voltar...

***

Encontro a bolsa de moedas de Kieran parcialmente chamuscada em meio a

uma pilha de cinzas misturada com neve avermelhada. Há apenas uma moeda de ouro dentro. Eu a seguro na palma de minha mão e a aperto com força contra meu peito, caindo de joelhos na neve suja. E choro. Choro porque não poderei mais ver Kieran. Seu sorriso. Seus olhos sinceros. A expressão em seu rosto sempre que nos encontrávamos. Choro pelo futuro juntos que nunca chegaremos a ter. Choro por seus pais que perderam um filho precioso e talvez nunca saibam disso. Choro porque estou completamente sozinha.

Sozinha.

O que farei agora?

Não tenho meios para retornar a Liriel e, mesmo se tivesse, eu provavelmente serei morta se pisar lá novamente. As pessoas que mataram meu pai saberão se eu o fizer. Afinal, não é como se eu fosse uma garota comum que pode se esconder tão facilmente na vila que seu pai costumava governar.

Ouço passos atrás de mim e sinto uma mão pousar em meu ombro.

- Senhorita...

É Ghia.

Afasto-me de seu toque.

- Por favor, vá embora... - choramingo, enxugando meu rosto com as costas da mão.

- A senhorita não pode ficar aqui...

- Eu não posso desistir assim - sacudo a cabeça, olhando para ela por cima do ombro. - E se ele não estiver morto? E se tiver fugido dos assassinos?

Minhas palavras soam vazias, porque no fundo eu não acredito nelas de verdade. No fundo, eu sei que perdi meu noivo e não há nada que possa trazê-lo de volta para mim. Não quero admitir que Kieran se foi, pois estou com mais medo do que jamais senti na vida e aceitar isso fará com que eu fique ainda mais aterrorizada.

- Venha conosco - agora é Kawel quem fala. - Precisamos de sua ajuda.

Olho para ele.

- O quê?

- Kawel, não... - Ghia sacode a cabeça, aflita.

Ele a encara com firmeza.

- Não temos outra escolha, Ghia. Nossa princesa se foi. Seremos enforcados se não cumprirmos nosso dever.

Ghia resmunga, mas não protesta. Kawel dá um passo na minha direção e se ajoelha ao meu lado, olhando para mim.

- Senhorita, precisamos de sua ajuda - diz, um tanto suplicante. - Fomos mandados para cá como responsáveis pela princesa Sonya e devemos entregá-la ao rei de Coronte, para um casamento que salvará nossa terra da miséria. Para nosso infortúnio... - sua voz treme - fomos atacados por bandidos que sequestraram a carruagem da princesa e... oh, céus, agora não há mais princesa

alguma.

Eu fungo, encarando-o. Será que ele quer dizer o que eu penso que quer dizer?

- Precisamos que a senhorita... que... que a senhorita...

- Por favor, finja ser a princesa Sonya! - Ghia exclama, abruptamente.

Arregalo os olhos.

- Eu...?

- A semelhança entre vocês duas é extraordinária - ela diz.

- E assustadora - Kawel completa.

Enxugo o rosto novamente com as costas da mão.

- Por que eu faria isso? - indago, sacudindo a cabeça. - É absurdo. Serei descoberta e morta!

- Ninguém em Coronte conhece a aparência da princesa ainda, nem mesmo o rei - argumenta Ghia. - E, uma vez casada, você nunca precisaria voltar para a terra natal de Sonya.

- Além disso... a senhorita não tem para onde ir, não é mesmo? - Kawel dá de ombros.

Coloco-me de pé, atordoada.

- Isso é loucura! Acham mesmo que um plano desse daria certo?

- O que temos a perder? - Ghia tem uma expressão miserável no rosto. - Kawel e eu seremos mortos se não levarmos a princesa a Coronte. A senhorita é nossa única chance.

Sacudo a cabeça. Que maluquice! Como posso sequer pensar em fingir ser outra pessoa? E não uma pessoa comum, mas uma princesa! Não posso. Não há como uma coisa dessas acabar bem. É arriscado demais.

Por outro lado, eu não tenho para onde ir - como o próprio Kawel disse. Talvez desaparecer sob a identidade de outra pessoa seja o recomeço de que eu preciso agora, para seguir em frente. É melhor do que vagar sozinha sem rumor e à espera de um milagre que me dê um novo objetivo.

Confusa, sacudo a cabeça outra vez. Tudo está acontecendo rápido demais.

- Eu não sei - digo. - Preciso pensar...

- Nós ensinaremos tudo o que precisa saber sobre a princesa Sonya - Ghia segura minhas mãos. - A senhorita parece ser uma moça nobre, então não terá dificuldades em aprender os hábitos de uma princesa.

- E-eu... - gaguejo. - E quanto ao rei? Terei mesmo que me casar com ele, um... um completo desconhecido? Fingindo ser alguém que não sou?

Ghia e Kawel trocam um olhar triste que quase termina de partir meu coração.

- É para salvar nosso povo - Kawel sussurra, baixando a cabeça.

Fecho os olhos e suspiro. Imagino o que papai diria se me visse agora. Que conselho ele me daria? É claro que diria que mentir e enganar é errado, mas

essa é, de certa forma, uma das causas nobres pelas quais ele acharia que vale a pena lutar. Ele sempre dizia que um bom líder coloca seu povo antes de tudo e luta pelo bem das pessoas que dependem dele. Mesmo não sendo o meu povo, e sim o da princesa Sonya, eu tenho o direito de tentar ajudá-los? Está mesmo tudo bem se eu fizer disso meu novo objetivo de vida?

E quanto ao rei?

Tudo o que eu menos queria era casar-me com um estranho. Meu coração se encheu de alívio e alegria quando conheci Kieran e gostei dele. Em meu coração, ele era a minha pessoa, o meu futuro marido e amor. Como posso arrancá-lo tão repentinamente e colocar em seu lugar um homem estranho de quem não sei absolutamente nada?

Seguro a moeda de ouro com mais força entre meus dedos.

Perdoe-me, Kieran.

Olho para Ghia e Kawel e assinto uma única vez. Todo o meu corpo treme, como se eu tivesse tomado a decisão mais importante da minha vida.

- Tudo bem - minha voz soa rouca e amarga. - Eu serei sua princesa.

Capítulo 22

A noite chega muito rápido e muito fria.

Os sacolejar da carroça de Ghia e Kawel me deixa enjoada, mas a dor em meu corpo me distrai disso e me impede de me debruçar e vomitar na estrada de neve. Quando corri até o local onde aquela atrocidade aconteceu a Kieran e seus homens mais cedo, meu tornozelo piorou e só agora estou sentindo a dor de verdade. Minha cabeça também não está muito boa. Estou, em poucas palavras, completamente arrasada.

Durante nossa viagem de mais horas do que pude contar, ouço a voz de Kieran inúmeras vezes. Ela me conforta e diz que ficarei bem. Devo estar tão triste que estou a ponto de ficar maluca.

- Ajeite isso - Ghia resmunga e ajeita o xale de lã que cobre minha cabeça e ombros. - Vai congelar até a morte se ficar exposta nessa neve maldita.

Dou-lhe um sorriso fraco.

- Não gosta da neve?

O rosto enrugado de Ghia fica ainda mais contorcido, como se ela tivesse chupado limão.

- De jeito nenhum. Não temos essa coisa em casa.

Olho para ela, curiosa.

- Mesmo? De onde vocês vieram?

- Viemos de Avival, um reino ao leste daqui, muito pequeno para que a senhorita saiba dele - Kawel responde por ela, enquanto conduz a carroça calmamente. - Lá não há neve, mas há praias, belas cachoeiras e muito sol.

- E pobreza - rosna Ghia.

Assinto, imaginando como deve ser. Aqui no norte neva a maior parte do ano e eu gosto muito do frio, mas praias e sol não me parecem nada ruins.

- O lugar para onde vamos - começo a perguntar - é quente?

Ghia olha para Kawel por cima do ombro, como se só ele pudesse responder.

- Oh, sim - ele assente.

- Como é lá?

- Eu visitei Coronte há dois anos, quando as negociações para a união entre os dois reinos começaram. O falecido rei, pai da princesa Sonya, foi companheiro de guerra do rei Kilian quando Coronte foi atacado por bárbaros e uma amizade entre as coroas surgiu. - Kawel faz uma pausa para desviar de pedras no meio da estrada. - Lá parece ser sempre outono. É bastante agradável, se a senhorita gostar de calor.

Absorvo a informação e sinto o nome dito por Kawel martelar em minha cabeça.

Kilian.

Rei Kilian.

Parece um nome imponente para alguém imponente. Isso me preocupa. Se esse rei for um homem ruim, como suportarei ser a esposa dele? Como ficarei ao lado de uma pessoa que não admiro? Como será a minha vida?

Cerro meus punhos. Serei corajosa. Eu posso enfrentar tudo isso. Se me acovardar agora não terei energias para ser forte depois e ninguém será forte por mim. Estou sozinha.

- Como é o rei Kilian? - pergunto a Kawel abruptamente, sentindo um nó na garganta. Não terei paz enquanto não souber ao menos uma coisa sobre ele.

Ghia e Kawel trocam um rápido olhar.

- Ele é um rei forte - Kawel responde, de costas para mim.

E é tudo.

Permaneço em silêncio, esperando que ele acrescente mais alguma informação ou comentário, mas não. Ghia também não diz nada, apesar de eu

ter certeza que ela sabe de algo. Se eles soubessem o quanto isso me deixa ainda mais ansiosa, não fariam essas caras de paisagem e me diriam de uma vez que tipo de homem ele é. Ou talvez não queiram mesmo que eu saiba. Talvez me assuste.

Enquanto eu organizo meus pensamentos, nossa viagem segue noite adentro até chegarmos à uma estalagem pequena. Kawel e Ghia mal me deixam ser vista e me colocam em um pequeno quarto separado. Eu choro antes de dormir, mas adormeço muito rápido. Meu corpo está cansado demais para suportar as emoções que tomam conta de mim e o sono me atinge como uma pedra.

No dia seguinte, sou acordada por Ghia, que me serve um café da manhã no pequeno quarto e me apressa para continuarmos nossa viagem. Ela me instrui sobre como me portar, já que agora eu não sou mais Anna de Liriel e sim Sonya de Avival. Sou uma princesa daqui para frente.

Deixamos a estalagem pouco antes do sol nascer e seguimos pelas intermináveis estradas de neve. Hoje parece mais frio, por isso Ghia me cobre com um manto pesado ao invés do xale de lã que usei ontem. Ela e Kawel parecem mais falantes e me contam mais sobre Avival e sobre a família real. Logo descubro que a segunda rainha, madrasta de Sonya, contraiu uma doença incurável e faleceu, o que fez com que o rei entrasse em severa depressão e partisse três meses depois dela. O reino entrou em profunda crise e a única herdeira, a princesa, foi colocada como regente. Porém, mesmo auxiliada pelo Conselho Real, os problemas eram sérios demais para que Sonya resolvesse e tudo piorou. Avival empobreceu e um casamento real começou a ser exigido pelos nobres. Na mesma época, foi anunciado que o rei Kilian, de Coronte, estava procurando por uma esposa de linhagem real e as negociações entre Avival e Coronte começaram. Há dois dias, a princesa Sonya partiu com uma pequena comitiva - que foi o que o reino pôde financiar - e foi atacada por ladrões de estrada a caminho do reino de seu futuro marido.

Tanto Ghia quanto Kawel têm lágrimas nos olhos quando terminam de me contar tudo. Eles dizem que Sonya era uma princesa extraordinária e valente e que tentou fazer o melhor que podia por seu reino. Isso parte meu coração, mas, de certa forma, também me inspira. Farei dessa missão meu novo objetivo de vida - já que agora não me sobrou nenhum - e ajudarei Avival. Salvarei o povo de Sonya para que seus esforços não tenham sido todos em vão e para que ela possa descansar em paz.

Nossa viagem se estende por mais dois dias e eu peço a Ghia para que me

ensine tudo sobre como ser Sonya. A cada parada, ela me mostra os trejeitos e hábitos da falecida princesa e me faz praticar bastante, até que eu consiga fazer igual. Kawel me informa sobre os problemas enfrentados em Avival e me instrui sobre o que devo fazer assim que assumir o trono como rainha de Coronte. Não paro para pesar em como esse novo futuro me assusta ou sobre os perigos que correrei, apenas me mantenho focada em me tornar Sonya.

Em nossa terceira noite na estrada, percebo que Ghia e Kawel me olham diferente. Um diferente bom. É como se me respeitassem mais. Percebo que eu também os admiro por serem servos tão fiéis e por se arriscarem tanto pelo bem de seu reino e seu povo.

Quando acho que meu corpo não pode suportar mais um minuto nessa carruagem, sinto o calor. Já não há mais neve na estrada e eu não preciso mais de mantos ou xales. Kawel e Ghia comemoram, contentes por termos deixado o frio para trás, mas meu coração dói. Sinto saudades da neve. Saudades de casa, de madame Daisy, de Reidi e Vega, de Kieran, de papai. Dói, mas eu não deixo que essa dor me atordoe ou me distraia da missão.

É fim de tarde quando vejo, ao longe, o palácio do rei Kilian. Ele é grande, cercado por muros altos e brilha ao pôr do sol como uma construção tão imponente quanto o nome de seu rei. Vejo também o outono de que Kawel falou nas copas alaranjadas da árvores e nas folhas coloridas espalhadas por todo lado logo nos portões da cidade.

- Chegamos - Ghia aperta meu ombro carinhosamente, assim que Kawel para a carroça diante dos portões.

Olho para ela e dou um sorriso contido. Estou assustada, mas ao mesmo tempo muito ansiosa para começar minha nova vida.

A carroça e nossos pertences são inspecionados pelos guardas reais antes de entrarmos e eles logo liberam a passagem. Ghia me puxa para perto dela e começa a arrumar meus cabelos num coque trançado.

- Ainda não vamos apresentá-la ao rei, mas você precisa estar bonita quando entrarmos na cidade - ela diz. Então acrescenta com suavidade: - Alteza.

Eu assinto, sentindo um turbilhão de sentimentos encherem meu peito.

Vai ficar tudo bem, digo a mim mesma. Você pode fazer isso.

Coronte é simplesmente fascinante. Tudo é composto por cores muito quentes e vivas e não faz tanto calor quanto eu pensei que faria. Há árvores por todos os lados, praças bonitas e casas feitas de tijolos e pedras. É agitado e não parece nada com o lugar tenebroso que projetei em minha imaginação. Quero descer logo da carruagem e conhecer o mercado, os jardins e as praças.

- A senhorita parece surpresa, Alteza - cantarola Kawel sorrindo.

Pela primeira vez em dias, eu rio.

- É muito bonito aqui.

- De fato - ele concorda.

- Aonde iremos primeiro? - pergunto, sentindo certa animação.

Ghia me lança um olhar de censura.

- Ao palácio, é óbvio - diz sem rodeios. - A senhorita precisa ser acomodada, banhada e vestida para conhecer o rei.

Encaro-a, piscando.

- Vamos nos conhecer hoje?

- Quanto antes melhor - ela assente, mau humorada.

Meus ombros caem e eu fico desapontada. Pensei que poderia ter uns poucos e últimos momentos de liberdade antes de entrar no palácio, mas parece que me enganei. Será que poderei conhecer Coronte depois? Talvez amanhã?

- Cubra-se com isso - Ghia coloca um manto sobre minha cabeça.

Olho confusa para ela.

- Não é tão frio aqui, por que preciso disso?

Ela olha em volta, de soslaio.

- A senhorita é a futura rainha desse povo e está chegando ao palácio em

uma carroça roubada, é melhor esconder o rosto se quiser ter alguma reputação mais tarde. - Ela ajeita o capuz do manto, de forma que apenas meu nariz, boca e queixo fiquem de fora.

Eu não discuto, mas espio o cidade enquanto a carroça se aproxima do palácio.

Chegamos aos portões de ferro e uma voz masculina grita, pedindo que nos apresentemos - não vejo quem é por causa do capuz. A carroça balança com o movimento de Kawel descendo e eu espero com Ghia. Minutos depois, ouço o som estrondoso dos portões se abrindo e a carroça volta a andar. Espio e vejo guardas do rei nos escoltando, vestidos com suas armaduras prateadas brilhantes. Tentei me preparar para tudo isso durante nossa viagem, mas já parece muito surreal.

A carruagem para e eu afasto o capuz, de forma que apenas meu rosto fique descoberto. Olho ao redor e vejo um pátio de pedra enorme, decorado com flâmulas e bandeiras nas cores amarelo e carmim. Só essa parte do palácio já é bem maior que minha casa em Liriel. Olho para cima e vejo várias torres, repletas de janelas. Tudo muito, muito grande.

Do meio dos guardas de armadura, sai um homem muito bem vestido, obviamente um nobre. Ele se aproxima de mim sorridente e me estende a mão.

- Princesa Sonya, é mais que uma honra tê-la conosco.

Hesito e olho para Ghia, que assente para que eu aceite. Deslizo minha mão através do manto e pouso sobre a dele. O homem tem cabelos e barbicha grisalha e é magro como uma vareta. Suas roupas são de tecidos finos e ele ostenta algumas medalhas no peito.

Eu o saúdo como Ghia me ensinou.

- Milorde - digo, fazendo um breve gesto de cabeça.

Sem soltar minha mão, ele faz uma reverência exagerada.

- Sou lorde Gaston - ele se apresenta. - Eu a acompanharei com seus servos até seus aposentos.

Então esse é lorde Gaston. Ele é o responsável pela comunicação entre

Avival e Coronte, é o mediador. Faz sentido que ele venha me receber, já que é o nobre mais próximo do reino de Sonya.

Sorrio educadamente para ele.

- Obrigada, milorde.

Adentramos o palácio e eu mal posso conter minha surpresa e admiração assim que piso no salão principal. É tudo tão lindo e sofisticado que tenho vontade de parar e ficar olhando para sempre. A tapeçaria, os lustres e toda a decoração são simplesmente maravilhosos. Há colunas de marfim esculpidas, janelas grandes cobertas por cortinas de veludo e quadros que ocupam paredes inteiras, retratando reis, rainhas e a família real. Olho cuidadosamente cada um dos rostos, perguntando-me qual desses rostos pertence ao rei Kilian.

Devo parecer bastante óbvia, porque lorde Gaston começa a rir. Ghia e Kawel, atrás de nós, param e nos encaram.

- Sua Majestade não está nesses quadros - o lorde diz, cruzando as mãos atrás do corpo. - Aqui estão apenas os reis do passado.

- Oh, entendo - eu digo, envergonhada.

- Não se lembra de mim, não é mesmo, Alteza?

Congelo.

Céus, ele me conhece? Ou melhor, ele conhece Sonya? Ghia e Kawel me disseram que ninguém aqui sabe como ela é!

- Como, milorde? - a pergunta deixa meus lábios como um silvo. Meu coração dispara.

- Vossa Alteza não deve se lembra, certamente...

- E-eu não...

- ... afinal, era apenas uma criança de colo - ele sorri.

Disfarço meu profundo alívio com um sorriso. Ele conheceu Sonya quando ela era um bebê.

- Temo que não, milorde - dou uma risada nervosa.

- É ótimo vê-la tão crescida e bonita, sua mãe ficaria orgulhosa.

Engulo em seco, lançando um rápido olhar para Ghia e Kawel.

- Obrigada - assinto.

Lorde Gaston continua a me guiar através do salão e nós chegamos à colossal escadaria. Subimos dois lances quase intermináveis até finalmente chegarmos às portas douradas do que lorde Gaston chama de meus aposentos. Sei que vou gostar, antes mesmo de entrar.

- Espero que satisfaça suas expectativas, Alteza - diz o lorde.

Sorrio para ele.

- Tenho certeza de que sim, milorde.

Ele estende a mão para mim novamente e novamente eu a seguro. Lorde Gaston beija as costas de minha mão e faz uma reverência.

- Nós nos veremos mais tarde, no banquete real - diz. - Deixarei Vossa Alteza aos cuidados de seus servos.

Sinto um frio na espinha.

Banquete real.

Cumprimento lorde Gaston com uma reverência e ele vai embora. Ghia surge ao meu lado e me puxa para dentro do quarto, fechando a porta atrás de nós. Apoio uma das mãos no peito e respiro fundo, com as costas contra a porta.

- Por um segundo, pensei que estava tudo acabado - digo, olhando para ela.

- Não confia em nós? - Ghia apoia as mãos nos quadris.

Sorrio.

- Confio, mas...

Ghia agita as mãos.

- Isso não importa agora. Venha, vou preparar seu banho e seu vestido para esta noite.

Ergo os olhos e finalmente vejo meu quarto. É magnífico e tão ricamente decorado quanto o restante do palácio que tive o prazer de ver. Tem três cômodos. No primeiro, há uma mesa de oito lugares, uma poltrona num canto e um aparador onde um vaso de flores silvestres está. No segundo, há uma cama com dossel muito grande, cobertores e travesseiros feitos com os mais finos materiais, um divã de madeira e veludo vermelho e uma escrivaninha. As janelas ocupam paredes inteiras e as cortinas são bordadas com arabescos. No último cômodo, há um guarda-roupa maior do que qualquer um que eu já tenha visto na vida, um biombo de madeira branca, espelhos grandes, uma penteadeira deslumbrante e bem equipada com produtos embelezadores que fariam minhas amigas Reidi e Vega chorarem de alegria e uma grande banheira.

Fico sem fala por vários minutos, após me deparar com tanto luxo. É tudo tão lindo que devo estar sonhando. Parece... mágico.

Talvez me acostumar a tudo isso não seja tão difícil, no fim das contas.

Capítulo 23

Olho-me no enorme espelho de moldura dourada e mal posso conter um arquejo surpreso. Estou tão bonita e brilhante que nem pareço mais eu mesma - e acho que essa foi exatamente a intenção de Ghia quando me arrumou assim. Agora eu sou uma princesa, sou a princesa Sonya que foi prometida ao rei Kilian para salvar seu povo da miséria. Estar bonita assim será uma de minhas funções a partir de hoje e talvez eu me acostume mais rápido do que pensei ser possível.

Meu vestido é a coisa mais luxuosa que já usei na vida. É azul marinho, feito de veludo e tafetá e bordado com arabescos prateados. A saia é imensa, bastante rodada e faz um movimento muito gracioso quando eu giro. A gola alta me sufoca um pouco e o espartilho aperta minhas costelas com força, mas eu me forço a aguentar. Meus cabelos caem soltos por minhas costas e ombros, em uma cascatas de cachos cuidadosamente modelados por duas criadas que ajudaram Ghia a me preparar; uma delas traz uma tiara prateada e coloca em minha cabeça. Também me enfeitam com joias tão lindas que me deixam de olhos arregalados.

- Está pronta - suspira Ghia, enxugando gotas de suor da testa com as costas da mão.

Abro um sorriso gigante e olho para ela.

- Obrigada, Ghia. - E me volto para as duas outras criadas. - Obrigada por seu trabalho.

Ambas fazem reverência ao mesmo tempo, de cabeça baixa.

- Vou sair por um momento - diz Ghia. - Por favor, não se mova muito, alteza. Não deve estragar nosso trabalho.

Vejo as criadas ficarem espantadas com o jeito autoritário como Ghia fala comigo e tento suavizar a atmosfera.

- Você é sempre tão direta - rio, dando-lhe tapinhas no ombro. - Não se preocupe, ficarei quieta até você voltar.

Ghia faz uma reverência e deixa meus aposentos sem dizer mais nada. Sinto meus ombros relaxarem um pouco, sem deixar de permanecer alerta, pois as criadas ainda estão presentes. Encaro mais uma vez meu reflexo no espelho e suspiro, lembrando-me do quanto eu sempre quis deixar Liriel e visitar a corte usando vestidos assim. É um infortúnio que essas coisas estejam acontecendo dessa forma - sem que eu seja eu mesma. Imagino o que madame Daisy diria se me visse agora e o que Vega e Reidi achariam de meu vestido sofisticado. Penso até no príncipe Klaus, que parece ter simplesmente desaparecido após aquela manhã em que nos encontramos. Penso em papai e em Kieran, o tempo

todo.

- Como ele é, hein? - pergunto repentinamente a uma das criadas.

Ela parece confusa. É tão nova que duvido que tenha mais de treze anos.

- Perdão, Alteza? - sua cabeça se ergue um pouco.

Viro-me para olhar para ela.

- O rei Kilian - esclareço. - Que tipo de rei é ele?

As duas criadas trocam um rápido olhar.

- Bem... - a criada que parece ter treze anos baixa os olhos para o chão.

- Sua... Sua Majestade é um rei que enfrenta muitas guerras, então ele é um guerreiro habilidoso... - diz a outra, sem fazer contato visual comigo. - Ele mantém a ordem e a paz em Coronte e é justo.

Ergo minha saia e caminho para mais perto delas, que se encolhem conforme me aproximo. Isso é desconfortável, é como se tivessem medo de mim.

- Ele é bonito? Velho, jovem...? - atrevo-me a perguntar, abandonando o tom formal para tentar diminuir essa distância entre nós.

Consigo fazer uma delas sorrir discretamente, mas as duas ainda evitam olhar para mim.

- O vigésimo sexto aniversário de Sua Majestade é daqui a algumas semanas, Alteza - diz a mais velha.

- E todas as damas consideram sua aparência formidável - completa a mais nova.

Certo. Guerreiro habilidoso e justo. Vinte e cinco anos e razoavelmente bonito. É, acho que posso lidar com isso. Parte de mim fica aliviada por não estar prometida a um velho sem honra ou a um garoto muito mais novo do que eu. A outra parte está querendo mais detalhes sobre o rei, desesperadamente.

Antes que eu possa perguntar mais coisas, Ghia está de volta, acompanhada de um homem vestido de um jeito engraçado que se apresenta como mordomo-chefe. Seu nome é Gustolf e ele anuncia que o banquete real já está prestes a começar. Meu corpo inteiro entra em um frenesi nervoso e eu começo a ter dificuldades para respirar - uma coisa é pensar em conhecer o rei com quem vou me casar, outra é realmente conhecê-lo. Ghia percebe meu nervosismo e, inesperadamente, segura minha mão. Ela não precisa dizer nada para que eu entenda o sentido por trás de seu gesto: ela está me dando forças, me apoiando.

Logo aquele homem que conheci mais cedo, lorde Gaston, chega para me acompanhar. Ele está ainda mais extravagante do que eu, em uma túnica carmim de cetim e detalhes dourados - sem dúvidas é um homem bastante excêntrico.

- Alteza - ele me dá seu braço, graciosamente, e eu aceito.

Ghia disse certa vez que, como uma princesa, não devo recusar quando me

dão o braço - seria um gesto muito mal educado.

Sou conduzida por lorde Gaston pelos corredores largos e ricamente decorados e reverenciada vez ou outra por guardas e criados com quem nos deparamos pelo caminho. Tão logo ouço a música, começo a tremer e esforço-me para não deixar que lorde Gaston note.

- Se me permite que diga, Vossa Alteza está de tirar o fôlego hoje - ele diz, com uma risada grave.

Seu comentário me deixa ainda mais nervosa. Começo a pensar no que o rei achará de mim. Será que sou suficientemente parecida com a princesa Sonya para que ele goste da minha aparência? E se não gostar? E se eu fizer alguma coisa que acabe com o noivado e com as chances de me casar com ele? E se o povo de Avival continuar na miséria por minha culpa?

- Alteza? - ouço a voz de lorde Gaston.

- Oh - saio de meus devaneios -, sim?

- Está tudo bem?

Noto que estamos diante de portas douradas que vão to teto até o chão e que, de repente, a música ficou mais alta. Chegamos ao salão do banquete real.

- Ah, sim - assinto e forço um sorriso, cerrando o punho que não está enlaçado no braço do lorde.

Ele me dá um sorriso solidário.

- Tudo correrá bem - diz.

Ouço o som estridente de trombetas tocando e uma voz forte e alta anuncia minha entrada - ou melhor, a entrada da princesa Sonya de Avival. As portas douradas gigantes se abrem e eu logo vejo o belo e iluminado salão cheio da nobreza e realeza em seus trajes lindos e surreais. Todos olham para mim. Absolutamente todos. Ajeito minha postura e respiro fundo. Lorde Gaston volta a me conduzir e nós adentramos o salão ao som de uma salva de palmas cordiais. Arrisco um sorriso discreto vez ou outra enquanto atravessamos o imenso salão e vejo algumas pessoas retribuírem, como se me encorajassem. Lembro-me do Desfile da Primavera que realizamos em Liriel, no qual as damas desfilam com seus vestidos floridos e recebem agraciações da multidão que assiste. Eu mesma já desfilei inúmeras vezes. Fico mais confiante e começo a me divertir.

Até chegarmos diante do trono do rei.

Lorde Gaston para e faz uma reverência, mas eu simplesmente congelo, olhando para a figura sentada naquela enorme e adornada cadeira de veludo.

A aparência do rei Kilian supera todas as minhas expectativas. Ele é, de fato, muito agradável de olhar. Seus olhos são da cor de safiras e seus cabelos são de um tom interessante de castanho-escuro e levemente encaracolados, mas o que me deixa sem fôlego diante dele é a forte aura de autoridade e imponência que ele exala. Mesmo que estivesse todo sujo e usando trapos, eu

saberia que ele é um rei. Tudo nele grita isso.

Um silêncio mortal se instala no salão e eu percebo que estou parada, sem reverencia-lo. Forço meus joelhos a se flexionarem e faço uma reverência como Ghia me ensinou. Não deixo de encarar seus olhos por um segundo, no entanto. É como se me prendessem. Ele olha firmemente para mim também, mas não expressa emoção alguma.

Lorde Gaston solta meu braço e começa um discurso sobre o casamento real e as vantagens para as nações de Coronte e Avival. Eu mal ouço o que ele diz e, honestamente, não tenho interesse nisso agora. O que quero é que o rei Kilian se manifeste - que franza a testa, que sorria, que assinta, que faça qualquer coisa que me permita interpretá-lo. Se eu não visse seus olhos piscarem vez ou outra, poderia jurar que é a escultura de um homem que está sentada no trono ao invés do rei.

De repente, ele se levanta do trono. As pessoas aplaudem e eu me encolho, pega de surpresa - palmas sempre foram tão altas? O rei Kilian desce os degraus de mármore e se aproxima de mim e de lorde Gaston, que dá dois passos para trás. Logo, estou a um metro de distância do rei e meu coração martela tanto em meus ouvidos que tenho certeza de que ele é capaz de ouvir. Com um meneio de cabeça, o rei me reverencia e estende uma mão para mim. Trêmula, pouso meus dedos nos seus e me surpreendo ao ver o quanto sua mão é calejada - provavelmente por causa das guerras que tanto dizem que ele lutou. Rei Kilian se inclina e beija as costas de minha mão suave e rapidamente, e então a segura com mais firmeza, virando-me de frente para a multidão de nobres que lota o salão. Todos aplaudem e bradam palavras de congratulação.

Eu sorrio, apesar de estar apavorada. Este rei ao meu lado, este homem, é, de fato, forte. Sua túnica mal contém os músculos de seus braços e peitoral. Ele é alto e seus ombros são largos. Sou tomada por um medo repentino dele e me pergunto o que acontecerá comigo se ele não gostar de mim.

Uma música começa a tocar e os nobres abrem um espaço no centro do salão. O rei me conduz até lá e para diante de mim, sério. Ah, eu quase me esqueci disso. Devemos dançar para celebrar o noivado, Ghia me instruiu sobre esse detalhe também. Apesar de não conseguir imaginar este rei tão rústico dançando, permito-me ser conduzida e tento não parecer tão nervosa.

- Seja bem-vinda a Coronte - ele diz, enquanto giramos pelo salão. Sua voz é grave e combina com sua aparência.

Olho diretamente para seus olhos. Por alguma razão, não posso evitar encará-los.

- Obrigada... Majestade - eu dou um sorriso rápido.

- Sinto muito pelo que aconteceu em Avival, é um infortúnio - ele desvia o olhar.

- De fato - concordo.

A conversa entre nós simplesmente não flui e, mais rápido do que penso ser possível, a música acaba. O rei faz uma reverência aos nobres, agradecendo pelos aplausos, e eu o imito. Então ele solta minha mão e me oferece o braço, como lorde Gaston fez mais cedo. Eu aceito e sou conduzida ao outro lado do salão, à extensa e farta mesa do banquete. Duas cadeiras grandes e adornadas estão em um lugar de destaque e é para lá que o rei me conduz.

- Sente-se - ele puxa uma das cadeiras para mim.

- Obrigada, Majestade - eu me sento.

Ele ocupa o lugar ao meu lado e nós ficamos observando os casais girarem pelo salão ao som da música tocada por um pequeno grupo de violinistas que só noto agora, em um canto do salão. A cada dez segundos, olho de soslaio para o rei, na esperança de flagrar alguma reação sua a alguma coisa. Uma criada traz uma jarra dourada de vinho e, por um segundo, vejo a expressão no rosto do rei mudar um pouco. Ele olha incomodado para ela, que serve a nós dois e vai embora sem dizer nada. Permaneço encarando-o, curiosa, e repentinamente seu rosto se volta em minha direção, flagrando meu olhar.

- Há algo errado? - ele pergunta.

- D-de modo algum... - sacudo a cabeça e pego minha taça de vinho.

- Tudo isso deve ser estranho para você, Alteza.

Olho para ele enquanto bebo um gole atrás do outro.

- Ahn... sim - digo, afastando a taça -, quer dizer... não. Não é estranho. É só... diferente.

Um dos cantos de sua boca se ergue em um meio sorriso muito rápido, mas ele leva sua taça aos lábios e me impede de ter certeza de que não vi errado. Afinal, rei Kilian é tão durão assim ou é só porque sou uma estranha para ele?

Terminadas as danças, os nobres tomam seus lugares à longa mesa e o banquete se inicia oficialmente. Vários nobres se levantam e erguem suas taças para brindar em homenagem ao noivado real. Quando um deles deseja que o rei e eu tenhamos muita "fertilidade em nosso leito", sinto meu rosto arder e tenho vontade de me esconder debaixo da mesa, e quando outro deseja que não haja guerras para que o rei e eu não tenhamos que nos separar, ouço suspiros das damas que olham para mim com pena.

Assim que os brindes e discursos de homenagem chegam ao fim e todos ficam satisfeitos com a comida, as danças se reiniciam. Reconheço uma das músicas e fico tentada a me levantar e dançar. Será que, depois de casada, poderei fazer isso? Será que o rei dançaria comigo se eu pedisse?

Quando ele subitamente se levanta de sua cadeira, meu coração se enche de expectativa, mas logo seus olhos frios se voltam para meu rosto e tenho certeza de que não vamos dançar. O rei estende sua mão para mim.

- Gostaria de dar um passeio? - ele pergunta, impassível.

Pisco duas vezes, pega de surpresa.

- Certamente, Majestade - seguro sua mão.

Rei Kilian e eu deixamos o salão por uma das portas de vidro - que antes achei serem grandes janelas - que dão para uma sacada grande e iluminada por candelabros presos nas paredes. Olho para o céu noturno e fico admirada com a quantidade de estrelas que posso ver aqui. Em Liriel, sempre há nuvens cobrindo o céu e por isso é difícil ver mais do que uma dúzia de estrelas.

- Uau... - digo, esquecendo-me da presença do rei.

Solto sua mão e ando até o parapeito, fascinada. Baixo os olhos e, apesar dos muros do palácio, tenho uma vista incrível da cidade toda acesa.

- Que bonito - sussurro.

- Gosta da vista? - o rei pergunta, postando-se ao meu lado.

Arregalo os olhos e viro-me para ele. Será que fiz algo errado?

- Sim... é linda - admito. - Seu reino é mais bonito do que eu pensei, Majestade.

Ele meneia a cabeça, não concordando nem discordando. Resolvo perguntar algo que está me deixando curiosa desde que ouvi os primeiros rumores sobre ele.

- Majestade... se me permite perguntar... - inclino a cabeça para olhar bem para ele. - Coronte se envolve em muitas guerras?

Seu rosto se volta para mim e ele ergue uma sobrancelha.

- Está preocupada que eu vá trocá-la por um campo de batalha?

Sacudo a cabeça.

- Oh, não, não. Só perguntei porque estou curiosa - dou de ombros, voltando a olhar para o céu. - Deve ser perigoso.

Sinto os olhos do rei em mim e ouço-o suspirar. De canto de olho, vejo que ele cruza as mãos diante do corpo e acompanha meu olhar para as estrelas.

- Coronte é um reino com muitas alianças - sua voz grave soa tranquila. - Temos a tradição de nos comprometer inteiramente e oferecer toda a nossa lealdade às nações aliadas, principalmente em guerras. É assim desde os primórdios dessa terra.

Assinto devagar.

- Compreendo.

- Talvez eu não a veja com a frequência com que Vossa Alteza deseja, mas...

- Oh, não, não - ergo as duas mãos, gesticulando -, eu entendo perfeitamente bem as responsabilidades de um rei. Não deve se preocupar comigo, Majestade, eu ficarei bem. Posso lidar com isso sozinha.

Ele franze a testa e me encara.

- É mesmo?

Assinto e sorrio para ele. Quero que confie em mim. Quero que nosso casamento, apesar de arranjado, não seja um incômodo para seu reinado e que

possamos nos respeitar e viver em harmonia. Creio que é o máximo que posso querer.

- Vossa Alteza é bastante diferente do que me informaram, princesa Sonya - rei Kilian comenta, olhando para mim.

Pisco duas vezes. O que disseram a ele sobre mim? Digo... sobre Sonya?

Coço a cabeça, sem jeito.

- Hum... tomarei isso como um elogio, Majestade.

Ele suspira novamente, voltando a olhar para o céu.

- De fato, a vista é belíssima.

Capítulo 24

Minha conversa com o rei Kilian vai morrendo aos poucos, até que não nos resta nada sobre o que comentar a não ser o céu estrelado. Apesar de ter mil perguntas para fazer a ele, simplesmente não consigo verbalizá-las. Temo que ele entenda da maneira errada e fique ofendido, já que essa é a primeira vez em toda a minha vida que converso com um rei. Guardarei minhas perguntas para quando estivermos suficientemente confortáveis um com o outro a ponto de contarmos coisas mais pessoais sem que seja estranho.

- Creio que já é hora de retornarmos - rei Kilian diz, estendendo a mão cordialmente para mim.

Dou um sorriso simpático e pego sua mão áspera.

- Já lhe informaram a data da cerimônia, Alteza? - pergunta, quando estamos a um passo do salão do banquete.

- Ainda não, Majestade - respondo, olhando para ele.

- Nós nos casaremos em cinco dias - diz, como se estivesse ditando uma sentença. Então corresponde ao meu olhar. - Segundo os astrônomos, é o dia mais auspicioso para a cerimônia e faz parte da cultura de Coronte levar em conta as previsões deles. Espero que esteja de acordo, Alteza.

Admito, sou pega de surpresa. Tenho apenas uma semana para conhecer o homem com quem viverei para sempre? Tudo porque homens que estudam as estrelas decidiram que é o melhor? Isso é sério?

- Oh, é claro, Majestade - assinto, evitando seu olhar. - Estou totalmente de acordo.

Respiro fundo quando voltamos ao salão.

Honestamente, achei que teria mais tempo para me adaptar ao ritmo da corte de Coronte e, principalmente, para conhecer mais sobre o rei Kilian e sobre a nobreza do reino. Achei que não me casaria em menos de um mês. Mas, por outro lado, ouvi madame Daisy dizer que várias garotas só conheceram seus noivos no dia do casamento e que algumas até mesmo gostaram deles depois de um tempo - não quero nem pensar no que aconteceu com as que não gostaram. Comparada à situação delas, a minha é bem menos desesperadora e isso me traz um pouco de conforto. Afinal, já que aceitei ajudar Kawel e Ghia, devo ir até o fim e manter o foco nos pontos positivos desse casamento, mesmo que isso me assuste.

Argh.

Não sei.

As coisas estão acontecendo muito rápido e não acho que vão se normalizar tão cedo.

Lorde Gaston se aproxima do rei e de mim com uma taça de vinho e um sorriso enorme. Ele olha para nós dois como se fôssemos um plano dele que deu perfeitamente certo e, de certa forma, isso me deixa desconfortável. Tenho a sensação repentina de que estou sendo cada vez mais privada de minha liberdade.

- Majestade, Alteza... - o lorde faz uma reverência. - De fato, já posso afirmar que ambos possuem uma forte sintonia. Vosso casamento tem a aprovação de toda a nobreza e até mesmo o povo está eufórico para conhecer sua futura rainha.

Sinto um frio na espinha.

Mal me acostumei com a ideia de fingir ser uma princesa e agora já querem que eu seja rainha?

- Todos só têm olhos para vocês dois! - ri uma jovem mulher, enquanto se aproxima.

Ela usa um vestido vermelho de mangas bufantes e sorri de modo radiante para o rei. Quando seu olhar se encontra com o meu, parece ficar ainda mais sorridente.

- É maravilhoso conhecê-la, princesa Sonya - faz uma breve reverência para mim. - Seja bem-vinda à família.

Retribuo sua reverência, ainda sem saber bem quem é ela.

- Obrigada - sorrio.

Para o meu alívio, lorde Gaston a apresenta:

- Esta é a rainha Irene, irmã mais nova de Sua Majestade e esposa do rei de Dardanelo.

Irmã do rei?

- Oh - arregalo os olhos e a reverencio outra vez -, é realmente um prazer.

Ela ri, exibindo covinhas nas bochechas rosadas. É de fato muito parecida com o rei Kilian - especialmente os cabelos escuros e ondulados e os olhos cor safira - e parece a personificação da graça. Parece ter a minha idade, o que me faz querer perguntar sobre como foi se casar com um rei e, principalmente, se ela é feliz com ele.

- Seremos muito amigas - rainha Irene se aproxima e enlaça o braço no meu - e sempre que meu irmão estiver fora em suas guerras e expedições chatas, vou levá-la para conhecer Dardanelo. Creio que vai gostar do clima, Alteza, é bem parecido com o de Avival.

Fico um pouco sem jeito por causa de sua repentina aproximação, mas sinto sinceridade em suas palavras.

- Eu adoraria, Majestade - digo.

Ela se inclina e sussurra:

- Ah, pode me chamar de Ire - ri.

Sorrio e assinto.

- Então, por favor, me chame apenas de... hum... Sonya.

Seu sorriso fica ainda mais iluminado.

- Certo, Sonya. - Seus olhos focam em algo atrás de mim e eu me viro para olhar.

Noto que rei Kilian está conversando com outros dois nobres que se aproximaram dele e de lorde Gaston sem que eu visse. Vejo nos olhos deles o quanto o respeitam; um deles me pega observando e faz uma breve reverência com a cabeça.

Rainha Irene me convida para comer sobremesa com ela e eu não recuso - na esperança de que haja algo com chocolate. Nós nos sentamos à mesa do banquete e ela começa a falar muito e bem rápido sobre seus tipos favoritos de sobremesa e o quanto sente falta da comida maravilhosa de Coronte. Enquanto a ouço falar, tento encontrar uma posição confortável na cadeira, de forma que o espartilho me permita respirar.

- Sei que chegou há menos de um dia, mas o que acha daqui? - a irmã do rei me pergunta, após falar sobre sua fraqueza por doces.

Eu sorrio. Finalmente uma pergunta fácil de responder.

- Achei fascinante - digo, sem conter meu entusiasmo. - É tudo muito mais brilhante e colorido do que pensei. E a vista do céu estrelado é impressionante.

Rainha Irene sorri, orgulhosa.

- É uma terra realmente bela - assente.

Atrevo-me, então, a perguntar:

- Vossa Majestade sente saudades de casa?

Ela crispa os olhos e me dá um tapinha no ombro.

- Ouvir pessoas da minha idade me chamarem de Vossa Majestade faz com que eu me sinta velha! - brinca. - Já disse para me chamar de Ire, Sonya.

Eu sorrio.

- Oh, perdão, Ire.

- Assim é melhor - ela dá uma piscadela. Então leva a mão ao queixo, pensativa. - O que você me perguntou mesmo...? Hum... Ah, sim - assente com veemência -, sinto saudades imensas de Coronte. Quero voltar todos os dias para fazer caminhadas pelos bosques e colher frutas que só crescem aqui.

- Deve ser difícil... - comento.

- De maneira alguma - Ire sacode a cabeça. - Eu aprendi a amar Dardanelo como minha segunda casa. O povo de lá é muito caloroso e hospitaleiro, bastante diferente da gente cheia de polidez que existe aqui.

- Isso é ótimo - eu digo.

Nesse instante, uma criada traz uma bandeja de doces de aparência tão deliciosa que fico com água na boca. Olho para Ire, prestes a fazer um comentário bobo sobre a sobremesa, mas vejo que seus olhos de safira estão sobre a criada, repreendedores.

- Creio ter deixado bem claro que você deveria ficar na cozinha hoje à noite, Teresa - diz Irene, severa e completamente diferente de um minuto atrás.

A criada faz uma reverência, sem tirar os olhos do chão. Eu a reconheço de algum lugar - tem uma aparência delicada e não deve ser muito mais velha do que eu.

- Perdão, Majestade, mas Mirtha está doente e eu precisei substituí-la.

Rainha Irene dá uma risada sarcástica.

- É mesmo? Se é assim, não há nada que possa ser feito... Agradeço por seus serviços esta noite, Teresa, está dispensada.

A criada nem sequer hesita.

- Sim, Majestade.

E deixa o salão com a bandeja vazia.

Num estalo, eu me lembro de onde a vi: foi ela quem serviu o vinho ao rei e provocou-lhe aquele estranho olhar de incômodo. Estranho. O que isso quer dizer?

Ire então inclina-se para mais perto de mim.

- Precisamos ter uma conversa muito séria, Sonya - diz, com um olhar determinado.

Arqueio as sobrancelhas.

- Precisamos? - indago. - Sobre o quê?

- Sobre meu irmão. Mas não aqui e nem agora. - Ela pestaneja por alguns segundos. - Ah - olha para mim -, você gosta de chá?

Franzo a testa.

- Bem, gosto, mas não entendo o que isso...

- Então está combinado - rainha Irene bate palmas. - Venha tomar chá comigo amanhã, ao entardecer. Vamos ter uma boa e longa conversa entre cunhadas.

Antes que eu possa dizer algo, ela já mudou de assunto.

***

Rei Kilian e eu nos despedimos com apenas um breve olhar. Não tenho outra oportunidade de trocar mais palavras com ele - que é inevitavelmente cercado por nobres e membros da realeza dos reinos vizinhos - e logo lorde Gaston me escolta de volta ao meu quarto. Ghia e as duas criadas me esperam à porta e me recebem com uma reverência.

- Tenha uma boa noite, Alteza - deseja lorde Gaston.

- Igualmente, milorde.

Ele me reverencia e segue pelo corredor. Noto que há dois guardas de cada

lado da porta de meu quarto que não estavam aqui antes. Ghia percebe meu desconforto e me puxa pelo braço para dentro do quarto, deixando as duas criadas para fora.

Caio sentada no chão de mármore, completamente exausta, e atiro meus sapatos luxuosos para longe. Minhas mãos rapidamente alcançam os laços do espartilho, numa necessidade desenfreada de se livrarem dele.

- Ghia, por favor, ajude-me a tirar isso... - resmungo.

Ela me ajuda e eu dou graças aos céus por voltar a respirar normalmente. Em seguida livro-me do saiote gigante e do vestido. Eu me arrasto de camisola até minha cama absurdamente grande e me jogo nela, sentindo cada parte do meu corpo cansada.

- Puxa... - suspiro alto. - Eu não sabia que ficaria tão destruída depois de um banquete.

Ghia dobra e guarda meu vestido.

- Bem, prepare-se para a cerimônia e banquete de casamento - ela resmunga. - Será dez vezes mais cansativo, senhorita.

- Apesar disso, foi divertido - rio.

Ghia olha para mim, admirada.

- Divertido? A senhorita achou divertido?

Assinto, sentando-me na cama.

- É fascinante conhecer pessoas tão importantes em um lugar tão diferente de onde eu costumava viver - digo. - Eu sempre quis deixar minha vila e frequentar a corte, então estou feliz.

Ghia dá uma risada sarcástica.

- A senhorita não sabe mesmo nada sobre a verdadeira vida na corte, Alteza - ela arqueia as sobrancelhas. - Banquetes como o de hoje não têm a finalidade de proporcionar diversão.

Ergo uma sobrancelha. Não foi o que me disseram.

- Qual seria a finalidade então?

- Diplomacia - Ghia dá de ombros. - Quando se tornar rainha, vai aprender.

Novamente, sinto aquele calafrio agourento.

Rainha.

Eu sempre evitei o assunto liderança quando papai insistia em falar sobre isso comigo, mas parece que, ironicamente, precisarei usar o que aprendi com ele para sobreviver aqui. Tenho medo de não atender às expectativas, pois não fui criada para governar uma nação, mas acho que terei que deixar definitivamente Anna para trás e vestir a máscara de princesa Sonya de uma vez por todas.

Com a ajuda de Ghia, Kawel e até mesmo de minha nova amiga, a rainha Irene, talvez eu consiga.

- A senhorita deve dormir agora - Ghia termina de guardar as coisas que

agora são minhas. - Amanhã terá um dia cheio.

- Poderei passear pelo palácio? - pergunto, sentindo um repentino entusiasmo.

Ghia cogita por um momento e meneia a cabeça.

- Talvez.

Sorrio.

- A rainha Irene me convidou para tomar um chá com ela ao entardecer.

- Isso é bom, senhorita - Ghia para ao lado de minha cama e se inclina para afofar meus travesseiros. - Vai precisar de aliados influentes aqui dentro e a irmã do rei é alguém muito importante para a nobreza e o povo de Coronte. Se conseguir tê-la do seu lado, todos eles a amarão.

Assinto.

- Entendi.

Ghia suspira alto e me empurra pelos ombros para me fazer deitar.

- Vá dormir.

- Ghia...

- Sim, Alteza? - ela puxa os cobertores e me cobre até o queixo.

Olho dentro de seus olhos - que são gentis, apesar da constante expressão rabugenta em seu rosto cheio de rugas - e espero que ela possa compreender o quanto sou grata por sua ajuda hoje.

- Obrigada - digo.

Ghia revira os olhos.

- A realeza não agradece seus servos, princesa.

Dou risada.

- Você e eu sabemos que não sou realeza de verdade...

Ela me olha de um jeito preocupado.

- Ainda não, mas assim que se casar com o rei, será - sua voz não é mais do que um sussurro. - Mesmo como senhorita Anna, uma vez casada com um membro da família real, será para sempre e não existe anulação.

Mordo meu lábio inferior.

- Falando assim você me assusta.

Ela se inclina e me dá dois tapinhas no topo da cabeça.

- Durma, futura rainha.

E eu durmo muito rapidamente. Sonho que estou cavalgando um corcel negro forte e veloz pelos bosques alaranjados de Coronte. E, cavalgando junto comigo, com os braços ao meu redor, está Kieran. Ele sorri tanto que parece o próprio sol do amanhecer e eu sinto tanta alegria em tê-lo comigo que gargalho sem parar.

Acordo chorando.

Sento-me na cama e abraço meus joelhos, deixando as lágrimas rolarem sem resistência. Eu quero ele de volta. Eu quero que ele me abrace, me beije e me

ame. Eu quero que ele seja meu marido e que nunca me deixe, jamais.

Mas Kieran já me deixou. Ele está morto, eu não sou mais eu mesma e estou prometida para outro. Já me dei conta de tudo isso, mas a dor ainda cava buracos no meu peito que são impossíveis de ignorar. Dizem que o tempo cura todas as feridas. Será que o tempo pode me curar? Será que algum dia isso tudo vai passar?

Enxugo meu rosto na camisola e saio da cama, sem sono. Vou até as janelas e espio pelas cortinas: o sol está nascendo. Se o céu estrelado é uma visão de tirar o fôlego, o nascer do sol é um evento fenomenal aqui em Coronte. Mais lágrimas brotam em meus olhos e eu abro a janela para deixar o vento fresco da manhã e o calor do sol entrarem. É lindo. É quente, acolhedor e claro, como Kieran.

- Sinto sua falta... - sussurro para o céu, debruçando-me no parapeito.

Fecho os olhos, deixando o vento bagunçar meus cabelos, e tento visualizar tudo dando certo na minha vida a partir de agora.

Não muito tempo depois, as duas criadas que me ajudaram a me vestir ontem chegam com meu café da manhã farto e delicioso e se retiram em seguida, deixando-me só. Como e bebo até ficar satisfeita. Então começo a olhar os livros na estante até Ghia chegar, agitada.

- Alteza, Alteza!

- Oh, bom dia...

Ela me puxa pelo braço e me leva até o guarda-roupa.

- O rei exige sua companhia - diz, abrindo as portas como se fossem a entrada para o paraíso.

Faço careta.

- Exige?

- Ele gostaria de passear com a senhorita pelo jardim real antes do almoço. Venha, vou vesti-la adequadamente.

- Ele quer passear comigo? - arqueio as sobrancelhas. Rei Kilian não parece ser o tipo de homem que aprecia caminhadas.

- Ainda não acordou? Venha logo se vestir!

O vestido que Ghia escolher para mim é simples, discreto e bonito. É de um belo tom de verde-claro que evidencia a cor de meus olhos e tem babados de renda na gola e nas mangas. Eu gosto. Calço belas e confortáveis botas marrons que fariam minhas amigas Vega e Reidi ter uma daquelas crises que apaixonadas por moda têm. Ghia prende meus cabelos num coque alto e bem firme, que me dá um ar mais maduro.

Sou escoltada por três guardas que me levam até a entrada do jardim - sem olhar para meu rosto nem uma única vez. Um deles diz que o rei está me aguarda lá dentro e que os três esperarão por mim para me levar de volta ao meu quarto quando eu desejar. Agradeço por sua ajuda e noto que isso os

surpreende.

Um portão de ferro baixo delimita a entrada do jardim, por onde vejo belas e robustas árvores de folhas alaranjadas e arbustos muito bem cuidados. Empurro a grade e entro, sentindo-me em um mundo totalmente novo. Em Liriel há quase sempre frio e neve, mas aqui tudo parece morno e vibrante. Começo a buscar pelo rei em meio às árvores que parecem não ter fim, quando, de repente, ouço vozes vindas não sei de onde.

- Eu já pedi que fique longe - diz uma voz feminina. - Você não me pertence mais. Acho que nunca pertenceu, na verdade.

- Sabe o quanto é difícil para mim também? - outra voz replica, com raiva. - Estou enlouquecendo tentando encontrar uma solução.

Reconheço a voz do rei Kilian imediatamente e fico imóvel. Por algum motivo, sinto que estou presenciando algo que não devia, mas simplesmente não consigo me virar e ir embora. Quero ouvir mais.

- Se acha tão fácil me deixar, por que veio aqui hoje? - o rei pergunta e sua voz está cheia de mágoa. - Veio para me atormentar?

- Vim dizer adeus, Majestade - a voz feminina responde, fria e cortante como gelo. - Nunca mais o procurarei e peço que também não me procure. Trabalharei na cozinha de agora em diante, como ordenou a rainha Irene.

Cubro a boca, dando-me conta de que a dona da voz, que fala de forma tão informal com o rei, é aquela criada de ontem à noite. Eles estão...

Ouço o farfalhar de folhas secas.

- Irene fez o quê? - indaga o rei.

- Deixe-me ir - choraminga a voz feminina. Outro farfalhar de folhas.

- Espere...!

De repente, a criada surge de trás de uma árvore robusta diante de mim, seguida pelo rei. O tronco é largo o suficiente para encobrir os dois, por isso eu não os via e eles não me viam. Até agora. Quando se dá conta de minha presença, a criada arregala os olhos e cambaleia para trás, como se estivesse diante da própria morte. Rei Kilian, vindo atrás dela, fica evidentemente surpreso ao me ver, mas se recompõe logo. Já devia saber que mais cedo ou mais tarde eu chegaria aqui, afinal foi ele quem chamou por mim.

- A-Alte-teza... - a criada gagueja, fazendo uma reverência exagerada.

O rei a puxa pelo braço de forma quase brusca, colocando-a ereta. Ambos se olham.

- Vá embora - ele ordena.

Ela faz uma careta de choro que me faria explodir em gargalhadas se a situação fosse outra. E corre para longe, em meio às árvores.

Estou obviamente estupefata, mas ainda não sei o que pensar disso tudo.

- Princesa Sonya - o rei murmura, aproximando-se até ficar diante de mim.

Não evito olhar fundo em seus olhos e neles não vejo nem sequer um rastro

de arrependimento ou vergonha. É o olhar mais convicto que já vi.

- O quanto Vossa Alteza ouviu? - pergunta, devolvendo meu olhar com a mesma intensidade.

- O suficiente - respondo. - Vocês são amantes.

- Sim, eu a amo - ele diz, sem pestanejar. - Tenho amado Teresa desde nossa infância e teria feito dela minha esposa se o trono não tivesse caído sobre meus ombros. Porém, agora as coisas são diferentes. Ela é uma criada e eu sou o rei desta nação. - Ele dá um passo para mais perto de mim, impassível como sempre. - Vossa Alteza será minha esposa, mas não posso prometer amá-la como um homem ama uma mulher. É claro que devo cumprir com meus deveres como marido, mas não espere que eu lhe entregue meu coração. A única coisa que posso lhe prometer é minha fidelidade. - Ele faz uma pausa e suspira, desviando o olhar pela primeira vez desde que nos encontramos. Fita as árvores e sussurra: - Perdoe-me.

Engulo em seco, sentindo as pernas bambas. Essa era a última coisa que eu esperava ouvir dele. Sua sinceridade é como um soco no estômago e me deixa tão desnorteada que me sinto tonta.

É claro que as chances dos noivos envolvidos em um casamento arranjado já terem se apaixonado por outras pessoas são realmente grandes, mas eu não esperava isso do homem rústico e intrépido diante de mim. Imaginá-lo apaixonado não parece possível para mim.

- Eu... compreendo - digo, após longos segundos em silêncio.

Rei Kilian olha para mim e eu viro o rosto para o outro lado.

Penso em meu sonho com Kieran e meu coração pesa. Eu também estou apaixonada por outra pessoa, então que direito tenho de censurá-lo? Como posso exigir o coração de alguém que se casará comigo por obrigação? Se a situação fosse inversa, o que eu faria no lugar dele?

- Chamei Vossa Alteza para um passeio matinal, mas não contava com esse inconveniente - o rei murmura. - Não precisava ter ouvido isso, princesa Sonya - seus olhos buscam os meus outra vez, mas eu os evito. - Peço novamente que me perdoe.

Respiro fundo e forço um sorriso.

- Obrigada por ser honesto comigo, Majestade.

Dou-lhe as costas e começo a caminhar para longe dele, mas sua mão segura a minha. Eu paro de andar, mas não me viro para olhá-lo. Então ele me solta abruptamente, como se tivesse agido sem pensar e eu o ouço se afastar.

Acho que nosso passeio pelo jardim foi por água abaixo.

Capítulo 25

Assim que fecho a porta de meu aposento atrás de mim, Ghia surge do meio do cômodo e me pergunta sobre o passeio com o Rei. Eu minto para ela e digo que me senti mal e decidi retornar para descansar. Não quero que ninguém saiba o que houve lá, não quero que ninguém descubra que acabo de ser rejeitada de maneira tão humilhante e não quero que ninguém saiba que estou me sentindo frustrada.

Eu não esperava que o Rei fosse tão direto e verdadeiro comigo e, apesar de apreciar sua sinceridade, meu orgulho dói. Eu me sinto frustrada por não ser boa o suficiente para que ele sequer cogite se apaixonar por mim e descubro que quero que ele se apaixone por mim - mesmo que eu não vá corresponder. Isso é tão egoísta da minha parte que quase me sufoco em meus próprios pensamentos.

Quero que ele me ame, mesmo que eu não possa amá-lo.

Argh.

Que podre.

- Parece realmente mal, Alteza - observa Ghia, aproximando o rosto do meu. - Está tão pálida...

Eu suspiro e caminho até minha cama. Será que posso esquecer aquela coisa de chá com a Rainha Irene e me enfiar debaixo das cobertas durante o dia todo? Princesa Sonya faria isso em meu lugar? Como ela agiria se seu futuro marido lhe dissesse que nunca irá amá-la pois já entregou o coração a outra?

Permaneço em meu aposento, remoendo as palavras do rei Kilian, até a hora do almoço. Ghia e as duas criadas me arrumam para o almoço e lorde Gaston vem me buscar. A astúcia presente no olhar dele ainda me deixa desconfortável a ponto de me fazer suspeitar que ele esteja tramando algo que tem alguma relação comigo. Será que ele vai receber uma bonificação por seus serviços como diplomata quando o rei e eu nos casarmos?

- Permita-me dizer que está radiante hoje, Alteza - ele me oferece o braço, sorrindo. É mais alto que eu e tão magro que me pergunto se seu braço vai se quebrar caso eu o segure com muita força.

- Obrigada, milorde - respondo, com mais rispidez do que gostaria.

- Eu soube que Vossa Alteza não estava se sentindo bem agora mais cedo - ele olha para mim, conforme caminhamos pelo corredor luxuoso. - Gostaria de ver um médico?

Puxa, as notícias correm rápido demais aqui.

- Não... não é preciso - sorrio de um jeito forçado. - Já estou bem melhor.

- Sabe, Vossa Alteza me lembra muito de Avival. Faz tempo que não deixo

a corte, então sinto saudades de nossa terra natal...

Decido que lorde Gaston é um chato. Ele não para de tagarelar coisas sem sentido sobre seus feitos na corte de Coronte e sobre como foi difícil convencer o jovem rei a me escolher como noiva. E ele me chama de Vossa Alteza o tempo todo. Tenho vontade de soltar seu braço e largá-lo falando sozinho para mostrar o quanto estou pouco me importando com a quantidade das malditas medalhas de honra que ele recebeu.

Após o que parece uma eternidade, chegamos à sala do banquete de ontem, agora menos decorada e iluminada pela luz forte do sol de Coronte. Vejo o rei Kilian sentado à cabeceira da mesa comprida, conversando com a rainha Irene, que está sentada à sua direita. De frente para ela, à esquerda do rei, está um homem careca e bigodudo muito sorridente. Os três conversam tranquilamente, como amigos, mas assim que lorde Gaston anuncia minha chegada, o assunto cessa. O semblante do rei se fecha e a rainha e o homem careca colocam-se de pé para me reverenciar. Forço um sorriso e faço uma breve reverência.

- Venha, Sonya - rainha Irene me estende uma das delicadas mãos. - Sente-se ao meu lado.

Reparo certa mudança na expressão do rei quando ele ouve "meu" nome ser dito com tanta simplicidade por sua irmã. Ele então se levanta, caminha até mim e beija as costas de uma das minhas mãos. Encaro-o diretamente nos olhos safira e o rei me encara de volta. É como se o tempo parasse e nós dois conversássemos através dessa troca de olhares. Rei Kilian ainda me pede desculpas, mas eu fujo disso. Não serei condescendente agora, com meu orgulho ferido como está.

- Sente-se, Alteza - ele sussurra para mim.

Aceito ser conduzida pelo rei até a mesa e sento-me ao lado da rainha Irene, que olha para mim com um entusiasmo um tanto infantil. Lorde Gaston senta-se ao lado do homem bigodudo, ao mesmo tempo em que um mordomo anuncia que o almoço será servido.

- É ótimo finalmente ter uma companhia feminina à mesa - comenta o bigodudo, sorrindo para mim com simpatia.

Rainha Irene dá risada.

- E eu sou o que, general Soren?

Ele dá uma risada grave.

- Perdoe-me, Majestade, mas por "feminina" quero dizer "educada e graciosa" - ele ri outra vez.

Rainha Irene finge estar ofendida, cobrindo a boca com uma das mãos. Mas então junta-se ao general nas gargalhadas e devolve a provocação. Como me pareceu antes, eles aparentam ser bons amigos.

- Não vejo mais graça em caçoar de Vossa Majestade - diz o general. - Desde que se mudou, parece aceitar minhas brincadeiras com mais

indiferença...

Rainha Irene ri.

- Indiferença? Longe disso! - ela sacode a cabeça. - É que sinto tantas saudades de tudo e de todos que não posso reclamar ou me incomodar com nada aqui. Estou tão feliz por estar de volta, que nada me tira o bom humor.

- Como está Dardanelo? E Rupert? - pergunta rei Kilian.

A rainha suspira e seu sorriso desaparece.

- Ainda não tive notícias dos mensageiros - diz, parecendo preocupada. - Rupert me disse que me manteria informada, mas já faz dias que não recebo nenhuma carta dele.

A expressão no rosto do rei permanece neutra.

- Tenho certeza de que está tudo bem.

Os servos chegam trazendo fartas bandejas com quitutes que me deixam com água na boca. Instintivamente procuro pelo rosto daquela serva, Teresa, entre eles, mas não encontro. Olho para o rei Kilian de soslaio e noto que está olhando para mim. Envergonhada, encaro meu prato. Não quero bancar a noiva ciumenta - até porque, para sentir ciúmes, é preciso amar e eu não amo o rei -, mas eu me sinto incomodada em saber que Teresa pode aparecer a qualquer momento e causar um constrangimento a todos nós. Sou uma pessoa ruim por querer que ela desapareça?

- Princesa Sonya - o general bigodudo diz meu nome com certa reverência -, está gostando de Coronte tanto quanto pensou?

- Não - sorrio. - Estou gostando mais do que pensei ser possível.

Ele abre um sorriso gigante.

- Sei que minhas palavras não têm muito crédito, já que nasci e vivi aqui a vida toda, mas asseguro que Coronte é o mais belo e próspero dos quatro reinos - estufa o peito, todo patriótico. - Vossa Alteza escolheu o lugar ideal para viver e criar seus herdeiros.

Eu sorrio novamente, sem graça.

- O senhor... hum... já esteve no norte, general? - pergunto.

- Norte? - ele repete. - Já, estive lá algumas vezes. O reino de Omem possui suas belezas, mas é frio demais para o meu gosto.

- De fato, é realmente frio - confirmo. Sinto saudades da neve alva de Liriel e de ver os telhados das casas e estabelecimentos cobertos por ela. - Mas é bem bonito também.

Atraio a atenção de todos à mesa.

- Já esteve no norte, Alteza? - pergunta o general, surpresa.

Ah.

Opa.

- Oh, não... - minto. - Li tanto sobre lá que é quase como se tivesse visitado

mil vezes.

- Entendo - o general assente, sorrindo.

Sinto os olhos do rei sobre mim durante todo o almoço, como se ele quisesse saber o que estou pensando. Rainha Irene me distrai, falando sobre suas pequenas aventuras no reino de Dardanelo e general Soren conta algumas piadas que não entendo muito bem, pois são todas sobre os costumes de Coronte. Depois é a vez de lorde Gaston, quieto até então, contar sobre uma de suas viagens de desbravamento que fez durante a juventude. De repente eu me vejo intrigada e curiosa quando ele começa a contar histórias sobre monstros marinhos e sereias, mas o almoço termina antes que eu saiba como um de seus marinheiros escapou da barriga de uma baleira cor-de-rosa.

- É uma honra conhecê-la, Alteza - o general Soren faz uma reverência para mim.

- Igualmente, general - assinto, sorrindo.

- Não se esqueça de nossa pequena festinha do chá mais tarde - rainha Irene dá uma piscadela para mim.

Eu sorrio. Ela sempre consegue deixar qualquer clima mais leve.

- Pode deixar - digo.

Lorde Gaston se aproxima de mim, estendendo o braço para que eu o pegue.

- Permita-me levá-la de volta aos seus aposentos, Alteza.

Eu assinto e começo a andar na direção dele, quando rei Kilian pigarreia alto o suficiente para que todos ouçam.

- Na verdade, eu gostaria de tratar de um assunto particular com a princesa Sonya - ele diz, encarando lorde Gaston. - Posso levá-la eu mesmo aos aposentos dela quando terminarmos.

Lorde Gaston arregala os olhos.

- O senhor, Majestade? Oh... bem, como desejar.

Mordo meu lábio inferior e fito o piso onde vejo refletido meu rosto enquanto lorde Gaston nos deixa. O que mais o rei tem para me dizer? Vai querer explicar em detalhes o quanto seu amor por aquela serva é forte e impossível de superar? Eu já ouvi o suficiente. Não preciso de nenhum outro atentado ao meu orgulho.

- Bem - diz a rainha Irene -, eu preciso me retirar agora. - E cutuca o general Soren.

- Oh - ele arqueia as sobrancelhas. - É, eu... eu tenho um compromisso agora também. Com licença, Majestade - ele reverencia o rei. - Alteza - ele me reverencia.

Rainha Irene também nos reverencia meneando a cabeça e se retira junto dele.

Noto que meus dedos cruzados diante do corpo apertam muito uns aos outros, por causa de meu nervosismo. Respiro fundo e olho para o rei.

Vejo que ele já está me encarando.

- Creio que algumas coisas ainda precisam ser esclarecidas entre nós, Alteza - ele diz, sem rodeios. Esse homem é realmente direto.

- Não concordo - eu digo, sem pensar duas vezes. - Tudo o que Vossa Majestade tinha para me dizer já foi dito e eu compreendi muito bem.

Ele fica em silêncio por alguns instantes, avaliando meu rosto com tanta intensidade que me pergunto se é capaz de ler meus pensamentos. Eu não evito seus olhos - como se desviar o olhar significasse perder.

- Vossa Alteza e eu sabemos que esse casamento é muito mais do que um compromisso entre nós dois - rei Kilian diz por fim. - Coronte precisa de uma rainha e Avival precisa ser salvo da miséria. É uma aliança política.

- Eu sei - digo, com mais rispidez do que pretendia.

A testa do rei se enche de vincos. Ele se aproxima de mim e mais uma vez sou lembrada do quanto fico pequena e frágil perto dele.

- Se sabe de tudo isso, por que Vossa Alteza olha para mim e fala comigo como se eu lhe devesse mais alguma explicação? Não fui claro ou sincero o suficiente?

Sacudo a cabeça e decido ser honesta com ele como ele é comigo.

- Não se trata de clareza ou sinceridade, Majestade. Eu - apoio a mão em meu peito - sou mulher. Eu tenho minhas próprias expectativas quanto ao meu casamento, sendo ele arranjado ou não. Pode imaginar como me sinto ao saber que Vossa Majestade já entregou seu coração a alguém de modo irrevogável?

Ele pisca, parecendo atordoado.

- Então... essa é a questão? - pergunta, lançando-me aquele olhar avaliador.

- Que questão? - eu crispo os olhos.

O rei dá mais um passo para perto de mim e nossos olhos se encontram.

- Vossa Alteza está com... ciúmes?

Arregalo os olhos e dou dois passos para trás.

- Perdão?

- Ciúmes.

Engulo em seco. Meu coração está tão disparado e martelando em meus ouvidos que mal ouço a voz dele. Eu não sou capaz de ter ciúmes porque não o amo. Isso não faz sentido.

- Não - nego veementemente. - Eu mal conheço Vossa Majestade, como teria ciúmes?

Rei Kilian cruza as mãos atrás do corpo e suspira, pensativo.

Eu o observo e imagino, por um segundo, como seria amá-lo. Amar o homem dentro desse corpo grande e musculoso. Amar o homem por trás da coroa e do título. Ele é o futuro marido de Sonya - meu futuro marido. É a pessoa com quem vou passar o resto da minha vida. Serei capaz de nutrir alguma ternura por ele algum dia?

Outra vez o rosto sorridente de Kieran me vem à mente e eu sinto um aperto forte no peito.

- Então vamos nos conhecer - ouço o rei dizer, mas não estou prestando muita atenção.

Olho para ele, sem ter certeza de suas palavras.

- O quê?

- Vamos nos conhecer, princesa Sonya - a expressão em seu rosto é séria e seus olhos me prendem. - Quando nos conhecermos, Vossa Alteza saberá se está com ciúmes e eu saberei se sou capaz de deixar meu primeiro amor para trás definitivamente.

Primeiro amor.

Kieran foi meu primeiro amor e aquela serva foi o primeiro amor do rei. Nenhum de nós poderá ficar com aqueles que amamos de verdade e nenhum de nós parece feliz com a perspectiva de futuro que temos. Eu não o conheço e ele não me conhece. Se isso mudasse, nossos sentimentos mudariam também?

Será que eu posso deixar o que sinto por Kieran para trás?

- Alteza? - a voz do rei me tira de meus devaneios.

- Ahn... sim?

Ele me estende uma das mãos.

- Venha comigo.

Olho para ele.

- Aonde vamos? - pergunto, desconfiada.

Sua mão estendida segura uma das minhas e ele me puxa consigo para fora da sala do banquete. Os guardas parados do lado de fora se espantam, mas rei Kilian os tranquiliza com um gesto de cabeça e segue me puxando com ele pelos corredores do palácio. Nós chegamos àquela galeria de retratos da família real que vi com lorde Gaston assim que cheguei aqui. Rei Kilian solta minha mão, mas permanece próximo de mim.

- Achei que deveria apresentá-la à minha família primeiro - ele diz, levantando a cabeça para olhar para os retratos.

Acompanho seu olhar até o retrato de um homem de cabelos brancos cacheados, coroa sobre a cabeça e um manto azul sobre os ombros. Ele tem uma expressão feroz no rosto e parece capaz de ordenar que as montanhas se movam se quisesse.

- Este é o grande rei Dorian - a voz do rei Kilian soa melancólica, apesar de ele não expressar emoção alguma no rosto. - Meu pai.

- Ele parece... severo - eu digo.

- Sim, ele era.

- Foi um bom rei?

Rei Kilian suspira, ainda encarando o retrato.

- Ele foi o melhor rei que Coronte já teve.

Prosseguimos para outro retrato, do rei Dorian ao lado uma mulher de meia idade cujos cabelos são escuros e lisos. Rodeando os dois, há três crianças: um menino e uma menina muito parecidos de cabelos negros e encaracolados e um garotinho magro, pequeno e ruivo. Os cinco estão tão sérios que parece que toda a sua felicidade foi roubada.

- Esses são Vossa Majestade e a rainha Irene? - pergunto, curiosa.

Rei Kilian olha para mim e depois para o retrato. Ele fica em silêncio por vários segundos antes de me responder.

- Rei Dorian, rainha Cordélia, princesa Irene, príncipe Kilian e... príncipe Klaus. É a nossa família.

Arregalo os olhos. Rei Dorian e rainha Cordélia são os pais de Kilian e Irene, que hoje são rei e rainha de suas próprias nações, mas quem é esse terceiro filho?

- Príncipe Klaus?

Assim que pronuncio seu nome em voz alta, sinto um frio na espinha e meus músculos parecem congelar.

Príncipe Klaus. Não. Não pode ser o mesmo príncipe que foi a Liriel e que me levou para dançar na praça. Não pode ser ele. Pelo bem da vida de Ghia, Kawel e da minha própria, não pode ser. Porque se o príncipe Klaus der as caras aqui e me reconhecer, tudo estará acabado. Eu serei morta.

- Ele é o filho bastardo de meu pai. Vê como minha mãe está infeliz? - aponta para o rosto da rainha. - Ela manteve essa expressão todos os dias pelo resto de sua vida quando descobriu que o marido havia gerado um filho fora do matrimônio. Não tem ideia do quão difícil foi fazê-la concordar em posar para esse retrato, Alteza.

Minhas mãos tremem.

- O que aconteceu com ele?

Rei Kilian dá outro de seus longos suspiros.

- Depois que meu pai faleceu, o conselho me fez exilá-lo e mandá-lo para o norte - responde, voltando a olhar para mim. - Mesmo que não apresentasse ameaça alguma à minha ascensão ao trono, concordamos que era melhor que ele ficasse longe daqui.

Fujo de seus olhos.

- Ele fez algo de errado?

Rei Kilian hesita.

- Klaus... ele... Bem, a mãe dele era o que chamavam de bruxa e ele nasceu com alguns dos talentos dela. O povo o temeu durante os vinte anos em que ele viveu aqui. Exilá-lo foi o melhor a fazer.

Eu me controlo para não ter um ataque de nervos. O galante príncipe Klaus que conheci em Liriel é filho de uma bruxa e meio irmão do rei com quem vou me casar? Céus, como minha vida pode ficar mais bagunçada a cada dia?

- Vossa Alteza está bem? Está pálida...
- Estou, estou - forço um sorriso e sigo para o próximo retrato.
É assustador o quanto esse mundo é pequeno.

Capítulo 26

Ando de um lado para o outro em meu aposento, mordiscando a unha do dedão, à beira de ficar maluca. Se é que já não fiquei quando concordei em fazer parte dessa farsa de princesa Sonya. Agora é só uma questão de tempo até o príncipe Klaus retornar a Coronte. É só uma questão de tempo até que ele me reconheça e conte tudo ao rei Kilian. É só uma questão de tempo até que eu seja enforcada.

A porta se abre e eu vejo Ghia adentrar o quarto carregando uma pilha de vestidos dobrados. Parecem finíssimos. Vou até ela, sentindo lágrimas embaçarem minha visão.

- Ghia, é o fim - seguro seus ombros. - Nós vamos morrer!

Ela franze a testa.

- Do que é que está falando, Alteza?

Pego a pilha de vestidos de seus braços e jogo de qualquer jeito sobre a cama.

- Preste atenção - volto a segurar seus ombros. - Eu conheci o príncipe bastardo de Coronte. Ele foi banido para o norte e visitou minha aldeia! Ele sabe quem eu sou e se voltar para cá e se encontrar comigo ele...

- Está falando do príncipe Klaus? - Ghia ergue uma sobrancelha. - Ora, por que ele voltaria para cá?

- Você... você sabe sobre ele? - fungo, soltando-a.

- Todos sabem. O príncipe foi exilado e em hipótese alguma pode retornar a Coronte. A não ser que...

Prendo a respiração.

- A não ser que o quê?

Ghia revira os olhos, tranquila demais para o meu gosto.

- Em poucas palavras, ele será morto se pisar aqui novamente. Entendeu?

Caio sentada no chão, tomada por uma repentina onda de alívio que ainda não é suficiente para aplacar o medo crescente dentro de mim. Ghia percebe minha aflição e senta ao meu lado. Alguns fios de seus cabelos grisalhos escapam da trança apertada que os prende.

- Como Kawel e eu já dissemos, precisa confiar em nós - os olhos dela fitam os meus com seriedade. - Não arrastaríamos a senhorita para a morte por causa de pequenos contratempos como esse. Nós nos certificamos de estar prontos para lidar com qualquer situação e ajudá-la no que for preciso.

Eu suspiro. Meu coração ainda permanece inquieto, mesmo depois de Ghia me prometer várias vezes que tudo está sob controle e correndo na mais perfeita ordem. Começo a me arrepender um pouco de tomar o lugar da

princesa Sonya e estou prestes a ter um ataque de pânico, quando um mensageiro bate à minha porta, trazendo um recado da rainha Irene.

- Vossa Majestade solicita sua presença para o chá da tarde, Alteza - ele diz, sem me olhar nos olhos. - Ela enviará alguém para buscá-la em dez minutos.

- Certo, obrigada - respondo.

Ele faz uma reverência e vai embora. Fecho a porta e corro de volta para Ghia, que está organizando os vestidos no guarda-roupa com diligência.

- Vou tomar chá com a rainha Irene - digo, com a voz esganiçada.

Ghia olha para mim por cima do ombro.

- Certamente - diz -, ela é sua futura cunhada, Alteza.

Mordo o lábio inferior.

- Estou tão nervosa com toda essa história do príncipe Klaus que mal consigo pensar. Eu me esqueci completamente dessa história de chá!

Ghia faz uma carranca.

- Pois trate de se preparar. Não pode recusar um convite de uma rainha, especialmente sendo ela quem é.

Cruzo os braços. Rainha Irene é tão gentil e atenciosa comigo que seria imensa falta de consideração não tomar chá com ela - afinal, seremos da mesma família daqui a poucos dias. Quem sabe esse encontro me ajuda a esquecer um pouco sobre minhas preocupações?

Ajeito meus cabelos e vestido e, assim que ouço baterem à porta, decido que farei todo o possível para acalmar os nervos e ter uma tarde agradável. Sou conduzida por um quarteto de guardas reais por inúmeros corredores e salões até a imensa estufa da palácio que, diferentemente de todo o restante de Coronte, tem plantas e árvores de um verde belíssimo e flores coloridas que eu nunca vi antes. Por um momento, não me sinto mais no reino do rei Kilian e sim em um sonho.

- Sonya! - ouço a voz da rainha Irene.

Ela está sentada à uma mesa no centro da estufa, segurando uma xícara com uma das mãos e acenando para mim com a outra. Eu sorrio e aceno de volta enquanto caminho até ela. Os guardas permanecem parados na entrada e não acho que têm intenção de ir embora tão cedo - talvez estejam aqui para nos proteger.

- Não me diga que se esqueceu de nosso chá? - rainha Irene crispa a testa.

- Oh... não...

Ela cobre a boca e ri.

- Eu sabia! - Indica a cadeira diante dela. - Venha, sente-se.

Eu me sento e contemplo a mesa farta que me oferece não apenas chá, mas pães, tortas e bolos suculentos. A comida parece tão bonita que fico com pena de ter que comer.

- Estamos esperando mais alguém? - pergunto, acomodando-me.

Rainha Irene leva uma colher à boca e sacode a cabeça.

- Não, somos apenas nós duas. Eu queria conversar com você sobre meu irmão - os olhos dela assumem certa seriedade, apesar da expressão tranquila em seu rosto. - Há coisas que, como futura esposa, você precisa saber. Mas... vamos comer e beber primeiro.

Engulo o chá devagar, ruminando sobre as palavras dela. Será que ela sabe sobre o relacionamento entre o rei e aquela criada? Será que é sobre isso que ela quer falar comigo? Será que vai me pedir para não interferir na felicidade de seu irmão, que não pode amar ninguém além daquela mulher?

- Sonya?

Ergo o rosto, sobressaltada.

- Hum? Sim?

A rainha parece preocupada.

- Você está bem? Está tão pálida que...

Pouso a xícara no pires, forçando um sorriso cordial.

- Estou nervosa - confesso. - Essas coisas que você tem para me dizer... Eu fico me perguntando o que devem ser.

Ela suspira.

- Tudo bem - também pousa sua xícara no pires. - Vamos conversar seriamente agora.

Engulo em seco. Rainha Irene me encara com firmeza e apoia as duas mãos sobre a mesa.

- Serei sincera com você, Sonya - seus olhos cor de safira se fixam nos meus enquanto eu me preparo para ouvi-la. - Kilian é um bruto - diz, direta. - Os únicos assuntos que o interessam são guerras, estratégias de ataque, armas e toda essa baboseira de homem. Ele não é a pessoa mais atenciosa ou terna do mundo, mas não acho que vai deixar você se sentir abandonada ou sozinha. Ao menos... não muito - rainha Irene sorri rapidamente. Ergue o dedo indicador e continua: - Ele tem uma queda por mulheres inteligentes e não gosta de ouvir reclamações desnecessárias sobre sapatos e vestidos. Não confia completamente em ninguém a não ser na família e, por mais que ele deteste admitir, quer ter cinco filhos.

Arregalo os olhos.

- Cinco filhos? - resfolego.

Rainha Irene joga a cabeça para trás e dá risada.

- De todas as coisas que eu disse, essa é a que mais te preocupa?

Dou risada também, mas não soa sincera. A verdade é que a única vez em que pensei em ter filhos foi quando fiquei noiva de Kieran. Pensar que os terei com outro homem me faz sentir, no mínimo, estranha.

Fico esperando que a rainha Irene diga algo sobre o envolvimento do rei Kilian com a criada, mas nossa conversa toma um rumo diferente. Ela me

ensina alguns costumes de Coronte e me conta sobre as situações difíceis que ela e o irmão enfrentaram após a morte dos pais. Também conversamos sobre o casamento e eu finalmente começo a me empolgar. Rainha Irene descreve em detalhes como era seu vestido de noiva e como foi realizada sua cerimônia e eu, num impulso, peço que ela me ajude a organizar meu casamento. Ela não pensa duas vezes antes de aceitar. Creio que é nesse momento que nos tornamos amigas.

- Podemos chamar as melhores modistas do reino para trabalhar no seu vestido e tenho certeza de que os gêmeos do duque Elmo ficarão adoráveis como pajens - rainha Irene bate palmas, animada. - Mal posso esperar.

- Eu gostaria de escolher algumas folhes silvestres também, para a decoração. E fitas de cetim.

- Perfeitamente!

- E também quero algo com chocolate como sobremesa principal para o banquete - sorrio.

Rainha Irene pisca.

- Tem meu total apoio.

O sorriso desaparece de meus lábios aos poucos. Acho que evitei esse assunto por tempo demais. Ajeito-me na cadeira e limpo a garganta, atraindo um olhar curioso de minha futura cunhada.

- Ire - digo o apelido pelo qual ela pediu que eu a chamasse. - Há algo que preciso perguntar.

Ela beberica seu chá.

- Hum?

- Sobre o rei Kilian... - baixo os olhos para minhas mãos cruzadas sobre a saia de meu vestido. - Por acaso ele... ele ama outra pessoa?

Ergo a cabeça para ver a reação de Ire e é exatamente como esperei que fosse: choque. Nesse mesmo instante eu me dou conta de que, sim, ela sabe.

- Isso... Sonya, isso é...

Estendo a mão e cubro a dela, num gesto compreensivo.

- Está tudo bem - asseguro.

- Está? - ela arqueia as sobrancelhas. - Sonya, eu... eu nem sei o que te dizer.

- Eu também tenho alguém que amo - confesso, deixando escapar um sorriso triste. - Ou tinha. Ele se foi há pouco tempo.

Irene cobre a boca com uma das mãos.

- Oh, Sonya... eu sinto muito.

Sacudo a cabeça.

- Está tudo bem - repito. - Decidi seguir meu destino e salvar Avival. Meu povo precisa de mim.

Ire sorri e é a vez dela de segurar minhas mãos.

- Agora falou como uma rainha - diz, solidária. - Nossas funções exigem

que nos entreguemos de corpo e alma por um bem maior. E isso nem sempre é fácil, não é? Às vezes é preciso desistir dos próprios sonhos, das próprias vontades e... do amor.

- Ire, você...?

- Não me entenda mal - ela sacode a cabeça. - Eu amo meu marido. Estamos construindo um relacionamento juntos e nos damos muito bem. Mas, ainda assim, há situações pelas quais passei que me fazem pensar em como minha vida seria diferente se eu tivesse escolhido o amor em vez da coroa. Entende o que quero dizer?

Mordo o lábio.

- Você se arrepende de ter escolhido a coroa?

Seus olhos fitam os meus.

- Não - ela sorri. - A coroa salvou a mim e a pessoa que eu amava. O amor teria matado nós dois.

Pisco duas vezes. Suas palavras atingem meu peito com força suficiente para me impactar. Eu nunca imaginaria que alguém tão radiante e carismática como ela pudesse ter sofrido tanto por causa de suas responsabilidades. De certa forma, sinto que somos parecidas nesse aspecto: presas a um casamento arranjado do qual não podemos e nem queremos fugir, pois ele significa a última esperança para pessoas que dependem de nós. A cada vez que penso em desistir de ser Sonya, eu me lembro das famílias de Avival que estão vivendo na miséria sem amparo algum e me lembro de que sou a última esperança deles.

Se eu não me casar com rei Kilian para salvar Avival, quem o fará?

Devo me considerar sortuda. Meu futuro marido é um grande rei, é belo e me trata bem. O que mais eu poderia pedir?

- Irene - uma voz grossa me sobressalta -, Sonya. Finalmente as encontrei.

Olho para trás e vejo rei Kilian parado ali, olhando para nós. Ele está sorrindo, mas seus olhos parecem frios, como se estivesse se forçando a parecer alegre.

Minha mente fértil já começa a imaginar mil razões para esse comportamento - e uma delas é um possível encontro secreto com uma certa criada, que acaba de ser arruinado pela irmã e a futura esposa.

- Interrompo algo? - rei Kilian se aproxima da mesa com as mãos atrás do corpo. Sua túnica carmim é muito bonita.

- De maneira nenhuma - Ire sacode a cabeça. - Estávamos falando sobre algo que muito te interessa, meu irmão.

Ele olha de relance para mim, curioso.

- É mesmo?

- Sim, seu casamento. Que flores quer nos arranjos das mesas?

Rei Kilian dá uma risada contida e ergue as duas mãos em rendição.

- Tudo bem, eu já entendi. Não vou incomodá-las. Acabo de receber uma mensagem do duque Elmo e estava procurando pelas duas para dar as boas

novas.

Encaro Irene. Esse duque é aquele cujos filhos seriam pajens adoráveis?

- Ele retornou a Coronte? - a rainha se levanta de súbito.

Rei Kilian assente.

- O duque, a duquesa e seus filhos jantarão conosco esta noite. Vim pessoalmente informá-las para que possam se preparar.

Irene fica imóvel, fitando a mesa com um olhar perdido.

- Certamente, Majestade - eu respondo no lugar dela.

O rei olha para mim de uma maneira que não sei interpretar. Parece querer me dizer alguma coisa, mas desiste. Assim que ele deixa a estufa, Irene cai sentada em sua cadeira e parece mais aflita do que jamais vi.

- Você está bem? - pergunto.

- Ainda é muito cedo para vê-lo - ela resmunga consigo mesma. - Eu não estou pronta... não ainda...

Estendo a mão e toco seu braço. Ela me encara.

- Ire...

- Oh, Sonya, o que farei?

- Por que tenho a impressão de que você não quer ver o duque Elmo? - sussurro.

Ela dá um longo suspiro.

- Porque não quero. Não posso. - Ela toca minha mão que está em seu braço. - É ele, Sonya. O duque Elmo é o homem a quem dei meu coração antes de me casar.

Arquejo, surpresa.

- Não posso vê-lo se Rupert não estiver ao meu lado - Ire sacode a cabeça. - Tenho medo.

- Medo? - franzo a testa. - Por quê?

Irene morde o lábio e desvia o olhar.

- Medo de... querê-lo outra vez.

Este é um risco que nunca correrei. Kieran só me visita e atormenta em meus sonhos e ainda assim eu me sinto mal por isso. Preciso tirá-lo do meu coração o mais rápido possível, mas é mais fácil falar do que fazer. Não consigo nem imaginar o que se passa na cabeça de Irene agora que sabe que o homem que ela amava - e que muito provavelmente ainda ama - estará tão perto dela.

- Devemos ir agora - ela diz, distante. - Está quase anoitecendo.

- Sim - eu concordo.

Nós duas deixamos a estufa e nos despedimos, retornando a nossos respectivos aposentos. Eu me sinto mal por não poder dar a ela nenhuma palavra de conforto ou conselho para a situação depois de ela ter me ajudado tanto.

Sou escoltada de volta ao meu quarto. Assim que fecho a porta atrás de mim, sinto uma presença no cômodo e não estou errada. Rei Kilian está parado diante de minha penteadeira com um livro pequeno nas mãos. Parece distraído. Passado meu espanto, eu o observo e ressalto para mim mesma as qualidades físicas dele. É alto, forte e belo. Há certo mistério em seus olhos e uma aura rústica o rodeia. Quando termina de ler a página do livro em suas mãos, ele ergue o rosto para olhar ao redor e me flagra avaliando-o. Meu rosto esquenta.

- Alteza - rei Kilian fecha o livro. - Deveria ter anunciado sua presença.

- O mesmo para o senhor, Majestade. Esse... esse é o quarto de uma dama solteira.

Ele assente devagar, desviando os olhos. A atmosfera é constrangedora.

- O que o traz aqui? - tomo coragem para perguntar.

- Ah - ele parece se lembrar só agora. Ergue o livro pequeno em sua mão calejada. - Eu trouxe isso. Para você.

Caminho devagar até ele. O rei me entrega o livro.

- É meu... hum... livro de cabeceira - diz ele.

Seguro o livro com cuidado. A capa é dura e marrom e está bastante gasta, pois não consigo ler o título. As páginas são amarelas e algumas estão até mesmo dobradas. Parece muito antigo.

- Não tenho muito jeito para cuidar de livros, como pode ver - rei Kilian diz, antes que eu possa fazer meus comentários em voz alta. - Esse é o único que li nos últimos anos, quando não estava no campo de batalha. É bem velho.

Mordo o lábio discretamente. Não gosto quando ele fala de guerras e campos de batalha. Faz com que eu fique inquieta.

- Deve gostar muito dele - eu digo. - Por que está dando para mim?

Rei Kilian desvia o olhar mais uma vez e cruza as mãos atrás do corpo.

- Bem... porque eu quero. - Então sua testa se enche de vincos, como se um pensamento ruim lhe ocorresse, e ele volta a me encarar. - Não gostou dele?

- Gostei - sorrio e é verdade. - É uma história bonita?

- É sobre guerra...

Que surpresa.

- ... e amor.

Surpreendo-me com a suavidade de sua voz. Ele deve gostar mesmo desse livro.

Olho dentro de seus olhos escuros e ele corresponde ao meu olhar, mas por pouco tempo.

- Devo me retirar agora - sua voz volta à frieza ríspida de sempre.

- Certo - eu assinto.

Ele meneia a cabeça e passa por mim em direção à porta. Antes que possa sair, eu me viro e digo:

- Nós nos veremos mais tarde, certo? Durante o jantar.

Ele para no meio do caminho e olha para mim.

- Certamente.

Assim que rei Kilian deixa meu aposento, sinto meu rosto corar pelas palavras que eu disse. E decido que, sim, vou me esforçar para ter um bom relacionamento com ele. Está na hora de deixar todo o passado de Anna de Liriel para trás, inclusive as pessoas que ela amou e de quem sente falta. Aos poucos, aprenderei a amar esse rei guerreiro que me deu de presente seu único livro favorito e me esforçarei para ser feliz ao lado dele.

Sinto que uma fresta da porta do meu coração acaba de se abrir novamente. Para rei Kilian.

Capítulo 27

Sorrio para meu reflexo.

Acho que não vou me acostumar a tanto luxo tão cedo. Uso um vestido pérola bordado com belos arabescos prateados, com mangas bufantes e uma longa saia de pregas que me faz sentir uma verdadeira princesa. Como o jantar de hoje é para receber o duque, Ghia escolheu um vestido mais encantador do que o normal para mim e arrumou meus cabelos num coque elaborado. O espartilho me incomoda e o pó de arroz me faz espirrar vez ou outra, mas fico bastante satisfeita com o resultado.

Por algum motivo, penso em Kieran.

Eu decidi deixá-lo ir para abrir espaço em meu coração, mas isso só tem feito com que eu pense ainda mais nele. Penso no que ele diria se soubesse de toda essa confusão em que me meti.

- Olhe só isso - Ghia resmunga, ajeitando minha saia. - Pare quieta por um momento, sim?

As reclamações dela me lembram madame Daisy e meus olhos se enchem de lágrimas.

Não.

Anna está morta. Ela se foi com seu amado Kieran e quem está aqui é a princesa Sonya numa missão diplomática para salvar seu povo. Princesas não choram antes de um jantar importante, princesas mantêm a cabeça erguida e um sorriso radiante no rosto, não importa o que aconteça. Eu sou uma princesa.

- Pronto - Ghia suspira. - Está pronta, Alteza.

Mordo o lábio.

- Estou nervosa. Esse duque é tão importante assim?

- Mas é claro. Ele é primo em primeiro grau do rei Kilian e da rainha Irene.

Meus ombros murcham. Primo? Irene se apaixonou pelo primo e por isso não puderam ficar juntos?

Duque Elmo e duquesa Shantara viriam apenas para celebrar seu casamento, Alteza, mas algo os trouxe mais cedo.

Olho para ela, curiosa.

Mesmo? O quê?

Ghia faz uma carranca.

Ora, como é que eu vou saber?

Reviro os olhos. Ela é tão antipática às vezes.

Como de costume, sou escoltada por guardas reais até a sala de banquete, de onde ouço o som agradável de música e conversas. Assim que as portas se abrem para mim, atraio olhares das pessoas no salão. Há mais gente aqui hoje

do que imaginei que haveria - quase tantas pessoas quanto no banquete de noivado. Fico constrangida, mas me forço a agir como uma princesa e finalmente chego onde rei Kilian e rainha Irene estão conversando com um jovem casal. Devem ser duque Elmo e duquesa Shantara, de quem ouvi tanto falar.

Assim que me vê, a expressão fria do rei torna-se uma expressão agradável e, por um segundo, acho até que ele sorri para mim.

- Aqui está ela - ele diz ao casal, gesticulando na minha direção.

- Oh, princesa Sonya - o duque faz uma reverência para mim.

- Alteza - a duquesa também me reverencia.

- Duque, duquesa - cumprimento-os. - É um prazer.

Posso afirmar sem pensar duas vezes que esse casal parece ter sido feito um para o outro. Seus sorrisos têm o mesmo brilho, altura dos dois combina e o braço dela enlaçado no dele parece feito sob medida. A única coisa que me impede de dizer essas coisas em voz alta é a expressão no rosto da rainha Irene. Eu a conheço muito pouco ainda, mas seu sorriso é tão artificial quanto as botas de couro ilegítimo que minha amiga Vega comprou uma vez e seus olhos parecem exprimir dor. É natural, já que o homem que ela amava está agora de frente para ela, casado com outra e feliz. Fico imaginando como me comportaria se estivesse no lugar de minha amiga agora.

- O jantar será servido em poucos minutos - ouço a voz de lorde Gaston, que se aproxima de nossa roda.

- Ah, senti tanta falta da comida de Coronte - comenta a duquesa, piscando os olhos castanhos. - É ótimo termos vindo mais cedo, querido.

Duque Elmo sorri e toca a mão dela de um jeito afetuoso.

- O casamento já está bem próximo - ele olha para rei Kilian -, não é mesmo, meu primo?

Rei Kilian assente, frio como uma pedra de gelo.

- Sim, está.

- Ouvi que veio de Avival há poucos dias, princesa Sonya - a duquesa se dirige a mim. - Como é sua terra natal?

Todos os olhos voltam-se para meu rosto e eu me sinto empalidecer. Minha mente simplesmente fica em branco e eu me esqueço de tudo o que Kawel e Ghia me ensinaram sobre Avival. O que eu digo? O que eu digo? O que eu digo?

- Bem... - dou um sorriso amarelo. - É... é o melhor lugar do mundo.

Todos dão risada, como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo. Fico sem entender, mas junto-me a eles.

- Ela é adorável, primo, adorável - duque Elmo dá dois tapinhas no ombro do rei.

Sinto meu rosto esquentar. O jantar é anunciado e começamos a caminhar

na direção da mesa. Olho para Irene e ela corresponde meu olhar com uma piscadela, congratulando-me. Acho que me saí bem. Preciso me lembrar de evitar esse tipo de situação e estar devidamente preparada para responder a qualquer pergunta.

Uma mão quente e grande toca minhas costas e eu me encolho, sobressaltada. Quando viro o rosto para ver a quem ela pertence, noto rei Kilian bem perto de mim.

- Sente-se ao meu lado - ele pede, com voz baixa.

Pega de surpresa, assinto sem dizer nada e nós tomamos nossos lugares à mesa. O farto jantar é servido e eu aprecio a comida com gosto - é diferente de tudo o que já provei desde que cheguei aqui.

- Gosta? - rei Kilian pergunta baixo, ao meu lado.

Olho para ele e confirmo com a cabeça, pois minha boca está cheia. Ele me encara e ergue uma das mãos na direção de meu rosto, mas para no meio do caminho, constrangido.

- No seu rosto... tem um...

Arregalo os olhos. Meu rosto deve estar sujo!

Pego um guardanapo e me limpo da maneira mais discreta possível. Rei Kilian me encara e assente uma vez, voltando sua atenção à própria taça de vinho. Eu dou risada, pois há um leve rubor em suas maçãs do rosto.

É estranho pensar isso de um rei, mas acho que ele é tímido - ao menos no que diz respeito a interagir comigo mais intimamente. Como todos dizem que é um guerreiro bruto, imaginei que me trataria de forma ríspida e fria, como trata seus convidados da corte. Então me lembro do que conversamos antes de ele me levar para ver os retratos de sua família e o quanto falou sobre darmos uma chance um para o outro e nos conhecermos. Talvez ele esteja realmente se esforçando para que isso aconteça.

Ouvimos todas as infindáveis e pouco verídicas histórias de lorde Gaston sobre suas aventuras em alto mar, os relatos de batalha do duque Elmo e as piadas do general Soren, que não fazem sentido algum para mim. Outros convidados também contam histórias e discutem sobre política de um jeito humorado que me faz querer aprender mais sobre os assuntos abordados. Depois de nos deliciarmos com a sobremesa, a orquestra começa a tocar e casais se levantam para valsar no salão. Meus pés coçam de vontade de ir correndo para lá, mas a expressão no rosto do rei me desanima. Ele olha para o salão como se desprezasse o que aquelas pessoas estão fazendo ali. Então olha para mim e eu desvio o olhar para meu prato.

- Minha prima - ouço duque Elmo dizer, fitando a rainha Irene -, será que me concederia uma dança em nome dos velhos tempos?

Meus olhos correm rapidamente para o rosto dela, a tempo de vê-la empalidecer. Mas Irene é mais forte do que parece e abre um enorme sorriso,

como se o pedido do duque não fosse nada além de uma formalidade familiar a ser cumprida por educação. Eu me sinto muito mal por ela. Duque Elmo parece não ter a menor ideia de seus sentimentos e acho que isso pode machucar um dos dois mais cedo ou mais tarde.

- Creio que a duquesa deve ter a honra da primeira dança - diz Irene, constrangida.

- De forma alguma - duquesa Shantara agita uma das mãos. - Vocês são família. E, além disso, eu não sou muito boa em valsar. Prefiro ficar aqui e observar esse lindo salão.

- Entendo - assente Irene, nada satisfeita com a resposta da duquesa.

Duque Elmo se coloca de pé e estende a mão para a prima.

- Você parece distante - rei Kilian comenta, olhando para mim.

- Hum? - meus olhos ainda estão em Irene e no duque, que caminham para o salão.

- Isso está me sufocando - sinto a mão do rei em meu braço. - Vamos.

Arregalo os olhos, mas não protesto ao ser puxada para a varanda onde conversamos em meu primeiro banquete aqui. Nós nos deparamos com alguns criados e o rei os dispensa com apenas um olhar. Ficamos sozinhos e eu, de repente, me sinto inquieta. Não queria deixar Irene com o duque Elmo - de alguma forma, acho que eu deveria estar lá dentro para apoiá-la caso algo ruim aconteça, já que sei sobre os dois. Além disso, ficar sozinha com rei Kilian é algo que ainda não fiz desde que decidi começar a abrir meu coração para ele.

Quando olho para seu rosto, pensamentos sobre Kieran ocupam toda a minha mente.

- Não há muitas estrelas hoje - ele comenta, erguendo os olhos para o céu noturno.

Suspiro, sem deixar de encará-lo. Eu chequei o céu assim que chegamos aqui fora, não há mesmo muitas estrelas. Estou mais interessada no que pode estar acontecendo lá dentro.

- Sabe de uma coisa? - o rei olha para mim.

- Hum?

- Eu... ouvi sua conversa com minha irmã mais cedo. Na estufa.

Arqueio as sobrancelhas. Agora ele tem minha total atenção.

- Majestade...

Ele ouviu sobre Irene e o duque Elmo? Quanto ele sabe?

- Você... nunca contou que já foi apaixonada por alguém - rei Kilian apoia as duas mãos no parapeito de pedra, sem olhar para mim.

Cubro minha boca com uma das mãos. De todas as coisas que ele podia ter ouvido, por que tinha que ser isso?

- Be-em, eu... nós... - Limpo a garganta. - Vossa Majestade nunca me perguntou nada sobre isso.

Ele dá uma risada curta e sem humor.

- Não perguntei, não é?

Engulo em seco.

Rei Kilian se aproxima de mim subitamente com um olhar inquisidor, outra vez querendo decifrar meus pensamentos. Eu recuo até sentir o parapeito contra minhas costas. Não tenho para onde fugir e ele está tão perto que não tenho outra opção a não ser olhar para seu rosto.

- Refleti muito sobre nossas últimas conversas e sobre aquele assunto com Teresa - sua voz soa gutural e seus olhos estão fixos nos meus. Parecem mesmo duas pedras preciosas. - Quando pensei que você estava com ciúmes, confesso que achei ridículo. Afinal, nós não nos conhecemos o suficiente para nutrir qualquer sentimento um pelo outro a não ser constrangimento. Mas creio que fui pego por meu próprio julgamento. Antes de ouvir suas palavras hoje, eu acreditava que não fazia o menor sentido me sentir incomodado se a situação fosse inversa e você estivesse apaixonada por outro.

Dou uma risada sem graça.

- E não faz, Majestade.

- Acontece que eu estou incomodado - ele dá mais um passo para mais perto de mim e eu prendo a respiração.

Pisco duas vezes. Ele disse o que eu acho que disse?

- Tenho pensado nisso a noite toda, princesa Sonya. No tipo de homem que conquistou seu coração.

Eu suspiro e decido ser direta com ele.

- Majestade... - olho fundo em seus olhos. - O senhor mesmo me disse que ama outra mulher e que não pode me prometer nada além da sua fidelidade. E eu não o culpo. Ninguém é culpado por se apaixonar. No entanto, está me deixando confusa com suas palavras contraditórias.

A testa dele se enche de vincos.

- Contraditórias?

- Disse que não pode me amar e eu acreditei - disparo. - Disse que não posso sentir ciúmes porque não o conheço o suficiente para isso e eu também acreditei em suas palavras. Mas... mas agora o senhor está me confundindo, pois diz exatamente o contrário.

É a vez dele de suspirar.

- Talvez eu esteja enlouquecendo - rei Kilian encara o céu. - O coração de um homem não pode mudar tão rápido, pode?

Franzo a testa. O que ele quer dizer com tudo isso? Que está com ciúmes? Que se incomoda porque já tenho Kieran em meu coração? Por que é tão confuso?

Subitamente, rei Kilian segura minha mão e olha para nossos dedos juntos. Os meus finos e compridos em contraste com os dedos ásperos e cheios de

cicatrizes dele. Sua mão é quente e, surpreendentemente, aconchegante. Ergo meus olhos para encará-lo ao mesmo tempo em que ele o faz.

- Majestade...

- Posso... posso ter sua permissão para amá-la?

Arquejo, surpresa.

Ele ergue a outra mão e toca meu rosto com as pontas dos dedos, correndo cada centímetro dele com os olhos.

- O que o senhor está fazendo? - deixo escapar, sacudindo a cabeça.

- Fique parada - ele sussurra.

- Mas eu...

Rei Kilian apoia a mão quente em minha nuca e aproxima o rosto do meu, quase tocando meus lábios com os dele. Fico completamente paralisada e tudo o que ouço são as marteladas de meu coração.

- Tenho sua permissão...? - ele sibila.

Meu coração dói.

Queria ter permissão para beijá-la agora.

Você tem.

Não posso rejeitá-lo. Ele será meu marido. Ele será o homem com quem passarei o resto dos meus dias. Ele será o homem a quem darei filhos. Fecho os olhos com força, sentindo todo o meu corpo ficar tenso.

- Você... - minha voz treme - você tem.

Sinto sua mão puxar minha nuca, mas seus lábios não pressionam os meus como eu espero que façam. Ao invés disso, sinto-os em minha testa, suaves e intensos num beijo gentil e sem pressa alguma. Meu corpo relaxa aos poucos e eu tomo coragem para abrir os olhos e encará-lo. Rei Kilian se afasta devagar e, pela primeira vez desde que o conheci, ele sorri de verdade.

- Se eu posso amá-la, eu a amarei, princesa Sonya - declara, ainda segurando minha nuca e minha mão.

- Majestade...

- Vamos deixar para trás o passado que tivemos antes de nos conhecermos - ele me solta devagar. - Vamos olhar apenas um para o outro de agora em diante. Com honestidade e sem fingimentos.

Sinto uma pontada do peito.

Honestidade? Sem fingimentos?

- Apesar de tudo o que eu lhe disse e toda essa confusão que causei a seus sentimentos, acha que pode... algum dia... me amar?

Abro a boca, mas não consigo responder. A verdade é que tenho medo. Estou tão assustada com a possibilidade de abrir meu coração que não consigo nem mesmo me mover. E tenho mais medo ainda de ser descoberta e arruinar tudo. Terei que ser tão cautelosa para sempre?

- Majestade! Majestade! - ouço os gritos de um criado desesperado se

aproximando de nós.

Rei Kilian me dá as costas e olha na direção dele, alarmado.

- É uma mensagem urgente do rei Rupert solicitando o apoio de Vossa Majestade! - resfolega o homem. - Dardanelo acaba de entrar em guerra!

Capítulo 28

O banquete acaba num piscar de olhos com o anúncio da guerra.

Dardanelo aparentemente decidiu que sua inimizade com o reino do norte, Omem, não pode ser resolvida apenas com diálogo diplomático e isso implica no envolvimento de Coronte na guerra. Por causa da aliança feita pelo casamento entre o rei Rupert e a rainha Irene, o reino de Coronte é obrigado a enviar tropas para ajudar Dardanelo no combate.

O palácio se torna um caos assim que a notícia se espalha e rei Kilian me deixa com o duque e a duquesa antes de se retirar para uma reunião de emergência. Procuro por Irene, mas uma criada me informa que ela foi levada para um lugar secreto por motivos de segurança. Como é de conhecimento geral que ela está visitando o irmão em Coronte, os inimigos de seu marido podem tentar atingi-lo através dela, então a rainha precisa ser protegida.

Não posso mentir, estou aflita e preocupada. Embora esteja vivendo aqui há pouquíssimos dias, eu me importo muito com as pessoas de Coronte e com esse reino tão belo. Em meu coração, eu já considero esse lugar o meu novo lar e não quero que nada de mal aconteça, como não iria querer se Liriel estivesse sob ameaça de ataque. O que acontecerá aos súditos do rei Kilian se a guerra vier até aqui? Quantas pessoas inocentes vão morrer e quantas vão perder entes queridos?

- É assustador - comenta a duquesa Shantara, encarando a parede da sala onde o rei pediu que esperássemos. - Num segundo estamos em festa e no outro anunciam uma guerra?

Duque Elmo apoia uma das mãos no ombro da esposa, mas nada diz. Ele parece distante. Pergunto-me se por acaso está pensando na prima.

- E quanto ao seu casamento, princesa? - duquesa Shantara choraminga, inquieta.

- Meu casamento? - franzo a testa.

-Oh, tudo terá que ser adiado! Probrezinha...

Duque Elmo sacode a cabeça.

- Meu primo não colocaria sua futura esposa em tal situação, querida.

Eles estão me confundindo. Do que estão falando? Adiar o casamento?

- Não se preocupe, princesa Sonya - o duque olha para mim. - Tenho certeza de que o rei fará com que a cerimônia corra normalmente antes de partir para o campo de batalha.

É nesse instante que eu perco o chão e cambaleio, caindo sentada em um divã de veludo.

- Pa-partir? Para o ca-campo de batalha? - gaguejo. - Do que o senhor está falando?

O duque e a duquesa trocam um olhar triste.

- A aliança com Dardanelo implica na atuação efetiva do rei na guerra. Em outras palavras...

- Ele vai lutar pessoalmente - completo, sentindo um aperto no peito.

Eu fico a ponto de entrar em desespero. Não. Ele não pode ir para uma guerra às vésperas de nosso casamento. Não agora quando acabamos de começar a nos entender. Não agora que estou prestes a sentir algo por ele. E se rei Kilian morrer? O que será de mim? O que será do povo de Avival que depende totalmente de nosso casamento?

Sinto algo escorrer por minha bochecha e me surpreendo ao me dar conta de que estou chorando. Cubro minha boca. Eu devo ter sido amaldiçoada ao nascer para atrair tanto azar assim. Primeiro perco meu pai, depois Kieran e agora rei Kilian? Por que as pessoas que são importantes para mim são tiradas dessa forma?

Não sei quanto tempo fico naquela sala com o duque e a duquesa, mas parece uma eternidade e não faz nenhum bem para meus nervos. Quando um criado abre as portas, seguido de alguns guardas reais, eu quase pulo sobre ele.

- Altezas - ele faz uma reverência -, recebi ordens para escoltá-los de volta a seus aposentos.

- E quanto ao rei? - pergunto, cerrando os punhos. - Onde ele está?

- Perdão, Alteza, mas Sua Majestade ainda está em reunião oficial.

Mordo o lábio com força.

Preciso falar com ele.

- Tudo ficará bem - duquesa Shantara afaga meu ombro, solidária.

Sou escoltada até meus aposentos, onde encontro Ghia e as duas criadas. As expressões em seus rostos são de puro pavor e até mesmo suas mãos tremem. Algo me diz que elas já passaram por esse tipo de situação antes e que sabem o que está por vir. O que quer que seja, parece aterrorizante o suficiente para que eu tenha medo de perguntar.

- Venha, Alteza - chama Ghia -, vou prepará-la para dormir.

Eu rio sem humor.

- Dormir? - encaro-a. - Como acha que posso sequer pensar em dormir agora?

Ela não diz nada, simplesmente começa a soltar meus cabelos enquanto as criadas me ajudam a tirar o vestido. De camisola, eu começo a andar de um lado para o outro no quarto imenso, sentindo meu coração prestes a estourar e minha mente dando tantas voltas que me deixa tonta. Detesto ficar impotente desse jeito. Nem sequer imagino o que eu posso fazer nessa situação. Não posso pedir ao rei que não vá para a guerra, por mais que seja isso que eu quero fazer. Só posso ficar aqui esperando e me preocupando?

- Vão dormir - resmungo para Ghia e para as criadas. Elas olham para mim

com uma mistura de preocupação e pena. - Ficarei bem, vão logo.

As duas me reverenciam e saem primeiro. Ghia permanece à porta, me encarando.

- Princesa Sonya - ela diz, mais severa do que nunca -, esse casamento precisa ser realizado. Não importa o que aconteça depois.

Sinto meu sangue gelar quando compreendo o que ela quer dizer. Está tudo bem se o rei morrer na guerra, contanto que vocês estejam casados antes disso. Eu trinco os dentes, sentindo um forte instinto protetor tomar conta de mim. Quero afastar todo e qualquer pensamento agourento e pessimista envolvendo rei Kilian.

- Nada vai acontecer a ele - replico.

Ghia suspira com desdém e eu me dou conta de que ela não se importa mesmo com o rei. Seu foco é unicamente o casamento para salvar seu lar. Não sei se posso repreendê-la por isso.

- Não se esqueça do verdadeiro propósito de tudo isso, princesa - ela faz uma reverência e deixa o quarto em silêncio.

Caio sentada na cama, cobrindo meu peito com as duas mãos para tentar acalmar meu coração. Deito-me, mas não consigo dormir. Rolo no colchão por tanto tempo que me pergunto se o sol já está para nascer. O tempo parece se arrastar preguiçosamente, zombando de mim.

Então ouço três batidas na porta.

Pulo da cama, imaginando as tropas inimigas invadindo meu aposento para me matar. Mas, bem, se isso fosse mesmo uma invasão eles não se incomodariam em bater antes de entrar, não é? Pego um atiçador de lareira e aproximo-me da porta com cautela, abrindo-a muito devagar.

- Quem... quem está aí? - sussurro, pois não encontro muita coragem para levantar a voz.

- Princesa Sonya - uma voz familiar sussurra de volta -, sou eu.

Rei Kilian.

Deixo o atiçador cair no chão e abro a porta até ser capaz de ver seu rosto. É mesmo ele.

- Precisamos conversar - diz.

Sem esperar por uma resposta ou que eu coloque algo sobre minha camisola, ele segura meu pulso e me puxa para fora do quarto com pressa. Os guardas no corredor permanecem em seus postos, sem dar nenhum sinal de que nos veem. Caminhar clandestinamente pelo palácio adormecido é algo que nunca imaginei fazer, mas aqui estamos nós. Rei Kilian não diz muito, apenas me instrui sobre onde dobrar um corredor ou subir um lance de escadas, sem nunca soltar meu pulso. Andamos bastante até pararmos diante de portas duplas grandes e ricamente entalhadas.

- Chegamos - ouço-o sibilar.

Ele me solta e revira o bolso de sua calça até encontrar uma chave grande, com a qual abre as grandes portas. Eu o sigo para dentro do que descubro ser uma biblioteca gigante, maior do que minha antiga casa em Liriel. Perplexa, fico parada à porta, admirando a grandeza do lugar e o rei precisa me puxar para dentro para que eu volte a mim.

- Lamento por acordá-la e trazê-la aqui dessa forma - ele diz, enquanto fecha as portas atrás de nós. Seus olhos me observam e eu me lembro de que estou usando apenas minha camisola. - Oh - ele desabotoa sua túnica e a tira, ficando apenas com a camisa de linho -, aqui - coloca a túnica ao redor de meus ombros, cobrindo-me. - Está frio.

Constrangida por seu gesto, sorrio para ele.

- Obrigada.

Rei Kilian desvia o olhar e dá um longo suspiro.

- Vamos nos casar amanhã - declara, como se fosse um fato sem questionamentos.

Eu o encaro, boquiaberta.

- O-o quê?

Ele apoia as mãos nos quadris.

- Não posso adiar o casamento e deixá-la esperando que eu volte - esfrega a testa. - Eu... eu nem mesmo sei se vou...

- Não - interrompo, atraindo seu olhar. - Não diga essas coisas, Majestade.

- Preciso ser realista - rei Kilian rebate. Parece irritado. - Conheço muito bem os riscos de uma guerra dessa magnitude e não posso contar apenas com tudo dando certo. Porque é uma guerra.

Dou um passo para mais perto dele.

- Não morra - minha voz soa suplicante. Penso em todas as mortes que aconteceram ao meu redor e sinto um aperto no peito. Não posso perdê-lo também. - Por favor, não morra.

Rei Kilian estende a mão e toca meu rosto. Ele acaricia minha bochecha de um jeito desajeitado que me faria rir se a situação não fosse tão séria.

- Case-se comigo amanhã e eu prometo que volto para você.

Suas palavras me deixam balançada e eu me sinto prestes a derreter.

- Estou com medo - confesso. Medo da guerra e medo de amá-lo.

Ele suspira mais uma vez e se aproxima ainda mais de mim, passando os braços ao meu redor e puxando-me contra seu peito num abraço mais reconfortante do que pensei ser possível. Sinto a rigidez dos músculos de seus braços e peitoral e o calor de seu corpo me aquece. Seu queixo se apoia no topo de minha cabeça e eu sinto sua respiração bagunçar alguns fios de meus cabelos. Esse homem com os braços ao meu redor é a exata personificação de segurança. Abraçada a ele, todos os meus medos, minhas inseguranças e minhas ruminações desaparecem, como se a certeza de que esse homem pode

me proteger fosse maior do que qualquer outro sentimento dentro de mim. Lágrimas veem aos meus olhos e um sorriso de alívio estica meus lábios. Eu confio nele.

- Enquanto eu estiver aqui, nada fará mal a você - rei Kilian me afasta e segura meu rosto com as duas mãos, olhando para mim. - Então case-se comigo, para que eu tenha alguém para quem retornar.

Olho fixamente em seus olhos.

- Sim.

***

A cerimônia de casamento e o banquete de celebração seriam o evento mais luxuoso e memorável de Coronte, mas a guerra atrapalhou tudo. Com o casamento sendo realizado antes do esperado, muitos convidados da nobreza não poderão comparecer e os criados terão o dobro de trabalho para organizar tudo a tempo. A coisa toda será dez vezes mais simples do que foi planejado, mas isso é o que menos me preocupa agora.

Hoje eu vou me casar.

Assim que me levanto da cama e lavo o rosto, esse é o primeiro pensamento que me ocorre. Ontem à noite, depois de me pedir para casar com ele, rei Kilian compartilhou suas preocupações comigo. Conversamos muito sobre as consequências da guerra e que medidas são melhores a se tomar para proteger nossos reinos. Ele disse que, assim que nos casássemos, enviaria tropas para proteger Avival como reino aliado. Isso tirou um peso enorme de meus ombros - ao menos o povo de Avival terá quem os proteja agora. Também compartilhei algumas das minhas preocupações com rei Kilian, principalmente no que diz respeito a nós dois. Não voltei a mencionar Kieran, mas confessei que meu coração está machucado e que pode levar algum tempo para se curar. Ele me ouviu com atenção e tudo o que me pediu foi uma chance de se aproximar de mim. Eu, naturalmente, não neguei.

Olho para o céu que acaba de clarear e ando até a sacada para pegar ar puro. Novamente sinto o calor do sol que tanto me lembra Kieran e é nesse momento que decido me despedir dele. Eu conhecia Kieran. Ele desejaria mais do que tudo que eu fosse feliz e é isso que estou tentando fazer agora. Sou grata a ele por me proteger e me amar pelo período em que estivemos juntos e sou mais grata ainda por ele ter sido meu primeiro amor.

- Obrigada - sussurro para o céu, de olhos fechados. - E... adeus.

Sou banhada, perfumada, massageada e mimada durante todo o dia, como uma rainha. Há mais criadas em meus aposentos do que posso contar e a todo

momento elas me perguntam se preciso de algo ou se quero mais coisas para comer. Elas parecem se divertir, como se estivessem brincando de boneca comigo - no caso, a boneca sou eu.

Irene surge mais deslumbrante do que nunca em meus aposentos, uma hora antes da cerimônia, e expulsa todas as criadas. Seguro suas mãos com força.

- Como você está? - pergunto, aflita por ela. - Teve notícias do rei Rupert?

Ela dá um sorriso cansado e se acomoda em uma poltrona.

- Rupert está ocupado demais para escrever para mim, mas sei que ele está bem - ela examina as próprias unhas, evitando olhar para mim. - De qualquer forma, eu saberia se ele estivesse morto, não é?

- Ire...

- Não - ela sacode a cabeça. - Não vamos falar sobre mim. Hoje é o seu dia!

Dou um sorriso sem graça.

- Tenho ouvido isso desde que acordei.

- Confesso que nunca pensei que meu irmão fosse se casar antes dos quarenta - ela ri alto. - Ele deve gostar mesmo de você.

Dou de ombros.

- Nós nos entendemos bem.

- Estou feliz que seja você ao lado dele, Sonya - Irene se levanta e caminha até mim. Ela segura minha mão entre as dela. - Você é gentil e sincera e eu tenho certeza de que vai trazer um pouco de cor à vida cinzenta de Kilian.

Num impulso eu a abraço. Não quero que digam que sou sincera, porque não sou. Eu queria mais do que tudo ser Sonya, mas eu não sou. Preciso me certificar de manter a farsa para que ninguém se machuque ao descobrir minhas mentiras. Eu quero ser a rainha e a esposa perfeita para salvar Avival e fazer rei Kilian e Coronte felizes.

- Não tenha medo - Irene me afasta e sorri. - Tudo dará certo.

Ghia entra no quarto acompanhada de umas cinco criadas, carregando meu vestido de noiva e eu sei que está na hora.

Hoje eu vou me casar.

- Você está tão linda, Alteza! - elogia uma das criadas, assim que fico pronta.

- Não quer se ver no espelho? - pergunta Ghia.

- Não - sacudo a cabeça com veemência.

- Ah, pare de frescura! - Irene me puxa para ficar de frente para o grande espelho do meu quarto. - Veja!

Arregalo os olhos ao ver meu reflexo e fico sem palavras. A garota ali sou mesmo eu? Não, não pode ser. Não é Anna, é Sonya. Sonya, que será rainha de Coronte e Avival em poucas horas. Ela parece bela e forte o suficiente para enfrentar qualquer desafio sem deixar um fio de cabelo sair do lugar.

- Kilian vai perder a cabeça ao vê-la - brinca Irene, de olhos arregalados e

um sorriso travesso nos lábios.

Sacudo a cabeça, sentindo meu rosto enrubescer.

Meu vestido de noiva é simplesmente surreal. Não exageradamente elaborado ou cheio de pedrarias, é feito de cetim, seda e tule. As mangas longas são feitas de renda transparente e o decote é em formato de coração. A saia é a melhor que já usei, farta e rodada. É um vestido simplesmente lindo. Gostaria de saber como o fizeram em tão pouco tempo e como foi que acertaram exatamente o meu gosto.

- Certo, agora é a vez da cereja do bolo - comenta Irene, desaparecendo de minha vista. Ghia vai com ela.

As duas retornam e vejo que Irene traz uma caixa média de veludo azul escuro e Ghia traz um belo véu. Quando ela abre a caixa, não posso evitar ficar boquiaberta.

É uma coroa prateada com mais diamantes do que já vi em toda a minha vida.

- Ire, isso...

- É para a futura rainha de Coronte - ela me dá uma piscadela. Então chama Ghia com um gesto de cabeça. - Ajude-me a colocar nela.

Elas prendem meus cabelos num coque trançado e elaborado, prendem o véu com grampos e colocam a coroa fascinante sobre minha cabeça.

E é nesse mesmo instante que eu me despeço de uma vez por todas de Anna de Liriel e de todo o passado dela. Dos lugares que ela frequentou. Das coisas que ela fez. Das pessoas que ela amou.

Ouço dois baques na porta e as criadas se agitam. É lorde Gaston que acaba de chegar - ele é quem vai me levar ao altar, como mediador entre Coronte e Avival.

Chegou a hora.

A cerimônia de casamento será realizada na sala do trono pelo Cardeal Izack e até lá que lorde Gaston e eu somos escoltados. Não ouço o som de nossos passos ou das vozes das pessoas que me felicitam no caminho, somente de meu coração martelando em meus ouvidos, enlouquecido. Minhas mãos suam dentro das luvas de cetim e quando me entregam o buquê de rosas brancas, eu me dou conta de que elas tremem muito também.

A marcha nupcial começa a ser tocada pelos músicos reais e as portas douradas da sala do trono se abrem majestosamente. Aperto o braço de lorde Gaston com força - é bom ele não me deixar cair. Começamos a caminhar pelo comprido tapete vermelho e eu ouço exclamações coletivas quando os convidados me veem. Sorrio, lisonjeada. Eu vejo rei Kilian parado no altar, trajando sua mais fina e bela túnica e usando uma coroa digna de um grande rei. Ele parece ainda mais imponente do que na primeira noite em que o vi e mantém a expressão neutra em seu rosto. Lorde Gaston me entrega a ele e faz

uma reverência a nós dois.

Encaro rei Kilian e ele corresponde. Por mais neutro que pareça, vejo uma alegria tímida em seus olhos e isso me faz sorrir. Ele segura minha mão e juntos nos posicionamos diante do cardeal. É um homem velho e robusto que sorri demais e usa muitos anéis. A cerimônia é longa e um pouco cansativa, mas assim que me dou conta os filhos gêmeos do duque Elmo estão adentrando o salão com as alianças. Rei Kilian e eu as trocamos, dizendo nossos votos de amor e respeito mútuo. E pronto. Estamos casados. É dado início então à cerimônia de coroação, que acontece mais brevemente do que pensei que seria.

- Vida longa ao rei Kilian! - brada o cardeal. - Vida longa à rainha Sonya!

- Vida longa ao rei! Vida longa à rainha! - a nobreza responde.

Rei Kilian estende o braço para mim e eu o seguro. Caminhamos juntos até a sacada principal, que dá vista para a praça central onde o povo de Coronte aguarda para saudar seu rei e sua rainha. Assim que surgimos, ouço os brados de celebração de uma multidão feliz e calorosa e vejo balões, faixas e luzes espalhados por toda parte. O povo está genuinamente feliz.

- Puxa... - arquejo, tocada.

Rei Kilian pigarreia.

- Acene para eles - sussurra para mim. - Vão gostar.

- Mesmo?

Ergo a mão que não está apoiada em seu braço e começo a acenar para o povo. Eles correspondem, acenando de volta e gritando o quanto me amam. Rio e sinto meus olhos se encherem d'água, emocionada. Num impulso, seguro uma das mãos do rei e a ergo também, fazendo-o acenar comigo. Ele fica surpreso e tenso, mas o povo aplaude e acena de volta.

- Tudo bem, já chega - rei Kilian tenta baixar o braço que ainda seguro. Suas bochechas estão muito vermelhas. - Já chega.

Não contenho uma risada e solto seu braço. Ele é tímido ou o quê?

- Vamos para dentro - pede, puxando meu braço.

Aceno uma última vez para as pessoas lá embaixo e sigo o rei para dentro.

- Há um baile e um banquete esperando por nós agora - ele diz, enquanto ainda estamos sozinhos.

- Imagino.

Rei Kilian para de caminhar e olha para mim.

- Eu odeio bailes - confessa num suspiro. - Odeio todas essas cerimônias e formalidades.

Arregalo os olhos para ele.

- Majestade...

- Já cumprimos as obrigações que tínhamos que cumprir. Quer desaparecer comigo agora?

Cubro a boca com a mão enluvada e rio.

- Está falando sério, Majestade?

- Estou - ele responde sem pestanejar.

Quando me dou conta, estamos nos esgueirando pelos corredores como na noite anterior, evitando topar com convidados, criados e guardas que perambulam pelo palácio. Rei Kilian segura minha mão com firmeza até chegarmos às portas dos aposentos reais. Fico instantaneamente nervosa.

- Esse é o meu refúgio - ele diz, fechando a porta atrás de nós. - O lugar para onde fujo quando preciso esfriar a cabeça.

Meus olhos deixam o rosto do rei e começam a explorar o quarto dele. Há uma belíssima coleção de espadas e machados pendurada em uma das largas paredes e cabeças de animais empalhadas em outra. Há tapetes de pele por quase todo o chão e quadros de animais silvestres e paisagens florestais como decoração. O típico quarto de um guerreiro.

- Uau - é tudo o que consigo dizer.

- Assustador? - ele ergue uma sobrancelha.

Sacudo a cabeça negativamente.

- É só... diferente - digo, começando a perambular pelo quarto, curiosa.

Rei Kilian permanece parado perto da porta por um longo tempo até que eu explore a maior parte de seu aposento inusitado. Quando finalmente me dou por satisfeita, volto para perto dele.

- Parece que gosta muito de caçar, Majestade - comento.

Ele cruza os braços atrás do corpo e contempla suas coleções.

- Foi uma das únicas coisas que meu pai me ensinou bem - suspira. - Tudo o que você quiser saber sobre mim está aqui nesse quarto.

- Não há livros? - pergunto, lembrando-me do pequeno presente que ele me deu.

Surpreendentemente, rei Kilian dá um breve sorriso.

- Como eu disse, não tenho lido nada além daquele pequeno exemplar que dei a você. Mas pode trazer para cá quantos livros quiser.

Mordo o lábio.

- Trazer para cá?

Rei Kilian desvia o olhar.

- Estamos casados. Este quarto não é mais só meu, Sonya.

Sinto um frio na barriga quando ele me chama somente pelo nome pela primeira vez - não pelo meu nome real, mas soa como se fosse. Meu rosto esquenta e eu também desvio o olhar para longe dele. O aposento parece tão quente que começo a suar. Espio rei Kilian e o vejo tão perdido e constrangido como eu. Achei que ele tivesse me trazido aqui com aquele tipo de intenção, mas começo a achar que não é exatamente isso. Contenho-me para não rir, pois ele parece muito mais nervoso do que eu.

Respiro fundo e expiro com calma. Estamos casados. A noite de núpcias é

algo que acontecerá mais cedo ou mais tarde, certo?

Para a minha surpresa, rei Kilian me puxa pela cintura subitamente, colando meu corpo ao dele. Nossos rostos ficam muito próximos e ele acaricia minha bochecha com as pontas dos dedos. Então puxa o véu preso em meus cabelos e o deixa cair aos nossos pés. Seus olhos me prendem enquanto seus lábios se aproximam dos meus. Rei Kilian me beija suave e rapidamente, então me toma nos braços e me carrega até sua cama, colocando-me sentada.

- Serei gentil - ele promete, como se tentasse me acalmar. Provavelmente está ouvindo o som das batidas do meu coração.

Eu sorrio para ele.

- Eu não estou com medo.

Rei Kilian me puxa para mais perto e me beija com mais ousadia e intensidade e eu correspondo da mesma forma, envolvendo seu pescoço com meus braços.

Decido que amá-lo é meu novo objetivo de vida e acho que acabo de começar a fazer isso.

Capítulo 29

Admiro o nascer do sol pela fresta da enorme janela dos aposentos do rei, envolta em um roupão que encontrei pendurado no braço de uma poltrona - e que fica gigante em mim. Parece um início de dia comum como qualquer outro, mas eu me sinto completamente diferente. Sou uma mulher casada agora. Sou uma rainha de dois reinos. Sou esposa de um guerreiro. É assustador e empolgante ao mesmo tempo, tanto que faz minhas mãos suarem e minhas pernas ficarem bambas.

Olho para trás, por cima do ombro, para um rei totalmente adormecido e enrolado nos lençóis. Sorrio. A expressão no rosto dele parece tão tranquila e pacífica que quero ficar olhando até gravá-la em minha memória. Apesar de ser grande e até um pouco intimidador, rei Kilian é mais gentil e doce do que eu esperava.

Afastando as cortinas, abro a janela um pouco mais, de modo que a luz do sol entre e seja suficiente para que eu enxergue o quarto. Começo a caminhar pelo cômodo, que parece cada vez maior a cada passo que dou. Olho para as cabeças de animais empalados nas paredes e sinto um calafrio - como vou conseguir dormir com essas coisas me olhando? Afasto-me da cama e noto que o aposento é quase como o meu, divido em vestíbulo, quarto principal, quarto de vestir e banheiro. Há um tipo de armário de madeira num canto, perto do imenso guarda-roupa; através das portas duplas de vidro, posso ver que dentro dele estão guardados mai machados, adagas, espadas e outras armas que não sei nomear. Encontro uma escrivaninha abarrotada de papéis e envelopes e fico curiosa para lê-los. São cartas de aldeias, ducados e reinos vizinhos, felicitando o rei de Coronte pelo casamento ou oferecendo homens para compor o exército dele na guerra. Sei que não é nada educado ler a correspondência de outra pessoa, mas penso que ele é meu marido agora e provavelmente não vai se importar se eu bisbilhotar um pouco.

Meu marido.

Apoio-me na escrivaninha, sentindo as pernas bambas. Céus, o que foi que eu fiz? Eu realmente me casei com um rei? Eu sou mesmo uma rainha agora? Eu, a garota que não queria liderar ou me responsabilizar por nada?

- Sonya... - ouço-o murmurar, do quarto de dormir.

Afasto-me da escrivaninha bagunçada e caminho até a cama, sentindo a

barra do roupão se arrastar atrás de mim como uma cauda. Rei Kilian ainda está deitado, apoiado em seus cotovelos.

- Bom dia, Majestade - eu digo, sem conseguir evitar um sorriso.

Ele esfrega os olhos e olha para mim. Fica levemente sobressaltado ao me ver usando seu roupão imenso e parece descontente.

- Está acordada há muito tempo? - ele pergunta.

Sacudo a cabeça negativamente. Rei Kilian afasta os lençóis e se veste com outro roupão, de costas para mim. Deve estar tão constrangido quanto eu.

- Devemos - ele diz, impassível - ir tomar o café da manhã?

Mordo o lábio e prendo uma mecha de cabelo atrás da orelha.

- Bem... a menos que eu coloque meu vestido de noiva outra vez, não tenho o que vestir.

Rei Kilian arqueia as sobrancelhas.

- Oh. Sim, é mesmo.

Alguém bate à porta de repente e ele parece quase aliviado por interromper o contato visual comigo e ir abri-la. Ouço uma criada dizer que recebeu ordens da rainha Irene para nos trazer o café da manhã e logo em seguida dois criados entram com bandejas cheias de comida. Eles olham para mim, esperando que eu diga onde devem colocá-las.

- Naquela mesa - indica o rei, antes que eu possa abrir a boca. - Ah, tragam os pertences da rainha para estes aposentos o mais rápido possível.

Logo estamos sentados diante um do outro, comendo em silêncio. Ele não olha para mim e parece tão tenso que começo a me perguntar se fiz ou disse alguma coisa errada. Ontem ele me tratou de forma gentil e atenciosa desde que nos encontramos no altar, mas está frio e distante agora. E eu não me atrevo a perguntar qual é o problema, porque tenho medo de que o problema seja eu. Será que rei Kilian de repente se deu conta de que não é capaz de me amar?

- Sonya - sua voz grave me tira de meus devaneios. Vejo que ele está

olhando para mim. - Você quase não tocou na comida. Há algo errado?

- Ah, não - baixo os olhos para meu prato. - Eu só...

Ele bebe um gole de água e então suspira. Sinto seus olhos em meu rosto.

- Por acaso... eu a machuquei?

Ergo o rosto para olhá-lo.

- Nã-ão, Majestade - sacudo a cabeça com veemência. - De modo algum. Eu estou bem.

O rei estende a mão até tocar meu queixo e o limpa com o dedo. Seu toque faz meu corpo se arrepiar e eu me encolho. Ele percebe.

- Tem certeza de que está bem? - sua testa se enche de vincos. - Quero que me diga quando algo a incomodar, Sonya.

Engulo em seco.

- Bem...

- Hum?

- Estou tentando entendê-lo, Majestade - confesso. - Hoje está parecendo um pouco... distante. Fico me perguntando se fiz algo para afastá-lo ou algo que não tenha agradado-o.

Vejo-o refletir sobre minhas palavras com cuidado.

- Estamos em um situação delicada e um tanto constrangedora para ambos - rei Kilian diz. Seus olhos encontram os meus. - Não há nada em você que me desagrade e não quero que pense assim. Se estou sendo cauteloso é porque quero que as coisas entre nós aconteçam naturalmente, sem que o peso do casamento arranjado nos force a algo.

- Eu não me senti forçada a nada - digo, num impulso. - E... e não me sinto.

- É bom saber disso - ele dá um sorriso discreto. - Mas, ainda assim, para mim, estar com você é como pisar em ovos. Preciso ser cuidadoso para não

quebrar nenhum.

Ele é bom com as palavras e descreveu bem o que estou sentindo agora.

- Eu a desejo - ele confessa de repente, pegando-me desprevenida -, mas não quero assustá-la.

Crispo os lábios, tentando não sorrir, e sinto meu rosto esquentar. O rei pigarreia e nenhum de nós consegue olhar para o rosto do outro. É a primeira vez que alguém me diz algo assim e eu me surpreendo por me sentir lisonjeada. Acho que parte de mim está começando a gostar de rei Kilian mais rápido do que pensei ser possível.

Antes mesmo de terminarmos o café da manhã, duas criadas chegam para me levar de volta aos meus aposentos para que eu me vista adequadamente. Elas me dizem que já estão arrumando todos os meus pertences - roupas, sapatos e joias - para colocá-los no quarto do rei. Despeço-me rapidamente de rei Kilian e sou praticamente arrastada para meu quarto. Ghia está à minha espera com um belo vestido púrpura digno de uma rainha. Se antes as criadas me tratavam com muito respeito e reverência, agora esse tratamento parece ter sido multiplicado por dez.

- Está pronta, Majestade - diz Ghia, terminando de ajeitar meus cabelos.

Eu me sinto feliz. Tão feliz que tenho vontade de abraçá-la.

- Seus compromissos de hoje são o almoço com o cardeal e a inauguração da nova praça pública - Ghia sussurra para mim. - Lembre-se de tudo o que ensinei. Agora não é mais uma princesa.

Assinto, relembrando seus conselhos sobre a postura e o comportamento de uma rainha. Não deve ser tão difícil colocá-los em prática.

Não são apenas os criados que me tratam de forma diferente agora. Quando encontro rainha Irene, o general Soren, lorde Gaston, duque Elmo e duquesa Shantara, sinto que sou uma pessoa diferente aos olhos deles - não tanto aos olhos de Irene, já que ela é uma rainha também e me trata como sua família. Eles perguntam minha opinião a respeito de todos os assuntos tratados em nossa pequena reunião informal e quando me dou conta já estou opinando com sinceridade. Não, não acho que a guerra é boa para nenhum dos lados. Violência não é a resposta. Estratégias de batalha não são meu forte. Não, não

me arrependo de ter corrido com o casamento.

Sou lembrada do almoço com o cardeal no mesmo instante em que meu estômago começa a roncar. Os criados praticamente fazem uma cerimônia para me levar até a sala de banquete e me anunciar. Rei Kilian e o cardeal Izack já estão à mesa e se levantam para me saudar assim que me aproximo.

- Minhas mais sinceras felicitações por seu casamento, Majestades - diz o cardeal, fazendo uma reverência exagerada que me deixa constrangida.

- Somos gratos por sua presença e seus votos, cardeal - responde rei Kilian.

- Obrigada - eu sorrio, sentando-me à mesa.

Os dois voltam aos seus lugares e o almoço é servido. Cardeal Izack começa a se lamentar pelo fato da cerimônia de casamento ter sido feita às pressas, sem que o Papa em pessoa pudesse comparecer para realizar a coroação como manda o costume. Fico sem saber como conduzir esse assunto e é aí que rei Kilian interfere, dizendo que em tempos de guerra é preciso tomar medidas emergenciais. As palavras dele fazem com que o cardeal olhe para mim de modo desconfiado. Pergunto-me o que se passa em sua mente.

- De qualquer forma, fico imensamente satisfeito por ter unido eu mesmo um casal real tão promissor - ele diz, por fim. - Que os céus os abençoem com herdeiros saudáveis.

Não contenho uma risada. Isso chama a atenção do cardeal.

- Eu disse algo engraçado, Majestade? - ele pergunta.

Sacudo a cabeça.

- Oh, não. É que... é um pouco cedo para pensar nisso, não é? Principalmente com uma guerra à nossa porta.

Pelo canto do olho, vejo rei Kilian trincar os dentes, fitando o próprio prato. Cardeal Izack permanece me encarando sem dizer nada, até que ri também - uma risada seca e cínica.

- Não se preocupe com a guerra, rainha Sonya. Deixe isso para seu exército. Basta cumprir sua função como rainha dessa nação e tudo ficará bem.

Fico alerta. Minha função como rainha? O que é esse tom irônico na voz dele? Por que não consigo confiar que esse homem quer realmente que tudo fique bem?

- A guerra não vai durar muito - a voz grave e calma de rei Kilian dissipa meus pensamentos negativos. O garfo e a faca em suas mãos parecem armas letais e me fazem sentir pena do pedaço de bife em seu prato pelo modo agressivo como está sendo cortado. Quão feroz ele deve ficar segurando uma espada num campo de batalha?

- Guerras são horríveis - o cardeal assente, concentrado na própria comida.

O assunto "guerra" morre aos poucos e, após a sobremesa, rei Kilian diz que precisa se retirar para uma reunião final com o general Soren e os capitães antes das tropas marcharem para a guerra. Eles partem amanhã, ao raiar do sol. Tento não pensar muito nisso, porque me faz ficar inquieta.

- Vejo-a mais tarde - ele toma minha mão e a beija rapidamente.

Os criados chegam para retirar a louça suja e arrumar a mesa. Eu começo a me levantar devagar, tentando imaginar alguma desculpa para deixar me livrar de mais uma conversa esquisita com o cardeal.

Ele, porém, é mais rápido que eu.

- Vossa Majestade está ciente da situação em que esse reino se encontra, rainha Sonya?

Volto a me sentar, contendo um suspiro impaciente. Encaro o cardeal.

- Sim, estou.

Ele sorri e sacode a cabeça.

- Creio que não esteja - replica. - É de conhecimento geral que rei Kilian só obtém sucesso em todas as suas batalhas e que seus aliados são bastante poderosos. No entanto, estamos falando de uma guerra e pessoas morrem em guerras, inevitavelmente.

Cerro meus punhos por baixo da mesa. Não gosto do rumo que essa

conversa está tomando.

- Compreende que, caso rei Kilian encontre seu pior destino, um herdeiro precisará assumir o trono, certo?

Engulo em seco.

- Herdeiro?

- Essa é a função de uma rainha: produzir herdeiros - cardeal Izack cruza as mãos sobre a mesa. - Se não produzir um herdeiro para esta nação e o rei morrer em batalha, o que acontecerá a Coronte, Majestade? O que acontecerá a Avival?

- E-eu... não quero ouv...

O cardeal se levanta abruptamente, olhando para mim com desprezo.

- Informarei a situação ao Papa para que ele tome devidas precauções.

Eu também me levanto.

- Precauções? Que tipo de precauções?

- Ora, precisamos de candidatos a regentes, Majestade - ele abre os braços, teatral. - Alguém de linhagem real ou nobre para ascender ao trono se o pior acontecer.

- O pior não vai acontecer - eu replico, sentindo raiva dele. Quem esse homem pensa que é para falar desse jeito sobre o rei? - Eu... eu agradeço a preocupação, mas rei Kilian retornará vitorioso. Tenho certeza disso.

Cardeal Izack ergue uma sobrancelha.

- Sua certeza não muda nada, Majestade.

Abro a boca para começar a gritar, mas ele faz uma reverência apressada e deixa a sala de banquete a passadas largas. Apoio-me na mesa, sentindo meu corpo tremer de raiva conforme reflito sobre as palavras que ele disse. Que ousadia! Ele exige que eu tenha filhos ou colocará outra linhagem no trono? Como pode ser tão descarado a ponto de cogitar a possibilidade da morte do

rei?

É quase como se ele desejasse isso.

- Não, não - sussurro para mim mesma, respirando fundo. - Esqueça isso. Ele é só um velho pessimista.

Recebo uma mensagem da rainha Irene dizendo que quer me encontrar na estufa para conversarmos e eu vou até ela. Nós falamos muito sobre coisas bobas e triviais e eu me sinto muito mais tranquila. Não conto a ela sobre as palavras ácidas o cardeal e não pretendo contar a ninguém.

Sei dos riscos que rei Kilian corre indo à essa guerra e sei que estarei perdida se ele não voltar para mim. Mas eu acredito com todas as minhas forças que ele vai sobreviver a tudo o que vier contra ele e vai retornar como o rei triunfante que eu sei que ele é.

Ele me prometeu.

Lorde Gaston, duque Elmo e duquesa Shantara me acompanham à inauguração da nova praça pública como meu primeiro evento como rainha. Os guardas reais nos escoltam e contêm a multidão que quer me ver de perto pela primeira vez. Eu também quero vê-los e me aproximo o máximo que posso sem comprometer a segurança deles ou a minha. Eles me fazem pedidos - pedem comida, pedem trabalho, pedem segurança. Meu coração fica apertado e eu prometo ajudá-los o máximo que puder. Quero fazer tudo o que estiver ao meu alcance para melhorar a vida desse povo.

Após a homenagem de um grupo de músicos ao evento, é hora de retornar ao palácio. Comento com a duquesa que gostaria de ficar mais e passear por Coronte e ela me dá uma risada nervosa, dizendo que devo estar maluca. E eu realmente devo, porque me esqueci completamente do estado em que o reino está: guerra. Sair passeando despreocupada por aí é o mesmo que colocar um alvo nas minhas costas e me lançar no território inimigo.

Está escurecendo quando chegamos ao palácio e jantamos todos juntos num banquete de despedida que ninguém quer chamar assim explicitamente. Vejo como Irene olha preocupada para o irmão e para o general Soren - os três cresceram juntos dentro desse lugar e deve ser difícil para ela dizer adeus aos dois ao mesmo tempo. Duque Elmo parece igualmente aflito e a duquesa Shantara está segurando firme as lágrimas em seus olhos.

Rei Kilian parece tranquilo. É a primeira vez que o vejo tão sereno e vez ou outra ele até mesmo arrisca sorrir para mim ou para a irmã quando nota que estamos encarando. Quero muito saber o que se passa em sua mente agora, se ele está com medo, se seus planos estão bem estruturados, se ele lembra da promessa que me fez naquela na biblioteca. Quero que ele diga outra vez que vai voltar para mim.

- Suas coisas estão todas aqui - rei Kilian comenta, assim que paramos diante das portas de seus aposentos.

- Mesmo? Não quero estragar sua... hum... decoração.

Ele ri baixo.

- Decoração? Chama minha bagunça de decoração?

Dou de ombros.

- Eu achei interessante.

Ele abre as portas e nós entramos. Noto que as cabeças de animais se foram e que há bem menos armas penduradas nas paredes. Ainda assim, o aposento continua rústico e, de certa forma, acolhedor.

- É melhor dormirmos logo - rei Kilian comenta, indo para o quarto de vestir.

Suspiro. Se eu dormir agora, não o verei até que retorne da guerra. Acho que não posso simplesmente me deitar e fechar os olhos, sem dizer a ele o que estou sentindo agora. Vou até o quarto de dormir e, impulsivamente, abraço-o por trás. Ele deixa a túnica, que acabou de tirar, cair aos seus pés e eu sinto seu peito subir e descer sob minhas mãos. Ele não me afasta.

- Volte para mim - minha voz soa mais chorosa do que eu pretendia. - Mesmo que você esteja muito machucado, mesmo que você não vença a guerra, mesmo que demore... volte.

Rei Kilian afasta minhas mãos e se vira para mim. Nós nos encaramos e ele me puxa para perto, encostando sua testa na minha enquanto seus braços me envolvem. Então fecha os olhos.

- Eu voltarei para você - ele me abraça, apoiando o rosto em meu pescoço.

Eu o puxo para mais perto.

- Prometa - suplico, sentindo uma lágrima escorrer por meu rosto.

- Eu prometo.

Ele me beija longa e desesperadamente, como nunca fui beijada e como creio que toda mulher deseja ser beijada ao menos uma vez na vida. Então me toma nos braços sem desgrudar os lábios dos meus e me leva para a cama novamente, como na noite anterior. E nós nos perdemos nos braços um do outro.

- Antes eu achava que poderia me apaixonar por você - sussurro, abraçada a ele, quando o sol começa a nascer. - Mas agora tenho certeza.

Rei Kilian beija minha testa.

- Eu... - sibila, bem baixo. - Eu acho que já estou apaixonado...

Sorrio e o cubro de beijos.

E então é a hora. Ele deixa nossa cama para ir à guerra da qual prometeu voltar vivo. Eu permaneço deitada, enrolada nos lençóis, observando-o vestir sua armadura imponente que combina com ele como se fosse sua segunda pele. Quando está pronto, rei Kilian se aproxima para me dar outro longo beijo que me deixa nas nuvens.

- Durma, minha rainha - ele me abraça.

Assim que a porta se fecha atrás dele, meus olhos se fecham também e eu durmo, acalentada pela certeza de que meu rei voltará para mim.

Capítulo 30

Os primeiros dias após a partida de rei Kilian e do exército de Coronte correm de maneira taciturna. Todo o palácio parece imerso em um silêncio quase mortal que não me ajuda a diferenciar os momentos em que estou dormindo dos que estou acordada. Eu sigo uma rotina que me faz sentir presa entre o sono e a realidade, sempre pensando no que está acontecendo nos campos de batalha de Dardanelo. Não recebemos nenhuma notícia sobre o andamento da guerra ainda e acho que isso, de certa forma, é o que me impede de enlouquecer de preocupação. Dizem que más notícias são as que chegam primeiro então, se até agora não chegou nenhuma, está tudo bem. Ou assim espero.

Irene e Shantara têm sido de grande ajuda na tarefa de me distrair de meus devaneios. Nós três nos tornamos mais próximas e compartilhamos nossas preocupações e reclamações a respeito de nossos maridos. Não há praticamente nada que possamos fazer, já que o palácio está fechado e guardado pelo exército que o duque Elmo trouxe para nos proteger e não podemos sair em hipótese alguma. Ainda não foi reportado nenhum ataque direto do inimigo às terras ou ao povo de Coronte, mas o capitão Loreal recebeu ordens diretas do rei para manter todo o reino em segurança máxima até que a guerra termine.

Como rainha, não há nada que eu possa fazer além de tentar confortar o povo com o que Irene começou a chamar de "atos de caridade de Sonya". Eles se resumem a enviar comida extra à região mais necessitada do reino - que está praticamente parado por conta do medo que a guerra trouxe à população. Eu me sinto inútil por não poder fazer mais e por não ser capaz de ajudar Avival também - o único auxílio que pudemos mandar para lá foi militar, para proteger o povo.

Vejo Ghia cada vez menos e Kawel parece ter evaporado de vez. Algumas criadas me disseram que ambos estão tão amedrontados que enviam cartas para suas famílias todos os dias, em tentativas de saber como vão as coisas em casa. Isso me preocupa. Ghia e Kawel sempre se colocaram como um porto seguro para mim e pediram que eu depositasse minha confiança neles. Vê-los hesitar assim me deixa ainda mais insegura do que já estou.

No décimo dia desde que rei Kilian se foi, acordo tremendo muito e suando frio durante a madrugada. Pesadelo. Eles se tornaram mais frequentes de uns dois dias para cá e não me deixam dormir direito. Sempre acordo muito mal, a ponto de achar que estou começando a adoecer. Há rumores entre os criados de

que uma gripe está deixando algumas pessoas de cama, incapacitadas de trabalhar - como se eu precisasse de mais alguma coisa para me preocupar.

Levanto-me da cama, numa tentativa de afastar essa sensação estranha em meu corpo, e vou até o guarda-roupa de rei Kilian. Abro as portas e admiro suas ricas e belas túnicas, constatando o gosto dele por cores escuras e poucos bordados. A majestade dele não está no que veste, mas em sua aura, postura e em tudo o que faz dele o homem que é. Depois admiro suas armas. Os punhos das espadas e dos machados parecem gastos pelo uso e me fazem imaginar o rei lutando contra hordas de inimigos até conseguir a vitória. Toco cada lâmina, como se pudesse estar mais perto dele com tal gesto.

Quando rei Kilian disse que tudo o que ele é está nesse quarto, não estava brincando. Desde que ele partiu, tenho sido uma bisbilhoteira terrível e tenho mexido em tudo o que pode, de algum jeito, me ajudar a conhecer mais sobre meu marido. E eu aprendi muito a respeito dele. Kilian de Coronte é um homem simples, apesar da pompa que sua posição sugere, e seus passatempos se resumem a caçar, lutar e montar. Ele é bastante apegado à irmã e a ama muito, ainda que não goste de demonstrar isso - descobri apenas porque li algumas das cartas que ele escreveu para ela e que nunca enviou. Descobri também que, quando as negociações para uma união matrimonial entre Coronte e Avival começaram, rei Kilian não fez outra exigência quanto à sua noiva a não ser que ela fosse uma pessoa paciente e bondosa. Isso aqueceu meu coração. Ele é apenas um homem que quer cumprir bem sua função como rei e cuidar de sua família e seu povo. Eu não poderia pedir outra pessoa como marido.

Ouço as criadas bateram à porta do aposento, trazendo meu café da manhã. Eu as deixo entrar, saudando-as com um sorriso amigável e elas correspondem. Acho que os criados gostam de mim.

- Parece mais alegre hoje, Majestade - comenta uma delas, enquanto deposita a bandeja na mesma mesa onde rei Kilian e eu tomamos café da manhã em nossa primeira manhã casados.

- É mesmo? - dou uma risada fraca.

- Sim... - assente a outra, olhando diretamente para meu rosto. - Mas... mas parece um pouco pálida, minha senhora.

Toco meu rosto por instinto.

- Oh, eu estou bem - asseguro. - Foi apenas.. apenas um pesadelo.

- Tem certeza? Se Vossa Majestade estiver com essa gripe que está dando por aí...

Sacudo a cabeça.

- Não, está tudo bem. Não precisam se preocupar.

A última coisa que devo fazer agora é adoecer. Como o povo de Coronte reagiria? Seu rei numa guerra e sua rainha doente? Isso não pode acontecer de jeito nenhum.

Termino meu café da manhã e as criadas me ajudam a me vestir para mais um dia de incerteza angustiante dentro desse palácio. Irene e Shantara estão ocupadas com seus próprios assuntos, então passo a maior parte da manhã lendo na biblioteca, acompanhada por Tomas e Jeremy, meus guardas pessoais - eles não são de falar muito, então é quase como se eu estivesse mesmo sozinha.

Após um almoço silencioso com rainha Irene, duque Elmo, duquesa Shantara, cardeal Izack e capitão Loreal, finalmente recebemos uma notícia sobre o desempenho das nossas tropas. O mensageiro chega e entrega ao capitão Loreal um pequeno envelope, que é aberto sem hesitação.

- Céus... - capitão arqueja, aumentando meu nervosismo a ponto de me deixar tonta.

- O que diz, capitão? O que aconteceu? - pergunta Irene, aflita.

Capitão Loreal olha na minha direção quando diz:

- Rei Rupert e rei Kilian venceram a primeira batalha, no Vale Balastra. As tropas inimigas recuaram.

Todos, inclusive os criados ao nosso redor, dão suspiros aliviados e gritinhos de agradecimento aos céus. Eu sinto meu corpo relaxar e até mesmo consigo sorrir com sinceridade quando Irene vem me abraçar. Meu rei está bem. Por ora, isso basta para mim.

Celebramos a primeira vitória de Dardanelo e Coronte com vinho e música. Por mais contente que eu esteja, fico cansada rapidamente e decido retornar ao quarto do rei. Perguntam-me se estou bem e eu insisto que sim, deixando-os com suas comemorações. Dispenso até mesmo os guardas pessoais, numa tentativa de ficar sozinha e descansar de verdade. Acho que meu corpo não está habituado a esses altos e baixos que tem enfrentado e finalmente está pedindo uma trégua.

De repente, no corredor próximo aos aposentos do rei, ouço o som de choro. É uma criada, encolhida contra um pilar e com o rosto coberto pelas duas mãos. Sozinha, ela chora tanto que seu corpo é sacudido da cabeça aos pés. Curiosa e querendo consolá-la, eu me aproximo devagar.

- Você está bem? - pergunto delicadamente.

Ela para de chorar no mesmo instante e tira as mãos do rosto. Eu a reconheço imediatamente. É Teresa. A criada que conquistou o coração do rei.

- Oh, Ma-Majestade... - ela se levanta rapidamente, enxugando as lágrimas nas mangas do vestido.

Eu dou um passo para trás, sentindo meu coração ficar apertado.

- Perdão... Precisa de algo? - ela pergunta, sem olhar para meu rosto.

Engulo em seco, sentindo a tontura retornar.

Acho que me esqueci da mera existência dela devido aos acontecimentos dos últimos dias. E, antes que eu possa controlar, uma onde de ciúmes inunda meus pensamentos. Começo a imaginar que motivos ela teria para chorar de modo tão desesperado e não consigo pensar em nenhum que não envolva rei Kilian diretamente. E não gosto disso. Não gosto que outra mulher chore por meu marido dessa forma. Sei que não posso controlar as emoções de outra pessoa, mas ainda assim isso me incomoda mais do que estou disposta a admitir.

- Eu... - começo a dizer, mas minha boca fica completamente seca. Minhas pernas bambeiam e meus joelhos fraquejam. - E-eu...

- Majestade? - a criada finalmente olha para mim.

Sinto falta de ar e tontura. A inconsciência me atinge como uma pedra e eu não encontro forças para resistir.

Quando acordo na cama do rei, rodeada por Irene, duas criadas e um velho, meu corpo parece mais pesado que chumbo e eu sinto tanto frio que meus dentes começam a bater involuntariamente. A mão de Irene segura a minha e ela diz algo para mim, mas não consigo ouvir direito, como se meus ouvidos estivessem entupidos de algodão. Tenho sede, mas o mero pensamento de pedir água me deixa exausta. Fico inconsciente outra vez e tenho um sonho muito nítido.

Em meu sonho, rei Kilian lidera tropas através de uma grande clareira, usando sua armadura prateada e impenetrável como aço maciço. Ele cavalga na direção do inimigo como se não tivesse medo de absolutamente nada e saca sua espada gloriosa. No fim das contas, ele vence e volta para mim.

- Sonya...?

Quando a voz de Irene finalmente me alcança, eu já me sinto muito melhor. Abro os olhos e a vejo sentada na beirada da cama. Parece muito preocupada.

- Ire... - sibilo.

- Oh - ela coloca uma das mãos sobre o peito -, graças aos céus, você acordou!

Umedeço os lábios.

- O que aconteceu comigo?

Irene suspira.

- Você contraiu a gripe, Sonya. Teve febre alta e está muito fraca. - Estende a mão e cobre minha testa com ela. - Por acaso dormiu com as janelas abertas?

Pondero.

- Talvez... por uma noite ou duas...

- Você é tão imprudente! - Irene retira a mão de meu rosto, irritada. - Sabe das condições em que nos encontramos, sabe que precisa ficar mais saudável

do que nunca, Sonya!

- Eu não imaginei que...

- Tudo bem, tudo bem - ela se levanta. - A culpa não é sua por ficar doente, afinal. O médico real já a examinou e receitou alguns remédios e agora você precisa tomá-los e se alimentar muito bem para ficar saudável. Prometa para mim que vai ficar saudável.

Dou um sorriso fraco. Ela parece uma mãe falando.

- Tem minha palavra, Vossa Majestade.

Ela aponta um dedo para mim, fingindo me ameaçar.

- Não brinque com coisas sérias, garota.

Eu rio e sinto minha garganta arder um pouco. Então me curvo para frente e tusso bastante, cobrindo a boca com a mão. Irene dá tapinhas nas minhas costas.

- Eu... - limpo a garganta. - Há quanto tempo estou de cama?

- Quase um dia inteiro. Você desmaiou e Teres... uma... uma criada chamou por ajuda.

Engulo em seco. É mesmo, eu a encontrei chorando pelo rei.

- Teresa - digo em voz alta, atraindo o olhar surpreso de minha cunhada.

Irene nada diz.

- Eu sei quem ela é - recosto-me nos travesseiros.

- Não pensei que soubesse tanto.

- Eu os vi juntos.

Ela arregala os olhos, escandalizada.

- Kilian... ele... os dois...?

- Não - sacudo a cabeça. - Foi antes de nosso casamento. Eles estavam discutindo. Terminando tudo entre eles, creio eu.

Irene olha para mim com compaixão.

- Sonya...

- Eu quero que ela vá embora, Ire - digo, de repente. Minha voz soa quase agressiva e eu mesma me surpreendo com quão verdadeiras minhas palavras são. Eu não quero o passado espreitando meu casamento que acabou de começar, mesmo que pareça inofensivo. Nunca é.

Devemos finalizar todos os assuntos inacabados e cortar todas as relações com nosso passado, madame Daisy me disse uma vez. Se passou, é melhor que fique para trás de uma vez por todas para não assombrar o futuro.

Vejo a testa delicada de Irene se encher de vincos e ela cerra os punhos.

- Você deve fazer o que achar melhor - diz, assentindo. - Terá meu apoio se decidir mandá-la embora. Não creio que fará bem para Kilian e muito menos para você que ela fique aqui por mais tempo.

- É - concordo.

Faço um esforço descomunal para me sentar com as costas apoiadas nos travesseiros e me dou conta de que meu corpo está coberto de suor. Por causa da febre, provavelmente.

- Acho que preciso de um banho - resmungo.

Irene ri.

- Chamarei as criadas para ajudá-las.

Depois de ser banhada, perfumada e vestida com uma camisola limpa, retorno para a cama, pois simplesmente não consigo permanecer de pé por muito tempo. Recebo uma breve visita do médico real antes do jantar, que me é trazido no quarto, e não sou deixada sozinha nem por um segundo.

Na manhã seguinte, o médico retorna para me trazer mais remédios e eu

ouço as criadas sussurrarem - enquanto acham que estou dormindo - que as tropas inimigas de Dardanelo investiram novamente contra os domínios de rei Rupert. Quer dizer que a segunda batalha se iniciou.

- Vossa Majestade já está apresentando uma melhora significativa - elogia o médico, em sua segundo visita hoje, antes do jantar. Irene, Shantara e mais uma criada também estão presentes.

- Em quantos dias acha que ficarei boa outra vez, doutor?

Ele olha de soslaio para Irene e volta a me encarar.

- Isso depende de sua força de vontade, Majestade. Precisa se alimentar ainda mais e tomar os remédios regularmente.

- Compreendo.

O médico se apruma, pronto para ir embora. Então se volta para Irene.

- O rei sabe sobre a condição da rainha Sonya, Majestade?

Irene pisca duas vezes, pega de surpresa pela pergunta.

- Ele... bem, ainda não, mas posso enviar uma mensagem amanhã mesmo...

- Não - interfiro, fazendo com que todos olhem para mim. - Não... não digam nada a ele, por favor. O rei precisa se concentrar na guerra que está lutando e esse tipo de coisa trivial só fará com que ele se preocupe desnecessariamente.

- Mas, Sonya...

- Ficarei boa logo, então não há necessidade de avisá-lo.

Irene morde o lábio e o médico parece não concordar totalmente, mas ambos respeitam minha decisão. É só uma gripe, afinal.

No décimo sexto dia desde que rei Kilian partiu, eu acordo muito mais disposta e me espreguiço como uma gata na cama gigantesca, aproveitando a maciez dos lençóis. Então me encolho, de repente, e me levanto para averiguar se não estão manchados. Faço algumas contas mentais, um pouco lenta por

causa do sono que ainda me deixa tonta, e, para meu espanto, me dou conta de que deveriam estar. Checo minha camisola. Completamente limpa.

Aos poucos, a possibilidade do que pode estar acontecendo comigo começa a tomar meus pensamentos. E é assustador. Estou equivocada, não estou? Isso está mesmo acontecendo?

- Bom dia, raio de sol - Irene cantarola enquanto bate à porta do aposento.

Eu caio de joelhos perto da cama.

- Irene! - chamo por ela de um jeito choroso.

Irene entra correndo no quarto, preocupada e, ao me ver caída no chão, ela pede que chamem o médico real.

- Irene... Irene... - estendo minhas mãos para ela.

- O que foi? Está machucada? Onde dói?

Seguro seu braço com uma das mãos e cubro a boca com outra.

Não consigo dizer em voz alta. Não consigo.

- Sonya? O que foi?

- Ire-Irene, e-eu acho que eu... - soluço, sentindo meus olhos se encherem de água. - Eu acho que eu estou...

- Está o quê?

- Isso é tão assustador - choro.

Irene segura meus ombros.

- Sonya, diga o que há de errado!

- Eu acho que estou grávida! - explodo, sentindo meu corpo todo se sacudir por causa do choro.

Irene me abraça e não diz nada.

Estou com tanto medo que começo a chorar com muita força e muito alto. Não posso estar grávida. Não agora. Não sem meu rei aqui. Não sem a garantia de que ele retornará. Não posso!

- Preciso dele... preciso dele... - começo a murmurar, abraçada a Irene.

- O médico! - ela grita. - Tragam o médico!

Eu simplesmente não posso aguentar isso sozinha.

Capítulo 31

Durmo e acordo por incontáveis vezes e todas elas me fazem questionar se estou mesmo vivendo a realidade. Vejo os rostos borrados do médico real, de criadas e de Irene nas poucas vezes que estou consciente e ouço-os comentarem sobre meu estado. Tenho febre alta o suficiente para me fazer delirar e meu corpo parece estar se desfazendo em suor. Sinto frio e calor ao mesmo tempo.

Então após um sonho incerto com flocos de neve e rios congelados, eu fico devidamente consciente. Aos poucos, lembro-me de minha condição e me dou conta de que estou mais apavorada do que nunca.

Mesmo rodeada por tantas pessoas e sob tantos cuidados diligentes, parece que estou sozinha pela primeira vez desde que perdi Kieran. Ainda que eu grite e esperneie até morrer de cansaço, nenhuma dessas pessoas pode me ajudar da maneira que eu preciso. Apenas rei Kilian. Só ele pode fazer com que meus nervos e meu coração se acalmem, pois ele é o único que pode me dar segurança. Em minha situação atual, só ele pode me proteger porque a criança se formando em meu ventre é dele. Se, por ventura, algum dia tudo for revelado e minha identidade for descoberta, essa criança pode ser minha salvação ou minha perdição, dependendo do que ele decidir fazer comigo. Preciso do rei Kilian aqui.

- Majestade! - uma criada que acaba de entrar exclama alegremente, adentrando o quarto com uma bandeja prateada. Ela a deposita no criado-mudo ao lado da cama e faz uma reverência para mim. - Que bom que finalmente despertou.

Limpo a garganta.

- Eu... estou bem? - minha voz soa fraca.

Ela dá um sorriso tímido.

- Bem, Vossa Majestade melhorou muito nos últimos dias.

- Quantos? Quantos dias?

Ela ergue os olhos para o teto, fazendo as contas mentalmente.

- Cerca de... dez dias desde que a senhora ficou dormindo e acordando. Mas o médico disse que o pior já passou e que a gripe já está deixando seu corpo - a criada se inclina para a bandeja. - Eu trouxe sopa para alimentá-la.

Dez dias? Isso quer dizer que o rei está fora há quase um mês?

Mordo o lábio, contendo a vontade de perguntar sobre o andamento da guerra e sobre minha gravidez. Não que eu não tenha certeza de que estou grávida. O que quero saber é se os sintomas da gripe, de alguma maneira, afetaram a criança em formação e se tudo correrá bem com ela e comigo daqui para frente - pensar que há um pequeno ser crescendo dentro de mim é

assustador e me dá calafrios, mas também me faz sentir algo que não sei exprimir em palavras.

A criada me alimenta com sopa de legumes e carne de carneiro e me ajuda a me banhar. Troco de camisola e volto para a cama, dessa vez disposta o bastante para ficar sentada.

- Chamarei o médico para a senhora, Majestade - a criada faz uma reverência e sai alegremente.

Eu me levanto da cama e vou até a janela para respirar um pouco de ar puro - dez dias deitada nessa cama quase atrofiou minhas pernas e braços - e sinto a brisa do fim de tarde limpar meus pulmões quando a inalo. Olho para o céu e desejo, do fundo do meu coração, que rei Kilian esteja vivo e bem e que essa guerra detestável esteja acabada, porque preciso de meu marido de volta. Baixo os olhos para a bela vista da cidade além dos muros do palácio e, para a minha surpresa, vejo duas colunas de fumaça preta erguendo-se até o céu. Houve incêndios? Será que as pessoas lá embaixo estão bem?

Nesse momento, Irene e o médico adentram o quarto e enquanto ela corre até mim para me abraçar ele faz uma reverência. Eu abraço minha cunhada, sentindo alívio - enquanto eu for Sonya, posso contar com ela sempre do meu lado.

- Nós pensamos que o pior iria acontecer - ela confessa, me afastando para olhar para mim. - Você ainda está tão pálida...

- É bom ver que já está de pé, Majestade - diz o médico.

Olho para ele.

- Sim - forço um sorriso. - Na verdade... preciso tratar de um assunto com o senhor. É bastante sério.

- Deixe-me examiná-la primeiro, Majestade.

O médico me examina rapidamente e, julgando por seu semblante tranquilo, está tudo bem comigo agora.

- Mais um dia ou dois e Vossa Majestade poderá voltar à sua rotina normal - ele aquiesce.

Rotina normal? Por acaso ele não se deu conta de que estou grávida?

- Doutor... - minha voz soa fraca, tímida - eu estou carregando uma criança, não estou?

Seus olhos abandonam sua maleta e ele ergue a cabeça para me encarar, alarmado. Então troca um breve olhar com Irene, parada ao meu lado.

- Be-bem...

- Eu pedi que ele não dissesse nada a você - Irene interrompe, atraindo minha atenção.

Franzo a testa.

- Por quê?

Ela baixa os olhos para as próprias mãos entrelaçadas na frente do corpo.

- Eu sabia que você reagiria de maneira exagerada se soubesse e isso poderia ser perigoso para o bebê. Sua saúde estava muito debilitada, Sonya.

Dou uma risada sarcástica.

- E por quanto tempo você pretendia esconder isso de mim? Até minha barriga começar a crescer? - meus olhos a fitam com intensidade. - Acha que eu não perceberia nada?

- Rainha Irene estava muito preocupada, Majestade - o médico a defende. - Ela fez isso para seu próprio bem e da criança.

Sento-me na beirada da cama e suspiro. Sinto o peso da minha consciência, que diz que não tenho o direito condenar Irene por guardar segredos quando eu estou fazendo a mesma coisa.

- Tudo bem, eu... eu entendo.

- Perdoe-me - Irene diz, ainda sem olhar para mim.

- Eu disse que está tudo bem - replico, um pouco irritada.

O médico fecha sua maleta e se apruma para sair.

- Continue tomando os remédios receitados regularmente e cuide de sua alimentação, Majestade. - Ele olha para mim com muita seriedade. - O futuro de nosso reino depende da senhora.

Engulo em seco.

Como se eu precisasse de mais pressão.

Assim que o médico deixa o aposento, puxo Irene pela mão e peço que me conte tudo o que aconteceu durante os dias em que fiquei enferma e inconsciente. Ela parece ainda mais preocupada comigo, mas atende ao meu pedido.

A guerra entre Omem e Dardanelo está em sua fase mais sangrenta e crucial e, segundo as mensagens recebidas do campo de batalha, tanto rei Rupert quanto rei Kilian estão bem e permanecem lutando bravamente. Algumas regiões de Coronte foram saqueadas e uma pequena rebelião começou a se formar por causa de rumores sobre a minha doença, porém tudo foi controlado pelo duque Elmo e seus homens. Vários criados contraíram a gripe e houve duas mortes. Mensageiros vindos de Avival informaram que não houve ataques ao reino, mas que o povo está mais faminto do que nunca.

- Chame lorde Gaston - peço imediatamente, assim que ouço sobre o reino de Sonya -, precisamos enviar mantimentos para Avival imediatamente.

Irene sacode a cabeça.

- Não é possível, Sonya. Nós tentamos enviar ajuda duas vezes, mas todas as estradas estão repletas de ladrões. - Ela esfrega a testa, aflita. - Estão se aproveitando da guerra e atacando fugitivos e comitivas que se atrevem a viajar. Nós não...

- Tem que haver um jeito - interrompo. - Alguma... alguma estrada deserta ou alguma rota que ninguém usa...

Avival precisa de sua princesa, de sua rainha, e ela não está cuidando deles. O povo está passando mais fome do que nunca, sob ameaça de ataque inimigo e eu não tenho sido de nenhuma ajuda como substituta de Sonya. Preciso fazer alguma coisa para salvá-los. Qualquer coisa.

Salto da cama e corro até meu guarda-roupa. Irene vem logo atrás de mim.

- Sonya! O que está fazendo?

Escolho o vestido mais simples e mais fácil de vestir e começo a me enfiar dentro dele.

- Não posso ficar mais um segundo dentro desse quarto - digo, passando os braços pelas mangas.

- Mas precisa descansar mais um pouco...

- Ficarei doente se não fizer nada, Ire - eu choramingo. - Pense em Dardanelo. O que faria se seu povo estivesse em perigo?

Ela morde o lábio e suspira. Então se aproxima e me ajuda com o espartilho e a saia.

Acho que finalmente começo a entender meu pai e todos os sacrifícios que ele fez por Liriel - inclusive o de oferecer a própria filha em casamento para livrar a aldeia da crise. Isso me faz imaginar como estão as coisas por lá. Será que as mortes pararam? Será que estão todos bem agora que meu pai e eu não estamos mais lá para atrair inimigos? Será que também foram afetados pela guerra?

Por ficarem tão ao norte, as terras de Liriel mal são consideradas parte do reino de Omem, mas ainda assim me sinto desconfortável ao pensar que meu marido e meu cunhado estão lutando contra o reino do qual eu verdadeiramente pertenço. Ou melhor, pertencia.

Afasto todos os pensamentos sobre minha antiga vida e sigo com Irene ao encontro de duque Elmo, capitão Loreal, lorde Gaston e cardeal Izack, que soube que estão reunidos para discutir a situação do reino. Os empregados e guardas reais nos reverenciam conforme caminhamos pelos corredores e sinto que estão contentes em me ver, apesar da tensão quase palpável dentro do palácio. Sinto um aperto no peito. Rei Kilian precisa mandar notícias logo. Boas notícias.

Irene e eu somos anunciadas na sala real de reuniões, onde os quatro homens estão reunidos ao redor de uma mesa redonda de madeira entalhada, debruçados sobre mapas e miniaturas dos brasões dos reinos. Leva alguns segundos para notarem a presença das duas rainhas que acabam de adentrar o local, apesar de termos sido anunciadas.

- Majestades - lorde Gaston nos nota primeiro e se levanta para fazer uma reverência.

Os outros três fazem o mesmo, aparentemente incomodados pela interrupção.

- Rainha Sonya - o cardeal olha em minha direção -, é uma bênção vê-la recuperada.

Respondo com um aceno de cabeça, porque não sinto vontade nenhuma de trocar palavras com ele.

- O que as traz aqui, Majestades? - pergunta duque Elmo. Vejo olheiras escuras debaixo de seus olhos e seu rosto parece mais fino. Ele deve ter a mesma idade de rei Kilian, mas a expressão cansada em seu semblante o faz parecer mais velho. É esse homem que tem mantido o reino funcionando e eu nem posso imaginar o quanto isso deve ser desgastante.

- Eu soube sobre a situação - digo, sem rodeios. - E soube sobre Avival também. Precisamos tomar providências.

Duque Elmo apoia as duas mãos na mesa e dá um longo e sonoro suspiro. Exausto.

- Sim, Majestade - ele diz, sem olhar para mim -, estamos cuidando disso.

- Não há providências a serem tomadas - interfere cardeal Izack. - O povo deve arcar com seu dever e compreender a dificuldade de nossos tempos.

Ergo uma sobrancelha, confusa.

- O que quer dizer?

- Bem... - lorde Gaston começa a dizer.

- O valor dos impostos subiu - Irene interrompe, categórica. - Alguns aldeões se recusaram a pagar e iniciaram uma rebelião.

- Mas já está tudo sob controle - ressalta cardeal Izack.

Olho perplexa para duque Elmo.

- Aumentaram os impostos? - minha voz falha.

- Majestade, nós...

- Estamos em guerra! - grito. - Essas pessoas estão passando fome e seus pais, filhos e maridos estão lutando por nós! Como... como podem fazer isso?

- Vossa Majestade não compreende - capitão Loreal olha para mim, impaciente. - Precisamos de mais armamentos e suprimentos para enviar às nossas tropas e não há mais de onde tirar!

Ouço Irene arquejar ao meu lado.

- Não há? - ela parece surpresa. - Como não? Certamente os cofres reais...

- Os cofres reais estão comprometidos com um propósito maior - diz o cardeal. Sinto vontade de agarrá-lo pelo pescoço e sacudi-lo. Por que cada palavra que sai de sua boca parece tão venenosa?

Crispo os olhos.

- Que propósito poderia ser maior do que apoiar as tropas na guerra? - pergunto, fitando o homem com intensidade.

- O propósito dos céus - seus olhos faíscam.

- Tudo bem, já é o bastante - duque Elmo contorna a mesa se aproxima de mim e de Irene. - Peço às duas que retornem aos seus aposentos. Vossa

Majestade ainda parece pálida, rainha Sonya, precisa descansar. Conversaremos durante o jantar.

- Mas...

Irene toca meu braço, olhando para o primo. Ele também olha para ela e os dois parecem se comunicar por pensamento.

- Venha, Sonya - Irene murmura.

- O quê? Mas...

- Vamos conversar - ela finalmente olha para mim. Há preocupação em seus olhos, mas também algo mais. Um aviso para ficar alerta.

Deixamos a sala de reunião e seguimos caminhando devagar pelo corredor. Tenho que conter toda a minha indignação para não voltar lá dentro e dizer poucas e boas ao cardeal. A cada vez que nos encontramos eu gosto menos dele.

- Estão fazendo outra vez - sussurra Irene, olhando para os lados.

Olho para ela, curiosa.

- Quem está fazendo quê?

- A Igreja - ela diz ainda mais baixo. - Eles costumam angariar fundos nessa época do ano para suas... como posso dizer?... missões. Os reinos protegidos pelo Papa devem contribuir, não importa a situação.

- Mesmo numa situação de guerra? - minha voz se eleva conforme começo a ficar indignada.

- Shh - Irene gesticula para que eu fale mais baixo. - A aliança que Coronte e Dardanelo forjaram com a Igreja é tão antiga quanto a fundação dos quatro reinos e desfazê-la pode acarretar em ainda mais guerras.

Pisco duas vezes, perplexa. Como Ghia e Kawel nunca me contaram sobre isso? Por que não me disseram que o Papa tem tanta influência sobre os reinos?

- Você deve achar tudo isso uma besteira, já que Avival não jurou fidelidade à Igreja - observa Irene, me encarando com preocupação.

- Acho! - deixo escapar e então cubro a boca. Então é por isso que meus dois mentores nunca mencionaram a Igreja. Avival não tem nenhum vínculo com o Papa nem nada disso.

Irene e eu continuamos a caminhar até a sala de música, onde duas criadas limpam as prateleiras e o piano, distraídas.

- Eu também não concordo com os termos dessa aliança - Irene diz, quando nos sentamos ao redor da pequena e bela mesa de centro perto da janela -, mas não há nada que possamos fazer agora a não ser esperar o fim da guerra.

Concordo com ela. Essa guerra precisa ter um fim antes que as coisas fiquem ainda piores.

- Irene - começo a dizer, mais baixo -, o que acontece se não fizermos o que o Papa quer? E se não abrirmos nossos cofres para ele?

Ela suspira.

- Não culpe apenas o Papa, Sonya. Ele é praticamente um enfeite, a figura que colocaram em destaque para ser o porta-voz das decisões da Igreja.

- Então quem toma as decisões?

- Não sei ao certo - Ire dá de ombros -, mas já ouvi falar de um conselho composto por homens poderosos que controla os quatro reinos. Se realmente existem, eles controlam o Papa.

Assinto, absorvendo a informação.

- Você disse que discordar da Igreja traria mais guerras.

- Sim - ela aquiesce.

- Quem lutaria contra nós pela Igreja?

Irene morde o lábio carmim e seus olhos safira expressão aflição.

- Sei o que está pensando, Sonya, e sei que não dará certo - seus ombros se curvam para frente, num sinal de frustração. - A Igreja tem seu próprio exército e há rumores dizendo que é tão forte quanto o exército de Omem, nosso inimigo.

- E isso é muito?

- Isso é demais. Meu irmão é o rei mais poderoso em batalha e quase não está conseguindo conter as tropas de Omem, mesmo com Rupert ao lado dele. Dá para ter uma ideia do que estou querendo dizer, não é?

- Sim - franzo a testa. - Desafiar a Igreja é uma péssima ideia.

- De fato.

Minha mente dá voltas e voltas conforme assimila todas as coisas que acabo de ouvir. Como Ghia disse quando cheguei aqui, ser uma rainha parece estar longe de ser divertido - principalmente se eu sempre permanecer tão impotente quanto me sinto agora. Meus dilemas juvenis sobre que vestido usar ou que sapatos estão na moda parecem tão distantes quanto o céu está da terra. Daqui para frente terei que lidar com situações do mundo real e espero estar pronta para isso.

- Sinto falta dele... - deixo escapar, num suspiro.

Irene me dá um sorriso solidário e caminha até o piano.

- O que quer que eu toque para você?

Arqueio as sobrancelhas.

- Sabe tocar piano?

- Toco desde os nove anos - ela se acomoda na banqueta. - Costumava praticar com meu irmão.

Fico ainda mais surpresa.

- O rei toca piano?

Irene baixa os olhos e encara as teclas de marfim.

- Não. Não esse irmão.

Ah.

Sinto minhas veias gelarem ao pensar que Klaus já esteve presente nessa

mesma sala e me distraio enquanto Irene toca uma bela e melancólica música. Penso nos motivos que ele teria para voltar para cá e tento me convencer de que não são suficientes para que ele o faça. Klaus não voltará a Coronte. Ele nunca pode voltar.

- Já faz quase um mês, não é? - Irene para de tocar e apoia os cotovelos no piano.

Olho para ela e demoro alguns instantes para deixar meus devaneios paranoicos de lado.

- Pelas minhas contas, sim - digo.

- Você está com medo?

- Com medo? - dou uma risada sufocada, sentindo meus olhos se encherem d'água. Baixo o rosto e olho para meu ventre, sem coragem de tocá-lo. - Estou apavorada.

Irene se levanta, caminha até mim e ocupa o lugar ao meu lado.

- Eles vão voltar - ela segura minha mão entre as suas. - Precisamos permanecer acreditando nisso.

- Eu sei - soluço. - Mas... agora com... com essa criança...

- Eu ia enviar uma mensagem ao meu irmão contando sobre sua gravidez, mas decidi deixar isso com você - Irene dá um sorriso fraco.

Sacudo a cabeça.

- Não quero que ele saiba ainda. Pode atrapalhá-lo.

- Está brincando? Tenho certeza de que esse é o melhor incentivo que Kilian poderia receber de você - ela me cutuca com o braço. - Talvez o faça vencer a guerra mais rápido.

Eu fungo.

- Acha mesmo?

Irene dá uma piscadela.

- É claro. Essa é a primeira das cinco crianças que eu te disse que ele queria!

Não contenho um sorriso e sinto uma nova ansiedade me deixar com frio na barriga. Descubro que quero muito dar essa notícia ao rei Kilian e quero muito que ele fique feliz. Quero que ele seja o homem mais feliz do mundo e quero estar ao lado dele para ser feliz também. Quero aprender a amá-lo e quero amar essa criança. Nossa criança.

- Olhe só - Irene aponta para meu rosto -, você está ficando vermelha!

Toco minha bochecha por instinto.

- Estou?

- Que tipo de coisas estão passando por essa cabecinha, hein? - ela ri alto.

Dou-lhe um leve empurrão e nós duas rimos juntas. Irene volta ao piano e toca uma música que me faz sorrir o tempo todo, como uma boba. Peço às criadas que me tragam tinta e papel e, trêmula, começo a escrever para meu marido contando sobre nosso bebê e pedindo a ele que me escreva também.

Nem sequer termino a primeira frase e uma onda de enjoo toma conta de mim, fazendo com que eu coloque para fora tudo o que comi hoje.

Capítulo 32

Admiro meu reflexo no espelho adornado do quarto e, suavemente, toco meu ventre. De acordo com o médico real, faz quase três meses que estou grávida e logo minha barriga começará a ficar protuberante, o que me deixa nervosa e animada ao mesmo tempo. Passado o susto da notícia, aos poucos começo a convencer a mim mesma de que serei algo que nunca tive: mãe.

Enviei a rei Kilian a notícia de minha gravidez, mas não obtive resposta pelos últimos dois meses, nos quais a guerra passou por seu período mais sangrento, perigoso e assustador. Rumores chegaram aqui dizendo que o exército de Omem era composto por demônios da guerra e que nossos homens não suportariam mais um dia no campo de batalha. Mas suportaram. E com louvor.

A guerra chegou ao fim há cinco dias, com os reinos de Dardanelo e Coronte vencendores. Eu estava dormindo quando a notícia chegou ao palácio e vi imensa alegria e alívio tomarem conta de cada canto onde havia um servo. A vitória de um rei faz um bem imenso aos seus súditos e fez o reino de Coronte despertar como se o inverno mais rigoroso pelo qual passou tivesse chegado ao fim.

Hoje os dois reis e suas tropas retornam. Todo o reino está agitado e fazendo preparativos para receber os heróis da guerra que lutaram para nos proteger. Hoje à noite haverá um grande e farto banquete em praça pública para nobres e plebeus celebrarem juntos a chegada da paz e amanhã o cardeal Izack realizará uma cerimônia para as vidas que foram perdidas nos campos de batalha e fora deles.

Há euforia em cada gota do meu sangue e a cada vez que penso em ver e tocar meu marido, meu coração acelera. Quero saber se ele está bem e quais cicatrizes a guerra lhe deixou. Quero olhar para ele e sentir alívio. Quero saber se ele está feliz pela criança que teremos juntos.

- Está belíssima, Majestade - elogia uma das criadas que me ajudou a colocar o vestido.

- Estou feliz - rio para ela. - Essa guerra horrível finalmente terminou.

- Sim - a criada cobre o peito com as duas mãos. - Espero finalmente ver meu pai outra vez.

Meu sorriso desaparece. Apesar da alegria e do alívio que o fim da guerra traz para alguns, não podemos nos esquecer da dor que centenas de famílias vão sentir quando souberem que seus pais, irmãos, esposos e filhos nunca retornarão para casa. Eu queria poder amenizar esse sofrimento, nem que fosse só um pouco, mas não consigo pensar numa maneira de fazer isso.

Ouço três toques fortes na porta e a voz do guarda do lado de fora anuncia:

- Duque Elmo de Fontevideu deseja falar com Vossa Majestade!

Ajeito minha saia farta e olho para a criada.

- Abra a porta, por favor - peço a ela.

Duque Elmo parece ter recobrado o vigor e ganhado um pouco mais de peso nas últimas semanas. Agora que a guerra acabou, um peso enorme deve ter sido tirado de suas costas e eu me sinto feliz por ele ter melhorado. Não foi fácil vê-lo aguentar as investidas da Igreja em assuntos da Coroa, as pequenas rebeliões nas aldeias e a responsabilidade de sustentar um reino com problemas financeiros.

Ainda não compreendo o relacionamento que ele tem com a rainha Irene. Mesmo distantes, os dois parecem saber se comunicar por pensamentos e conhecem tão bem um ao outro que me deixaram admirada. Por um segundo, durante uma dessas conversas por olhares que vi os dois tendo no jantar, comecei a me perguntar se Irene e Elmo não estariam quebrando os votos de matrimônio que fizeram a seus cônjuges e vendo um ao outro de forma errada. Cheguei a seguir Irene algumas vezes para saber o motivo de seus habituais sumiços durante a tarde e comecei a perceber que ela sempre ia à biblioteca escrever algo em um diário. Tomei coragem e perguntei sobre Elmo, de forma bem sutil. Com um sorriso triste nos lábios rubros, Irene disse que sempre amaria Elmo, mas que ele está agora mais fora de alcance do que nunca. Não perguntei mais nada. Não tenho o direito.

- Boa tarde, Majestade - duque Elmo faz uma reverência para mim.

- Boa tarde - meneio a cabeça. - Como tem passado?

Ele dá um ruidoso suspiro de alívio.

- A guerra acabou e o rei está voltando. Sinto como se fosse o dia mais feliz da minha vida - ri.

- O meu também - concordo. - É um alívio imenso.

- Estou aqui para saber... Vossa Majestade recebeu alguma carta diretamente do rei?

Franzo a testa.

- Não, não recebi nenhuma. Nem a resposta para a carta que enviei.

- Compreendo.

- Por que pergunta? Ele enviou notícias?

Duque Elmo apoia as mãos nos quadris e fita a parede, pensativo.

- É estranho. Muito estranho.

Começo a ficar preocupada.

- O que quer dizer?

O duque olha de soslaio para a criada postada atrás de mim. Eu faço um gesto para que ela vá para outra parte do quarto e ela obedece.

- Majestade - o duque baixa o tom de sua voz. - Eu e o capitão Loreal temos refletido sobre isso e não conseguimos encontrar uma explicação para a falta de

comunicação direta com rei Kilian. Não é normal que ele não tenha nos enviado uma carta durante esses três longos meses. Ele sempre manda notícias, mesmo que através de um escriba, mas dessa vez recebemos informações apenas do general Soren e de outros oficiais. Nada assinado pelo rei.

A preocupação dentro de meu coração cresce, mas eu não quero admitir. Admitir que há algo errado é como duvidar que rei Kilian está voltando para mim. Eu não posso duvidar, não quando seu retorno está tão perto.

- Ele esteve ocupado lutando, duque Elmo - digo, mas minhas palavras soam fracas e sem convicção. - Como rei, ele deve manter o foco no campo de batalha.

- Mas...

- Além disso, a guerra terminou e tanto rei Kilian quanto rei Rupert foram dados como vivos - remexo minhas mãos, andando de um lado para o outro, nervosa. - Está tudo bem, tenho certeza...

Tenho um segundo de fraqueza e cambaleio, um pouco tonta. Duque Elmo estende o braço para me ajudar, mas consigo me recompor.

- Majestade, eu... eu não queria transtorná-la com esse assunto, principalmente nas condições em que se encontra, mas precisava perguntar - ele baixa a cabeça, envergonhado. - Perdoe-me.

Eu olho para ele.

- Ainda hoje estaremos celebrando o retorno dele - afirmo -, e todas essas preocupações vão desaparecer.

Duque Elmo assente veementemente.

- Que assim seja, Majestade. Se me permitir, vou me retirar agora.

- Sim - assinto.

Ele deixa o cômodo e eu me apoio em uma larga poltrona para recobrar a calma. Olho para meu reflexo no espelho e me forço a sorrir. Não deixarei que nada tire minha paz hoje. Desde que rei Kilian partiu, todos os dias têm sido de inseguranças e incertezas, principalmente por causa de minha gravidez inesperada. Temo o tempo todo que meu segredo seja descoberto e que eu e meu bebê sejamos jogados fora ou mortos por traição. Com a Igreja - e cardeal Izack - cada vez mais próxima dos assuntos de Coronte, sinto que estou em constante perigo e que não encontrarei misericórdia se meu marido não retornar a tempo. Vivo com medo, todos os dias. E esse medo terá seu fim hoje, quando o rei retornar e colocar todas as coisas no lugar novamente. Por isso, nada me fará vacilar.

Para me distrair, passo a tarde com rainha Irene e duquesa Shantara, organizando os últimos detalhes do banquete de boas-vindas. Ambas parecem tão animadas e radiantes que me fazem esquecer de todas as preocupações enquanto estou em sua companhia.

- Já escolheu o que vai usar esta noite, Sonya? - pergunta Irene, enquanto

nós três caminhamos pelo corredor.

- Já - eu sorrio. - Escolhi aquele vestido turquesa de pregas.

- Oh, é tão lindo! - exclama Shantara.

- Tenho que usar meus melhores vestidos enquanto ainda me servem - brinco.

Irene e Shantara riem.

- A gravidez não vai durar a vida toda - diz Irene. - E depois que o bebê nascer, peça mais vestidos lindos ao meu irmão.

- É a mais nova de nós e a primeira a ser mãe - comenta Shantara, um pouco chorosa. - Queria ser abençoada com essa fertilidade também, rainha Sonya.

Sinto minhas bochechas corarem, como acontece sempre que o assunto fertilidade é trazido à tona.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, vejo a figura pomposa do cardeal surgir no corredor, vindo ao nosso encontro. Ele é seguido por vários servos, que anotam diligentemente as coisas que ele diz em pedaços de papel. Irene, Shantara e eu paramos de andar para cumprimentá-lo.

- Cardeal - Irene meneia a cabeça, fria. Ela aprecia a presença de cardeal Izack no palácio tanto quanto eu.

Os olhos do ancião pousam em cada um dos nossos rostos - tenho a impressão de que se demoram mais no meu - e ele dá um sorriso esticado.

- Rainha Irene, rainha Sonya e duquesa Shantara - ele nos reverencia de modo bastante contido. - Que dia mais abençoado é hoje.

- De fato - eu assinto.

- Como tem passado, Majestade? - ele pergunta diretamente para mim. - Como vai o futuro herdeiro do reino?

Forço um sorriso.

- Ainda não sabemos se será um príncipe - digo. - Na verdade não me importo se for um menino ou uma menina.

- Oh - ele dá uma risada seca. - Deveria se importar, Majestade. Coronte precisa de um príncipe herdeiro para subir ao trono como rei.

- Eu sei, mas...

- Uma princesa de nada serve, a não ser para buscar alianças por matrimônio. - Seus olhos afiados me medem da cabeça aos pés com desprezo óbvio. - A senhora mais do que ninguém sabe disso, não sabe?

Abro a boca para xingá-lo de todos os nomes baixos que aprendi, mas a mão de Irene segura meu braço. Entendo seu gesto como um pedido para que eu me contenha.

- Teremos que deixá-lo agora, cardeal - rainha Irene abre um sorriso frio. - Vamos nos preparar para o banquete. Podemos contar com sua ilustre presença, não podemos? Afinal, está tão contente e aliviado quanto nós pelo fim da guerra, não está?

Cardeal Izack assente, meio ranzinza.

- É claro que sim.

- Ótimo - é a vez de Irene olhá-lo com desprezo. - Até mais ver.

- Até mais ver - Shantara e eu dizemos ao mesmo tempo.

O cardeal faz uma reverência e nós passamos por ele. Quando estamos a uma distância segura, tomo nas mãos um pequeno vaso azul que enfeita uma das janelas e o atiro contra a parede. Irene e Shantara não ficam surpresas - não é meu primeiro surto de raiva.

- Eu devia mandá-lo para forca por ser tão insolente! - grunho, referindo-me ao cardeal.

Irene suspira.

- É mais fácil falar do que fazer.

- Como consegue ficar tão calma na presença daquela cobra?!

- Em Dardanelo, tenho um quase igual a ele bisbilhotando por todos os cantos e dando palpites em todos os assuntos. Sei como tratar essa laia da Igreja.

Bufo de raiva enquanto dois criados se aproximam, alarmados pelo barulho da porcelana se partindo. Shantara diz que ela esbarrou no vaso e o derrubou. Eles limpam em silêncio.

- Vou arranjar uma forma de mandá-lo embora - sussurro para as duas, quando ficamos sozinhas novamente.

- Como pretende fazer isso? - Shantara pergunta.

Franzo a testa.

- Ainda não sei. Mas não o quero aqui quando o bebê nascer.

Não quero por perto nem o cardeal e nem Teresa, a criada que foi o primeiro amor de meu marido. Agora que a guerra acabou, poderei me concentrar em mandar os dois embora e afastá-los da minha vida de uma vez por todas para ser feliz sem preocupações. Sinto que devo fazer isso.

Ao fim do dia, no momento em que os últimos raios do sol estão desaparecendo no horizonte, os sinos da torre de sentinela tocam. Eles parecem ecoar por todo o reino, através de todas as paredes e acima de qualquer outro som. É o sinal de que as tropas retornaram. Estão de volta ao lar, como vitoriosos de uma guerra acirrada e perturbadora.

Rei Kilian está de volta.

Meu rei retornou.

Os portões são abertos e, de dentro de minha carruagem junto com Irene e Shantara, eu começo a ver os homens adentrarem os domínios de Coronte. A praça pública se torna o cenário de emocionantes reencontros conforme os soldados encontram seus entes queridos e correm para seus braços. Antes que eu possa me dar conta, já estou com lágrimas nos olhos por presenciar algo tão emocionante.

- Vamos, vamos encontrá-los - eu me movo dentro da carruagem, ansiosa para sair à procura de meu marido.

Irene sorri.

- Vamos.

Abrimos a porta e saltamos para fora, segurando nossas saias para podermos correr melhor. Eu me perco de Irene e Shantara rapidamente na multidão e, às gargalhadas, eu esbarro em homens, mulheres e crianças felizes. Corro na direção do portão, esperando ver rei Kilian chegar em seu cavalo, ainda de armadura e usando sua coroa, como o rei vitorioso que sei que ele é. Ao longe, vejo o general Soren chegar montado em um cavalo preto e, montado no cavalo ao lado dele, um homem jovem, louro e altivo, com uma coroa na cabeça. Rei Rupert, sem dúvidas. Aproximo-me dos dois, esperando ver rei Kilian em sequência.

Mas não o vejo.

Os olhos do general encontram os meus na multidão e eu paro de andar no instante em que vejo a expressão desolada em seu rosto. Não compreendo. Onde está meu rei? Onde está meu marido?

General Soren desmonta e caminha em minha direção, segurando um manto azul-marinho de veludo.

- Majestade - ele se ajoelha diante de mim e estende o manto para que eu pegue.

Meus joelhos começam a vacilar e uma lágrima escorre por meu rosto, mas eu não entendo o que está acontecendo. O que é isso? O que Soren está fazendo?

- Kilian... - eu sibilo.

Desesperada por respostas, seguro o manto com as duas mãos e sinto algo sólido no meio de suas dobras. Desdobro-o e deixo tudo cair no chão quando vejo a coroa de Kilian respingada de sangue.

- O que é isso? - grito para general Soren. - O que significa isso?

- Eu sinto muito, Majestade - ele mal é capaz de olhar para mim.

Enxugo meu rosto, sentindo meu peito esquentar.

Não vou aceitar isso.

Não vou perder alguém importante outra vez.

Eu simplesmente não aceito.

Deixo o manto, a coroa e general Soren para trás e monto em seu cavalo sem pensar duas vezes no que estou fazendo. Não penso em nada além do rosto de Kilian, na verdade. Todo o resto parece não ter a menor importância. Esporeio o cavalo e saio galopando pelos portões abertos, sem dizer nada a ninguém para que não tentem me impedir.

Rei Kilian não está morto. Eu posso sentir e sinto que nossa criança sente isso também. E eu vou encontrá-lo, mesmo que tenha que vasculhar cada canto

do mundo. Eu vou encontrá-lo. Eu o trarei de volta e nós seremos felizes juntos.

Toco meu ventre, conforme cavalgo para fora dos limites da cidade.

- Não se preocupe - digo à pequena criaturinha se formando dentro de mim. - Vamos encontrá-lo. Vamos trazer seu pai para casa.

Capítulo 33

- Rainha Sonya! - ouço vozes gritando ao longe.

A luz do sol já se foi há muito tempo, substituída pela brisa fria do outono que nunca tem fim em Coronte, e eu me arrependo de não ter trazido aquele manto azul que o general me entregou. Fiquei tão desesperada para sair em busca de rei Kilian que não pensei em mais nada - nem na noite que logo chegaria. Cavalguei por horas, refazendo o caminho que as tropas trilharam para a praça pública, e finalmente cheguei aos limites de Coronte, à floresta de árvores alaranjadas.

Eu esperava encontrar alguma pista - qualquer uma - que sustentasse minha crença de que meu marido está vivo, mas não encontrei nada. Ainda assim, não vou desistir. Hoje foi apenas o primeiro dia e eu sei que preciso avançar ainda mais para encontrar rei Kilian. E mesmo que eu tenha que cavalgar até o reino de Omem, eu vou atrás dele.

- Majestade! - a voz do general Soren me surpreende por sua proximidade.

Seu cavalo alcança o meu e eu não tenho escolha a não ser puxar as rédeas e diminuir a velocidade. Nunca cavalguei muito bem e estou exausta. Preciso descansar um pouco. General Soren chega ainda mais perto e toma as rédeas de minhas mãos.

- Rainha Sonya, pare, por favor! - há súplica em sua voz.

Só então me dou conta de quantas pessoas devem estar preocupadas comigo - e com a minha criança. Afinal, eu sou a rainha e carrego o futuro de Coronte comigo. Agora que todos pensam que o rei está morto, a atenção sobre o bebê será redobrada. Meu limitado sossego já não existe mais.

- Ele não está morto, general - digo, com mais tranquilidade do que pensei ser possível.

As sobrancelhas grossas de Soren se arqueiam.

- O corpo não foi encontrado, Majestade, mas em uma situação como essa...

Meu coração parece dar um pulo. Não encontraram o corpo? Isso é uma ótima notícia.

- Então ainda há esperança - sinto um sorriso se formar em meus lábios. - Não entende? Ele deve ter tido problemas para retornar e está desaparecido. Por isso precisamos...

- Não, rainha Sonya - o general puxa as rédeas outra vez. - Recebi ordens para não deixar que nenhum mal aconteça a Vossa Majestade e sua criança, em hipótese alguma!

Trinco os dentes.

- E quem foi que deu essa ordem?

Os olhos dele se fixam nos meus.

- Rei Kilian.

Oh.

- Então ele recebeu minha mensagem.

- Sim - general Soren assente. - E, se me permite dizer, nunca o vi tão feliz desde que nos conhecemos na infância. Ele até mesmo escreveu uma resposta para Vossa Majestade com o próprio punho.

- E onde está essa carta? - franzo a testa. - Eu nunca recebi.

Soren sacode a cabeça.

- A maioria de nossas cartas estava sendo interceptada pelo inimigo. Eu teria pessoalmente informado sobre o falecimento do rei se soubesse que essa notícia nunca chegaria aqui.

Meu peito sobe e desce, num soluço.

- Ele não está morto - repito, com ainda mais convicção. - E eu preciso encontrá-lo.

General dá um longo suspiro impaciente, mas solidariza comigo.

- Certo, eu irei com Vossa Majestade - ele assente. - Amanhã, quando houver bastante luz e uma escolta adequada. Por ora, vamos retornar ao palácio, sim?

Eu aceito voltar. Preciso descansar e me alimentar pelo bebê.

- Você me dá sua palavra? - arqueio uma sobrancelha para o general. - Amanhã sairemos para procurá-lo?

Soren suspira outra vez.

- Sim, Majestade. Só vamos parar quando encontrarmos o corpo.

- Não encontraremos o corpo - refuto. - Encontraremos o rei vivo.

***

Junto as duas mãos dentro da água da bacia de porcelana e me inclino para lavar o rosto.

Durante as poucas horas em que consegui dormir, sonhei que cavalgava por um imenso bosque de gelo, à procura de rei Kilian. Era um bosque muito bonito e não parecia perigoso. Assim que cheguei a um lago congelado, eu finalmente o encontrei. Ele estava deitado em meio a rochas, coberto por neve e agulhas de pinheiros. Havia um corte bem fundo em sua têmpora direita e seus cabelo e barba haviam crescido. De repente, seus olhos se abriram e olharam ao redor, buscando por algo. Então encontraram os meus. E eu acordei.

Sei que foi apenas um sonho e que minha imensa vontade de encontrá-lo deve estar me pregando peças, mas meu coração acredita no que vi, como se eu pudesse estar lá, naquele bosque. Eu não tento lutar contra essa crença, pois ela só me fortalece e me instiga a querer procurá-lo.

Escolho o vestido mais simples que encontro em meu guarda-roupa e calço

um par de botas de montaria. Quando as criadas chegam para me trazer o café da manhã, já estou pronta para partir.

- Majestade, pense melhor - o general Soren suplica, quando o encontro nos estábulos com os cavalos prontos. - Viajar em um momento como esse pode ser muito arriscado para sua saúde e da criança. Coronte precisa de sua rainha mais do que nunca.

- Coronte precisa do rei - digo, irredutível. - Você me deu sua palavra, general.

Seus ombros largos sobem e descem conforme ele suspira.

- Sim, eu dei.

Nosso pequeno grupo composto por mim, general Soren e outros quatro guardas reais parte em busca de rei Kilian por rotas menos usadas pelos aldeões. Chegamos à fronteira em poucas horas e logo posso sentir a mudança climática. Lembro-me do dia em que cheguei a Coronte e o quanto mudei desde então. Parece que se passaram anos e que a garota inocente que eu era morreu junto com o passado que eu escolhi enterrar.

- Assim que atravessarmos a fronteira, estaremos em terras sem dono, Majestade - informa um dos guardas, à minha esquerda. - Pode ser perigoso.

Assinto, confirmando que compreendi. Eu sei o quanto isso tudo é perigoso e por isso decidi manter toda essa nossa expedição em absoluto segredo. Todos no palácio pensam que estou trancada no quarto, chorando copiosamente pela morte de meu marido, o que me dará uma vantagem de um ou dois dias até que descubram que saí. Em particular, eu gostaria de assistir à reação do cardeal Izack quando souber da loucura que estou fazendo.

- Vamos prosseguir - digo, esporeando o cavalo.

Eu me dou conta de que isso tudo é mesmo loucura quando já passa do meio dia e não temos pista ou rastro algum de um rei perdido. Nada que possa nos incentivar a prosseguir. Nada que indique a direção para a qual ele pode ter ido. Nada. Não há nada. Encontrar uma pessoa sem saber por onde procurar é ainda mais difícil do que buscar por uma agulha num palheiro - ao menos sabe-se que a agulha está no palheiro.

Quando o sol está quase se pondo, decido recuar. O general e os guardas estão cansados e eu estou tremendamente exausta. Agradeço aos cinco por me acompanharem e retornamos.

- A senhora está bem, Majestade? - general Soren pergunta, cavalgando ao meu lado.

- Eu não sei - confesso. - Preciso descansar.

- Se me permite dizer, rei Kilian ficaria lisonjeado se soubesse que Vossa Majestade tentou encontrá-lo.

Trinco os dentes, sentindo lágrimas encherem meus olhos.

- Tentou?

Não. Isso ainda não acabou. Só vou parar quando encontrá-lo e trazê-lo de volta.

Eu me dou conta de que já souberam de minha saída assim que retornamos aos domínios de Coronte. Mesmo antes de atravessar os portões do palácio, posso sentir a agitação lá dentro e sei que estou prestes a receber uma avalanche de críticas e sermões - embora eu seja a rainha aqui. Assim que salto do cavalo, duque Elmo, rainha Irene e duquesa Shantara vêm em minha direção, seguidos por alguns criados.

- Sonya! - Irene lança os braços ao meu redor, aos prantos. - Céus, Sonya! - ela soluça. - Pensamos que o pior tinha acontecido!

- Por que fez isso, Majestade? - duque Elmo parece mais aflito do que nunca. - Ficamos todos preocupados...

- Perdão - eu digo, apesar de não estar nem um pouco arrependida. - Eu precisava ir.

Irene se afasta para me olhar. Seu rosto está muito vermelho e molhado. Ela deve ter passado o dia sofrendo pela suposta morte do irmão.

- Ir? Ir aonde?

Respiro fundo antes de responder.

- Encontrá-lo.

- Killian? - ela sibila. - Sonya, ele está...

- Ele não está morto! - interrompo, aos gritos. Então me volto para a plateia que se formou ao meu redor. - Todos escutaram? O rei não está morto! Enxuguem as lágrimas e voltem aos seus afazeres! Rei Killian não morreu e eu provarei isso trazendo-o de volta! E pobre de quem ousar ficar no meu caminho!

Passo por Irene, Elmo e Shantara e entro no palácio pelas grandes portas da frente. Como estou faminta, vou direto para a cozinha e sou muito bem recebida e alimentada. Depois, retorno aos meus aposentos e tomo um longo e relaxante banho. Em nenhum momento rei Kilian deixa meus pensamentos e eu fico tentando montar estratégias para encontrá-lo.

Então me ocorre que não me disseram como foi que ele morreu. A notícia de sua morte chegou pronta e parece pouco convincente para mim agora que paro para pensar sobre isso. Deixo os aposentos e encontro general Soren e capitão Loreal na sala de reuniões do rei, ambos abatidos. Está muito tarde, mas nenhum dos dois parece ter sono.

- Majestade - eles me reverenciam quando entro.

Noto um olhar torto vindo do capitão Loreal por eu não estar usando preto. Não é o primeiro que recebo.

- Preciso perguntar algo, general - vou direto ao ponto.

Soren parece curioso.

- Sim?

- Como rei Kilian morreu?

Os dois homens arregalam os olhos.

- Oh... - o general fica sem fala.

- Creio que esse é um assunto demasiadamente delicado para Vossa Majestade...

- Não é - sorrio para o capitão. - Eu sei que ele está vivo, mas preciso saber como é que vocês pensam que ele morreu.

Soren e Loreal trocam um olhar confuso. É mesmo uma confusão e, se eu não confiasse tanto no que sinto, diria que estou ficando maluca.

- Sua Majestade... caiu - o general diz com pesar. Parece especialmente afetado pelo ocorrido.

- Caiu? - arqueio uma sobrancelha.

- Sim. Estávamos atravessando território instável no caminho de volta e... e houve um deslizamento de rochas. - Soren faz uma pausa e engole em seco, de cabeça baixa. - Ele caiu tentando salvar a minha vida, Majestade.

- Compreendo - é tudo o que consigo dizer. O rei e o general são amigos de infância, pelo que eu soube, então faz sentido que rei Kilian tenha se sacrificado para salvá-lo.

Surpreendendo-me, general Soren faz uma exagerada reverência diante de mim, com grande constrangimento estampado em seu rosto.

- Perdão, Majestade - sua voz soa séria e embargada -, se não fosse por mim...

Ando até ele e apoio uma das mãos em seu ombro.

- Não diga isso! - interrompo. - Ele fez o certo ao salvar a sua vida e você poderá agradecê-lo quando o encontrarmos.

Soren levanta o rosto e olha para mim. Parece indeciso se acredita em minhas palavras ou não.

- Espero que suas esperanças estejam certas, rainha Sonya.

- Talvez ele esteja mesmo vivo - diz capitão Loreal, com as mãos apoiadas nos quadris. - Espero mesmo que esteja. Não quero aquelas cobras da Igreja colocando as mãos na coroa como começaram a fazer. Perdão por dizer isso, Majestade, mas eu não concordo com o que esses forasteiros têm feito desde que a notícia da morte do rei se espalhou.

Encaro-o, confusa.

- O que eles têm feito?

Soren e Loreal entreolham-se.

- Não soube, Majestade?

- Cardeal Izack já está fazendo preparativos para nomear um regente - informa o capitão. - Nós ainda nem fizemos uma cerimônia para rei Kilian e ele já está buscando outro governante para colocar as garras. Alguns candidatos chegarão nos próximos dois dias para...

- Sem me consultar?! - um grito indignado escapa de minha boca. Sou tomada por uma raiva que eu nem sabia que era capaz de sentir. - Como... como ele ousa?

Deixo a sala de reunião sentindo meu corpo tão quente de raiva que começo a suar. Os criados abrem passagem para mim nos corredores, assustados, e eu me pergunto que tipo de expressão tenho no rosto agora. Caminho a passadas largas até chegar aos aposentos designados ao cardeal. Os guardas que vigiam a porta ficam constrangidos com a minha presença.

- Cardeal Izack! - grito, sem paciência para esperar que me anunciem. - Cardeal Izack, tenho algo a lhe dizer!

Leva quase um minuto para que as portas dos aposentos dele se abram e ele surja, envolto em uma túnica que parece muito cara. Seus olhos afiados encontram os meus e me deixam ainda mais enfurecida. Quem esse homem pensa que é para tomar decisões no reino do meu marido?

- Boa noite, Majestade - ele soa sonolento. - Veio buscar conforto para esses dias tão nebulosos?

Ergo o queixo.

- Eu vim buscar uma explicação, cardeal.

- Oh. Está um pouco tarde, não é mesmo? O sol está para nascer em poucas horas...

- É um assunto de extrema importância.

Posso ver o desprezo que ele sente por mim estampado em sua cara enrugada.

- Pois bem - ele assente e abre a porta de seu aposento para que eu entre.

As acomodações preparadas para o cardeal são dignas de um príncipe, o que só contribui para o crescimento da minha raiva. Não era ele quem pregava o desapego aos bens materiais fúteis?

- Serei direta, cardeal - eu nem me dou ao trabalho de ocupar uma cadeira, como ele faz.

- Eu apreciaria se fosse mesmo, Majestade - ele se serve de água.

- Que história é essa de estabelecer um regente? - disparo.

Ele congela por um momento, olhando para o nada, e bebe um gole de água em uma taça prateada.

- Achei que tivéssemos tido essa conversa quando o rei e as tropas partiram para a guerra - ele olha para mim. - Lembra do que eu lhe disse sobre cumprir seu dever como rainha dessa nação? Sim, Vossa Majestade o cumpriu com louvor, mas, por ora, ainda não é suficiente para trazer estabilidade aos assuntos da Coroa. Coronte precisa de um rei agora.

- Coronte tem um rei!

Cardeal sacode a cabeça, dando uma risada seca.

- Parece que ainda não passou do estado de negação, Majestade.

- Não - trinco os dentes. - E nem pretendo. Rei Kilian está vivo e eu posso sentir, cardeal.

Ele suspira.

- Sim, sim. Todos gostaríamos que ele estivesse vivo. É mesmo uma tragédia.

- Ouviu o que eu disse? - meu tom de voz sobe. - Ele está vivo. O rei está vivo! Então pare de se envolver no que não lhe diz respeito e cuide dos assuntos da sua Igreja!

Cardeal Izack crispa os olhos e se coloca de pé.

- Com todo respeito, Majestade, uma rainha estrangeira tem menos poder e influência neste reino do que pensa. Uma reivindicação - ele ergue o dedo indicador -, basta uma reivindicação do bastardo príncipe Klaus para que o trono seja dele. Como filha de uma família tradicional que zela pelos bons costumes, é isso que Vossa Majestade quer? Quer um bastardo ocupando o trono de seu marido?

Minha raiva se dissipa e é substituída pelo medo que me acua todos os dias.

Klaus no trono de Coronte? Isso nunca pode acontecer.

Não se eu quiser uma vida longa e próspera para meu bebê e para mim.

- Eu sabia - o cardeal sorri. - Sabia que Vossa Majestade era uma jovem de consciência.

- Mas não está certo - sacudo a cabeça. - O rei está vivo...

O cardeal se aproxima e pousa uma mão em meu ombro, num gesto que seria solidário se eu não sentisse a vibração venenosa que seu corpo emana.

- Descanse, rainha Sonya. Descanse e chore o quanto quiser pelo tempo que sentir necessário. Eu cuidarei de todas as questões inconvenientes que só vão aborrecê-la e privá-la do direito de ficar de luto.

- Eu...

- Vá.

Afasto-me dele, sem palavras, e deixo o aposento sem dizer mais nada. Sinto que estou presa. Sinto que há um nó em minha garganta que me impede de falar e respirar corretamente. Corro para a sacada e observo os primeiros raios de sol iluminarem o céu escuro. Cubro a boca para sufocar o som do choro que vem tão forte que sacode todo o meu corpo em espasmos involuntários. Eu me debruço no parapeito de pedra e encaro a linha do horizonte embaçada por minhas lágrimas.

- Nós vamos encontrá-lo, certo? - soluço, falando com a minha criança. - Como essa minha certeza de que ele está vivo pode ser tão forte? Você sente também, não sente? - toco meu ventre. - Eu queria poder provar a eles que... que...

E então eu vejo.

Longe, como uma figura distante e baça avançando pela colina no horizonte.

Parece debruçado em seu cavalo, sem forças para conduzir o animal. Esfrego meus olhos, afastando as lágrimas para ter certeza de que não é só mais um sonho. Ele se aproxima aos poucos até que finalmente consigo identificá-lo e, quando me dou conta de que ele está exatamente igual ao que vi em meu sonho, meus joelhos fraquejam e eu caio no chão de pedra, tremendo.

Os sinos da torre de sentinela tocam e o som sacode e atravessa meu corpo, como se eu fosse oca. Então sou preenchida com uma alegria inexplicável e infinita que me faz começar a rir e chorar ao mesmo tempo. Eu já sei, antes mesmo que os guardas anunciem:

- É o rei! É o rei! Rei Kilian está vivo!

Capítulo 34

Eu não sabia que podia correr tão rápido, até hoje.

Desço escadas, atravesso salões e disparo por corredores até chegar ao pátio externo principal, onde uma comoção já está formada. Criados e guardas andam de um lado para o outro e tentam chegar mais perto dos portões para ver seu rei que contrariou a lógica e acaba de retornar vivo.

Reconheço um dos guardas e peço a ele que abra os portões imediatamente.

- Lamento, Majestade, mas precisamos esperar até que o sol nasça para identificarmos o forasteiro - ele se curva, pedindo desculpas.

- Esperar? - sacudo a cabeça. - É o rei que está atrás desses portões!

- É o procedimento, Majestade - diz outro guarda. - Para a segurança da família real, precisamos manter o palácio em absoluta segurança. É preciso ter certeza de que é ele.

Cerro os punhos. Que monte de regras inconvenientes.

- Certo - ergo o queixo, impaciente. - Eu vou lá fora.

Os dois guardas ficam espantados.

- Mas, rainha Sonya...

- Abra o portão para mim! - grito para o guarda responsável pela grande estrutura de entrada.

- Sim, Majestade! - ele obedece imediatamente.

Assim que os poderosos portões são abertos, sinto a brisa fria da manhã contra meu rosto e respiro fundo. Assim que pisar fora dos limites do castelo, sei que estarei quebrando todas as regras. Mas agora não importa. É rei Kilian que está lá fora. É meu marido e a única pessoa que pode me proteger. É o pai do meu bebê. Portanto, eu não hesito. Agarro minha saia e corro para fora, na direção do forasteiro debruçado em seu cavalo que se aproxima devagar do

palácio.

Sem perceber, percorro um longo caminho até ele e, quando estou perto o suficiente para ter certeza absoluta de que é rei Kilian, irrompo em soluços que sacodem tanto meu corpo que eu quase tropeço. Ele está sujo de terra e sangue, mas está acordado. Julgando pelo fato de que ele mal consegue se manter ereto, deve estar muito ferido.

Rei Kilian ergue a cabeça devagar a tempo de me ver correr até ele e salta do cavalo, trôpego. Antes que ele caia, eu o abraço com todas as minhas forças, para ampará-lo. E choro. E grito. Porque estou tão aliviada que poderia me derreter em lágrimas. Os braços fortes de rei Kilian envolvem meu corpo e, mesmo ferido, ele me ergue no ar e me gira, apertando-me ainda mais contra si.

- Sonya... você está bem? - é a primeira coisa que ele me pergunta, ainda abraçado a mim.

Cerro meu punho e soco seu ombro.

- Eu pensei... que... que...

Rei Kilian me afasta para olhar para mim e vejo vários arranhões em seu rosto. Eles o fazem parecer um guerreiro selvagem das lendas antigas.

- Está ferido! - choramingo, tocando sua bochecha suavemente.

Ele segura meu rosto com as duas mãos.

- Deixe-me olhar para você, minha rainha.

Não consigo conter um sorriso.

- Achei que nunca mais a veria outra vez...

- Eu também - fungo, acariciando as costas de uma de suas mãos. - Mas nunca duvidei. Eu sabia que você estava vivo...

Rei Kilian se inclina e beija minha testa. Então um guincho de dor escapa de seus lábios e uma de suas pernas vacila.

Antes que eu precise chamar por ajuda, guardas chegam para socorrer o rei -

entre eles um general Soren com o rosto bastante vermelho. Eu os sigo de perto enquanto levam rei Kilian para dentro, ainda sentindo meu coração disparado. No pátio, vejo cardeal Izack chegar acompanhado de outros dois padres e lanço-lhe um olhar atrevido. Eu não disse?, quero gritar para ele. A expressão em seu rosto é de incredulidade.

Os guardas levam ao rei aos aposentos dele - ou melhor, nossos - e o médico real chega tão rápido quanto um raio. Eu dispenso os serviços das criadas e ajudo a despir rei Kilian para expor seus ferimentos para tratamento.

- É um milagre que ele esteja vivo - diz o médico, após uma detalhada avaliação da condição do rei. - Receio que Vossa Majestade esteja nos estágios iniciais de hipotermia. Três costelas estão quebradas e os músculos de sua coxa esquerda parecem muito feridos.

- Estou bem - rei Kilian murmura, de olhos fechados. - Não é nada...

Seguro sua mão. Ele está suando frio.

- Começarei o tratamento imediatamente - assegura o médico. - Ele precisa de banho e vestes quentes, Majestade.

Assinto.

- Vou providenciar imediatamente.

Peço a alguns criados para que tragam água quente e roupas e cobertores para aquecerem o rei. Não me deixam fazer muita coisa por causa de minha gravidez, mas tento ajudar o máximo que posso enquanto rei Kilian é banhado, vestido e cuidado pelos criados e pelo médico real. Ele adormece profundamente assim que o enrolam em grossos cobertores de peles de animais e eu me sento à beira da cama. Assim que somos deixados sozinhos, deito-me ao seu lado sobre os cobertores.

- Fique bom logo - sussurro, olhando para seu rosto pálido cheio de ferimentos, que é a única parte dele que não está coberta. - As coisas estão um pouco agitadas por aqui ultimamente. Precisamos de você, Majestade.

Ousada, toco levemente seus cabelos, que cresceram muito e agora formam cachos negros macios.

- Eu sabia que você voltaria para mim - minha voz fica embargada. Rio. - Eu disse você, não disse? Que informal. Acho que só posso tratá-lo assim quando você estiver dormindo. Não me atrevo a me dirigir a um rei de modo tão desrespeitoso, principalmente um rei como... você. Oh, estou tagarelando outra vez - mordo o lábio inferior. - Faz tempo que não tagarelo. Estive assustada e cautelosa demais para isso, desde que cheguei. Talvez esteja perdendo o controle de minha língua outra vez porque você voltou. - Faço uma pausa e o admiro. Ele parece anos mais velho e mais sábio. Pergunto-me se eu também amadureci nesses últimos meses. - Tenho tanto para lhe contar - continuo, correndo meus dedos por seus cachos negros. - Descobri muito sobre você aqui dentro, sabia? Posso até dizer que agora o conheço muito bem. Quando acordar saberá.

Recosto minha cabeça em seu ombro e fecho os olhos. Não adormeço. Parte de mim tem medo de dormir, acordar e perceber que tudo não passou de um sonho. A outra parte está completamente relaxada e plena - é a parte que confia em rei Kilian. A mais forte prevalece e, inevitavelmente, eu acabo sim adormecendo.

Acordo sentindo muito calor e, ao abrir os olhos, me deparo com o rei bem próximo de mim. Abraçado a mim, para ser mais exata. Ele ainda dorme muito profundamente, mas parece um pouco mais corado agora, melhor. Suspiro e apoio meu ouvido em seu peito para ouvir as batidas de seu coração. Eu me concentro nelas e é nesse momento, ouvindo esse som tão belo, que me dou conta de que estou apaixonada por rei Kilian. Não posso deixá-lo ou me separar dele.

Mais tarde, criadas trazem almoço e eu acordo o rei para beber sua sopa e o tônico que o médico recomendou. Noto os olhos dele em mim o tempo todo, com curiosidade - e nem a presença das criadas é capaz de afastá-los.

Rainha Irene vem vê-lo. O reencontro dos dois é emocionante o suficiente para me deixar com lágrimas nos olhos e, apenas pela forma como rei Kilian sorri para a irmã, sei dizer o quanto ele a ama. Quando os últimos raios do sol desaparecem, é a vez de duque Elmo e general Soren fazerem uma breve visita, também emocionante.

Rei Kilian é um rei querido. Apesar de suas maneiras rústicas e frias, sua família, seus servos e seu povo o amam como eu nunca vi ninguém amar um governante. Isso me inspira e me faz lembrar de meu pai - esse amor foi o que ele sempre quis do povo de Liriel. Quero ser uma rainha digna de tal rei e de tal

povo.

- Sonya... - ouço rei Kilian chamar por mim, enquanto coloco minha camisola no quarto de vestir.

Preocupada, corro até o quarto de dormir e o vejo tentando se sentar na cama. Está pálido outra vez.

- Majestade - apoio minhas mãos em seus ombros, para ampará-lo. - Precisa ficar deitado.

Uma de suas mãos segura meu pulso.

- Acho que adormeci... - ele olha para mim, sério. - Não tive um sonho bom.

Toco sua testa para checar a temperatura. Ele está quente.

- Vossa Majestade está com febre...

Ele suspira e volta a se deitar.

- Pode me chamar de você quando estivermos sozinhos, se isso a faz sentir mais confortável. Não é desrespeitoso.

Arregalo os olhos.

- Como... Ouviu o que eu disse mais cedo?

Penso ver a sombra de um sorriso em seus lábios sem cor.

- Cada palavra.

Sinto meu rosto esquentar. Os dedos de rei Kilian o tocam suavemente.

- Deite comigo - ele pede. Então abre os dois braços devagar, meio trêmulo. - Estou... um pouco ferido, mas ainda posso servir como seu travesseiro...

Não consigo evitar um sorriso.

- Eu adoraria usá-lo como travesseiro - admito -, mas Vossa Majestade está se recuperando. Posso machucá-lo ainda mais.

- Você não vai me machucar - seus olhos cor de safira fitam os meus. - Nada do que você fizer fará com que eu me afaste.

Suas palavras soam pesadas, como se tivessem um significado maior. Resolvo não contrariá-lo e me aconchego em seus braços delicadamente, temendo causar algum dano. Rei Kilian parece relaxar instantaneamente, uma vez que estamos juntos. Suavemente, as pontas de seus dedos tocam meu ventre. Nós dois nos encaramos, mas não dizemos nada. Nada precisa ser dito. Nós sentimos. Nós três.

- Agora posso dormir em paz - ele balbucia e acho que não esperava que eu ouvisse.

Adormecemos juntos.

Antes que os primeiros raios de sol adentrem as enormes janelas, eu desperto e me levanto. Chamo por duas criadas e elas preparam um banho para mim. Escolho um vestido simples e desbotado que mandei trazer ontem, para que eu cuide do rei mais confortavelmente, e recebo o médico real. Ele cuida dos ferimentos de rei Kilian e trata suas fraturas de um jeito quase mágico. Como não há muito que eu possa fazer, fico ao seu lado servindo como ajudante.

Não deixo os aposentos durante quatro dias inteiros e, para minha surpresa, ninguém me repreende. Isso me preocupa um pouco, principalmente pelo fato de que a Igreja parece estar dominando Coronte cada vez mais, através do cardeal, e o único que pode colocar tudo no lugar é rei Kilian. Ele se recupera devagar e não posso exigir muito dele - já é um milagre que esteja vivo.

Ao fim do quarto dia, decido sair para saber como vão as coisas.

É quando conheço rei Rupert, soberano de Dardanelo, esposo da rainha Irene e meu cunhado. Ele é o tipo de homem que parece ter nascido para ser rei. É alto, loiro, altivo e tem forte espírito de liderança. Parece um pouco temperamental e rude - mas assim que fico sabendo que ele calou cardeal Izack durante uma discussão, já o respeito.

- É uma honra conhecer a rainha de Coronte - ele beija as costas de minha mão, cortês.

- Igualmente, Majestade - eu o reverencio.

Irene parece radiante ao lado dele, como se não tivesse mais nenhuma preocupação no mundo. Fico genuinamente contente por ela. Quero muito que seu casamento a faça feliz e que toda a história com duque Elmo seja esquecida de uma vez por todas.

Aos poucos, Coronte se recupera dos danos causados pela guerra. Envio emissários a Avival para saber sobre a situação lá e me informam que saqueadores destruíram grande parte das vilas e que o reino está à beira do caos. Essas notícias me desesperam e, aconselhada por duque Elmo, eu convoco uma reunião do conselho para levantar fundos que ajudem Avival a passar pela crise.

Cardeal Izack, como esperado, comparece e não é de nenhuma ajuda. Rei Rupert e duque Elmo oferecem o que podem como empréstimo, porém, como também foram afetados pela guerra, a quantia é muito pouca.

- Avival e Coronte possuem uma aliança forjada pelo matrimônio, por isso é dever de Coronte ajudar na causa - ressalta Elmo, desanimado. - Mas mal há dinheiro em nossos cofres, Majestade. Não podemos permitir que esse problema se torne ainda maior colocando mais um reino em crise.

- Eu compreendo, duque Elmo - suspiro. - E concordo com suas palavra

- Como eu já disse, rainha Sonya, Dardanelo oferece o que pode para apoiá-la, embora não seja muito - rei Rupert parece envergonhado. Acho que ele é o tipo de rei que odeia admitir dificuldades financeiras.

- Sou imensamente grata por seu gesto, Majestade - eu digo. - Garanto que nunca me esquecerei dele.

A sala de reunião fica em silêncio. Até que alguém pigarreia ruidosamente.

- Sei onde podemos buscar ajuda - o general Soren diz, com urgência.

Todos os rostos se viram para encará-lo.

- Sabe? - minha voz soa ansiosa.

Soren engole em seco, desconfortável.

- Mas não é uma sugestão agradável, Majestade.

- Não diga isso, general - eu digo de forma branda. - O importante é salvar Avival. Toda sugestão é bem-vinda.

Ele assente.

- Sei que posso ser tachado de louco por mencionar o inimigo, mas... - Ele faz uma pausa e pigarreia outra vez. - A rainha imortal de Omem está em busca de uma casamento vantajoso. Ela chegou ao trono muito jovem e tem governado as Terras Frias por quase duzentos anos e nunca teve um consorte.

- Heresia! - exclama cardeal Izack, horrorizado.

- Pensei por um segundo que... - Soren continua - se a criança que Vossa Majestade está esperando for um príncipe, talvez um acordo de casamento seja válido no futuro... em troca de ajuda para Avival...

- Cale-se! - silva o cardeal.

- General, perdeu o juízo? - capitão Loreal sacode a cabeça, estupefato.

Eu permaneço encarando Soren, petrificada.

Então as lendas são verdadeiras?

Quando criança, eu ouvia histórias sobre a rainha-bruxa de gelo que governava as Terras Frias do reino de Omem. Diziam que ela tinha aparência de uma jovem, mas era na verdade uma feiticeira imortal responsável pelo inverno em nossa terra. Não se sabia se era boa ou má, pois ninguém nunca a havia visto. Ninguém se atrevia a escalar as íngremes montanhas, onde era dito que o palácio dela ficava. Pensei que fosse só uma lenda.

Discretamente, toco meu ventre. Isso é loucura. Fechar um acordo de casamento entre meu bebê e uma rainha imortal em troca de ajuda para um reino que nem é meu de verdade? É a coisa mais insana que já ouvi. Não posso fazer isso. Deve haver alguma outra maneira de salvar Avival e eu vou encontrá-la.

- Silêncio, por favor - peço, calando todas as vozes exaltadas da sala.

É minha vez de receber todos os olhares. Luto para me manter composta.

- Obrigada por sua sugestão, general - digo, tentando soar neutra.

A expressão no rosto dele é de arrependimento.

- Eu não quis ofendê-la, Majestade.

Sacudo a cabeça.

- Não me ofendeu forma alguma. Levarei em conta cada oferta de ajuda e sugestão feita pelo conselho hoje - olho para cada rosto presente. - Agora... queiram me dar licença, por favor. Preciso ir me deitar um pouco.

- Sonya, eu... - Irene se aproxima para me acompanhar.

- Não, está tudo bem - eu a impeço. - Preciso descansar.

Recebo reverências enquanto saio e sou escoltada por dois guardas de volta aos aposentos, onde rei Kilian está sendo tratado pelo médico real.

- Boa noite, Majestade - o velho homem me reverencia assim que entro. Ele está de saída. - Tenho boas notícias: o rei apresentou grande melhora nos últimos dois dias. Em breve estará novo em folha.

Sorrio. É mesmo uma boa notícia.

- Fico feliz em ouvir - digo.

- Vossa Majestade está bem? - sua testa enrugada se franze. - Precisa que eu a examine?

- Não, não - sacudo a cabeça. - Só estou cansada. Pode se retirar agora.

- Como quiser. - E vai embora.

Não quero pensar. Em nada. Problemas e preocupações estarão lá amanhã, por isso não deixarei que me tirem o sono agora. Troco meu vestido pela camisola e vou até o quarto de dormir. Rei Kilian parece sonolento, mas abre os olhos ao me ver chegar. Deito-me ao lado dele e, sem dizer nada, fecho os

olhos.

- Você não está bem - ele sussurra. Não é uma pergunta.

- Estou exausta - sussurro de volta, sem abrir os olhos.

Ele hesita.

- Há algo que eu possa fazer para ajudar? - diz, sem jeito. Não é o tipo de coisa que ele costuma dizer, percebo.

Isso me faz sorrir e eu abro os olhos para olhar para ele.

- Tê-lo aqui já é mais do que o suficiente - deito-me de lado, para ficarmos frente a frente. Ele faz o mesmo.

- Obrigado... por... cuidar de mim todos esses dias - rei Kilian desvia o olhar. Mais palavras que não combinam com ele e que ele está dizendo só para mim. - Não esperava que fizesse algo assim.

- Você é meu marido - aponto o óbvio. - É claro que eu cuidaria de você.

Ele dá um sorriso discreto porque eu disse você duas vezes. Então seus olhos se fixam nos meus e seu sorriso some.

- Sonya?

- Hum?

- Ficaria ao meu lado mesmo que eu não fosse rei? Mesmo que eu não passasse de um simples duque ou lorde?

Deixo escapar uma gargalhada. Simples duque ou lorde?

- Sua ideia de simples não é a mesma que a minha, mas... sim - eu digo. - Eu ficaria ao seu lado mesmo se fosse assim.

- Bom - é tudo o que diz.

Ele fecha os olhos e dá um longo suspiro. Parece mais relaxado do que jamais vi. Eu me aconchego cuidadosamente ao seu lado e espero que ele

adormeça para sussurrar:

- E você, meu senhor? Ficaria ao meu lado se soubesse quem eu sou?

Capítulo 35

Tenho um pesadelo.

Eu flutuo por florestas densas e grandes montanhas até começar a sentir o frio do norte, o frio de minha casa. É reconfortante estar de volta e me faz sentir eu mesma depois de tanto tempo sendo outra pessoa. Pouso no telhado do que meu pai gostava de chamar de prefeitura e ergo os olhos para observar Liriel.

Meu coração se parte quando me deparo com a paisagem diante de mim. As ruas de paralelepípedos estão cobertas de neve, fuligem e sangue. As casas e estabelecimentos estão completamente arruinados e destruídos. O céu está escuro pela fumaça que sai dos telhados. Um grito de desespero escapa de minha boca e eu flutuo para o chão. Não vejo nenhuma alma viva para a qual eu possa perguntar o que aconteceu aqui. Ninguém.

Flutuo com pressa até minha casa, choramingando de medo de que esteja como as outras. E está. O que antes era uma bela varanda enfeitada por flores que a própria Madame Daisy colhia, agora é um amontoado de madeira e cinzas. Os portões se foram e a porta está escancarada, revelando o interior caótico da casa. Eu caio na neve e cubro minha boca com as duas mãos, aos prantos.

Ouço passos. Não exatamente passos, mas um arrastar de pés na neve. Levanto o rosto e me deparo com meu pai e minha mãe parados diante de mim. Seus rostos estão pálidos e sem vida, mas seus olhos cálidos me fitam com intensidade. Eu me coloco de pé, trôpega, e corro para abraçá-los, mas minhas mãos atravessam seus corpos, como se fossem fantasmas. E são. Papai e mamãe estão mortos.

"Como você pôde?", a voz de mamãe é mais cortante que o vento frio. Pisco para afastar as lágrimas.

"Mãe..."

É a primeira vez que a vejo e ela está exatamente igual ao retrato que fica pendurado na parede do escritório de papai. Cabelos ruivos, olhos azuis e maçãs do rosto protuberantes. Eu sempre ouvi falar que me parecia mais com meu pai quando era mais nova, mas olhando para mamãe agora tenho certeza de que sou mais como ela - a não ser pela cor dos olhos.

"Você nos abandonou", diz papai, tão magoado que me faz querer cair de joelhos aos seus pés e pedir perdão. "Você deixou seu lar e traiu a todos nós."

"Não!", eu sacudo a cabeça, desesperada. "Eu estou salvando pessoas!"

Mamãe ergue o braço, apontando para o restante da aldeia.

"Olhe e veja a destruição", ela sussurra. "Quem você está salvando, afinal?"

"Não, eu... eu não tive escolha..."

"Todos têm escolha", replica papai, firme como uma montanha.

Sei que os dois estão certos. Eu abandonei Liriel para deixar minhas mágoas para trás e recomeçar com uma vida novinha em folha. Eu escolhi o caminho e eu não olhei para trás, para as pessoas que estava abandonando. Eu não pensei em ninguém a não ser eu mesma.

"Salve nosso povo da morte", pede papai, dando um passo em minha direção. "Você é a única que pode fazer isso."

Uma lágrima pesada escorre por minha bochecha.

"Eu? Como?"

Papai e mamãe começam a desaparecer, como névoa. Estendo minhas mãos para tentar segurá-los, mas é inútil.

"Está no seu sangue...", ouço o último sussurro de mamãe.

E acordo.

Rei Kilian está olhando para mim bem de perto e eu me dou conta de que estou agarrada ao seu pescoço como se fosse minha única chance de sobreviver. Solto-o devagar, mas não me afasto. O calor de seu corpo junto ao meu me conforta depois do frio implacável de meu sonho.

A mão do rei encontra o caminho para meu rosto e o acaricia. Desde que voltou da guerra ele tem se esforçado para ser mais delicado quando me toca.

- Teve um pesadelo? - pergunta, olhando para mim.

- Foi só um sonho... ruim.

- É o que chamam de pesadelo, certo? - Ele se aproxima e acaricia minha bochecha com o nariz. - Como está nossa criança?

Toco meu ventre que há um mês começou a tomar forma arredondada e que não me permite mais usar espartilhos e vestidos acinturados. Eu sinto o bebê dentro de mim e ele também me sente, então sei que está tudo bem.

- Está bem - dou um sorriso fraco.

A mão quente e grande de rei Kilian pousa sobre a minha e nós dois sentimos a criança se mover. Já estou acostumada a sentir isso, mas meu marido fica eufórico. Às vezes acho que ele só vai se dar conta de que é pai quando o bebê nascer.

Meu relacionamento com o rei tem sido o mais doce possível nos últimos três meses desde que ele voltou da guerra contra Omem. Eu tenho me dedicado de corpo e alma a ele e me surpreendi ao descobrir que isso me faz mais feliz do que jamais fui. O jeito como sorri só para mim, como segura minha mão durante as refeições, como me rouba beijos quando não há ninguém olhando e como me ama quando estamos em nossa intimidade me faz sentir como se eu fosse, de fato, a pessoa mais importante do mundo para ele. Sinto que sou sua pessoa - não porque ele me roubou de mim, mas porque eu quis me entregar a ele.

Logo precisaremos escolher um nome - comento, deitando minha cabeça em

seu peito para ouvir as batidas de seu coração.

- Tem algum em mente?

- Eu sempre dizia que se tivesse um filho o chamaria de Erin.

Rei Kilian pondera, fazendo uma expressão pensativa engraçada.

- Saúdam Sua Majestade, o grande rei Erin - ele brinca - o primeiro soberano de dois reinos!

Eu rio, sacudindo a cabeça.

- Gosto de Erin - rei Kilian diz, acariciando meu ventre.

Eu estou perfeitamente ciente de que todos - a Igreja, a nobreza e o povo - esperam que eu dê um herdeiro a rei Kilian. O futuro rei e garantia da continuação da linhagem real, soberano dos reinos de Coronte e Avival. No entanto, também estou ciente de que o bebê dentro de mim pode ser uma menina, uma princesa que, segundo cardeal Izack, só traria vantagens ao reino se fosse oferecida em casamento para forjar alianças.

Em meu coração eu já amo essa pequena criaturinha, seja príncipe ou princesa, mas preciso conhecer o posicionamento de meu marido nesse assunto. Reúno um pouco de coragem e comento despreocupadamente:

- Erin é meu nome favorito para um menino, mas... a criança pode ser uma menina - meus olhos buscam seu rosto para capturar sua reação.

E, ao ver que sua expressão de deleite não se altera à menção da possibilidade de eu carregar uma princesa, eu me inclino e lhe dou um beijo apaixonado.

- Uma menina? - rei Kilian ri contra meus lábios. - E como a chamaríamos? Elise? Andrea? Lucia?

Sacudo a cabeça.

- Não parecem nomes adequados... - brinco, correndo meus dedos pela gola de sua camisa de dormir.

- Não? Hum... - ele fica pensativo. Então olha dentro dos meus olhos. - E que tal... Anna?

Meus batimentos cardíacos parecem cessar por uma fração de segundo.

- A-Anna? - gaguejo, meio engasgada.

- Sim - ele diz com simplicidade. - É um belo nome.

Encaro rei Kilian com os olhos arregalados, esperando ver algum tipo de acusação ou desconfiança em seu semblante. Mas não vejo nada além da expressão neutra de sempre.

- Anna não - sacudo a cabeça novamente, desviando o olhar para as paredes. - Não gosto desse nome.

Oh, céus. Ele sabe. Não é possível que não saiba. Meu coração está batendo tão alto que ele com certeza pode ouvir e com certeza pode me pegar na

mentira. Até mesmo meu rosto fica quente e minhas mãos começam a suar. Parece haver um nó do tamanho de um punho em minha garganta.

- Tudo bem. Anna não - sua voz soa despreocupada. - O que acha de Elena?

Cubro meu rosto com as duas mãos e solto a respiração que estava prendendo. Se algo assim acontecer outra vez, acho que nem meu coração e nem meus nervos vão aguentar.

- Sonya?

Encaro rei Kilian.

- Desculpe... desculpe. Não me sinto muito bem.

Suas mãos grandes e quentes me puxam para mais perto e ele me aninha contra seu peito. Fecho os olhos e sinto seu cheiro. Não quero deixar este lugar, seus braços, por nada no mundo. Não quero perdê-lo como perdi as outras pessoas que amava. É meu maior e mais horroroso medo. Rei Kilian e a criança em meu ventre são tudo de mais precioso que tenho. São minha família. Uma vez separada de algum dos dois, tenho certeza de que não vou resistir. Não mais.

- Durma, minha Sonya - meu marido sussurra. - E não se preocupe com os sonhos ruins. Nada de mal pode acontecer a você enquanto eu estiver aqui.

Fecho os olhos e quando os abro de novo, ele já se levantou e já deixou o quarto. No dia de hoje é celebrado o Dia da Caça em Coronte, então é natural que o rei guerreiro e caçador lidere as comitivas de caça pelas florestas do reino ao lado de nobres e súditos - ao menos foi isso que Irene me disse ontem.

As criadas me trazem o café da manhã e me ajudam a tomar banho e me vestir. Passo várias horas na biblioteca real, estudando. Tenho feito muito isso desde que rei Kilian se recuperou de seus ferimentos de guerra, porque sinto que preciso aprender mais sobre os reinos e sobre a política que os conecta. A maior parte dos pergaminhos e livros aqui quase me mata de tédio, mas eu me esforço para entender e peço ajuda ao duque Elmo ou ao general Soren quando tenho dúvidas.

O sonho que tive com meus pais me faz querer fazer algo por Liriel. É meu dever, como herdeira das terras de meu pai, o duque Agnar. Não posso ajudá-los como Anna, que morreu, mas estou certa de que rainha Sonya pode fazer alguma coisa.

Faz dias que venho pensando naquela sugestão quase lunática que o general Soren deu durante uma reunião que convoquei há dois meses sobre prometer o matrimônio de meu bebê à rainha de Omem como moeda de troca pela ajuda dela. É uma sugestão isana por diversos motivos, sendo dois deles o fato de que acabamos de sair de uma guerra sangrenta contra Omem e o fato de que a noiva em questão é uma bruxa imortal sabe-se lá quantas centenas de anos mais velha que minha criança.

Eu estremeço em aflição só de pensar em concordar com essa loucura, mas

tal assunto não deixa meus pensamentos. Os cofres de Coronte ainda não estão recuperados e Avival mal tem sobrevivido às consequências da guerra com a bondosa, mas não muito significante, ajuda de duque Elmo e de rei Rupert. Não tenho de onde tirar recursos para ajudar Liriel também e é em momentos como esse que uma aliança matrimonial com Omem me parece atraente.

Termino meus estudos e deixo a biblioteca. Enquanto caminho na direção das escadas, topo com uma criada carregando um pesado balde de água com dificuldade. Sei que não deveria fazer esse tipo de coisa por causa de minha posição, mas, como não há ninguém olhando, eu me aproximo e ajudo a segurar a alça de corda do balde para que ela possa levantá-lo.

- Deixe-me ajudá-la - sussurro.

- Ela se assusta e se vira para me olhar. Logo reparo na protuberante barriga da jovem criada e meus olhos se erguem para seu rosto.

É ela. Teresa. O primeiro amor de meu marido.

Meus dedos perdem a força e eu solto a alça do balde, que cai no chão e molha quase completamente a saia da criada.

Eu devia ter mandado Teresa embora quando tive a chance. Irene me apoiou e, se eu agisse de forma rápida, nem mesmo o rei ficaria sabendo do sumiço dela. Mas fiquei envolvida demais no romance com meu marido e em meus estudos que fui negligente.

O que dizer dessa barriga que estou vendo agora? É óbvio que ela está grávida.

- Mil perdões, Majestade - Teresa se coloca de joelhos aos meus pés. - Eu devia ter sido mais cuidadosa, a culpa foi toda minha!

Sei que ela está se referindo ao balde, mas inconscientemente tomo suas palavras como desculpa para a criança dentro dela e sinto meu sangue esquentar. Eu nunca tinha experimentado essa sensação de um jeito tão forte antes. Ciúmes. Do tipo mais primitivo e venenoso. Por um momento tenho vontade de matá-la.

- Sim, a culpa é sua! - eu grito. - A culpa é toda e inteiramente sua!

Teresa baixa a cabeça e choraminga. Acho que ela entendeu a que me refiro.

- O que posso fazer para compensá-la, Majestade? - a voz dela soa desesperada. - Diga e farei qualquer coisa!

Rio com escárnio.

- Me compensar?

Quero chorar. De raiva.

- Desapareça da minha frente - digo, de modo gutural.

Teresa não pensa duas vezes e desaparece pelo corredor, levando o balde com ela.

Abalada, eu me apoio na parede de pedra e choro, simplesmente porque não sei como expressar minha raiva de outra maneira. Meu coração dói tanto que eu

quase não consigo respirar e minhas pernas tremem como varas ao vento.

Pensar que meu marido é pai do filho de outra mulher é tão doloroso que sinto ânsias de vômito e choro com ainda mais força. O pior de tudo é que eu não devia estar surpresa. Não é novidade que um rei pode fazer o que bem entender com quem bem entender sem dever satisfações a ninguém, porém, no âmago do meu ser, eu tinha certeza de que a afeição de rei Kilian por mim era real e forte. Eu disse a mim mesma que ficaria ao lado dele enquanto ele demonstrar que me quer e, para mim, isso seria o suficiente. Até agora.

Eu o encontro à mesa do almoço, radiante de alegria pela caçada bem-sucedida. Irene tenta puxar conversa comigo, mas minhas respostas são monossilábicas e sussurradas. Não consigo tirar os olhos de rei Kilian, por mais que eu tente. É quase como se eu estivesse procurando algum indício de que ele sabe sobre a gravidez da criada.

- Está se sentindo melhor? - rei Kilian me pergunda, enquanto general Soren narra em voz alta as aventuras desta manhã.

- Sim - minto. - Só estou cansada.

- Tenho algo para lhe dizer - ele diz, entre um gole e outro de vinho.

Encaro seus olhos cor de safira.

É sobre o bastardo que seu primeiro amor carrega?, quero perguntar.

- Mais tarde - eu deixo meus talheres sobre a mesa e me levanto devagar. - Estou cansada. Se Vossa Majestade me permite, vou me retirar.

Faço uma reverência rápida aos convidados sentados à mesa e deixo a sala de banquete sentindo náuseas. Cambaleio pelo corredor, sentindo as pernas fracas e, no momento em que juro que vou cair de cara no chão, braços fortes de seguram e me aninham contra um peito quente. Rei Kilian.

- Sua tola - ele resmunga, erguendo-me nos braços capazes -, se estava se sentindo tão mal deveria ter me dito.

- Coloque-me no chão - tento afastá-lo com socos que não lhe causam dano algum. - Estou bem, estou bem...

Ele ignora meus protestos completa e descaradamente e me leva aos nossos aposentos. Cheia de rancor, tento afastá-lo outra vez sem sucesso. Rei Kilian me coloca deitada na cama e sua cabeça se choca com a minha acidentalmente. Dói mais em mim do que nele e eu uso essa oportunidade para deixar as lágrimas que estou segurando rolarem. Logo estou aos prantos e meu marido permanece olhando para mim, sem ideia do que fazer.

- Sonya, minha Sonya... - ele tenta me tocar, mas eu afasto suas mãos.

- Vá - é tudo o que eu digo.

- Eu nunca sei o que fazer quando mulheres choram na minha frente - ele diz, como se pedisse desculpas. - Diga o que está entristecendo você e eu...

- Mulheres? - minha voz soa raivosa. - Vossa Majestade não sabe o que fazer quando mulheres choram na sua frente?

Ele leva alguns segundos para entender aonde eu quero chegar.

- Oh. Oh, não, não mulheres. Uma mulher - rei Kilian segura meu rosto com as duas mãos. - Uma bela, caprichosa e única mulher.

Empurro suas mãos. Ele não pensou em só uma mulher enquanto concebia filhos com outra.

- Por que está agindo assim, Sonya? - sua testa se franze e seus olhos são pura confusão. Ele está realmente se esforçando para me entender.

Levo em conta que ele é o rei desta nação e acaba de deixar seus nobres convidados no Dia da Caça para vir atrás de mim saber o que há de errado comigo. Devo ao menos dizer o motivo pelo qual quero chutá-lo no meio das pernas e bater nele até que chore.

- Majes... - eu soluço. - Kilian, eu... - é a primeira vez que o chamo pelo nome e vejo um leve rubor em suas bochechas.

Ele me toca novamente, com ainda mais carinho.

- Sim, Sonya. Diga o que há de errado e eu farei o que estiver ao meu alcance para dar um jeito.

Fungo e dessa vez não afasto sua mão de meu rosto.

- Você me disse certa vez que... que sua mãe nunca mais foi a mesma quando soube sobre seu irmão bastardo - sinto calafrios ao mencionar Klaus.

- Sim - rei Kilian concorda, confuso.

- Ela o odiava?

Ele assente.

- Acha que ela estava errada em odiá-lo?

Rei Kilian se acomoda ao meu lado na cama e me puxa para ficarmos frente a frente. Ele fica pensativo por alguns segundos, escolhendo as palavras certas.

- Minha mãe sempre odiou Klaus, mas acredito que quem ela realmente desprezava era o meu pai. Ela nunca o perdoou, nem mesmo em seu leito de morte - seus olhos fitam os meus. - Por tê-la machucado tanto, eu quis feri-lo muitas vezes. Por que está me perguntando isso?

Engulo em seco.

- O que faria se nós dois estivéssemos na mesma situação?

Rei Kilian franze a testa, sem entender, mas aos poucos seus olhos se arregalam e suas sobrancelhas escuras se arqueiam.

- Acha que eu...? Sonya! - ele praticamente grita. - Impossível. Algo assim é impossível.

Mordo o lábio.

- Por que é impossível? - indago, sentindo o coração apertado. - Você é o rei, não há limites para o que pode ou não fazer. Esse tipo de coisa...

- Esse tipo de coisa está fora de cogitação! - ele se coloca de pé. - Espero que saiba que muito me ofende a forma como pensa a meu respeito, Sonya.

- Eu não...!

- Que tipo de pessoa acha que eu sou? Que tipo de homem acha que eu sou? Hein? - ele anda de um lado para o outro, me fulminando com o olhar. - Em Avival as coisas podem ser diferentes, mas aqui casamento é casamento, Sonya. Significa ser leal a uma única pessoa sob quaisquer circunstâncias. Não é algo que homens honrados negligenciam!

Fico olhando para ele, petrificada. Então ele realmente não sabe. Não é possível que saiba e ainda aja dessa maneira.

- Teresa - o nome custa a sair de minha boca - está grávida.

Ouvir-me falar dela o sobressalta, mas rei Kilian não expressa uma reação imediata mediante a notícia. Ele olha para o nada, inexpressivo, e depois volta a olhar para mim. Então sua testa se franze e ele trinca os dentes.

- Entendo - diz.

Rei Kilian me dá as costas e deixa nossos aposentos sem dizer mais nada.

Capítulo 36

Passo o dia todo deitada, tomada por um cansaço que me deixa fraca e abatida. Os ensinamentos de Ghia e Kawel - dois sujeitos que, aliás, não vejo há bastante tempo - não me prepararam para isso. A responsabilidade de governar um país em crise é esmagadora e sufocante e, como se isso não bastasse, as minhas terríveis oscilações de humor parecem cada vez mais constantes.

Não vejo rei Kilian desde nossa pequena discussão mais cedo e não sei se quero vê-lo. Talvez precisemos de um tempo separados para espairecer e colocar nossos sentimentos em ordem. Saber que ele e a criada terão um filho não muda o que sinto por ele, mas deixa meu coração em estado caótico. Eu não sei o que fazer. Devo ignorar e fingir que não me importo? Devo simplesmente esquecer?

Meu bebê se agita dentro de mim, provavelmente sentindo minha inquietude.

- Está tudo bem - asseguro com ternura. - Nós dois estamos bem.

Caminho até a janela e observo a paisagem fascinante de fim de tarde que só pode ser encontrada aqui em Coronte. A brisa que acaricia meu rosto é fria, mas nem se compara com a brisa gelada de Liriel. Sinto saudades da neve, do inverno e das flores que só crescem lá. Sinto saudades de minha casa, que vi destruída em meu sonho. Sinto saudades do passado que vivi com tanta intensidade.

Minha vida agora parece previsível e já determinada. Permanecerei ao lado do rei e lhe darei mais um ou dois filhos - cujos destinos também já estão decididos antes mesmo que nasçam - e passarei o resto dos meus dias dentro desse palácio até me despedir do mundo. Sem grandes expectativas, sem grandes desafios, sem grandes aventuras.

Lembro-me de que o que eu mais queria era deixar Liriel e começar uma vida na corte, comparecer a grandes bailes e eventos e ser cortejada por uma centena de nobres até decidir me casar. Eu queria ser um espírito livre, alguém que iria aonde quisesse quando quisesse e seria feliz. Até mesmo a ideia de assumir a identidade de Sonya pareceu eletrizante no momento que Ghia e Kawel me fizeram essa proposta. Eu estive esse tempo todo atrás de aventuras?

Eu traí a mim mesma quando matei Anna e me tornei Sonya. Devia ter encontrado outra maneira de sobreviver como eu mesma. Devia ter voltado e procurado por Kieran até não suportar o cansaço. Devia ter recusado essa nova vida.

Agarro as cortinas com uma das mãos, sentindo tontura. O peso do remorso

é ainda mais esmagador do que o peso das minhas responsabilidades. Estou com medo, essa é a verdade. Tenho vivido com medo de absolutamente tudo desde que papai morreu e esse medo só cresce conforme faço minhas escolhas baseadas nele. Medo de ser desmascarada. Medo de falhar como a última esperança de Avival. Medo de não ser uma boa mãe. Medo de nunca ganhar o coração do homem que amo. Estou cheia e transbordando de medo.

Eu me forço a comparecer ao jantar especial do Dia da Caça só porque sei que é uma ocasião importante para rei Kilian e para nossos súditos. O jantar acontece no pátio principal do palácio e é aberto ao povo como forma de gratidão a todos pela caça que sustenta o reino. Esse talvez seja um dos aspectos que eu mais admiro na cultura de Coronte: eles são gratos por tudo e sabem valorizar o trabalho duro. Não é o reino mais rico, mas ninguém aqui é miserável. As pessoas aqui têm problemas como em qualquer outro lugar do mundo, mas buscam uma solução para resolvê-los ao invés de ficarem se lamentando. Creio que preciso começar a fazer isso também.

Sou escoltada por um quarteto de guardas reais que o próprio rei designou para me proteger e logo chego com eles ao pátio. O lugar está bastante iluminado e barulhento, como um verdadeiro festival. Vejo pessoas conversando, dançando, comendo e bebendo e todos me reverenciam quando passo, olhando com expectativa para meu ventre. Vejo duque Elmo e duquesa Dandara rindo e conversando com um jovem casal de nobres e rei Rupert e rainha Irene sentados à mesa real. Rei Kilian está com eles, tão absorto em seus pensamentos que parece mais distante do que nunca. Lembro-me do que ele disse sobre estar ofendido pela maneira como penso que ele é e concluo que meu marido parece não ter ideia da intensidade de meus sentimentos por ele.

Aproximo-me da mesa, seguida pelo quarteto, e faço uma reverência breve aos dois reis diante de mim. Rei Rupert e rainha Irene se levantam para me cumprimentar, mas rei Kilian parece desconfortável com minha presença. Fico surpresa quando, sem dizer nada, ele segura minha mão e puxa uma cadeira ao lado dele para que eu me sente. Encaro-o, esperando que diga alguma coisa, mas ele apenas fita o nada enquanto segura minha mão. Pela maneira como sua mandíbula está tensa, percebo que meu marido está desconfortável.

Nós não trocamos mais do que duas palavras durante toda a festividade e eu sinto meu coração murchar por isso. Não quero que ele se afaste de mim logo agora que comecei a alcançar seu coração. Deixar que esse problema com a criada interfira no meu casamento me dá a sensação de que eu é que estou perdendo.

Rei Kilian é responsável por fazer o brinde final que encerra o banquete, então quando ele se levanta erguendo sua taça de prata, sei que o Dia da Caça chegou ao fim. Absolutamente todos ficam em silêncio quando o veem de pé.

- Povo de Coronte - ele brada, com a taça erguida -, meu povo. É com

exultação indescritível que aclamo o retorno da prosperidade ao nosso reino após a guerra, graças aos esforços de cada um presente aqui nesta noite!

O povo e os nobres respondem com gritos e brados de vitória, erguendo suas taças. É uma visão bonita. Poucos reis têm o privilégio de possuir o amor e respeito de seu povo e meu rei é um deles. Sei o que todas essas pessoas sentem quando olham para ele - eu também sinto. Segurança. Sabemos que rei Kilian é um porto seguro confiável e poderoso.

Quando ergo minha taça em apoio a ele, não evito o sorriso que insiste em esticar meus lábios. Todos os problemas ao nosso redor parecem pequenos comparados ao quão feliz me sinto por ser a esposa do homem diante de mim. Não me esquecerei desse sentimento.

- Um brinde - rei Kilian ergue ainda mais a taça - à nossa terra e ao nosso povo!

- À nossa terra! - um coro poderoso de vozes repete. - Ao nosso povo!

Por um breve momento, eu me sinto parte dessa terra e desse povo como se tivesse nascido aqui. Mas então me lembro do sonho que tive com Liriel em ruínas e meus pais olhando acusadoramente para mim, culpando-me por abandonar minha terra natal. Fico quase sem fôlego. O peso desse segredo está começando a me desgastar fisicamente.

Irene me pergunta sobre o bebê e eu respondo que está tudo bem. Desde que minha barriga começou a crescer, noto que ela me olha de um jeito diferente, como se desejasse o mesmo para si mesma - e faz todo o sentido, já que ela é uma rainha e Dardanelo conta com sua descendência para o futuro do reino. Temos quase a mesma idade, mas por ela ser um pouco mais velha e casada há mais tempo que eu, posso imaginar que tipo de pressão deve estar enfrentando para engravidar.

- O festival foi incrível esse ano - ela comenta, enquanto nos levantamos das cadeiras. - Mal posso esperar para o ano que vem.

Dou-lhe um sorriso sincero.

- Eu também.

Sua mão segura meu braço, impedindo-me de me distanciar.

- Preciso lhe dizer algo, Sonya - a expressão em seu rosto é séria.

Fico tensa, imaginando se ela já sabe sobre a gravidez de Teresa. Rei Kilian e Irene parecem contar tudo um ao outro e não deixariam de compartilhar um assunto tão importante como esse.

- Vamos entrar? - Irene sugere.

Olho de esguelha para rei Kilian e vejo que está compenetrado em um assunto empolgante que envolve lorde Gaston, general Soren e rei Rupert. Apesar do fim do banquete já ter sido anunciado, os convidados continuam a dançar no pátio e não acho que vão embora tão cedo.

- Sim - assinto -, é melhor.

Nós duas adentramos o palácio escoltadas e seguimos jogando conversa fora até chegarmos ao aposento que Irene usava até a chegada do marido há três meses. Os guardas ficam à porta e nós entramos.

- É algo sério? - pergunto, sem conseguir conter minha curiosidade.

Irene se acomoda em uma poltrona e eu em outra, de frente para ela.

- Sonya, Rupert e eu... - seus olhos brilham, emocionados - vamos embora em dois dias.

Sinto uma pontada de dor no coração.

- Embora?

Irene assente, sorrindo com tristeza.

- Sim. Ficamos longe de casa por tempo demais e Dardanelo precisa de seu rei e de sua rainha.

- Mas... - minha voz some aos poucos. Eu sei que ela está certa e sei que mais cedo ou mais tarde teria que partir, mas não pensei que seria tão cedo.

- Eu queria ficar aqui até o bebê nascer - Irene segura minha mão -, mas cardeal Tomaz nos enviou uma carta urgente solicitando nossa presença. Ele disse que há problemas que só Rupert pode resolver e aonde ele for, eu vou.

- Entendo - digo, com voz embargada. - Quando... quando vou vê-la outra vez?

Os olhos de Irene se enchem de lágrimas. Nós duas sabemos que a distância entre nossos reinos não é curta e que estaremos sempre ocupadas com as obrigações que nossas posições acarretam, então um reencontro não acontecerá tão cedo. Meu coração se parte quando penso nisso. Não quero perder minha melhor amiga.

- Não se preocupe com isso - Irene dá outro sorriso triste -, voltarei o mais rápido possível para conhecer sua criança. É uma promessa.

Aperto sua mão entre as minhas. Então nós nos abraçamos e rimos do quão patéticas ficamos quando choramos.

- Obrigada por cuidar tão bem de meu irmão - Irene diz, de repente.

- Ah - eu rio, sem graça. - É ele quem cuida de mim.

- É sério - ela arqueia as sobrancelhas. - Você ficou ao lado dele o tempo todo enquanto o médico real curava aqueles ferimentos horrorosos. Até agiu como uma enfermeira. Parece que a realeza de Avival tem estômago para cuidar de feridos e doentes.

- É... - desvio o olhar.

- Posso partir tranquila sabendo que meu irmão tem você.

Suspiro alto.

- Sim, ele me tem. Mas eu ainda não sei se é o suficiente para fazê-lo me... hum... você sabe - eu coço a testa.

Irene pisca duas vezes, confusa.

- O que quer dizer? - ela franze a testa. - Você... você ainda duvida que

ele...? Oh, Sonya, não pode ser tão lenta.

Dou risada.

- Lenta?

- Kilian ama você. É a coisa mais óbvia do mundo.

Sinto-me enrubescer tanto que toco meu rosto.

- Não é bem assim...

- Não? - Irene fica perplexa. - Faz ideia de quão curtas têm sido as reuniões do conselho, as audiências e as caças das quais ele participa? Sonya, ele praticamente faz o trabalho dez vezes mais rápido para passar mais tempo com você. Sem falar das vezes em que fica suspirando pelos cantos e me pede sugestões de livros que vão impressioná-la.

- Está falando sério? - indago, incapaz de não sorrir.

- É claro! - ela me dá um tapa no ombro. - Nada e nem ninguém jamais foi o centro das atenções de Kilian desse jeito, nem mesmo Te...

Ela para de falar e me encara de olhos arregalados. Então morde o lábio rubro.

- Ahn... como eu disse, nada nem ninguém cativou meu irmão desse jeito.

Baixo os olhos, sentindo um turbilhão de sentimentos tomar conta de mim de um jeito descontrolado. Ouvir Irene dizer essas coisas sobre o comportamento de Kilian faz meu coração esquentar, mas então eu me lembro de como nós dois estamos agora - e por que estamos assim - e ele esfria novamente. Como lido com essa situação? O que eu faço?

O rumo de nossa conversa muda e começamos a falar sobre o bebê. Compartilho minhas preocupações com Irene e ela me faz prometer ajudá-la quando for a vez dela de ser mãe. Somos interrompidas por batidas na porta e um guarda entra para entregar uma mensagem.

- Vossa Majestade solicita a presença da rainha Sonya nos aposentos reais e pediu que a escoltássemos.

- Oh - eu me coloco de pé, sentindo um frio na barriga que nada tem a ver com o bebê. - Compreendo.

Troco um rápido sorriso de despedida com Irene e sigo o guarda para fora e pelos corredores até a porta dos aposentos reais. Respiro fundo antes de entrar, sem a mínima ideia do que dizer a rei Kilian quando o vir, e adentro o quarto com cautela. Não o vejo em nenhum dos cômodos e deduzo que ele deve estar chegando.

Duas criadas chegam para me preparar para dormir e eu pergunto se as festividades no pátio principal já se encerraram completamente. Elas dizem que ainda não.

Espero sozinha por rei Kilian, empoleirada de camisola na poltrona que ele tanto gosta, mas não vejo nem sinal dele. Meus olhos começam a pesar e decido ir para a cama. Nesse instante, ouço o barulho da porta e passos. Eu me

viro a tempo de ver rei Kilian suspirar quando seus olhos pousam em mim, brilhantes e vivos como fogo. Não sou capaz de decifrar a expressão intensa em seu rosto, mas o recebo de bom grado quando ele se aproxima e me toma nos braços. É quase como aquele abraço que ele me deu quando retornou da guerra. Um abraço que faz parecer que não existe nenhum problema para nos preocupar.

Sinto algo ao redor de meu pescoço e quando rei Kilian se afasta, vejo que estou usando um cordão cujo pingente é uma folha de outono feita de madeira entalhada. Há algo gravado atrás. Fico sem fôlego, com as pernas bambas e coração disparado - tudo ao mesmo tempo - assim que leio o que está escrito.

Kilian e Anna, eternamente

Afasto-me do rei como se tivesse levado um choque e o encaro como se o estivesse vendo pela primeira vez. A expressão intensa ainda não deixou seu rosto e eu me pergunto se ela representa fúria ou outra coisa.

Ele descobriu quem eu sou. Ele sabe de tudo.

Caio de joelhos aos seus pés e, apesar da barriga protuberante, apoio a testa no tapete de pele de animal, numa posição de óbvia súplica por misericórdia.

- Majes... Majestade, eu... - soluço, sentindo o peso do remorso me prensar ainda mais contra o chão. - Eu... eu... Eu posso explicar. Por favor, por favor, por favor, deixe-me explicar o que eu...

Suas mãos quentes como um dia de sol me erguem do chão e me sustentam para que eu não desmorone. Seus dedos afastam os fios de cabelo do meu rosto e acariciam minha pele. Rei Kilian se inclina e me dá um beijo abrupto, intenso e tão apaixonado que me faria querer chorar ainda mais se me restasse fôlego.

- Por acaso não sabe ler? - ele sussurra contra meus lábios e toca a folha de outono presa ao cordão. - O que está escrito aqui?

Atrevo-me a olhá-lo nos olhos. Ele me beija outra vez, roubando-me o fôlego.

- Vamos - rei Kilian se afasta ligeiramente. - Diga o que está escrito.

- Kilian e... Kilian e Anna, eternamente - eu gaguejo, já emocional e fisicamente acabada.

Ele arqueia uma sobrancelha.

- E o que significa eternamente? - pergunta.

Hesito.

- Para... sempre?

Rei Kilian segura meu rosto com uma das mãos e beija minha testa demoradamente.

- Isso mesmo. É bom se preparar para ficar ao meu lado para sempre, garota. Seja lá quem você realmente for.

Capítulo 37

- Como... como descobriu? - eu mal ouço minha própria voz.

Rei Kilian me solta devagar e eu caio sentada na cama, estupefata. Todo o meu corpo treme a ponto de meus dentes tiritarem e quase morderem minha língua. É isso que chamam de ficar em choque? Porque estou. Nem em meus mais temerosos devaneios eu imaginaria as coisas se desenrolando dessa forma. Sempre que tinha pesadelos sobre ser descoberta, eles envolviam humilhação em praça pública, vergonha e muito sangue. Por que o rei me presenteia com um colar, me beija tão apaixonadamente e me quer ao lado dele para sempre. Será que ele não entendeu que foi enganado e se casou com a mulher errada?

- Pare de chorar - sua voz soa aveludada e calma como nunca ouvi.

Só me dou conta de que estou chorando porque ele diz e enxugo as lágrimas nas mangas longas da camisola. Não consigo erguer a cabeça. Não consigo olhar para ele. Esperava que, se um dia descobrisse, rei Kilian tivesse um ataque de fúria e aos poucos comecei a me preparar para isso. Mas como lidar com essa serenidade que não é nem uma das características de sua personalidade?

Rei Kilian se abaixa até ficar mais ou menos da minha altura e apoia um joelho no chão. Uma de suas mãos segura meu queixo e o ergue, obrigando-me a olhar diretamente para as duas safiras que são seus olhos. Neles não há acusação ou desconfiança, como eu esperava encontrar.

- Eu soube que algo estava errado no dia em que a conheci - ele sussurra, como se não quisesse me assustar.

Arregalo os olhos, atenta às suas palavras.

- Sempre detestei a ideia de casamentos arranjados - rei Kilian continua - e não suportava a ideia de casar com uma estrangeira estranha, que talvez nem combinasse comigo. Temi viver o resto de meus dias infeliz e preso a alguém com quem eu não pudesse criar laços. Foi então que Soren me deu a ideia brilhante de visitar Avival disfarçado de pajem, quando os termos do casamento ainda estavam em discussão.

Céus, o que ele está dizendo? Ele foi a Avival disfarçado? Que tipo de rei faz isso?

- Talvez tenha sido uma atitude infantil, mas eu fui até lá mesmo assim. Estava determinado a conhecer a princesa que governava sozinha o país que seus pais lhe deixaram tão precocemente. - Rei Kilian faz uma pausa e dá um sorriso fraco. - Eu a vi apenas duas vezes e, para mim, foi o suficiente. Ela não era para mim. Sonya de Avival transbordava de uma arrogância que nunca combinaria com os costumes de Coronte e com minha própria personalidade. Mas - ele suspira -, eu vi o estado em que Avival se encontrava e lembrei da única boa lição que meu pai me ensinou sobre ser um governante: é preciso

colocar o bem-estar do povo acima de qualquer coisa.

Isso soa como algo que meu pai me disse uma vez, quando estava tentando me convencer a casar com Kieran Bjorgman. Governar um povo talvez seja um dos atos de abnegação mais significativos que existem. É preciso se doar verdadeiramente em prol dos que dependem de seu governo, pois eles são sua responsabilidade. Um governante que só pensa nos próprios interesses não deveria receber poder algum.

- Meses depois - a voz de rei Kilian me traz de volta ao assunto em questão -, você apareceu em meu salão de baile e eu achei que estava ficando maluco. Pensei que minha memória estava falhando ou que você tivesse mudado de forma muito drástica, pois a garota na minha frente não era a mesma que conheci em Avival.

- Como...? - balbucio.

Os dedos dele soltam meu queixo devagar.

- Você parecia um filhote perdido num covil de raposas - rei Kilian quase ri. Por que ele riria num momento sério como esse? - Você se lembra do que eu disse quando conversamos pela primeira vez?

Engulo em seco, fazendo um esforço quase descomunal para lembrar. Parece ter acontecido há anos.

- Eu me lembro - ele assente, olhando para mim. - Você me perguntou se Coronte se envolvia em muitas guerras. Disse que parecia perigoso. Logo em seguida me pediu para não me preocupar com você, porque lidaria com tudo sozinha. - Ele olha para uma das paredes do quarto e ri, relembrando. - Desde que abriu a boca para falar comigo, eu senti que era uma garota delicada e conforme a conheci, notei que também era corajosa. Mas não havia possibilidade alguma de você ser Sonya de Avival.

Rei Kilian prende uma mecha de meu cabelo atrás da orelha e eu me encolho de uma maneira que não fazia desde nossa primeira noite juntos.

- Sou tão diferente dela? - atrevo-me a perguntar, num sussurro.

- Se a tivesse conhecido, concordaria comigo.

Mordo o lábio, sentindo as lágrimas voltarem.

- Se tinha tanta certeza, por que seguiu em frente com o casamento? - minha voz fica mais forte, provavelmente por causa do desespero. - Por que não me desmascarou antes de se casar comigo, uma impostora? Foi... foi porque teve misericórdia de Avival ou...

Rei Kilian trinca os dentes e me puxa com força para mais um beijo inesperado e intenso.

- Por quê? - resmungo, contra os lábios dele.

Ele beija a linha de minha mandíbula, depois minha orelha e depois meu pescoço.

- O que eu faço? - sussurra contra minha pele. - O que faço para que

finalmente perceba o quanto estou apaixonado por você?

Cubro a boca com uma das mãos para tentar conter a onda de choro que toma conta de mim. Rei Kilian me abraça e deita comigo na cama, acariciando meus cabelos para tentar me acalmar.

- E-eu o enga... enganei - soluço contra seu peito. - Eu-u menti-i... e ain-ainda assim... diz que... que me ama?

Mais uma vez ele ri e eu quase fico irritada. Estou experimentando todos os tipos de emoções de uma só vez hoje.

- Eu amo - rei Kilian diz, como se fosse algo que ele não pode mudar ou algo sob o qual ele não tem controle. - Você é exatamente o tipo de parceira que eu sempre quis ter governando ao meu lado. Seu nome e sua posição social pode ser de extrema importância para o resto do mundo, mas para mim você é só a pessoa com quem quero passar toda a minha vida, Anna.

Ergo a cabeça e olho para ele, admirando seu rosto. Eu nunca imaginei que seria amada dessa maneira e com tal simplicidade. Nunca imaginei que um rei pudesse amar assim. Porém, agora, abraçada a ele, sei que estou no lugar certo com a pessoa certa e fico grata a todos os caminhos que me trouxeram até aqui. Sou grata a todos os que amei e perdi, pois por causa deles eu fui capaz de encontrar esse homem fantástico que agora olha com tanta ternura para mim.

- Como descobriu meu nome? - pergunto ao terminar de chorar.

Rei Kilian pondera antes de responder.

- Tenho sondado os dois servos que trouxe com você desde que pisaram aqui. Não foi difícil descobrir que encontraram uma garota ferida no meio da neve, extremamente parecida com a princesa morta deles, e a tornaram Sonya de Avival.

Sacudo a cabeça.

- Ghia e Kawel não queriam enganá-lo, eu juro - eu os defendo rapidamente. - Estavam desesperados para salvar o reino deles e me viram como única opção.

- Eu sei - ele dá de ombros. - Eles me disseram tudo sobre as medidas extremas que tiveram que tomar e tudo o que sabiam sobre você.

- Disseram? - franzo a testa. - Eles... eles simplesmente contaram tudo e...?

- Não. Quando eu me dei conta de que realmente não me importava em descobrir quem você realmente era, chamei os dois para uma conversa privada e falei sobre minhas desconfianças certeiras. - Rei Kilian fica sério. - Você teve muita sorte de tê-los ao seu lado, são muito leais. Só concordaram em me dizer toda a verdade quando os convenci de que não faria mal algum a você ou ao bebê. Foi difícil - suspira.

- Onde eles estão agora? - não consigo evitar me preocupar.

- A essa hora já devem ter chegado a Avival.

Arqueio as sobrancelhas. É tranquilizador saber que Ghia e Kawel estão em

casa com suas famílias novamente, mas gostaria de ter me despedido.

- Quando...? - começo a perguntar.

- Há três dias - o rei me interrompe com a resposta.

Então ele sabia de tudo há três dias. Lembro-me de quão tranquilo ele pareceu quando sugeriu Anna como nome para nossa criança e de como fiquei esperando ver desconfiança ou acusação em seus olhos. Rei Kilian já sabia e não me condenou.

Acho que ganhar o coração dele foi minha salvação, no fim das contas.

Suspiro alto, sentindo parte do peso esmagador sob o qual convivi todos esses meses sair de cima de meus ombros. É inexplicavelmente maravilhoso que o homem que eu amo saiba quem eu sou de verdade, mas isso ainda não resolve as coisas totalmente. Eu ainda estou na pele de Sonya e ainda tenho um dever eterno a cumprir diante de todas as outras milhares de pessoas que pensam que sou ela.

- E agora? - pergunto, tocando meu ventre involuntariamente. - O que faremos agora que sabe de tudo?

A testa de rei Kilian se enche de vincos.

- Ora, nada vai mudar. Você é minha esposa e eu sou seu marido. Estamos esperando nosso primeiro filho. Não faremos nada além de viver nossas vidas normalmente. - Ele faz uma pausa e seus lábios se crispam. - A não ser que...

Espero que conclua, mas ele não diz nada. Seus olhos parecem um tanto sombrios.

- A não ser que o quê? - pergunto por fim.

Rei Kilian me aperta ainda mais contra seu corpo, parecendo irritado.

- A não ser que você não me queira, Anna.

Arregalo os olhos, pega de surpresa. Vejo as bochechas dele corarem um pouco e ele parece ainda mais irritado com meu silêncio. Fixo meus olhos nos dele e me inclino para beijar seus lábios fartos como se fosse a última vez.

- Como eu poderia não querê-lo, Majestade? - sussurro ao me afastar um pouco.

Ele contém um sorriso e retribui meu beijo com muito entusiasmo. De repente, para e me afasta.

- Oh, quase me esqueci - diz, sem fôlego.

Olho confusa para ele.

- Não precisa mais olhar para mim como se quisesse cortar minha cabeça fora com um dos meus machados.

- Ahn? - sou pega de surpresa novamente.

Rei Kilian beija minha testa.

- Sei o quanto se sentiu mal depois de ver Teresa grávida...

Trinco os dentes. Mal é um eufemismo.

- Não quero falar sobre isso... - desconverso, virando o rosto.

- Tão teimosa! - o rei puxa meu queixo, fazendo-me olhar para ele bem de perto. - A criança não é minha.

Meu coração parece parar.

Eu ouvi direito?

- O-o quê? - gaguejo, perplexa.

Rei Kilian solta meu queixo enquanto dá um suspiro, exasperado.

- Gostaria que a partir de hoje tivesse um pouco mais de confiança em mim, esposa - ele revira os olhos. - Teresa e eu nunca fomos íntimos o suficiente para gerar filhos. Eu não sou o pai da criança que ela carrega.

Meu queixo cai.

- O quê? - repito, me sentando no colchão. Minha mente tem dificuldade para acompanhar tanta informação chocante de uma só vez. - Você... ela... vocês não...?

Uma risada escapa dos lábios dele, que se acomoda deitado de barriga para cima. Parece estar se divertindo à beça.

- Não - diz, entrelaçando os dedos nos meus. - Eu e ela não.

Cubro a boca com a mão livre, chegando a uma conclusão que me faz enrubescer.

- Quer dizer que...! - exclamo, olhando para ele. - Antes de mim você nunca... - mordo o lábio, incapaz de dizer em voz alta.

O rei me puxa pelo braço e me faz cair deitada de volta ao lado dele. Nossos narizes se encostam e seus olhos penetram os meus. Fico ainda mais corada pelo jeito como ele olha para mim e mordo o lábio para não rir de nervoso.

- Não, Anna - ele sussurra meu nome como se fosse o mais bonito dos elogios. - Antes de você não houve nenhuma outra mulher.

- Mas... mas você é o rei, pode ter todas as mulheres que...

Ele me interrompe com um beijo rápido - um jeito doce de me pedir para calar a boca.

- Eu não quero todas as mulheres. Como eu já disse, casamento é algo sério para nós aqui em Coronte - rei Kilian diz calmamente. - E isso envolve relações íntimas também.

Pisco duas vezes. Eu me sinto tão lisonjeada e valorizada que parece que vou explodir de felicidade. Não esperava nada disso, nem mesmo em meus sonhos de garotinha com príncipes encantados e cavalos brancos brilhantes. Quando soube que me casaria com um rei, não esperava nenhum tipo de exclusividade - madame Daisy me preparou para a realidade dos casamentos atuais e eu sempre tive consciência de que os rapazes sempre tinham mais experiência do que as garotas nessa área. Mas saber que meu marido não conheceu nenhuma outra mulher antes de mim dá um significado totalmente novo ao nosso casamento.

- Isso... isso é tão...

- Antiquado? - rei Kilian palpita.

- Eu ia dizer nobre.

- As coisas são diferentes no lugar de onde você veio? - ele pergunta, apoiando-se nos cotovelos.

- Um pouco - admito. - Mas prefiro aqui. Ainda... ainda não acredito que isso está acontecendo.

Ele franze a testa.

- O quê?

- Tudo... isso - toco seu braço e olho para ele. - Estou tão feliz que começo a ficar assustada.

Seus braços me envolvem, como já fizeram centenas de vezes, e eu deito a cabeça em seu peito, como já fiz outras milhares. Mas, de alguma forma, agora parece diferente. Porque ele é realmente só meu e eu sou realmente só dele. Sem mentiras, sem desconfianças, sem segredos.

***

Teresa sofre de uma doença hereditária no sangue e, por causa disso, seu casamento com rei Kilian foi adiado por muito tempo. Na época em que estavam apaixonados, eram muito jovens e acreditavam que ficariam juntos apesar de ele ser um príncipe e ela uma criada. Quando a doença foi descoberta, rei Kilian buscou uma cura por toda a parte, mas nunca encontrou. Ao mesmo tempo, o rei Dorian, pai de meu marido, faleceu e Coronte entrou em estado de caos. Foi então que o príncipe herdeiro se tornou o rei e se distanciou de seu primeiro amor. Eles nunca mais foram os mesmos, embora se amassem. Sabiam que não ficariam juntos.

Assim que soube por mim que Teresa está grávida, rei Kilian se sentiu na responsabilidade de cuidar dela. Embora ele não seja o pai da criança, os dois compartilharam um passado marcante juntos e o rei sentiu que devia isso a ela. Ele não me diz quem é o pai nem me dá muitos detalhes antes de mandar Teresa embora do palácio. Não sinto necessidade de pedir que me conte por que tomou essa decisão ou para onde Teresa vai, pois confio nele.

Rei Rupert e rainha Irene se preparam para retornar a Dardanelo e eu não suporto vê-los partir. Já sinto que são parte da minha família e grandes amigos. Perder minha única amiga e confidente parece o fim do mundo no momento em que a carruagem dos dois parte. Fico abatida por vários dias depois disso.

Rei Kilian tem conseguido frear as investidas da Igreja nos assuntos da Coroa desde que se recuperou dos ferimentos de guerra, mas algo me diz que o velho cardeal Izack ainda não desistiu de sua missão em Coronte.

Aparentemente nenhum dos nobres gosta dele e os servos falam coisas ruins a seu respeito pelas costas. Tudo o que mais quero é que ele vá embora antes de meu bebê nascer.

Os dias parecem voar. A rotina no palácio só não me deixa entediada porque, em suas cada vez mais raras horas vagas, meu marido tem sido o centro de minhas atenções e tem se esforçado para me manter contente. Vivemos como recém-casados bobos e até mesmo os criados riem de nós. Conforme minha barriga cresce, fica difícil me locomover com a facilidade de sempre, então sou carregada por rei Kilian vez ou outra quando fazemos nossas caminhadas pelo jardim ou saimos para passear. Certo dia ele me tirou da cama cedo para me ensinar arco e flecha e defesa pessoal - e em seguida foi repreendido pelo médico real, que disse que eu precisava descansar o máximo possível em meu estado atual.

- A rainha está grávida, Majestade! Grávida!

Recebo inúmeros presentes de nobres que parecem quase tão ansiosos quanto rei Kilian e eu para a chegada do bebê. Depois de consultarmos a situação dos cofres da Coroa - que aos poucos se recupera bem -, decidimos realizar o que as pessoas de Coronte chamam de Banquete de Nomeação para apresentar o herdeiro ou herdeira do trono ao nosso povo. Como faltam, segundo o médico, apenas algumas semanas para que a criança esteja pronta para nascer, enviamos convites para todas as províncias e sub-reinos vizinhos e eu encontro nessa festividade uma maneira adorável de passar meu tempo.

Estou nos aposentos reais aprendendo a tricotar meias para o bebê com três criadas quando um guarda me informa que minha presença é solicitada na sala do trono. Isso já aconteceu duas vezes desde que o Banquete de Nomeação foi anunciado: os nobres chegam a Coronte e vêm ao palácio saudar o rei e a rainha. Eu me visto apropriadamente e, com ajuda das criadas e escolta dos guardas, chego à sala do trono, onde rei Kilian e um visitante esperam por mim.

- Minha rainha - o rei se aproxima para me ajudar a ocupar meu lugar no trono ao lado dele.

Sorrio de orelha a orelha, pois gosto muito de ouvi-lo me chamar assim em público.

- Este - rei Kilian gesticula na direção do visitante -, é o primeiro filho de uma importante família de comerciantes do norte...

- Majestade - o visitante faz uma reverência e ergue o rosto para olhar para mim.

Quando vejo seu rosto, sinto como se o chão debaixo de meus pés se estilhaçasse em milhões de cacos e perco o fôlego.

Não pode ser.

Eu só posso estar estar sonhando.

- O nome dele é Kieran - rei Kilian diz tranquilamente -, Kieran Bjorgman

de Trollstone.

Capítulo 38

Kieran parece tão chocado quanto eu. Talvez mais. Seus olhos castanhos se arregalam e seus lábios se abrem numa exclamação silenciosa. Ele demora alguns segundos para se aprumar e encara o rei, confuso. Rei Kilian franze a testa, evidentemente intrigado com a reação de nosso visitante.

- Há algo errado? - ele pergunta a Kieran.

Kieran sacode a cabeça.

- De fo-forma alguma, Majestade - gagueja, desconcertado. - Apenas me lembrei de alguém ao ver Sua Majestade, a rainha. Perdoe minha indiscrição.

Engulo em seco, sentindo meu coração bater tão forte que parece capaz de rasgar meu peito. Kieran está vivo. O noivo que meu pai escolheu para mim está vivo e bem, diante do trono de meu marido. Eu achei que o tinha perdido e meu coração o esqueceu com pesar para dar lugar a um novo amor. Agora sinto meu interior entrar em conflito com o presente ao meu lado e o passado parado diante de mim. Acho que vou enlouquecer.

Kieran está vivo.

Céus, que loucura.

Onde ele esteve esse tempo todo? Como sobreviveu ao ataque que sofremos na estrada? Por que não respondeu quando chamei por ele tão desesperadamente? O que ele veio fazer aqui?

- Está tudo bem? - rei Kilian sussurra, perto do meu ouvido.

Forço um sorriso.

- Sim, estou bem. - Então olho para Kieran sem conseguir encarar seus olhos. - O que o traz aqui, Kellen de Trollstone?

Erro seu nome de propósito e isso faz com que a expressão no rosto dele mude de assustada para constrangida.

- É Kieran, Sonya - o rei sussurra para mim outra vez, bem discretamente.

Permaneço impassível.

- Oh, sim - digo, erguendo o queixo. - Perdoe-me, Kieran.

Seus lábios se esticam num sorriso sem graça e fico surpresa ao ver uma cicatriz no lado direito de seu queixo. Ela não estava ali quando nos conhecemos. Será que Kieran foi ferido enquanto fugia dos homens que nos atacaram ou essa marca se deve a um ferimento mais recente?

- Não há o que perdoar, Majestade - ele diz por fim. - Vim prestar as congratulações da parte de Trollstone à sua criança que nascerá em breve. Meus pais gostariam de ter vindo pessoalmente, mas assuntos urgentes tomaram seu tempo e não foi possível.

- É uma honra receber um convidado de tão longe - comenta rei Kilian, recostando-se em seu trono ricamente adornado. - Mas algo me intriga. Creio

que Trollstone esteja muito ao norte para ter conhecimento da situação em que Coronte e seu reino suserano de Omem se encontram.

Kieran hesita.

- Na verdade, estamos muito conscientes do que aconteceu. Uma calamidade, de fato. Omem ofendeu Dardanelo e provocou uma guerra desnecessária. - Kieran cruza as mãos diante do corpo, empertigando-se. - Como representante de Trollstone, acredito que minha visita ao reino de Vossa Majestade tenha um significado ainda mais importante em um momento como esse. A paz entre os reinos precisa ser mantida pelo bem de todos.

Rei Kilian o encara em silêncio por alguns segundos, como se estivesse mastigando suas palavras com cuidado antes de engolir. Eu sinto a tensão crescer na sala do trono, mas talvez seja apenas porque minha consciência está me acusando - parte de mim me repreende por eu não ter insistido em procurar melhor por Kieran quando nos separamos, já que ele esteve vivo esse tempo todo.

- Bem - o rei se coloca de pé -, seja bem-vindo a Coronte e fique à vontade para permanecer aqui o tempo que quiser, Kieran de Trollstone.

Kieran faz uma reverência.

- Agradeço imensamente, Majestade.

- Haverá um baile à noite para receber alguns dos outros visitantes, certo, minha rainha? - rei Kilian ergue uma sobrancelha, olhando para mim.

- Oh, sim, Majestade - assinto, evitando olhar para Kieran. - Será um belo evento.

Kieran pousa a mão sobre o peito, parecendo lisonjeado.

- Não posso estender essa viagem por muito tempo, mas aceito o tão generoso convite, Majestades - faz uma reverência novamente.

Um mordomo o acompanha para fora da sala do trono e eu solto o ar que estive segurando sem perceber. Meu coração ainda está acelerado e as palmas de minhas mãos suam. Kieran Bjorgman é a última pessoa que eu esperava ver hoje.

- Já esteve em Trollstone? - rei Kilian pergunta para mim em voz baixa.

Olho para ele de olhos arregalados. Será que desconfia de que o homem que acabou de convidar para nosso baile é o meu primeiro amor que eu achava ter perdido?

- Não - respondo. - Nunca deixei minha vila antes de... bem... - dou de ombros.

- Eu já estive lá - ele me conta, distante - uma vez. Há muitos anos minha família e a dos Bjorgman tinha planos de se unir através de matrimônio. Mas isso nunca aconteceu.

Sinto um frio lancinante na espinha ao me lembrar de algo que Kieran me contou uma vez, quando voltávamos da noite de música na praça de Liriel. Ele

disse que sua família e a do príncipe Klaus tinham uma antiga rixa causada por complicações no casamento de seus avós. A avó de Kieran deixou o avô de Klaus - também avô de rei Kilian e rainha Irene - para se casar com outro homem, o que provocou a ira da família de Klaus. Minha cabeça quase explode tentando assimilar tudo isso e o medo que pensei ter vencido volta a me assombrar. Esse mundo é pequeno demais para que minha farsa não seja descoberta. Mais cedo ou mais tarde, tudo virá à tona e isso prejudicará as duas pessoas que mais amo: meu marido e meu bebê.

Mais uma vez, reúno toda a minha coragem e decido que está na hora de contar a rei Kilian sobre Kieran e sobre Klaus. Quando as coisas desmoronarem, sei que terei ele ao meu lado para me apoiar.

- Há algo que eu preciso contar a você - sussurro, inclinando-me para mais perto dele.

Suas sobrancelhas se erguem ligeiramente.

- Você está aflita - o rei constata, segurando minha mão. - Não se sente bem?

Sacudo a cabeça.

- Não, não me sinto.

Rei Kilian se levanta e começa a me ajudar a levantar também, mas é interrompido pela chegada abrupta do cardeal Izack e outros dois homens, guiados pelo mordomo. Mais convidados.

- Digníssimo rei Kilian e encantadora rainha Sonya - cardeal Izack estufa o peito e faz uma reverência para nós dois. - Que a paz dos céus esteja entre nós.

- Majestades - os dois homens que vieram junto também nos reverenciam.

Agarro-me ao braço musculoso de rei Kilian, sentindo as pernas fracas. Ele olha para mim, assustado.

- Rainha Sonya não está bem - anuncia em voz alta. - Se me derem licença, eu...

- Viemos tratar de um assunto de extrema importância, Majestade - interrompe cardeal Izack, incisivo. - É um problema que exige vossa atenção imediatamente.

Vejo a mandíbula do rei ficar tensa e ele olha para o cardeal como se fosse capaz de fulminá-lo com os olhos aqui mesmo. Izack não se intimida nem um pouco.

- Compreendo - rei Kilian diz entre dentes.

Não posso esperar que ele deixe suas responsabilidades para ficar comigo dessa vez. Meu marido é um rei, afinal. Eu não sou a única que depende dele.

- Eu vou para o quarto descansar - digo, tentando forçar um sorriso cordial.

- Minha rainha...

- Ficarei bem - asseguro a ele.

Rei Kilian assente, relutante, e chama por duas criadas para me levarem aos

nossos aposentos. Antes de deixar a sala do trono, juro flagrar cardeal Izack me lançando um olhar venenoso.

***

Minha barriga está imensa e quase tão pesada que dar mais de vinte passos é uma tarefa árdua para mim. Passo a tarde lendo cartas e relatórios vindos de Avival que me informam sobre a melhora lenta das condições de vida do povo. Fico contente que, depois de tudo o que passei para chegar até aqui, os problemas do reino estejam começando a se resolver com minha ajuda.

Penso em Liriel enquanto assisto às toras de lenha serem consumidas pelas chamas na lareira do quarto. Revivo cada pedaço daquele sonho agourento que tive e sinto calafrios, embora a temperatura ambiente seja bastante agradável. O sentimento de impotência me toma outra vez e eu choro em silêncio, com saudades de casa. Algo está errado lá e eu posso sentir isso em meus ossos, como se estivesse ligada àquela terra por uma força maior. Esse mau pressentimento deve ter algo a ver com a guerra - o que quer dizer que a situação lá deve ser muito ruim para me fazer ter essas sensações estranhas.

Penso em Kieran. Não como pensava na época em que éramos noivos, mas ainda assim a presença dele em minha mente é algo que não posso ignorar. Ele não parece ter me reconhecido de fato, apenas se mostrou surpreso quando viu meu rosto. Será que para ele rainha Sonya é apenas alguém que se parece insanamente com sua ex-noiva? Apesar de nunca ter visto nem sequer um retrato de Sonya, acredito mesmo que somos muito parecidas, como Ghia e Kawel bem disseram. Não posso evitar pensar que Kieran apenas se assustou com tamanha semelhança e acha que eu sou mesmo ela. É um alívio, na verdade, pois poupará a nós dois de imensos e complicados problemas.

Parece que, quando penso que minha vida vai começar a se estabilizar, algo que me abala acontece. Desde que conheci Kieran, nunca mais tive paz. Papai faleceu, eu deixei Liriel, me tornei outra pessoa, me casei e engravidei. E nada disso aconteceu em circunstâncias normais. É quase assustador.

Sinto um repentino desconforto nos quadris quando me levanto da poltrona onde estava sentada e algo parece errado com minhas meias e anáguas. Ergo a saia e me dou conta, assustada, de que minha bolsa acabou de estourar. Li sobre isso há alguns meses e lembro de algumas coisas que madame Daisy me disse uma vez sobre como os partos funcionam, mas nada disso me deixa menos aterrorizada.

Meu bebê está chegando.

Céus, é agora.

Quase inteiramente tomada pelo pânico, cambaleio até a porta e abro uma fresta. Grito por ajuda e os guardas aparecem, pensando que estou sendo atacada ou algo do tipo.

- Majestade!

- Está ferida?!

Eu começo a chorar, me abraçando.

- O bebê... - soluço.

Um deles olha para mim boquiaberto enquanto o outro corre para fora e chama uma porção de criadas que em poucos segundos irrompem nos aposentos, trazendo consigo mais lençóis e toalhas do que posso contar. Elas parecem perfeitamente preparadas - será que sou a única pega desprevenida aqui?

- Majestade - duas criadas se aproximam de mim e me ajudam a andar até a cama. Uma delas é Poline, a que me ajuda a tricotar em minhas horas vagas. Olho para ela como se fosse minha última esperança.

- E-eu... eu estou... o bebê...

- Não se preocupe, Majestade - Poline assegura, sacudindo a cabeça loira -, tudo ficará bem.

Então vem a dor. Mas forte e implacável do que sou capaz de descrever. Sou de alguma forma carregada até a cama e minhas roupas se vão.

O parto é difícil. Ao menos parece mais difícil do que me disseram que seria. Mesmo rodeada por tantas criadas me encorajando e incentivando a ser forte e empurrar o bebê para fora, eu me sinto mais assustada e sozinha do que jamais senti. Chamo por Kilian. Choro por ele. Mas ele não vem. Tento transformar todo o meu medo na força que necessito para dar à luz e, quando estou prestes a desistir, finalmente acontece. O único som que me faz calar meus gritos e meu choro é o alto e estridente choro do bebê.

Meu bebê.

Estou fraca, minha visão está baça e meus ouvidos parecem não funcionar direito, mas meu coração é preenchido por um sentimento quente e poderoso quando Poline coloca a criança em meus braços. A primeira coisa em que penso é no quanto essa criaturinha é pequena e barulhenta. Não tenho forças para segurá-la, mas me agarro a ela como se fosse parte de mim e sinto uma felicidade que pensei não existir neste mundo. É isso o que chamam de amor incondicional? Porque sei que, não importa o que aconteça a esse bebê ou o que ele se torne, meu amor por ele será eterno e imutável. Simples assim.

- Parabéns, Majestade - diz uma das criadas.

Todas parecem muito emocionadas.

- É uma princesa - ouço uma delas choramingar.

Meus braços parecem se liquidificar e eu perco a consciência involuntariamente, tão fraca que não sou nem sequer capaz de tentar resistir.

Tenho um sonho.

É um sonho tão nítido quanto todos os outros que geralmente tenho e nele estou de volta ao norte, mas não em Liriel. Parada sobre o topo de uma montanha, vejo um imenso exército marchar na direção de um castelo negro coberto de neve e flutuo até chegar um pouco mais perto para observar. Os soldados carregam bandeiras com os símbolos da Igreja e usam tons escuros de púrpura. Nenhum me vê. Tenho medo só de olhar para eles e temo ainda mais pelas pessoas no castelo que serão obviamente dizimadas por esses homens.

Flutuo apressadamente na direção do castelo e vejo, dentro dos muros brandindo uma espada grande e reluzente, uma versão mais jovem de rei Kilian. Um jovem tão belo que me deixa sem fôlego. Ele lidera as tropas que pertencem ao castelo e parece tão determinado que por um segundo acredito que é capaz de vencer o exército inimigo sozinho. O som de trombetas me assusta e eu me escondo no topo de uma das torres.

Ouço o som de choro feminino e vejo, pela janela embaçada da torre, uma belíssima rainha de pele escura e cabelos e olhos brancos. Ela olha para o jovem e chora como se estivesse sentindo a mais terrível das dores. Há correntes prendendo seus pulsos e tornozelos à parede e, por mais que ela bata com força no vidro da janela, não é capaz de quebrá-lo.

A guerra se inicia. O belo jovem, à frente do exército, agita sua grande espada e, de modo sobrenatural, atira a primeira horda de inimigos para longe. Nada se compara ao que acontece a seguir. Mais veloz do que um raio, ele derruba outro grupo que se aproxima e grita para que seus homens ataquem.

De repente, o jovem olha diretamente para mim, como se pudesse me ver lá de baixo.

Você veio, ouço uma voz grave e elegante em minha cabeça.

A voz dele. Mas quem é ele?

Erin, o jovem responde, como se pudesse me ouvir. Meu nome é Erin.

Acordo do sonho como se tivesse dormido por séculos.

Fito o teto do aposento real e respiro devagar, tentando colocar meus pensamentos e emoções em ordem. Aconteceu outra vez. A frequência com a qual tenho esses sonhos tão reais me assusta, principalmente porque não tenho ideia do que eles podem significar. Por que eu sonharia com lugares que nunca visitei? Com pessoas que nunca conheci? É tudo minha imaginação?

O som agudo do choro de criança no outro lado do quarto chama a minha atenção para o presente. Eu me sento na cama, fraca e confusa, e vejo rei Kilian de pé perto da lareira segurando algo nos braços. Nosso bebê. Ele parece tão desajeitado e constrangido que eu riria muito da situação se tivesse forças para isso. Fascinada pela cena, observo-o mudar o peso de uma perna para outra conforme nina a criança numa tentativa de fazê-la para de chorar.

- Shh - ele silva. - Shh... vai acordar a mamãe.

Meus lábios se esticam em um sorriso enorme.

- Kilian - chamo seu nome, rouca.

Sua cabeça se ergue e ele olha em minha direção. Então me dá o sorriso mais bonito que já vi e eu me sinto derreter.

- Anna - ele sussurra ao se aproximar e beija meu rosto. - Aqui - ele coloca a criança em meus braços e senta ao meu lado na cama -, conheça Esther de Coronte, nossa princesa primogênita.

Ela é linda e será ainda mais. Sei disso assim que meus olhos pousam em seu pequeno rosto. Assim que a seguro contra meu peito, ela para de chorar e se encolhe. Em poucos minutos, está dormindo profundamente.

Kilian me puxa para mais perto dele e eu repouso minha cabeça em seu ombro.

- Esther? - pergunto, tão feliz que estou a ponto de chorar.

- Sim - Kilian beija meus cabelos. - Nossa pequena Esther. Tomei a liberdade de escolher o nome dela, já que você escolheu o nome de nosso próximo herdeiro.

Dou uma risada cansada e olho para ele.

- Eu acabei de ter uma criança e você já quer mais uma, Majestade?

Sua mão acaricia minha bochecha.

- Esther precisa de irmãos.

- Humm.

- Se nosso próximo filho for um príncipe, o chamaremos de Erin, como você quer.

Eu congelo.

Erin. O nome que eu disse que daria a um filho meu. O nome do jovem que se parece tanto com Kilian em meu sonho.

Entrego Esther para Kilian e me debruço na beirada da cama, colocando para fora todo o alimento que até então estava em meu estômago.

Capítulo 39

Eu já ouvi histórias sobre videntes.

São pessoas com capacidades sobrenaturais que veem o futuro de forma inexplicável. Quando eu era criança, ouvi inúmeras histórias sobre videntes que previam guerras, doenças e mortes, mas eles nunca eram vistos com bons olhos e muitos foram mortos, acusados de bruxaria. Talvez fossem mesmo bruxos. Eu nunca pensei muito neles até começar a achar que isso está relacionado comigo.

Agora que paro para pensar, eu sempre tive sonhos fora do comum, todos eles sobre pessoas com quem eu convivo e que são importantes de alguma forma para mim. Sonhos sobre coisas que ainda não aconteceram, mas que parecem tão verdadeiros como se fossem algum tipo de profecia. Desde que Kieran e eu nos conhecemos, eles se tornaram mais frequentes e intensos a ponto de eu começar a ficar assustada comigo mesma. Por que tenho esses sonhos? O que eles significam? São mesmo sobre eventos que ainda não aconteceram?

O choro irritadiço de Esther me traz de volta ao presente e eu a sacudo em meus braços, tentando fazê-la dormir. Minha filha não tem nem uma semana de vida e já conquistou o coração do reino inteiro. Ela recebeu presentes muito generosos de nobres e de súditos e inúmeros visitantes vêm de fora para participar da celebração que será feita em comemoração ao nascimento da princesa.

Os preparativos para o banquete de apresentação de Esther estão prestes a me deixar maluca, mas me mantêm ocupada e longe de cardeal Izack. Ele parece mais insuportável conforme os dias passam. Comentei sutilmente com Kilian sobre a maneira como o cardeal se intromete em assuntos da Coroa e em assuntos particulares de nossa pequena família e ele disse que está ciente de tudo e observando. Fico impaciente sempre que penso na frieza e tranquilidade com que ele trata os agentes da Igreja e me pergunto se eu devia fazer algo sobre isso - afinal, também tenho um papel importante no governo de Coronte.

Esther chora mais alto no mesmo instante em que duas damas de companhia e a ama de leite chegam ao quarto. Eu passei os últimos dias inteiros com minha filha, amamentando, banhando e cuidando dela, mas, por imposição do cardeal, devo retornar aos meus deveres reais uma vez que já me recuperei do parto difícil que a trouxe ao mundo. Parece que deixar as crianças nobres aos cuidados de damas de companhia e amas de leite é um tipo de tradição aqui em Coronte - a qual eu já odeio com todas as minhas forças. As mulheres que acabam de chegar ficarão encarregadas do bem-estar de Esther e eu quase as odeio também.

- Majestade - elas me reverenciam ao mesmo tempo.

- Vocês chegaram muito cedo - comento, estreitando meus braços ao redor do pequeno corpo de meu bebê.

- Foi a pedido do...

- Cardeal Izack - completo, revirando os olhos. - Sim, eu sei.

Ouço duas batidas na porta aberta e vejo um dos guardas parado, olhando para mim.

- O rei solicita a presença da rainha na sala do trono - anuncia com uma reverência respeitosa.

Eu suspiro alto, mostrando meu descontentamento, e entrego Esther a uma das damas. Ela segura a princesa como quem segura um baú cheio de ouro e evita me olhar nos olhos. Devem ter corrido por aí os rumores de que eu tenho estranhas alterações de humor ultimamente e que me tirar do sério não é uma boa ideia.

- Estarei de volta logo - aviso, olhando para cada uma mulheres no quarto. - Cuidem bem da princesa.

- Sim, Majestade - todas me reverenciam de cabeças baixas.

Deixo o aposento pisando duro e rumo, seguida pela minha escolta particular, para a sala do trono que fica do outro lado do palácio. Encontro rei Kilian de pé, observando intrigado o enorme mapa dos quatro reinos desenhado na parede. General Soren está ao seu lado e eu o ouço murmurar coisas que não entendo. Aproximo-me sutilmente, faço uma reverência para o rei e cumprimento o general com um sorriso amigável.

- Bom dia, rainha Sonya - o general se curva para mim.

- Bom dia - respondo. - Há algo em que posso ser útil?

Os olhos cor de safira de Kilian se fixam nos meus e eu logo sei que ele está preocupado. Muito.

- É o reino de Omem - ele diz, desviando o olhar para o mapa. - As coisas estão ficando complicadas por lá.

Franzo a testa. O reino do norte. O lugar de onde vim e nosso recente inimigo de guerra.

- O que aconteceu? - pergunto.

- Omem é governado pela rainha Vytoria - responde general Soren, cruzando os braços -, que acaba de assumir publicamente a prática de feitiçaria.

Fico boquiaberta.

- A Igreja decidiu interferir e uma guerra contra Vytoria não está fora de questão - Kilian diz, ainda encarando o mapa. - Já estão se movimentando.

Arquejo, pega de surpresa.

Oh, céus, não. Não pode haver outra guerra tão cedo. Kilian e eu acabamos de ter um bebê e estamos na melhor fase de nosso casamento. Não vou suportar

outra vez a possibilidade de perdê-lo.

- Não... não há nenhuma outra maneira de lidar com isso? - pergunto, sentindo minhas pernas tremerem. - Por que precisa haver guerra?

- O Papa acredita que a única maneira de conter os avanços da cultura pagã é destronando a rainha bruxa. Ela é poderosa e não vai ceder tão facilmente, então é provável que haja um combate - explica o general.

Olho para Kilian, suplicante.

- Não vá - peço. - Não faça parte disso, por favor.

Ele me encara com uma expressão furiosa.

- Não posso me recusar, Sonya.

Sacudo a cabeça e seguro seu braço.

- Não - minha voz treme. - Deve... deve haver uma maneira de fazer o que o Papa quer sem que haja uma guerra!

General Soren suspira.

- Estamos sem muitas opções, Majestade. Não há como evitar essa guerra.

Mordo o lábio com força, tentando desesperadamente pensar numa solução para esse problema.

Outra guerra contra Omem não pode acontecer. Não vou permitir. O sonho que tive de Liriel em ruínas brilha em minha memória, lembrando-me de que, mesmo sob uma nova identidade e casada com um rei estrangeiro, eu ainda pertenço ao reino do norte. Dentro de mim eu ainda sou Anna de Liriel e tenho responsabilidades como filha do duque daquelas terras e como parte do povo do norte. Querendo ou não, a rainha Vytoria é a rainha de minha terra natal e eu não posso ficar sentada assistindo à chegada de sua ruína pelas mãos de meu marido e seus aliados. Não posso.

Eu preciso evitar essa guerra.

Deixo a sala do trono momentos depois e passo horas na biblioteca real, em busca de alguma informação que possa me ser útil. Envio uma carta à rainha Irene explicando a situação e peço sua ajuda.

Está quase escurecendo quando decido ir à capela, onde o cardeal Izack passa a maior parte do tempo. Nunca estive aqui e me sinto extremamente desconfortável. A atmosfera é um tanto sufocante, apesar de este, em teoria, ser o local ideal para fiéis encontrarem consolo e respostas. Passo pelas portas duplas de madeira e me deparo com um pequeno salão, onde vejo bancos de madeira escura, imagens nas paredes e belos vitrais coloridos. Meus passos ecoam pelo lugar e eu pareço estar completamente sozinha até ouvir sussurros vindos de uma pequena porta num canto. Não me deixo intimidar e caminho até estar bem perto da porta. Os sussurros se transformam em palavras inteligíveis.

- Ela foi mandada embora há muito tempo - diz uma voz jovem e masculi

- E a criança? - parece a voz do cardeal.

- Nasceu sem problemas.

Ouço um xingamento e um baque na porta.

- Elimine-os! - a voz do cardeal soa cortante. - Não deixe rastros!

- Como quiser, meu senhor - o jovem responde com temor.

A porta se abre totalmente e eu me deparo com cardeal Izack. Ele parece chocado ao me ver, mas se recompõe rapidamente e ajeita as roupas de cor púrpura.

- Majestade - Izack me reverencia com um meneio de cabeça.

- Cardeal - eu nem me movo.

- O que a traz aqui? Veio finalmente se confessar?

Finalmente?

- Não, cardeal - respondo, sem perder a compostura. - Vim tratar de um assunto sério com o senhor.

Ele parece lisonjeado, mas sei que é fingimento.

- Oh. Sinto-me honrado, mas não posso imaginar que assunto poderia...

- Uma outra guerra contra Omem não pode acontecer - vou direto ao ponto.

Ele arqueia as sobrancelhas grisalhas.

- Perdão?

- Sei que o Papa quer proteger suas crenças e fiéis, mas declarar guerra é loucura!

- Mas, rainha Sonya, por que está se envolvendo nesses assuntos? - sua testa se enche de vincos.

Arregalo os olhos.

- Porque me dizem respeito. Coronte mal se recuperou da última guerra e a Igreja já quer nosso exército outra vez?

Cardeal Izack dá dois passos para mais perto de mim, parecendo estupefato.

- Vossa Majestade está questionando o Papa? Está questionando a vontade de...

- Deve haver outra maneira de o Papa conseguir o que quer - interrompo.

O cardeal ri com sarcasmo.

- E que maneira miraculosa seria essa?

Hesito.

Então tenho uma ideia.

- Casamento! - digo um pouco alto demais.

O sorriso debochado do cardeal desaparece.

- Casamento?

Assinto.

- Não existem rumores sobre o desejo da rainha Vytoria de se casar? Pois bem! A Igreja pode arranjar um marido para ela e...

Ele me interrompe com uma risada que ecoa pela capela.

- Como pode ser tão ingênua, rainha Sonya?

Crispo os olhos.

- Cardeal, eu...

- Não há um homem nesse mundo que aceitaria a mão de uma bruxa em casamento! É ultrajante!

- De-deve haver... - gaguejo - deve haver alguém. Podemos recompensar o homem que...

- Impossível. Isso está fora de questão.

- Prefere uma guerra a um casamento? - fico revoltada.

Cardeal Izack cruza as mãos diante do corpo e me olha de forma impassível.

- Esses assuntos não cabem a uma rainha. Sugiro que retorne aos seus afazeres, Majestade. O banquete em homenagem à princesa não está próximo?

Cerro minhas mãos em punhos. Minha paciência acabou.

- Escute aqui, seu...

- Rainha Sonya! - uma voz forte como um trovão ecoa na capela, interrompendo-me.

Rei Kilian.

Eu me viro a tempo de vê-lo atravessar as portas duplas abertas e caminhar até nós com os olhos faiscando de raiva. Ele se aproxima, me pega pelo braço e, sem olhar para mim, fita o cardeal como se quisesse transformar o homem em pó.

- Terei que interromper a conversa, cardeal - diz com voz gutural.

Cardeal Izack sorri. Ele parece uma cobra.

- Como quiser, Vossa Majestade.

Kilian se vira para sair e me puxa com ele, fazendo com que eu me lembre do quanto ele é maior e mais forte do que eu. Sou levada até nossos aposentos e Kilian dispensa as criadas que ali estão.

Assim que ficamos sozinhos, ele fecha a porta e me encara com uma expressão realmente séria.

- O que você está fazendo? - sua voz soa baixa.

Suspiro.

- Estou tentando impedir essa guerra.

- Por que foi provocar o cardeal? Anna, você deve ficar longe da vista dele.

Sacudo a cabeça.

- Eu não o provoquei. Ele sempre arranja uma maneira de me ofender com suas sugestões idiotas sobre como devo me comportar e dessa vez eu ia dizer umas verdades para aquele velho ma...

- Anna - Kilian adverte, arqueando as sobrancelhas. Então se aproxima e segura meu rosto com as duas mãos. - Sei que está preocupada com sua terra natal, mas se eu soubesse que seria tão imprudente não teria contado nada a você. Não pode desafiar um representante da Igreja dessa forma.

Fico irritada.

- Então devemos obedecer a tudo o que aquela cobra diz?

- Não - Kilian acaricia minhas bochechas com os polegares. - Devemos ser prudentes e espertos. Lidar com cardeal Izack é como lidar com veneno: se for inteligente o suficiente ao manuseá-lo, ele pode ser útil. É perigoso, eu sei, mas veja-o como um mal necessário.

Estalo a língua e afasto as mãos de Kilian.

- Não gosto dele - admito. - Na verdade, eu o detesto. Ele está ameaçando nossa segurança e de todo o reino.

Kilian suspira.

- Não permitirei que ele faça nada que nos prejudique, minha rainha - diz, como se fosse uma promessa. - Confia em mim?

Cruzo os braços, evitando fazer contato visual com Kilian. Tenho vontade de cobri-lo de beijos quando ele diz esse tipo de coisa.

Sua mão quente puxa meu braço e ele me aperta contra seu peito.

- Confia em mim? Hein? - insiste em fazer contato visual comigo.

Reviro os olhos.

- É claro que confio - respondo, rabugenta. - Você confia em mim?

Kilian exibe um sorriso que me deixa derretida.

- Com a minha vida.

Esse é mais um motivo para impedir essa guerra. Um casamento para a rainha Vytoria não parece ser má ideia, apesar do que o cardeal disse sobre homem nenhum querer isso. Estou certa de que deve haver um pretendente à altura de ser o consorte real de Omem e que, incentivado por uma boa recompensa, ele salvará a todos nós. Preciso tentar, ao menos.

Kilian está prestes a dizer alguma coisa quando, de repente, os sinos de alerta tocam. Nós dois nos entreolhamos, alarmados, e corremos até a janela do quarto. Os sinos não tocam a não ser que haja uma séria emergência. Algo de errado está acontecendo.

- Kilian... - começo a dizer, aflita.

Por mais que eu estique o pescoço e tente ver por entre as torres, não consigo enxergar o portão. Tudo o que vejo são guardas correndo pelo pátio enquanto sacam suas espadas. O badalar dos sinos faz meu coração disparar.

- Há algo errado - puxo a manga da túnica de Kilian. - Vou buscar Esther e...

Ele me segura.

- Não - seus olhos lampejam. - Fique aqui e não saia até que eu venha buscá-la.

- Kilian, não! - é minha vez de segurá-lo.

- Eu vou buscar Esther - ele afasta minhas mãos. - Fique em segurança, entendeu?

Tento agarrá-lo, mas Kilian se afasta rapidamente e passa pela porta do

aposento, fechando-a atrás de si. Corro e puxo a maçaneta dourada, mas a porta não se move.

- Protejam esta porta com suas vidas - ouço Kilian dizer do lado de fora. - Mantenham a rainha segura, não importa o que aconteça.

- Sim, Majestade! - eles bradam.

- Kilian! - bato com os punhos na porta. - Kilian, volte! Volte aqui!

Saio de perto da porta e corro para a janela, para tentar ver algo que me dê uma pista do que está acontecendo. O que é isso, uma invasão? Rebelião? Um incêndio, talvez? A incerteza quase me mata e eu roo todas as minhas unhas até que, finalmente, Kilian retorna com Esther nos braços e o dobro de guardas que costumam me escoltar.

- Sonya - ele me aperta contra seu corpo rapidamente. Está pálido.

Tomo Esther em meus braços e ela choraminga, meio adormecida. Kilian ergue meu queixo, fazendo-me olhar para ele.

- É como eu temia - sussurra -, fomos invadidos. Uma facção do norte se infiltrou no palácio e matou quinze homens.

- O quê? - eu quase me engasgo com minha própria saliva.

- Tirar você e Esther daqui é prioridade número um, então preciso que vá com os guardas até o esconderijo e depois...

- Sem chance - sacudo a cabeça, agarrando a gola de sua túnica. Nosso contato é íntimo demais para ser visto pelos guardas, mas não me importo. Não quero Kilian longe de mim. - Não vou a lugar nenhum sem você.

Ele ofega.

- Nem mesmo se essa for a única chance de salvar nossa filha?

- Besteira. Vamos juntos.

Kilian esfrega a própria testa e suspira.

- Não discutirei isso com você - ele franze a testa, zangado. - Esta é uma ordem que estou dando como seu marido e rei. Esconda-se com Esther e eu prometo que as encontrarei depois.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Por que o destino insiste em ficar nos separando?

- Você... promete? - acaricio seu rosto, tocando as suaves cicatrizes dele. - Promete que vai voltar para nós?

Kilian segura minha mão e a beija.

- E eu não volto sempre?

Soluço.

Eu amaldiçoo quem quer que seja o responsável por essa invasão e por colocar minha família em risco. Se eu puder, farei com que pague caro por isso. Esse é meu único pensamento enquanto deixo o quarto com Esther nos braços e rodeada pela escolta. O último vislumbre que tenho de Kilian quase parte meu coração.

É a primeira vez que realmente o vejo prestes a chorar.

Capítulo 40

O esconderijo fica no subsolo, depois de inúmeros lances de escada e túneis confusos e abafados. Um dos guardas diz que o Bosque Dourado está sobre nossas cabeças, o que quer dizer que saímos do território oficial do palácio. Esther está quieta em meus braços e eu tento mantê-la coberta e aquecida contra meu colo para que não acorde. Ela ainda é tão minúscula e frágil e já está correndo perigo. Será que meu azar vai afetar sua vida que mal começou?

- Por aqui, Majestade - um dos dez guardas me mostra o caminho pelo túnel.

Logo nos deparamos com portas grandes e grossas feitas de madeira e aço. O chefe dos guardas pede que todos esperem e dá uma sequência de batidas na porta, como um toque secreto. Ouço o som de passos do outro lado e das travas sendo abertas. Uma mulher de rosto coberto de fuligem surge, cautelosa.

- Dama Gina - ofega o chefe dos guardas. Ele parece conhecê-la bem a julgar pela maneira como a encara, aliviado.

- Evano... - os lábios dela se esticam num sorriso contido.

Outro guarda pigarreia, chamando a atenção dos dois.

- Por ordem do rei, trouxemos Sua Majestade e Sua Alteza para cá - Evano diz à mulher. - Vamos montar guarda no túnel e impedir qualquer avanço inimigo.

- Compreendo - ela assente e apoia a mão no ombro dele. - Tenha cuidado.

Evano assente e se vira para olhar para mim. Parece corado e seus olhos brilham um pouco à meia-luz.

- Majestade, entre. Estará em segurança com as mulheres e as crianças lá dentro.

Assinto e passo pela fileira de guardas que abre caminho para mim. Olho para Gina mais de perto e vejo o quanto é bonita. Ela me faz imaginar como minha amiga Vega estará com alguns anos a mais.

- Majestade - Gina se curva, sem jeito.

Forço um sorriso.

- Olá. Estão todos bem aí dentro?

- Sim, sim... - ela abre mais a porta. - Entre, por favor.

Olho para os guardas por cima do ombro. Kilian me disse uma vez que minhas palavras encorajadoras o iluminaram em momentos difíceis na batalha contra Omem. Se eu disser algo que anime esses homens eles vão ficar bem? Vão lutar até o fim para sobreviver?

- Conto com vocês, senhores - digo aos guardas. - Vamos todos passar por isso e voltar para nossas famílias.

Todos eles me reverenciam.

- Sim, Majestade!

Passo pela porta e entro no esconderijo com Esther nos braços e Gina atrás de mim. O lugar é um grande salão e parece um depósito de mantimentos, com prateleiras e sacos pardos de comida empilhados por toda parte. Está cheio de mulheres e crianças - algumas, como Gina, têm o rosto e as roupas sujas de fuligem. Apesar dos olhares de medo e desespero, ninguém aqui parece ferido. As portas atrás de mim se fecham e eu atraio todos os olhares do lugar quando me aproximo do grupo de mulheres.

- Rainha Sonya... - ouço vozes baixas sussurrarem.

- Majestade...

Há apenas algumas tochas iluminando o depósito, então só vejo silhuetas e alguns poucos rostos nitidamente. É o suficiente para saber que mulheres nobres estão misturadas com plebeias. Duas nobres se aproximam.

- Vossa Majestade está bem? - indaga uma delas, com os olhos arregalados. Assinto.

- Sim, estou.

- Sabe o que está acontecendo, Majestade? - a outra parece ter lágrimas nos olhos.

Abro a boca para falar, mas hesito. Se elas ainda não sabem, é melhor assim - não quero que entrem em pânico ao saber que o palácio foi invadido.

- Bem... eu ouvi que há uma emergência - respondo - e que precisamos ficar em segurança.

As duas suspiram, desapontadas.

Gina olha para ambas com desaprovação.

- Não aborreçam Sua Majestade dessa forma, todas estamos no escuro aqui - ela diz, apoiando as mãos nos quadris. - Literalmente.

As mulheres se entreolham. O guarda se referiu a Gina como dama, então ela deve ter autoridade suficiente para repreender essas duas.

- Perdão, Majestade - dizem em uníssono, de cabeças baixas.

Agito uma mão, dispensando suas desculpas.

- Está tudo bem, está tudo bem. Eu também gostaria de saber mais sobre o que está acontecendo. Foi tão repentino...

- Por favor, venha comigo, Majestade - pede Gina. - Vou acomodá-las - ela olha rapidamente na direção da pequena Esther.

Atravesso o salão atrás dela até chegarmos a uma porta de madeira gasta e sem maçaneta, que dá para um pequeno quarto com uma cama estreita e uma poltrona gasta e rasgada. Parece que essas serão minhas instalações e de Esther até que Kilian venha nos buscar.

- Queria poder arranjar um lugar melhor para... - Gina começa a falar, constrangida.

Eu sorrio e sacudo a cabeça.

- Não estou em posição de exigir luxo ou privilégios - digo, entrando no cômodo minúsculo.

Gina arregala os olhos. Vejo que ela tem muitas sardas no rosto pálido.

- Mas... mas a senhora é a nossa rainha - sua testa se enche de vincos. - Se não pudermos honrar nosso rei e rainha, que tipo de povo nós somos?

Suspiro.

- Vocês vivem me surpreendendo - comento, sem conter um sorriso cordial.

- Nós?

- De onde venho o povo é mais frio e mais distante de seus governantes - explico, sentando-me na beira da cama com Esther ainda adormecida em meus braços.

Gina parece ainda mais intrigada.

- É mesmo? Ouvi dizer que em Avival as pessoas são bastante calorosas, como o clima de lá.

Congelo.

- Ahn... é. Sim, isso é verdade.

Gina abre a boca para dizer alguma coisa, mas alguém surge à porta e chama por ela. Tudo indica que é a encarregada de manter a ordem aqui no esconderijo. Ela se curva para mim e de despede brevemente antes de deixar o pequeno quarto e eu solto o ar que nem notei que estava prendendo desde que ela mencionou Avival. Dou dois tapinhas em minha boca.

- Esther - sussurro perto do ouvido de minha filha -, sua mãe é uma boba.

Ela mexe os lábios, babando de um jeito adorável. Suas bochechas rosadas e seu queixo são idênticos aos meus, mas o nariz e a boca são de Kilian, assim como os cabelos escuros. Eu quero vê-la crescer e se tornar a bela mulher que sei que um dia ela será. Quero vê-la correr pelos bosques alaranjados de Coronte, livre como o vento e fascinante como um raio de sol. Quando fecho os olhos, posso vê-la assim e sei que essas são as palavras que definem desde já minha pequena Esther: livre e fascinante.

As horas no esconderijo parecem dias. Os dias parecem semanas. Fico perplexa ao saber que só estamos aqui dentro há três dias, pois esses dias parecem uma verdadeira eternidade. Os guardas do lado de fora nos informam, quando possível, sobre a situação no palácio. A facção tomou a ala oeste, mas foi contida e seus membros estão sendo interrogados, pois alguns conseguiram escapar e ainda podem estar no palácio. Eles vieram do norte para um atentado contra rei Kilian, após o anúncio de que Coronte apoiaria a Igreja num combate contra Omem.

Eu sabia desde o princípio que todos esses rumores de guerra só nos trariam desgraça.

Na manhã do quarto dia, Gina me acorda com agitação. Por instinto, abraço

Esther, que chora baixo e agita os bracinhos, procurando por mim.

- Hum... - esfrego os olhos com uma das mãos e levanto a cabeça para olhar para Gina. - Bom dia, Gina.

- Perdoe-me por acordá-la dessa forma, Majestade...

- Tudo bem...

- Parece que já podemos deixar o esconderijo.

Arregalo os olhos.

- Mesmo?

Ela assente.

- Sim. Há um cavalheiro aqui que gostaria de falar com a senhora.

Franzo a testa. Quem pode ser?

Acomodo Esther na cama e me levanto para lavar o rosto na bacia de água trazida por Gina. Troquei meu vestido de tecido caro por um vestido comum ontem, após um banho frio na tina estreita, e ele já está todo amassado. Fico imaginando o tempo todo quem é que veio procurar por mim. Será Kilian disfarçado?

- Eu posso cuidar da princesa enquanto Vossa Majestade vai ver o cavalheiro - Gina se oferece, quando estou prestes a sair do quarto com Esther no colo.

- Não é necessário - sorrio para ela. - Posso segurá-la o tempo que for preciso.

A ideia de me cansar de segurar meu bebê parece ridícula.

Gina assente.

- Como quiser.

Assim que piso fora do quarto, sinto um frio arrepiante percorrer meu corpo todo e paro. Algo está errado. Onde estão os sons das mulheres resmungando e tagarelando? Onde estão os sons das crianças brincando entre os sacos de comida? Por que tudo está tão quieto. Por trás, alguém me empurra e eu ando mais dois passos, chegando ao salão.

A pessoa que vejo parada ali me deixa completamente perplexa. Sinto meu coração acelerar de tal maneira que acho que vai sair pela boca.

- Há quanto tempo, Anna de Liriel - a voz dele ainda é gentil como me lembro, mas há certa maldade em seu olhar. Ele está rodeado por quatro homens com espadas embainhadas e expressões sanguinárias nos rostos.

Minhas pernas fraquejam e eu cambaleio, quase caindo com Esther.

- Você está ainda mais bela do que me lembro, se me permite dizer - ele abre um sorriso branco conquistador.

- Klaus... - o nome escapa por meus dentes, num silvo desesperado.

O que Klaus está fazendo aqui?

- E essa pequena joia deve ser minha sobrinha, o futuro de Coronte - Klaus olha para Esther, curioso.

Recuo, tentando sair da presença dele, mas alguém me empurra de volta.

Gina. Traidora.

- Se tentar fugir de mim assim, vai me magoar, Anna - diz Klaus, se aproximando devagar. Seus olhos verdes são os mesmos e, apesar da barba que deixou crescer, ele ainda é exatamente o mesmo de que me lembro, como se o tempo não tivesse passado. - Achei que fôssemos amigos - sussurra, já a poucos centímetros de mim.

- O que está fazendo aqui?

Ele sorri.

- Você descobriu tudo? - pergunta. - Por isso fugiu daquele jeito?

Arqueio uma sobrancelha.

- Do que você...? O que foi que eu descobri?

Klaus ri alto, como se eu tivesse contado uma piada. Ele parece, de alguma forma, surpreso.

- Puxa, então você não sabe mesmo?

Trinco os dentes.

- Sei do quê?! - grito. - O que eu não sei?!

Klaus tenta tocar meu rosto com as pontas dos dedos e eu me esquivo. Sua expressão muda de debochada para muito intensa e seus olhos se fixam em meu rosto como se nada mais importasse no mundo.

- Você e eu - sussurra e posso sentir seu hálito frio em meu rosto. - Nós estamos destinados.

Reviro os olhos.

- Isso é algum tipo de brinca...

- Não me diga que você nunca teve as visões - Klaus diz ainda mais baixo, me interrompendo.

Arregalo os olhos.

Visões?

Os sonhos estranhos que tenho?

- Você teve - Klaus assente. - Eu também as tenho, Anna. E é por isso que você e eu precisamos ficar juntos, como iguais. Foi por isso que eu limpei o caminho para nós e finalmente a encontrei.

Meu sangue parece congelar.

- O que quer dizer com limpar o caminho, Klaus? - rosno. - O que foi que... o que você fez?

Suas sobrancelhas se juntam, formando uma expressão triste.

- Você não sabe usar as visões que tem, não é? Como pode não saber de nada?

- O que você fez? - repito, perdendo a paciência.

Klaus suspira e joga a cabeça para trás. Parece cansado. Quando seus olhos encontram os meus novamente, parecem frios e indiferentes.

- Eu matei seu pai. Ele era o maior obstáculo entre nós.

Perco o fôlego.

O tempo parece parar, assim como as batidas do meu coração e o sangue que corre em minhas veias.

Meu pai.

Não.

Aquele Klaus cortês e gentil era incapaz de tal atrocidade. Algo muito errado está acontecendo.

Isso é real? É um pesadelo?

- Vo-você... - gaguejo, sentindo tudo começar a girar. - Não... não pode ser...

Alguém tira Esther de meus braços e eu não consigo impedir. Meu corpo parece dormente da cabeça aos pés. Olho para Klaus e cambaleio na direção dele, caindo em seus braços. Ele me dá nojo e eu quero afastá-lo, mas não consigo.

- Sim, eu fiz isso - ele confessa, segurando-me contra seu peito. - Tirei seu pai do caminho e depois tirei seu noivo. Infelizmente, eu a perdi e não consegui encontrá-la em lugar algum, por mais que eu procurasse. Até agora. Você é capaz de entender, não é? Juntos, podemos viver bem. Somos iguais e compatíveis. Temos dons. Separados, seremos atormentados pelas visões e sonhos que nos perturbarão até que fiquemos loucos. - Klaus faz uma pausa e dá uma risada alta e triste. - Eu estou enlouquecendo agora mesmo. Mas é tudo porque eu quero viver, Anna. Eu quero viver bem e preciso de você ao meu lado para que... as... as visões parem...

- Louco... - balbucio.

Klaus concorda.

- Sim, eu sei.

- Minha... minha filha... - tento me mexer, mas não consigo.

Klaus faz uma careta de choro.

- De todos os homens, por que você teve que se casar com meu irmão? - indaga, em desespero. - Por que deu uma criança a ele? Ela... ela devia ser minha...

Por que não posso me mover? Por que não posso estrangular esse maníaco como tanto quero?

Quando Klaus chegou a Liriel procurando por meu pai, eu inocentemente acreditei que ele era um príncipe de contos de fada. Quando ele me convidou para a noite de música, eu fiquei nas nuvens, apesar de estar noiva de outro. Quando ele disse que queria ganhar minha confiança, eu me senti valorizada. Frivolidades da juventude. Agora, porém, tudo mudou. Ele mudou e eu mudei e, por mais que parte das loucuras que ele diz faça sentido, quero que Klaus pague por seus atos. Não sinto simpatia alguma por ele. Sinto medo, sinto nojo

e sinto desprezo.

- Afaste-se... de mim...

Klaus beija minha testa.

- Nunca mais, Anna.

Ouço o som de uma espada sendo desembainhada.

- Solte-a! - uma voz familiar brada, trazendo-me dezenas de memórias inoportunas.

Viro o rosto bem devagar a tempo de ver meu ex-noivo, Kieran, apontar sua espada para a garganta de Klaus, com um olhar furioso. Os homens de Klaus também desembainham suas armas e se voltam contra Kieran. Mais homens chegam e entram pelas portas de madeira, fazendo grande alarde. Uma onda de alívio percorre meu corpo torpe quando vejo que eles são todos parte da Guarda Real.

Espantado, Klaus me abraça ainda mais forte contra seu corpo, me ergue em seus braços e corre comigo para longe do confronto. Eu grito e tento de debater, mas meus membros não respondem. Pelo canto do olho, vejo Gina abrir uma passagem atrás de uma prateleira e a luz do sol me faz fechar os olhos. Sou sacudida conforme Klaus corre para fora e começo a entrar em pânico a ponto de ter dificuldades para respirar. De repente, sinto o ar puro entrar por minhas narinas e me dou conta de que estamos do lado de fora, com apenas o céu sobre nossas cabeças.

Não consigo me mover.

Eu grito, mas ninguém vem ao meu socorro.

Só me resta chorar, impotente, enquanto sou levada para longe pelo príncipe assassino.

Capítulo 41

O som que me faz acordar é o canto dos pássaros. Se bem me recordo, são de uma espécie rara que está quase extinta. O canto é bonito, mas tão agudo que chega a ser irritante e me desperta completamente. Abro os olhos devagar e vejo as copas verdes de árvores altas e frondosas serem sacudidas pelo vento. O céu está quase escuro. Eu me dou conta, assustada, de que Coronte não tem árvores assim e que o canto de nossos é doce e suave.

- Onde estou? - resfolego para mim mesma, começando a entrar em pânico.

Tento me mover, mas algo prende meus braços junto ao meu corpo - uma corda grossa que impede até mesmo os movimentos das minhas mãos. Olho ao redor à procura de qualquer coisa afiada que possa cortar, mas tudo o que me cerca são árvores, grama e folhas secas.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Onde estou? Como vim parar aqui? O que aconteceu com meu marido e minha filha?

O som de folhas secas sendo esmagadas me assusta e eu me encolho.

- Você acordou - Klaus surge diante de mim, trazendo um cavalo consigo pelas rédeas.

Todos os acontecimentos que se sucederam depois que desmaiei retornam à minha memória e meu coração dispara, cheio de temor e incerteza. Eu olho para Klaus com ódio, para esconder meu medo.

- Desgraçado - rosno.

Ele arqueia uma sobrancelha, pouco afetado por meu xingamento.

- Esse não é o linguajar de uma rainha, é? - ele acaricia a crina marrom do cavalo.

Eu me levanto, mas perco o equilíbrio e caio de queixo no chão. Meus tornozelos também estão amarrados.

- Klaus, me leve de volta - peço, me contorcendo. - Prometo pedir ao rei que poupe sua vida se você me levar de volta agora - minto.

Klaus ri com desdém.

- Eu não tenho motivos para voltar lá e você também não.

- Minha família está lá!

- Agora eu sou sua família! - ele me levanta pelos ombros, me sacudindo. Há muita angústia em seu semblante e eu quase sinto compaixão por ele.

- Você está fora de si - digo, fitando-o nos olhos que um dia olharam para mim de forma gentil. - Isso não está certo, Klaus...

Klaus me coloca de pé diante dele.

- Não, não está. Mas tudo vai ficar bem assim que ela tirar essa maldição de nós.

Franzo a testa. Que loucura é essa agora?

- Ela? Ela quem? Que maldição?

Klaus revira os olhos, um pouco menos maléfico.

- Você saberá assim que chegarmos lá. Vou apresentá-la a alguém muito importante.

Eu me contorço, tentando me livrar de suas mãos.

- Não quero conhecer ninguém! Leve-me de volta a Coronte!

Klaus me segura firme pelos ombros, ficando de repente tão perto de mim que nossas testas quase se tocam. Ele me olha com intensidade e vejo, bem lá no fundo de seu olhar, que há certa ternura em seus gestos. Aproveito-me desse curto momento de fraqueza e bato com minha cabeça na dele com força, a ponto de ficar tonta. Klaus exclama e afasta o rosto do meu, mas não as mãos.

- Argh! Pare de ser tão teimosa! - ele grita, esfregando a testa no próprio ombro. Então me ergue nos braços com facilidade e me coloca sobre a sela do cavalo. - Você vai comigo, querendo ou não.

Abro a boca para xingá-lo, mas o cavalo se agita, inquieto. Klaus olha ao

nosso redor, tenso e cauteloso como um fugitivo. Eu procuro por qualquer sinal de vida - ou de resgate - por entre as árvores, porém não há nada. Ninguém está procurando por mim?

- Já ficamos aqui por tempo demais - ele murmura, enquanto monta atrás de mim.

Klaus passa os braços ao meu redor e segura as rédeas do cavalo com maestria, esporeando o animal. Eu queria que ele fosse mais desastrado para me dar uma oportunidade de fugir.

- Sei o que está pensando - Klaus diz contra minha orelha. - Nem tente. Você não irá longe. Estamos quase na fronteira.

Meus cabelos balançam soltos ao vento conforme cavalgamos e eu tento virar o rosto para encarar Klaus.

- Fronteira?

Ele assente, com os olhos fixos no caminho a nossa frente.

- Em poucos minutos chegaremos ao reino de Omem.

- O quê? - vocifero. - Omem? Por que está me levando para Omem?

- Calada.

- Responda! - eu me contorço. - Você sabe que Coronte e Omem estiveram em guerra há pouco tempo, não sabe? E sabe também que é possível haver mais uma, não é? Não pode me levar para lá! É como entregar a vitória a eles!

Klaus esporeia o cavalo outra vez e o animal corre ainda mais rápido.

- Foi para isso que você veio, não foi? - pergunto. - Toda aquela baboseira de visões e maldição era mentira. Está a serviço da rainha Vytoria, seu traidor cretino? Como pôde trair seus irmãos?

- Cale-se! - Klaus grita, enfurecido. - Eles não são meus irmãos.

Viro o rosto para encará-lo.

- São sim. Kilian me contou.

- Cale-se.

- Você deveria tentar ganhar a confiança dele e o perdão da Coroa - digo, antes que me dê conta do que estou falando. - Se realmente quer retornar a Coronte como príncipe, você...

Klaus puxa as rédeas e o cavalo relincha alto antes de parar perto de arbustos altos. Eu me contorço outra vez, tentando descer e fugir, mas Klaus me aperta contra ele, forçando-me a olhá-lo diretamente nos olhos.

- Se não calar essa boca agora...

- Vai fazer o quê? - desafio.

- Vou calá-la eu mesmo.

Os olhos verdes de Klaus se fixam em meus lábios e, por um segundo, seu rosto pálido parece mais ruborizado. Arregalo os olhos, entendendo o duplo sentido de suas palavras e viro o rosto para o outro lado.

- Não se atreva - sussurro.

Voltamos a cavalgar - dessa vez em silêncio absoluto. Está escuro quando eu finalmente começo a sentir o frio familiar do norte, de minha casa. Meu corpo reage às minhas memórias de infância e juventude na neve e isso me emociona, pois é quase como se eu nunca tivesse deixado esse lugar. Sou abalada pelas saudades que sinto meu pai, de meus amigos e de minha casa e meus olhos se enchem de lágrimas. Eu me esforcei tanto para enterrar essas memórias e esses sentimentos e agora sou trazida de volta dessa forma. Não é justo.

Klaus puxa as rédeas do cavalo de repente e eu percebo que estive cochilando recostada nele pelos últimos minutos. Crispo os olhos, tentando me localizar. Paramos diante de uma cabana de madeira que parece completamente abandonada e Klaus desmonta.

- Onde estamos? - minha voz quase não sai.

Klaus estende os braços para me descer do cavalo.

- Não pergunte.

- Eu tenho esse direito. Como vou saber que você não vai me matat e esconder meu corpo ali dentro? - aponto para a cabana com o queixo.

Klaus revira os olhos.

- Não seja ridícula.

Ele me puxa e me segura nos braços. Remexo as mãos para checar se as cortas ainda estão bem presas e concluo que estão. Em algum momento ele vai me soltar, certo? Preciso planejar minha fuga com calma.

- Eu disse que traria você para vê-la - diz Klaus, caminhando para a entrada da cabana -, assim podemos quebrar a maldição e ficar juntos.

Olho com ódio para ele.

- Eu não quero ficar com você.

Klaus não demonstra nenhuma reação. Acho que sequestradores sabem que suas vítimas não querem ficar presas com eles.

Ele chuta a porta de entrada feita de madeira e me coloca de pé no chão assim que entramos. A cabana está completamente vazia a não ser por uma poltrona chamuscada no centro do que parece ter sido uma sala. O lugar todo cheira a queimado e só é iluminado pela luz da lua que entra pelas janelas abertas e buracos no telhado.

- Quem vamos encontrar? - pergunto, inquieta. - Onde essa pessoa está?

- Shhh! - Klaus me repreende. Parece muito irritado agora.

Ficamos encarando o nada por quase uma eternidade até que, subitamente, um floco de neve do tamanho da minha mão entra por um buraco no telhado e flutua até cair exatamente em cima do assento da poltrona. De forma sobrenatural, todo o móvel fica coberto de neve e um vento impetuoso sacode a cabana. Eu me encolho e olho para trás, pensando comigo mesma se esse não seria o melhor momento para fugir.

- Vossa Graça! - Klaus exclama de repente e apoia um dos joelhos no chão, curvando-se.

Volto a olhar para a poltrona e vejo, sentada nela, uma mulher de pele escura, olhos e cabelos brancos e vestes feitas do que parece gelo e cristal. Sobre sua cabeça, uma coroa belíssima e brilhante.

- Oh - minha boca se abre em choque.

Essa mulher é exatamente igual à mulher que vi em meu sonho, presa numa torre enquanto seu palácio é invadido por um exército inimigo. É ela. Eu sei que é. Mas, afinal, quemde fato é ela?

- Saudações, Anna de Liriel - a mulher se levanta graciosamente. - Ou devo chamá-la de Sonya, rainha de Coronte e Avival?

Arregalo os olhos. Klaus contou sobre quem eu sou? Até onde a loucura dele vai nos levar?

- Você deve estar se perguntando quem sou eu - a mulher continua a falar, inexpressiva.

Engulo em seco. Tenho um palpite sobre quem ela é, mas não me atrevo a dizer.

- Meu nome é Vytoria, soberana de Omem ontem, hoje e para sempre.

Minhas pernas fraquejam e eu quase caio. Diante de mim está a rainha Vytoria de verdade, a quem eu, como alguém nascida do norte, devo obediência e devoção. Ao mesmo tempo, ela também é inimiga do reino de meu marido, a quem devo ainda mais obediência e ainda mais devoção. Finalmente é chegado o maior conflito entre Anna e Sonya, um que eu nem sequer poderia imaginar que viria me assombrar.

Olho de esguelha para Klaus, querendo estrangulá-lo.

- Por que me trouxe aqui? - indago, quase desesperada.

Eu estava certa o tempo todo, mesmo sem querer: Klaus traiu Coronte e o irmão para me entregar ao reino inimigo como refém. Tenho que admitir que foi um movimento arriscado e imprudente, mas muito sagaz.

Rainha Vytoria ergue uma das mãos e, para meu espanto, as cordas ao meu redor congelam tanto que se rompem em inúmeros flocos de neve. Por um segundo, estou livre. Mas não ouso me mover. Se ela fez isso com uma corda, é perfeitamente capaz de fazer o mesmo comigo.

- Você já ouviu os rumores sobre mim, não ouviu? - ela pergunta.

Engulo em seco, paralisada.

Sim. E agora vejo com meus próprios olhos: de fato, Vytoria é uma bruxa.

- Após anos me escondendo, finalmente decidi revelar aos quatro reinos a existência de meus dons - ela continua, estática como um bloco de gelo. - Como deve saber, a Igreja se posicionou contra minhas práticas e contra meu reino e declarou guerra.

- Não, não faça isso - as palavras escapam de meus lábios antes que eu possa me conter. - Por favor, não entre nessa guerra. Tenho certeza de que, como rainha, você também zela pelo bem de sua família e de seu povo e travar uma guerra agora seria...

- Como rainha também? - os olhos de gelo dela se crispam, brilhantes. - Você não é uma rainha, apesar de estar casada com um rei. Não sabe nada sobre o bem-estar de uma nação. Seu sangue não é puro, Anna de Liriel.

Fico ofendida.

- O que sabe sobre mim e sobre o meu sangue?

- Anna... - Klaus tenta interferir.

Vytoria ergue a mão para ele, interrompendo-o, e ele se cala como um cão arrependido.

- Você é descendente do clã de poderosos videntes que foi exterminado há décadas - ela começa a caminhar para mais perto de mim e de Klaus. - Sua mãe tinha o sangue puro e era a última grande vidente que restava nos quatro reinos. Ela perdeu os dons após dar à luz sua primeira criança, filha de um rei.

Arqueio as sobrancelhas.

- O quê? - balbucio.

A testa da rainha se enche de vincos.

- Você não sabe de nada? - Então olha para Klaus. - Não contou nada a ela?

- Perdão, Majestade - ele se coloca de pé devagar. - Temi que ela fugisse.

Cerro meus punhos.

- O que quer dizer com isso? Minha mãe, vidente? Deu à luz uma princesa?

Rainha Vytoria me olha com desprezo.

- A primeira filha de sua mãe foi a princesa Sonya, de Avival.

Dou uma risada debochada que mal expressa meu choque. As coisas estão ficando cada vez mais surreais e estão me fazendo duvidar da realidade. O que está acontecendo aqui agora não deve passar de mais um de meus sonhos insanos. Não pode ser verdadeiro.

- A julgar por sua reação, você não sabia mesmo - comenta rainha Vytoria.

- Isso... isso não faz o menor sentido - sacudo a cabeça. - Como minha mãe pode ser mãe de Sonya? Minha mãe era esposa do meu pai! Eles viveram a vida toda em Liriel!

A rainha aperta os lábios.

- Eu vi Gerda, sua mãe, nascer. Eu a segurei em meus braços e a acolhi como minha vidente e amiga durante muitos anos e fui eu quem a enviou para ser a esposa e rainha do rei de Avival - os olhos de Vytoria fitam o teto, impassíveis. - Ela era feliz lá, mas adoeceu após engravidar. A criança em seu ventre não lhe fazia bem e Gerda mal sobreviveu ao dar à luz. Ela perdeu os poderes e estava morrendo. Foi quando decidi interferir e trazê-la de volta, forjando sua morte.

Mordo o lábio e sacudo a cabeça com violência. Eu me recuso a acreditar.

- Não, não, não.

- É a verdade, quer você acredite ou não - os olhos da rainha quase perfuram os meus. - Eu trouxa Gerda de volta para cá e ela conheceu seu pai. Ganhou uma segunda chance para recomeçar, mas então... - sua mão se estende até meu pescoço, parando a centímetros de minha pele. Posso sentir o frio emanando dela, mesmo quando a rainha se afasta. - Então você foi concebida. Você nasceu e isso quase a matou outra vez. Mas, para a minha surpresa, você era especial como ela e Gerda não queria abandonar outra criança. Permiti que ela vivesse uma vida comum, até que...

Um silêncio mortal toma conta da cabana e eu olho para Klaus. Ele sabia de tudo e não me contou?

Sinto algo pingar de meu rosto e me pego chorando como um bebê. Enxugo meu rosto apressadamente com as costas das mãos, tentando conter o turbilhão de emoções que parece querer me destruir de dentro para fora. Eu não consigo aceitar nada disso. Não é possível que minha vida já caótica esteja tomando um rumo tão grotesco e surreal.

Olho para Klaus outra vez.

- E você? - rosno, prestes a explodir. - Qual o seu papel nisso tudo, cretino?

- Klaus veio a mim após ser rejeitado pela própria família e eu o acolhi - rainha Vytoria responde por ele. - Desde então, tem sido de grande ajuda para o cumprimento de meus propósitos.

Volto a encará-la.

- Que propósitos?

Rainha Vytoria ergue uma sobrancelha.

- Eu não os compartilho com qualquer um.

Bufo, cerrando os punhos. Todo esse teatrinho já está me tirando do sério.

- Então me deixe voltar para minha família - digo, tentando não soar tão suplicante como me sinto. - Eu não tenho nada a ver com seus propósitos ou com o seu reino. Não mais. Meu lugar é em Coronte ao lado de meu marido e minha filha e mesmo que me prenda aqui para sempre, não haverá um dia em

que eu não tente escapar.

Rainha Vytoria cruza os braços.

- Você é realmente filha de Gerda.

- Nunca mais voltará a Coronte, Anna - diz Klaus, me puxando pelo cotovelo para seus braços. - Seu lugar é aqui.

Eu o empurro.

- Não.

- Sua Graça me prometeu o que eu quisesse em troca dos meus serviços e eu quero você ao meu lado - ele insiste em tentar me abraçar -, não resista!

- Pare! - empurro Klaus novamente e me afasto ainda mais dele. - Você perdeu o juízo? Está maluco?

Ele olha para a rainha como uma criança olha para a mãe ao perder um brinquedo. Parece cada vez mais fora de si.

- Majestade! A senhora me prometeu que...

Ela ergue a mão, interrompendo-o. Seu rosto frio parece demonstrar certa perturbação ao olhar para Klaus e depois para mim.

- Sinto muito, Klaus de Coronte - a voz da rainha é cortante como gelo. - Eu lhe disse que daria Anna a você se fosse capaz de ganhar o coração dela, não se lembra?

Dar-me a ele? Por acaso eu sou uma coisa?

- Parece que o coração de Anna pertence a outro... - murmura Vytoria.

Klaus sacode a cabeça.

- Não. Não! Ela foi separada de Kieran! Eu os separei e arruinei a vida dele para que nunca fosse capaz de encontrá-la! Ele não pode ter o coração dela depois de tanto tempo!

A rainha o encara com certo desprezo.

- Eu não estou falando de Kieran de Trollstone.

O rosto de Klaus se contorce, variando entre dor e raiva, e ele cambaleia até cair de joelhos diante de mim. Suas mãos agarram meus tornozelos.

- Diga que seu coração é meu, Anna - ele me suplica. - Meu irmão já tirou tudo de mim... você também não...

- Sinto muito - digo, apesar de não sentir. - Eu não posso lhe dar meu coração. E mesmo que pudesse, não daria.

Ele ergue o rosto e me encara.

- Você me enganou. Você matou meu pai. Você me separou de Kieran - cuspo. - Não posso lhe dar nada além de meu desprezo.

Ele se levanta num pulo e olha para a rainha, esperando alguma reação.

Vytoria fica me encarando por um longo tempo, absorta em seus próprios pensamentos e ignorando as reclamações sem fim de Klaus. Vejo seus olhos se iluminarem por um segundo e ela dá um passo para mais perto de mim. Isso faz com que o assassino maluco ao meu lado finalmente cale a boca.

- Anna de Liriel - Vytoria diz suavemente -, você é contra uma nova guerra entre os reinos Omem e Coronte, não disse?

- Sim.

- E fará qualquer coisa para retornar ao que você chama de família, não fará?

Eu não hesito.

- Sim.

Ela assente, pensativa.

- Faria um acordo comigo? - pergunta, com um pouco mais de vida nos olhos. - Para o bem do seu povo e das pessoas que ama, você aceitaria

estabelecer uma aliança comigo?

Crispo os olhos, desconfiada.

- Que aliança?

- Majestade, não... - Klaus tenta argumentar.

Rainha Vytoria respira fundo, ignorando-o, e fixa seus olhos em mim.

- Eu desejo me casar com o filho que você terá em breve, Sonya de Coronte. Essa é minha única condição.

Capítulo 42

- Não - minha voz estremece. - Você é louca.

A rainha de gelo arregala os olhos e eu encolho meus ombros instintivamente. Apesar de achá-la realmente louca, creio que devo ser um pouco mais cuidadosa com as palavras, apesar de não ter a intenção de ofendê-la. Ouvi histórias arrepiantes sobre o temperamento das bruxas e não estou em posição de provocar sua ira.

Lembro-me muito bem da sugestão que general Soren me deu quando eu buscava uma maneira de conseguir a ajuda da rainha Vytoria para salvar Liriel. Ele assegurou que ela desejava um casamento vantajoso e estava certo. Não posso dize que não considerei a ideia - parte de mim a achou até mesmo razoável -, mas ouvi-la agora da própria boca de Vytoria torna tudo dez vezes mais assustador e mais real. Estamos falando de meu filho, um filho que nem cheguei a conceber, mas a quem já amo de todo o meu coração.

Porque eu o vi. Eu vi Erin tão claramente como uma lembrança e, depois de ouvir tudo o que ouvi sobre minha mãe, sei que tive um vislumbre do futuro. Também vi rainha Vytoria e o lugar onde eles estavam ser atacado. Esse é o futuro que os aguarda se eu fizer essa aliança?

- Reconsidere - refuta Vytoria, cruzando as mãos graciosamente diante do corpo. Parece calma como uma brisa de outono, mas sei que ela é puro inverno.

Trinco meus dentes.

- Não posso fazer isso - sacudo a cabeça. - Qualquer criança que eu conceber pertence a Coronte, não a Omem. Além disso... - olho para ela da cabeça aos pés, sem conseguir imaginar qual a sua verdadeira idade.

Meu olhar traz uma expressão mais cálida a seu rosto frio.

- Vinte anos - diz, piscando os cílios longos e brancos. - Dê à luz um herdeiro e traga-o a mim quando chegar aos vinte anos.

Sacudo a cabeça.

- Isso é algo que não posso fazer.

- Você deve - ela dá um passo para mais perto e noto que o chão em que pisa congela. - Olhe para mim, Anna de Liriel.

Encaro-a.

- Seu maior desejo é salvar seu lar - seus olhos faíscam -, sinto isso emanando de você. E quando digo lar, me refiro a Coronte, a Liriel e até mesmo a Avival, onde você nunca esteve. Seu coração é bom e você é justa, o que me impediu de tê-la forçado a aceitar minha proposta de aliança. No entanto, Majestade - suas sobrancelhas brancas se juntam, contrastando com sua pele negra -, eu devo me casar com um herdeiro de seu sangue. Ser filho de

um guerreiro como rei Kilian o tornará ainda mais valoroso e depois de milênios a maldição finalmente será quebrada.

Mordo o lábio. É a segunda vez que ouço sobre essa maldição, mas não compreendo nada.

- Não... - sibilo.

- Será que devo...

- Eu preciso pensar - dou-lhe as costas, cobrindo o rosto com uma das mãos.

A cabana fica em silêncio e tudo o que escuto é a respiração ainda acelerada de Klaus.

- Enquanto não tomar sua decisão - ouço a rainha dizer e sinto algo gelado tocar meu ombro -, eu não posso deixá-la ir.

Antes que eu possa reagir, Klaus está com os braços ao meu redor e cobre minha boca com um lenço prateado. Olho profundamente em seus olhos e, por um segundo, penso no quanto são belos e perturbados. O lenço cheira a algo ácido que entorpece todo o meu corpo, mas que me deixa perfeitamente consciente - como aconteceu quando Klaus me tirou do esconderijo. Eu me assisto ser carregada por ele depois que a rainha diz palavras que não entendo e nós deixamos a cabana. Com olhares expressivos, tento suplicar a Klaus que me deixe partir, o que, obviamente, é inútil.

Estou apavorada. Não pelo fato de ter sido sequestrada ou por estar refém de uma rainha feiticeira. Não, o que acontece comigo está longe de me preocupar. Contudo, meu coração dói a cada segundo que penso em Kilian e em Esther e na possibilidade de algo ruim ter acontecido aos dois. É um medo muito maior e mais doloroso do que o que eu sinto sempre que alguém quase descobre minha verdadeira identidade. É descontrolado e cresce conforme penso nele e conforme tento superá-lo. Não quero ter medo - medo torna as pessoas fracas -, mas não posso evitar quando se trata das pessoas que mais amo.

Klaus me coloca sobre o cavalo e monta também, passando seus braços ao meu redor. Não acho que ele queira me machucar, ou já o teria feito antes de me entregar à rainha feiticeira. Ainda não compreendo o que aconteceu a ele desde a última vez que nos vimos. Naquele tempo, ele era a personificação da altivez e do requinte, tão cortês que me fez sentir balançada por seu olhar e sorriso. Hoje, Klaus parece despedaçado e cheio de desespero - exatamente o oposto do príncipe autoconfiante que conheci. Quero perguntar-lhe como acabou servo de uma rainha tão implacável e por que me quer tanto para ele. Quem sou eu para gerar tanto desespero?

Cavalgamos por uma longa trilha através de um bosque que fica cada vez mais escuro e frio. Sinto meu corpo gelado, apesar de não conseguir movê-lo, e Klaus me abraça com mais força para me aquecer. Quero afastá-lo, mas não o faço.

Adormeço aos poucos e sonho com uma tropa à cavalo cruzando uma densa

e sombria floresta. Os cavaleiros trazem consigo armas reluzentes e bandeiras com as cores púrpura e dourado. Homens da Igreja. Não conheço o território pelo qual estão passando, mas me assusta ver a quantidade de homens e a fúria em seus semblantes e sei que são capazes de tudo para conquistar seus objetivos.

- Estão vindo... - meus lábios balbuciam. - Eles estão vindo...!

Acordo assustada e cubro o rosto com as duas mãos. De olhos fechados, tento respirar com mais calma e aquietar meu coração. Então abro os olhos e me vejo deitada em uma cama grande, cujos lençóis são prateados e macios, em um quarto totalmente branco e prata. E frio. Muito frio.

Enquanto não tomar sua decisão, não posso deixá-la ir, disse Vytoria.

Salto da cama e tropeço nos lençóis que se enrolam em meus pés. Caio de joelhos no chão frio, mas me levanto rapidamente e corro até as portas brancas e compridas. Eu as puxo, empurro e sacudo, mas elas parecem feitas de barras de gelo sólido, o que me agonia e me deixa ainda mais transtornada.

- Ei! - grito tão alto quanto meus pulmões permitem. - EI! Deixe-me sair! Deixe-me sair daqui!

Corro meus olhos pelas paredes do quarto, à procura de janelas, mas não há nenhuma.

Isso não é um quarto. É uma cela de luxo.

Estou presa e parece que não vou sair daqui tão cedo.

Esfrego as mãos e caminho de volta para a cama para me aquecer, imaginando há quanto tempo estou aqui e o que preciso fazer para ir embora. Tenho que dizer a Vytoria que rejeito sua proposta para que ela me liberte? O que ela fará comigo depois? Será que toda aquela história de ser uma amiga próxima de minha falecida mãe é suficiente para fazer a rainha feiticeira ter alguma consideração por mim e poupar minha vida?

Eu devo recusar a proposta?

Uma aliança entre Coronte e Omem traria benefícios a ambos os reinos: cessaria as agitações da última guerra, ajudaria a reerguer Coronte, Liriel e Avival e acabaria com a possibilidade de haver uma nova guerra. É a solução para todos os problemas, pela qual procurei tanto e sem sucesso. Mas como posso entregar meu filho a alguém dessa forma? Não será justo com Kilian e muito menos com a criança que ainda vai nascer. Ainda assim...

- O que papai faria...? O que papai faria...? - pergunto a mim mesma, enrolada nos lençóis.

E, no mesmo instante, sei exatamente o que meu pai teria feito em meu lugar. É até bem óbvio, porque ele já fez. Eu me lembro de não compreender quando ele decidiu tomar essa atitude, mas agora eu vejo tudo por uma nova perspectiva. Eu finalmente entendo a situação em que ele estava e os motivos pelos quais fez o que fez.

Salto da cama e corro até as portas outra vez.

- Eu já tomei minha decisão! - digo em voz alta e clara. - Deixe-me sair!

- Muito bem - uma voz diz, atrás de mim.

Eu me viro, sobressaltada, a tempo de ver rainha Vytoria atravessar a parede de gelo do quarto como se fosse névoa. Minhas pernas fraquejam e eu a encaro embasbacada. Vytoria devolve meu olhar, cheia de expectativa.

- E então? - ela pergunta, postando-se diante de mim como se não tivesse acabado de fazer algo extraordinário.

- E-eu...

Ela faz um gesto com uma das mãos e as portas se abrem.

- Se já se decidiu, pode ir.

Arqueio as sobrancelhas.

- Posso?

- Foi a condição que estabeleci.

- Fácil assim? - desconfio.

Vytoria suspira.

- Enviarei uma mensagem ao Papa dizendo que a aliança entre os reinos de Omem e Coronte acaba de ser forjada - declara, altiva. - Dentro de vinte anos após o nascimento do primeiro herdeiro de Coronte, ele deve se unir a mim em matrimônio. Em troca, Coronte tem o apoio total de Omem em qualquer assunto de seu interesse, enquanto a aliança entre os reinos durar.

Engulo em seco.

- Como sabe o que eu decidi? - indago, erguendo o queixo. - Como sabe que não vou recusar sua proposta indiscreta?

Uma sombra de sorriso se forma discretamente em um dos cantos de seus lábios.

- Está estampado em seu rosto, Majestade.

Cerro os punhos, zangada.

- Certo, vamos logo com isso - rosno. - O que eu preciso fazer para tornar minha decisão oficial?

A rainha parece presunçosa.

- Nada. Sua palavra já me basta - ela caminha até mim. - Você, Anna de Liriel sob o título de rainha Sonya de Avival e Coronte, jura pelo sangue em suas veias e pelos amados em seu coração que sela essa aliança com o reino de Omem, prometendo seu primeiro herdeiro em casamento para que a paz seja estabelecida entre os reinos?

Respiro fundo. Espero que Kilian possa me perdoar por isso.

- Sim - digo em voz alta. - Eu juro.

Os olhos cristalinos da rainha brilham de maneira sobrenatural e ela dá um suspiro aliviado e os fecha. Impaciente, eu dou um passo para mais perto das portas.

- Posso ir agora?

Vytoria abre os olhos.

- Não há nada que a prenda aqui. - Ela estala os dedos e um copeiro grisalho vestido de branco surge à porta. - Acompanhe a rainha Sonya até a carruagem que a espera.

O copeiro se curva para a rainha e depois para mim.

Encaro Vytoria.

- Como vou saber que cumprirá sua parte no acordo? - provoco, olhando para ela por cima do ombro.

Vytoria crispa os olhos.

- Não sei como os costumes de Coronte são, mas aqui em Omem a palavra de alguém vale como um juramento eterno e inquebrável - ela responde. - Você tem a minha palavra e isso é o bastante.

Assinto. Liriel é tão distante do restante do reino de Omem que nossos costumes sempre foram um pouco diferentes, principalmente em se tratando de juramentos e alianças. Depender apenas da palavra de alguém, sem testemunhas ou registros, é realmente novo para mim.

- Adeus, Majestade - Vytoria meneia a cabeça. - Vejo Vossa Graça daqui a alguns anos.

- Adeus - dou-lhe as costas sem cumprimentá-la.

Sigo o copeiro em silêncio por corredores e lances de escada brancos e prateados que para mim parecem todos iguais. O último e mais comprido lance de escadas leva a portas imensas que parecem puro vidro e vejo através delas a carruagem que espera por mim. Um par de guardas usando armaduras prateadas abre as grandes portas e o copeiro me acompanha até a carruagem.

- Vão me levar direto para Coronte? - pergunto ao cocheiro, que me encara.

- Como quiser, Majestade - ele assente.

Seguro minha saia e entro na carruagem - que, admito, esperava ser feita de gelo ou vidro, mas é só uma carruagem comum. Acomodo-me enquanto o copeiro fecha a porta.

É nesse momento que ouço o som de cascos de cavalo batendo contra a neve e alguém grita meu nome lá fora. Meu coração para de bater por um momento quando reconheço a voz. Coloco a cabeça par fora da janela e vejo o capuz do cavaleiro cair enquanto ele se aproxima da carruagem montado em um cavalo branco muito veloz.

Kilian.

Abro a porta da carruagem e salto para fora e sem pensar duas vezes eu corro na direção dele. Kilian desmonta e também corre na minha direção, abrindo um sorriso bonito e emocionado que faz brotar lágrimas em meus olhos. Eu me lanço em seus braços e o aperto contra mim, sentindo que, de alguma forma, estou de volta ao meu lar. Kilian é minha casa.

- Você está viva, está bem... - ele resfolega contra minha orelha, ofegante.

Passo meus braços ao redor de seu pescoço.

- Estou... estou... - rio, aliviada.

- Minha Sonya... - Kilian sussurra.

Congelo.

Sonya?

Desde que descobriu quem eu realmente sou, Kilian aproveita toda e qualquer oportunidade para me chamar pelo meu verdadeiro nome. Por que está sussurrando o nome de Sonya, quando sabe que somente eu posso ouvi-lo?

Empurro com força, afastando-me dele.

Analiso seu rosto, suas roupas, seu corpo todo. É idêntico ao meu Kilian, mas não é ele.

Esse homem não é Kilian.

- Quem é você?

Sua testa se enche de vincos.

- O quê? - ele dá risada. - Qual o problema, querida?

Trinco os dentes e começo a dar passos cautelosos para trás. O Kilian falso agarra meu braço, trazendo-me para perto dele outra vez.

- Qual é o problema? - repete, fitando-me com os olhos intensos.

- Solte-me agora - peço, contorcendo-me.

- O que está dizendo? Por que está agindo assim, Sonya? - ele me segura pelos ombros. - Sou eu, seu marido. Não me reconhece?

- Não é você.

Ele ri mais uma vez. Kilian raramente sorri de maneira tão aberta e, quando sorri, não é assim.

- Venha, vamos para casa - ele me puxa outra vez. - Tenho uma surpresa para você.

Arregalo os olhos.

- O que disse?

Ele me encara.

- Eu tenho uma surpresa para você.

Tenho uma surpresa, Anna.

Começo a gritar, aterrorizada pela lembrança daquele Kieran que tentou me levar embora da noite de música na praça. Aquele não era Kieran, assim como esse homem me agarrando não é Kilian. Ele disse a mesma coisa sobre ter uma surpresa para mim e por pouco não me levou com ele sabe lá para onde. Mas quem é essa pessoa?

- É você, não é? - sibilo, agitada.

Ele sorri.

- Sim, sim, sou eu. Seu marido.

Dou-lhe um tapa no rosto e sinto meus dedos arderem.

- Não! - grito. - Você não é Kilian. Você é aquele homem, naquela noite em Liriel...

Ele arregala os olhos para mim, aturdido, e cobre o rosto com uma das mãos.

- Você fingiu ser meu noivo Kieran - continuo - e disse que tinha uma surpresa para que eu fosse com você.

As mãos dele tentam me alcançar outra vez, mas eu me esquivo.

- Eu não sei do que está falando, Sonya...

- Quem é você? - grito ainda mais alto. - O que quer de mim?

Flocos de neve começam a flutuar do chão e rodeiam o impostor até que ele esteja completamente coberto por eles. Ele grita, pedindo outra chance. A neve se dissipa num piscar de olhos e diante de mim está Klaus, mais miserável e desprezível do que nunca. Por mais incrível que pareça, eu não fico surpresa ao saber que ele é a pessoa se disfarçando para me enganar. Desapontada, sim. Surpresa, não. Creio que meu subconsciente já sabia quem ele é há muito tempo.

- Você teve sua última chance e falhou, Klaus de Coronte - a voz da rainha Vytoria me faz encolher os ombros.

Ela de repente está parada ao meu lado, fitando Klaus com indiferença.

- Majestade! - ele cai de joelhos aos pés dela. - Majestade, não!

- Eu prometi que o ajudaria a conquistar o coração dela. Eu lhe dei dons, mas você ultrapassou todos os limites. Você falhou.

- Não falhei... eu nunca, nunca...

Klaus sacode a cabeça, bagunçando os cabelos ruivos que um dia achei encantadores. Então ele olha para mim com tanto ódio que me deixa arrepiada da cabeça aos pés.

- Ela é minha - Klaus fica com o rosto vermelho e as veias do pescoço salientes. - Só minha.

- Não - eu murmuro.

Ele dá uma risada alta e debochada. E, como um raio, se levanta e salta em minha direção com um punhal prateado em uma das mãos e raiva animal no semblante afetado. Porém, antes que a lâmina possa me atingir, um grande e afiado fractal de gelo se ergue do meio da neve e atravessa o peito de Klaus. O sangue dele se espirra por toda parte, inclusive em meu rosto e roupas, e escorre pela neve. Em choque, eu cubro a boca e caio para trás, tremendo como grama ao vento.

O fractal estoura em milhões de flocos de neve e o corpo de Klaus cai, morto.

Capítulo 43

Eu me arrasto pela neve o máximo que minhas pernas bambas me permitem, querendo aumentar a distância entre mim e a rainha Vytoria tanto quanto possível. O que acabou de acontecer é pavoroso. Não posso nem mesmo colocar em palavras o que ver a vida se esvair dos olhos de Klaus faz comigo. É a primeira vez que vejo alguém morrer bem diante de mim e não creio que possa continuar sendo a mesma pessoa daqui para frente.

Sei que Klaus tinha defeitos e que motivos para querê-lo fora da minha vista é o que não me faltam. Mas ele era uma pessoa perturbada. Era só um ser humano com problemas que se associou às pessoas erradas e tomou as decisões erradas. Que direito Vytoria tem de matá-lo tão friamente?

- Seus pensamentos estão estampados em seu rosto, Majestade - a voz dela soa calma e aveludada. - Não fiz isso por você.

Estremeço e tento me firmar de pé. Minha saia está toda manchada de sangue, o que me dá vertigem.

- Por... por que você o matou...?

Vytoria suspira.

- O propósito dele chegou ao fim.

- E quem... quem é você para decidir isso? - replico, me abraçando.

- A vida do filho bastardo de Coronte me pertencia desde que o irmão dele o exilou.

- Mas...

- Não questione o que não sabe - os olhos dela faíscam. Ela faz um sinal com uma das mãos e os servos que ficaram na carruagem se aproximam de nós apressadamente. - Esta mulher é a rainha de Avival e Coronte - diz, olhando-me nos olhos. - Levem-na de volta à sua terra.

- Sim, Vossa Graça! - eles fazem reverências exageradas.

Um tanto torpe e ainda chocada, retorno à carruagem. A rainha feiticeira não

diz mais nada e eu nem sequer olho em sua direção antes do veículo partir. Não quero vê-la outra vez, pois sei que me trará más lembranças. Sinto que, embora tenha sido em nome da paz entre os reinos e para salvar vidas, aliança que estabelecemos ainda trará muitos problemas - principalmente no que diz respeito a mim e à minha família.

Não há diálogo algum entre mim e os servos de Vytoria até chegarmos a uma estrada que reconheço. Peço que parem e desço da carruagem, sentindo minhas mãos tremerem e minha pele se arrepiar.

Foi aqui.

Aqui meu mundo desabou e eu tomei a identidade de outra pessoa. Foi aqui que eu pensei ter perdido Kieran para sempre.

- Há algo errado, Majestade? - o cocheiro pergunta, intrigado.

Olho para o local onde bem me lembro de ter visto as cinzas dos homens mortos.

- Não - respondo por fim. - Está tudo certo.

- Devemos prosseguir, Majestade - um servo diz. - Vossa Graça está sem escolta e logo vai escurecer, pode ser perigoso.

- De fato - concordo.

Ergo minha saia manchada e dou meia volta para entrar na carruagem. Subitamente, ouço o relinchar de um cavalo e sons rápidos de galope. Perigo. Começo a correr, mas meus sapatos afundam na neve e eu caio de cabeça no gelo. O servo da rainha vem ao meu encontro e tenta me ajudar a levantar, mas é surpreendido por uma pancada na cabeça dada pelo cavaleiro que acaba de chegar e cai desmaiado. Eu grito por socorro e me arrasto desesperadamente pela neve, querendo fugir o mais rápido possível. Porém, sou pega sem dificuldades e colocada na sela do cavalo por braços muito ágeis.

Só então olho para o rosto do cavaleiro.

- Você...! - exclamo, embasbacada.

- Tem ideia do que me fez passar, Anna?

Kieran passa os braços ao meu redor e me abraça com força. Então se afasta e segura meu rosto com as duas mãos. O olhar em seu rosto é desolador.

- Achei que estivesse morta! Achei que tivesse te perdido para sempre!

Eu simplesmente começo a chorar, porque isso tudo é assustador.

- Eu... também achei... - soluço.

Kieran me abraça novamente e afaga minhas costas para me acalmar. Então, antes que eu tenha tempo de sequer pensar em perguntar o que fará a seguir, ele esporeia o cavalo e sai em disparada pela estrada comigo nos braços.

- Espere! - grito, alarmada. - Aonde vamos?

- Para casa! - ele se limita a responder.

Eu reconheço novamente o caminho que tomamos e meu coração fica pesado e hesitante. Kieran está me levando para Liriel, minha terra natal. Minha casa. E eu estou completamente despreparada para pisar lá outra vez depois de tudo o que fiz - ainda posso ouvir os sussurros de meus pais me acusando de ter abandonado meu povo. É mais do que posso suportar.

Ao contrário do que vi em meu sonho, a vila ainda está intacta e em bom estado, quase idêntica ao que me lembro. Quando entramos, vejo os oficiais que guardam o portão usando os mesmos uniformes de sempre, mas muito mais equipados e armados agora. As pessoas não circulam tão livremente pelas praças e as lojas do mercado parecem muito menos convidativas. Liriel parece... de luto.

- Por que tudo está tão... - a pergunta começa a se formar em meus lábio

- Já faz um ano - Kieran responde.

Oh.

Como não liguei os pontos? Papai morreu exatamente nesta época, há mais ou menos um ano.

- Eu quero descer - digo a Kieran, remexendo meus pés. - Quero ver meu

pai.

No mesmo instante ele para o cavalo, desmonta e me ajuda a descer. Eu agarro minha saia e corro em disparada ao cemitério da cidade, onde papai e mamãe estão enterrados. Não há nenhum oficial guardando os túmulos, mas o lugar tem mais gente do que eu esperava. Reconheço os rostos do alfaiate, do casal de sapateiros e da florista no meio das pessoas que trazem uma a uma flores para colocar na lápide de meu pai. Eu me escondo e observo cada um deles prestar suas homenagens e ir embora, tristes como se papai tivesse falecido hoje mesmo.

Uma última mulher fica depois que todos foram embora. Ela usa uma bengala elegante para ajudar a se equilibrar e, depois de colocar seu buquê de flores na lápide de papai, coloca outro na lápide ao lado. Somente quando ela se vira para ir embora eu a reconheço e preciso cobrir a boca com as duas mãos para que não me ouça chorar.

É madame Daisy. A mulher que me criou e cuidou de mim como se eu fosse sua própria filha.

Sozinha, chorando e trôpega, eu me aproximo da lápide de meu pai e me ajoelho diante dela, olhando para a quantidade imensa de flores que as pessoas trouxeram. Saber que papai foi um homem amado por seu povo me deixa em paz. Lembro-me de como ele gostava de se autointitular prefeito ao invés de duque e o quanto se empenhava em fazer o melhor para Liriel, mesmo que tivesse que se sacrificar para isso. Ele queria estar mais próximo das pessoas e queria trazê-las para mais perto dele.

- Você é meu maior exemplo, pai... - choramingo, tocando seu nome entalhado na pedra fria e cinzenta. - Eu sinto tantas saudades, todos os dias... - fungo e enxugo o rosto com as costas das mãos. - Sabe, pai... eu me casei. Mas não foi com o homem que escolheu para mim. O nome dele é Kilian e ele é rei de Coronte. Ele... ele me faz muito feliz e nós temos uma filha incrivelmente linda. Eu acho que posso dizer que amo os dois mais do que a mim mesma. - Dou uma risada triste. - Loucura, não é? Eu vivia dizendo que não queria governar nada e acabei me casando com um rei... Mas sabe de uma coisa, pai? Eu sou uma rainha falsa, porque não me conhecem como Anna. Lá meu nome é Sonya. É uma longa história e muito confusa também.

Ouço o som seco de folhas sendo pisadas e olho para trás, mas não vejo ninguém. De qualquer forma, é melhor eu me apressar e tomar cuidado para

não ser vista.

- Preciso ir agora - digo à lápide. - Não sei se poderei voltar, por isso quero que saiba que eu nunca me esquecerei de tudo o que fez por mim, papai. Eu o amo para sempre. Adeus.

Coloco-me de pé e limpo a sujeira da saia. Olho de relance para a lápide ao lado da de papai, onde madame Daisy colocou outro buquê de flores, e sinto meu coração doer ainda mais ao ver a quem ela pertence.

Anna de Liriel, uma dama e filha amada.

Minhas pernas fraquejam, mas eu me mantenho de pé. Não sei se posso aguentar muito mais dessa tortura que é retornar e me deparar com tudo isso. Essa lápide é minha, mas estou viva e fisicamente bem. É o corpo de Sonya enterrado aqui? Eles a encontraram e pensaram que fosse eu por causa de nossa semelhança? A primeira filha de sua mãe foi a princesa Sonya, de Avival, disse rainha Vytoria. Mas será que posso acreditar em suas palavras?

- Anna! - ouço Kieran chamar por mim, também tomando cuidado para não ser visto.

Ando até ele rapidamente e sua mão segura a minha.

- Achei que meus olhos estivessem me pregando uma peça quando a vi naquela sala do trono - os olhos castanhos e sinceros de Kieran brilham de tristeza. Eu queria poder arrancá-la dele e jogá-la fora. Se há alguém nesse mundo que não merece sofrer esse alguém é Kieran. - Como... como foi parar lá, Anna? E como você...?

- Eu fiz o que tinha que fazer para sobreviver - digo, sentindo um nó na garganta. - As coisas acabaram assim.

Kieran sacode a cabeça.

- Não. Não aceito isso.

- Kieran...

- Você não é aquela princesa. O que acha que vai acontecer com você se o rei descobrir que foi enganado e se casou com a filha de um duque?

Aperto sua mão.

- O que você faria se estivesse no lugar dele?

Kieran engole em seco e desvia o olhar para longe.

- Eu não perdoo mentiras, Anna.

- Então mandaria me decapitar?

- Não! - ele arregala os olhos e me puxa para mais perto. - Não, você não. Nunca.

Olho fixamente em seus olhos.

- Kieran, eu... eu nunca quis nada disso - confesso. - Eu nunca quis ir a Coronte, me casar com um rei e viver uma mentira. Mas precisei fazer cada uma dessas coisas e, se quer que eu seja sincera, hoje não me arrependo de nada.

A testa dele se enche de vincos.

- O que está dizendo?

- Sei que nossas família planejaram nosso casamento e que você e eu estávamos apaixonados, mas...

Kieran se afasta.

- Não diga mas. Tudo o que vem antes de mas é irrelevante.

- Kieran, por favor...

- Eu procurei tanto por você... - ele parece prestes a desabar. - Eu tiraria você daquele palácio e daria um jeito de escondê-la e protegê-la dele, se você me pedisse...

Enxugo uma lágrima que escorre por seu rosto.

- Eu sei - pouso a mão em seu peito. - Sei que seu coração é bom e que você

só quer o melhor para mim...

- Eu amo você. Isso não conta?

Toco seu rosto suavemente.

- É claro que conta. Sempre vai contar. O lugar que você tem em meu coração é só seu, Kieran, e eu quero muito vê-lo feliz.

Ele afasta minha mão e vira o rosto para o outro lado. Vê-lo com tanta dor me deixa pior do que pensei ser possível. Há um ano eu não teria pensado duas vezes e me lançaria em seus braços. Só que as coisas estão diferentes demais agora e embora eu ame Kieran, não é o tipo de amor que sinto por rei Kilian. Libertar meu ex-noivo de falsas ilusões e afastá-lo de mim é o melhor que posso fazer para que ele encontre a própria felicidade de alguma forma.

- Se você está tão apaixonada por ele... - Kieran olha para mim - eu devia tê-lo deixado ir buscá-la pessoalmente.

Franzo o cenho.

- O que quer dizer?

- Seu rei está aqui, hospedado na casa em que você morava. Ele veio com uma comitiva para procurá-la, mas só iriam amanhã pela manhã - ele chuta a neve sob seus pés. - Eu não quis esperar e fui sozinho.

Minha respiração acelera conforme meu coração dispara.

- Kilian... está aqui?

Kieran assente, sem esconder sua frustração.

Começo a correr para fora do cemitério, mas paro e olho para trás. Kieran corresponde meu olhar e me dá um sorriso tão triste que começo a chorar.

- Vá - ele diz.

- Me desculpe - suplico. Eu não queria machucá-lo.

- Eu disse que faria o que estivesse ao meu alcance para manter o brilho em

seus olhos, não lembra? Só de mencioná-lo, vi esse brilho em você outra vez - Kieran suspira. - Vá, antes que eu mude de ideia.

Respiro fundo e continuo a correr para encontrar meu rei.

Capítulo 44 - FINAL

De trás de uma árvore, observo os portões de ferro de minha casa e percebo que ela foi o que mais mudou em Liriel. Os muros que costumavam ser em tons pastel agora estão cinzentos e cobertos de hera, o que dá uma aparência deprimente à construção. Há uma carruagem parada junto a calçada e nela vejo o brasão de Coronte. Guardas armados rodeiam a casa com seus uniformes e armaduras nas cores vermelho e dourado - a guarda pessoal do rei. Kilian está mesmo aqui.

Rodeio a propriedade o mais discretamente possível até chegar ao jardim dos fundos, que visto de fora parece tão mal cuidado quanto a parte externa da casa. Se me lembro bem, há uma porta secreta perto da saída de esgoto que dá para o nosso pequeno estábulo e para encontrá-la começo a arrancar a neve e as plantas do caminho. Está escuro, então enxergo muito pouco e levo quase uma eternidade para me deparar com a pequena estrutura de madeira pela qual eu e minhas amigas passávamos quando crianças - essa pequena porta sempre foi minha rota de fuga para a diversão nas praças de Liriel enquanto papai estava ocupado trabalhando. Preciso usar muita força para fazê-la se abrir e, quando finalmente consigo, logo me deparo com o jardim de minha mãe. Por fora ele parece acabado, mas visto de dentro não posso deixar de evidenciar sua beleza invernal e melancólica.

Fico emocionada ao me lembrar das inúmeras tardes que passei correndo e brincando aqui. Papai sempre dizia que esse jardim era o lugar favorito de minha mãe e pisar nesse lugar me faz sentir em conexão com ela de certa forma. Isso me dá forças para continuar.

Ando com cuidado entre as plantas, tentando evitar os pequenos montes de neve em meu caminho. De repente, vejo uma criada abrir uma janela que dá vista exatamente para o lugar onde estou. Eu a vejo e ela me vê e ambas arregalamos os olhos. É Trudy.

- Fantasma! - ela grita alto o suficiente para que toda a casa ouça. Então corre de volta para dentro, apavorada.

Eu também corro para me esconder, mas tropeço e caio no meio de um arbusto nada confortável, o que me dá alguns arranhões nas mãos. O frio de que tanto senti falta faz os pequenos machucados arderem ainda mais enquanto me encolho junto a uma parede coberta pelo que parece ser musgo.

Como vou me comunicar com Kilian? Como posso entrar na casa sem ser vista pelas pessoas com quem cresci e que melhor me conhecem nesse mundo?, penso comigo mesma.

A porta dos fundos se abre e o jardim é invadido pela luz vinda de dentro da casa. De meu esconderijo, vejo um par de guardas de Coronte, seguidos por uma figura muito bem vestida que reconheço como sendo madame Daisy e a criada, Trudy.

- Ela estava aqui - Trudy aponta para o lugar onde me viu.

Madame Daisy apoia uma mão em seu ombro e lhe dá um olhar condescendente.

- Vá para dentro agora, menina.

Trudy parece estar chorando de medo.

- Ma-mas... eu vi - gagueja.

- Vá - insiste madame Daisy. - Está tudo bem.

Trudy cobre a boca com uma das mãos, olha ao redor e corre de volta para dentro da casa. Eu me encolho ainda mais.

- Rainha Sonya? - madame Daisy chama de repente, vasculhando o jardim com seus olhos atentos.

Eu congelo, pega de surpresa.

O que ela está fazendo?

- Saia, Majestade - sua voz soa calma e educada -, está segura agora. Sua Majestade, o rei, está aguardando lá dentro.

Devagar, eu me levanto e saio do meio dos arbustos, sentindo meu coração bater bem forte. Quando me vê, madame Daisy não fica surpresa ou amedrontada, mas mais emocionada do que jamais vi antes. Seus olhos se enchem de lágrimas e ela esboça um sorriso que me faz começar a chorar e correr ao seu encontro. Eu a abraço e sinto que estou abraçando minha família.

- Oh, céus - madame passa os braços ao meu redor. - Por um momento eu pensei que...

- Senti tantas saudades - choro, abraçando-a com força.

- Deixe-me olhar para você, deixe-me vê-la... - ela me afasta e segura meu rosto molhado com as duas mãos afáveis. - Minha pequena senhorita cresceu tanto em tão pouco tempo... - seus dedos afastam meus cabelos do rosto e começam a apalpar meu pescoço, ombros, braços. - Está ferida em algum lugar? Machucaram você?

- Não, não - sacudo a cabeça. - Eu... eu nunca estive melhor - e a abraço outra vez.

Eu tinha consciência do quanto sentia falta dela, mas não achei que vê-la fosse tirar um peso tão grande de meus ombros como está acontecendo agora. Pela primeira vez desde que papai morreu, eu me sinto verdadeiramente em paz. Apesar dos perigos, dos segredos e das alianças que ainda me preocupam, meu coração parece leve como uma pluma. Acho que eu precisava voltar a Liriel para curar minhas feridas e me preparar para o que terei que enfrentar daqui para frente.

- Vamos entrar - madame Daisy me puxa por uma das mãos - , está frio e você está imunda!

Assinto e olho de relance para os dois guardas ao nosso lado. Ambos estão com um dos joelhos apoiados no chão e cabeças baixas, curvando-se para mim.

- Vamos - digo, tanto para madame quanto para eles.

- Nossos empregados não podem vê-la, então teremos que ser discretas - madame Daisy diz baixo. - Foi a condição que o rei impôs.

- Entendo.

Entramos apressadas pela porta dos fundos, cruzamos a cozinha apressadamente e subimos ao segundo andar. É estranho estar em minha casa depois de tanto tempo e me sentir deslocada - apesar de ser uma construção grande, sinto um pouco de claustrofobia aqui dentro. A cada passo que dou em direção ao meu antigo quarto, revivo memórias nítidas que parecem acontecer bem diante dos meus olhos. Isso me emociona.

- Majestade! - exclamam os guardas que guardam meu quarto do lado de fora. Seus rostos expressam confusão em me ver tão suja. Eu reconheço Jeor e Cameo, que são os homens mais próximos de Kilian e responsáveis por seguir quaisquer que sejam suas ordens.

- É bom revê-los - sorrio.

Eles me reverenciam.

- O rei a aguarda, Majestade.

Olho para a porta de meu quarto.

- Vou dispensar os criados, preparar seu banho e escolher um vestido limpo - diz madame Daisy.

Seguro seu braço.

- Obrigada.

Os guardas me deixam passar e eu adentro o quarto iluminado apenas pelo castiçal na escrivaninha. Kilian está debruçado sobre ela, adormecido e rodeado por inúmeras folhas de papel. Olho para o que escreveu e leio mensagens com pedidos eloquentes e desesperados de ajuda para me resgatar. Seus dedos estão sujos de tinta, como se ele tivesse passado as últimas horas escrevendo furiosamente. Eu me inclino e beijo sua testa com carinho, sentindo meu coração se aquecer. Estou ao lado de meu rei novamente, estou em casa. Kilian abre os olhos devagar e, espantado, se coloca de pé. Ele pisca duas vezes e ofega, então me puxa para seus braços e me aperta contra seu peito com força, num abraço ansioso.

- É bom que isso não seja um sonho... - sussurra.

Deixo escapar uma risada e enlaço sua cintura com meus braços.

- Não é - digo.

Kilian me afasta e me beija com paixão, colando seu corpo no meu como se precisasse de tal gesto para respirar. Então hesita e me afasta, começando a

apalpar meu rosto e braços.

- Está ferida? - sua voz treme. - O que ele fez com você?

Seguro suas mãos.

- Estou bem - eu o tranquilizo. - Onde... onde está Esther?

- Está bem, minha irmã está com ela em Coronte.

Sorrio à mera menção de Irene e fico grata por minha filha estar em boas mãos.

A expressão no rosto de Kilian se torna obscura.

- Quando eu pegar aquele bastardo maldito, farei com que pague caro por...

- Ele está morto - interrompo, revivendo mentalmente o momento em que a vida se esvaiu do corpo de Klaus. - Seu irmão se foi.

Kilian abre a boca, mas desiste de falar.

- Ele não estava são - continuo - e tentou me fazer mal, mas alguém interferiu e salvou minha vida.

- Não estava são? O que houve com ele?

- Eu não sei - admito.

Kilian me segura mais perto dele.

- Aonde ele a levou? - pergunta, ansioso. - Por... por que ele a trouxe para o norte? Klaus queria se vingar, era isso?

Suspiro.

- Não. - Encaro seus olhos expressivos. - Alguém mandou que ele me trouxesse para cá.

A testa de rei Kilian se enche de vincos.

- Quem? Se for quem estou pensando...

- A rainha de Omem.

- Traidor imundo - Kilian rosna, trincando os dentes.

Toco seu rosto, sua barba por fazer.

- Há algo que preciso contar a você...

Madame Daisy bate à porta, avisando que meu banho e troca de roupas está pronto. É o suficiente para que Kilian entre em um frenesi super protetor e exija que eu seja lavada, vestida e cuidada imediatamente.

Durante o banho, fico pensando em uma maneira de contar a ele sobre a aliança que fiz com Omem. Meu marido vai me odiar depois que souber que prometi nosso primeiro herdeiro em casamento para uma rainha feiticeira imortal para evitar uma guerra? Não consigo imaginar como será sua reação, por mais que eu tente, e não sei se estou preparada para isso.

- Vai me contar o que aconteceu ou terei que esperar por mais um ano? - indaga madame Daisy, enquanto me ajuda a me vestir.

Sorrio. Senti muita falta do humor sarcástico dela.

- É uma história tão longa e confusa que tenho certeza de que você vai odiá-la - respondo.

- Ainda assim - ela começa a pentear meus cabelos -, quero saber como foi que toda essa tragédia aconteceu.

Afasto suas mãos de meus cabelos e olho para ela.

- Não foi uma tragédia - digo.

Madame arqueia as sobrancelhas.

- Você...? - ela parece consternada. - Anna, você está apaixonada por esse rei estrangeiro?

- Ele é meu marido - dou de ombros -, é óbvio que sim.

- Anna!

- Eu sei, eu sei... - olho para mim mesma no espelho da penteadeira. - Estou ciente das circunstâncias desse casamento.

- E ainda assim quer ficar ao lado dele? - ela me segura pelos ombros. - Diga, você quer abandonar seu lar outra vez e viver em um país estranho? Tem alguma ideia do perigo que está correndo lá?

Suspiro. Eu tomei minha decisão durante a conversa definitiva que tive com Kieran mais cedo. Sei que não sou Sonya e sei que não tenho sangue real correndo em minhas veias, mas amo o rei de Coronte com todo o meu coração e farei até o impossível para estar ao seu lado e ser uma boa governante.

- Sim, é perigoso e será sempre - concordo. - Mas o que posso fazer? Eu amo rei Kilian e amo quem eu sou quando estou com ele. Coronte já não é um país estranho e eu aprendi a apreciar o povo e a cultura daquele reino. - É a minha vez de segurar madame Daisy pelos ombros. - Eu sou feliz lá e isso é tudo o que importa para mim agora, madame.

Ela arqueja, exasperada.

- Você continua a mesma tola sonhadora e romântica de sempre...

- Madame...

- ... e eu agradeço aos céus por isso.

- O quê?

Ela se senta aos meus pés, sorrindo como nunca a vi sorrir. Então segura minhas mãos e as acaricia.

- O que eu mais temi depois que soube que você estava viva era que você tivesse se tornado outra pessoa - conta, fitando-me nos olhos. - Mal acreditei quando aquele rei entrou aqui e disse que você estava se passando por uma princesa para salvar o povo dela. Pensei que estaria tão mudada que eu mal poderia reconhecê-la, mas... - madame aperta minhas mãos - você ainda é você e não sabe o quanto estou grata por saber que está viva e bem.

Enxugo as lágrimas de meus olhos e depois dos olhos dela.

- Oh, eu odeio esse tipo de conversa brega - ela se levanta, abanando o rosto com uma das mãos. - Você está pronta.

- Muito obrigada - eu a abraço novamente. - Por tudo.

- Não me agradeça, sua pestinha.

- Eu preciso - sorrio. - Na verdade, queria lhe pedir mais uma coisa, madame.

- O que mais eu poderia fazer por você?

- Venha conosco para Coronte - peço, quase dando pulinhos de animação. - Venha viver comigo no palácio como minha dama de companhia e conhecer minha pequena...

- Não - ela me interrompe, curta e direta.

Fico quase sem fala perante sua recusa tão categórica.

- Ahn... não?

Madame Daisy sorri e coloca uma mecha de meu cabelo atrás de minha orelha.

- Eu sou uma velha egoísta, esqueceu? Não tenho forças para deixar seu pai e esta casa.

Arqueio as sobrancelhas.

- Meu pai? Mas...

- Desejo ficar em Liriel pelos mesmos motivos pelos quais que você deseja partir, querida. Quem eu amo está nesta terra e é aqui que ficarei até o fim dos meus dias.

Assinto, compreendendo a profundidade de suas palavras e de seu gesto e ficar. Apesar de ser uma pena nossos destinos se separarem dessa maneira, sinto-me imensamente feliz por ela estar fazendo sua própria escolha a partir do amor e da liberdade que conquistou. Assim como eu fiz a minha.

- Aqueles guardas grandes assustaram toda a aldeia e deixam as criadas distraídas, vá embora logo e os leve com você - madame faz uma carranca.

Dou risada.

- Sim, devo ir.

- Seus pais ficariam orgulhosos de saber o tipo de pessoa que você se tornou, Majestade.

Kilian e eu partimos de Liriel com nossa escolta durante a madrugada, para não levantar muitas suspeitas. Eu choro quando a paisagem branca desaparece no horizonte e sou confortada por meu marido - que não tira os olhos de mim nem por um segundo.

- Está assustada? - ele pergunta, enquanto a carruagem sacoleja pela estrada. - Isso te traz más lembranças?

- Esse percurso me traz lembranças ruins, sim, mas não estou assustada - seguro sua mão, muito maior e mais quente que a minha. - Tudo o que me aconteceu teve seu motivo e hoje eu sei qual foi.

Kilian suspira.

- Achei que só eu pensava assim - ele confessa.

Deito minha cabeça em seu ombro.

- Por que não me decapitou assim que descobriu quem eu sou? - atrevo-me a

perguntar, pensando nas palavras duras de Kieran. - Outros reis dificilmente perdoariam esse tipo de mentira, Majestade.

Sinto seu peito subir e descer conforme ele suspira.

- Eu não a decapitei porque você fez o que outros reis dificilmente fariam, Anna. Você colocou a vida de milhares de outras pessoas antes da sua própria e se colocou em perigo para que ninguém fosse prejudicado. É um ato nobre, se feito pelo seu próprio povo, mas você fez isso por estranhos, por um reino onde você nunca pisou. O mundo precisa de mais governantes que amem tanto o povo e se dediquem tanto, como você tem feito.

Tocada, fico em silêncio por alguns segundos, saboreando suas palavras.

- Então... você decidiu me manter ao seu lado porque acha que sou uma boa governante?

Ouço sua rara e curta risada.

- Não. Quando descobri a verdade, tudo o que consegui pensar foi Que tipo de homem eu sou se deixar uma mulher destemida como essa escapar?. Sabe, você é uma rainha que reis matariam para ter.

Inclino-me e sussurro em seu ouvido:

- Eu também amo você.

Kilian segura meu queixo com as pontas dos dedos e me beija.

- O que sinto por você vai além de palavras - diz, contra meus lábios. - Não importa seu nome ou de onde você veio, estou feliz simplesmente por você ser você.

- Apesar dos meus defeitos?

- Apesar dos seus defeitos.

Meu coração fica pesado.

- Mesmo que eu faça coisas idiotas e tome decisões desastrosas? - eu me encolho involuntariamente.

Rei Kilian se afasta para me olhar nos olhos e vejo-o analisar cada polegada do meu rosto. Será que ele vê o remorso que sinto? Será que vê o quanto quero que me perdoe pelo que fiz?

- Decisões desastrosas você diz... - ele crispa os olhos. - Está falando sobre a aliança de casamento com Omem?

Encaro-o, estupefata e boquiaberta.

- Como...? Quando você...? Eu não...

Kilian olha pela janela, pensativo.

- Aquela rainha escorregadia me enviou uma mensagem depois que você foi levada, me avisando que você estava negociando a guerra com ela em Omem - ele conta, segurando minha mão. - Convoquei uma reunião do conselho real e até mesmo um representante direto do Papa compareceu para discutir essa questão do casamento. Eu disse que você estava conversando pessoalmente com a rainha Vytoria e que não haveria guerra. Ficaram chocados, mas não

puderam sugerir uma alternativa melhor.

- Cardeal Izack deve ter adorado - comento, sarcástica.

- Teria, se ele tivesse comparecido.

- Ele não foi à reunião? - arregalo os olhos. O cardeal nunca perde reuniões.

Kilian nega.

- Ele está fora, resolvendo questões pessoais.

- Que estranho.

- De fato.

Olho para Kilian, ainda ansiosa sobre a aliança com Omem.

- O que faremos? Nosso herdeiro...

Ele devolve meu olhar com tranquilidade.

- Pensaremos nisso quando chegar o momento certo. Aquela rainha é imortal e tem a eternidade pela frente, ao contrário de nós. - Kilian acaricia minha bochecha. - Vamos cuidar de nosso reino, de nossa filha e de nós dois. Qualquer problema que venha tentar tirar nossa paz não vale a pena ser considerado agora.

Suspiro.

- Tão despreocupado... Você costumava ser um rei bastante diligente até uns dias atrás.

- Ao invés de um rei diligente, escolho ser um homem feliz - ele me puxa contra seu peito. - Creio que aprendi isso com você.

Dou risada e me inclino para beijá-lo.

- Então permita-me ser feliz ao seu lado, meu rei. Até o fim de nossos dias.

Kilian me beija de volta, longa e demoradamente.

- Eu não consigo pensar em nada melhor, minha rainha.

FIM